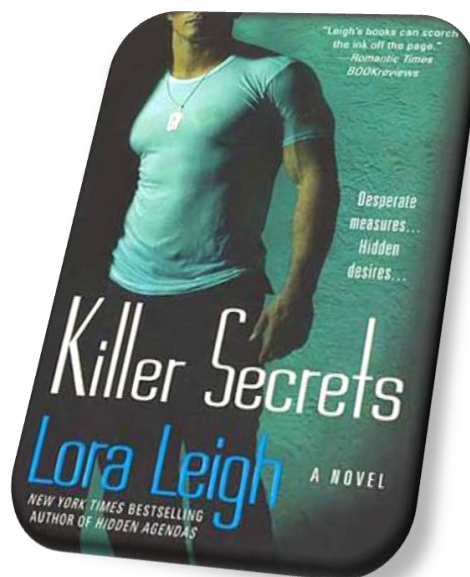




Tiamat-World Orgulhosamente Apresenta:



Segredos de Assassino

Tempting Seals 05

Lora Leigh

Sendo filho ilegítimo de Diego Fuentes, Ian Richards enfrenta perigo a cada momento. Nem seu pai os seus companheiros Navy SEALs¹ sabem de qual lado ele está lutando a favor — ou contra. É exatamente assim que o jogo deve ser jogado... até que a Agente Porter entra em cena.

Kira Porter, agente secreto do Departamento de Segurança Interna², segue Ian como uma sombra em sua jornada. Ela acha que pode ver o homem de verdade sob o exterior de garoto malvado de Ian... mas o sempre enganoso Ian a mantém em dúvida a cada jogada. Sua meta é proteger o cartel de Fuentes dos terroristas franceses? Ou acabar com o pai de uma vez por todas? A única coisa que Kira sabe é que sua atração por Ian é uma bomba-relógio prestes a explodir. Com o tempo correndo na missão Fuentes, ela e Ian são atraídos para a extremidade do desejo — e muito perto da linha de fogo...



¹ O United States Navy Sea, Air and Land, mais conhecidos como US NAVY SEALs, é uma Força de Operações Especiais da Marinha dos Estados Unidos especializada na guerra não convencional, ação direta, antiterrorismo e reconhecimento de terreno.

² Departamento de Segurança Interna (DSI). No original: Department of Homeland Security (DHS), comumente denominado nos EUA apenas de "Homeland Security", é um departamento do governo dos Estados Unidos da América cuja responsabilidade é proteger o território dos EUA contra ataques terroristas e agir em caso de desastres naturais.





*Para todos meus co-conspiradores,
Eu não poderia fazer isto sem vocês.*

Prólogo

Entrar sorrateiramente na unidade de CTI do hospital militar privado não era uma tarefa fácil. Seria considerada loucura do ponto de vista da maioria de homens. Até dos SEALs. Mas isso era exatamente o que antigo Tenente Ian Richards dos Navy SEALs fez.

Sob a sombra da noite, ele conseguiu entrar sorrateiramente no hospital, fazendo seu caminho para o CTI, e esperou até que o guarda na porta de Nathan Malone cochilasse antes de entrar, com o disfarce de uma ordem.

Sua primeira visão do amigo quase roubou sua respiração.

Por Deus. Nathan estava com tantos malditos gessos e envolto em tantas bandagens que parecia mais uma múmia do que um homem. Mas estava de longe muito melhor do que o SEAL nu e arrasado que eles tinham tirado de Fuentes quatro meses antes.

Torturado, abatido, cansado e aos pedaços. O rosto estava tão desfigurado que era duro dizer que era um humano, muito menos o amigo que Ian tinha conhecido na maior parte da vida.

Como diabo Nathan tinha sobrevivido por dezenove meses aos cuidados de Fuentes, Ian não podia nem imaginar. Drogado constantemente com a poderosa droga de estupro conhecida como pó das prostitutas, e repetidamente encorajado a estuprar as mulheres trazidas para ele, Nathan tinha vivido no inferno. Os relatórios diziam que ele nunca tinha tomado uma das mulheres prezas na cela com ele, mas os médicos e psicólogos que trabalhavam com ele diziam que ele poderia nunca mais se recuperar da quantidade de drogas no corpo.

Ian sabia que não era bem assim. Nathan era forte. Muito forte para deixar Fuentes sair ganhando. Mas ele queria estar certo disso.

Mesmo depois dos meses que Ian tinha estado fora, sendo considerado um traidor, um Judas para os amigos, e marcado como um desertor pelo governo dos Estados Unidos, Ian teve que retornar para se assegurar de que Nathan sobreviveria.



Ian se moveu para a cama, correndo entre ela e a cortina que tinha sido empurrado para trás para permitir aos guardas verem tudo, menos uma seção muito pequena da área. Direto na cabeça de Nathan. Sua cabeça coberta, envolta em bandagens.

—Maldição, amigo, você acha que eles te embrulharam apertado o suficiente?— Ele perguntou ao amigo mesmo sabendo que Nathan não podia ouvi-lo. Desejando que ele pudesse.

Inferno, de alguma maneira ele tinha se acostumado a estar dentro de um time, ao invés de lutar sozinho para sobreviver. Ele tinha se acostumado com os homens com os quais lutara, tinha desenvolvido confiança neles, apenas para aprender que, no fim, ele estava lutando só uma vez mais.

Há muito tempo, Nathan e sua família tinham salvado a vida de Ian e de sua mãe. Em uma noite em um deserto, fria, com apenas os próprios gritos de ira o cercando, um menino e o pai os acharam, salvando ele e sua mãe agonizante, e Ian recebeu uma amizade que nunca tinha conhecido antes.

E agora, quando seu amigo despertasse, acreditaria que essa amizade tinha sido traída.

Ele fez uma careta com o pensamento, a mandíbula apertando em ira com a situação que tinha sido forçado a se submeter. Por causa do sangue. Porque, às vezes, um homem não podia fazer nada sobre de onde vinha, e podia apenas controlar aonde ia. E aonde Ian estava indo, o Time Durango ou Nathan não poderiam ir.

Ian poderia apenas ir só.

—Nós tivemos uma vida selvagem, cara— ele sussurrou, a voz quase muda, mas as palavras suspiradas aliviando uma parte dele.

Nathan estava inconsciente, letárgico, mas, de alguma maneira, as palavras que Ian estava sussurrando o aliviava. Talvez, apenas talvez, o amigo ouvisse uma parte delas, soubesse, entendesse, que sob o sussurro quase mudo estava a verdade. Tinha sido uma vida selvagem, e agora estava terminada.

Ele se esticou, deixou os dedos tocarem o ombro do amigo enquanto um sorriso arrastava nos lábios.

Nathan “irlandês” Malone. Todo sorriso e olhos azuis selvagens, um homem que, um dia menino, salvara sua vida.



—Que droga de jeito de te reembolsar— ele respirou suavemente. —Mas como é aquele velho dizer? O sangue dirá?

Isso era o que Nathan costumava dizer. Quando as coisas estavam ruins, quando tudo ia de mal a pior, ele relampejava aquele sorriso despreocupado, olhava para Ian e ria em seu rosto. —O sangue dirá, filho ole³. E eles saíam lutando com tudo porque o sangue de Ian poderia ser estragado com o mau, mas seu coração era cem por cento americano Navy SEAL. Essa era a convicção de Nathan nele. O que ele acreditaria quando despertasse? Ian se perguntou.

—Fique forte, irlandês— ele disse então. —Você sempre foi o cartão de boas-vindas do grupo, mostre a eles que você é o mais duro, mais forte do que o que te pôs aqui. Então me olhe de cima.

Ele apertou os dedos no ombro do amigo, então lentamente se aproximou, os cabelos da nuca erguendo em advertência.

O som não foi mais do que um sussurro. Apenas o suficiente. Não era uma evasiva, não mais do que tecido contra a carne mais sutil em um flexionar de músculo.

Os dentes dele relampejaram em um sorriso enquanto sua arma caía da manga da jaqueta para a palma da mão. E ele não fez barulho. Não houve barulho do metal contra a carne. Foi mudo. Quietos.

Havia algumas pessoas que um homem devia dar crédito por tentarem. Essa era uma. Ele sabia onde o corpo estava agora, aquele movimento sutil tinha sido tudo o que ele precisava. Ele sabia onde e sabia o quê. Instinto e algo mais. Uma parte de um homem que conhecia uma mulher de um modo que não fazia nenhum sentido. Uma certeza subjacente, como se uma parte dele conhecesse uma parte dela e não importava onde eles se encontrassem. Não importava o disfarce que ela usasse.

Claro, não ajudava o fato de Ian reconhecer algo nela que ninguém mais reconhecia. Uma curva delicada das orelhas bonitas, uma inclinação e curva particular dos lindos lóbulos da orelha. Se um homem tivesse tomado tempo para memorizar cada forma e curva do rosto dela, como Ian tinha feito na primeira missão onde a havia encontrado, então ele teria visto também.

3 Ole – termo usado para indicar um sulista branco com uma maneira modesta e atitudes conservadoras ou intolerantes e com sentido forte de coleguismo e lealdade a outros membros de seu grupo.



Ele havia recebido uma foto dela antes de uma missão em que ela estava trabalhando. Ela usava um de seus muitos disfarces; eles tinham sido advertidos para tomar cuidado com uma mulher que nunca parecia a mesma. Ian tinha conseguido identificar aquela coisa que nunca mudava. Aquelas lindas orelhas. Isso e um brilho travesso e provocante nos olhos, não importando sua cor.

Um dia destes ele teria que cobrar dela essa provocação. Ele teria que cumprir a promessa que os olhos tinham feito durante as semanas que eles passaram juntos em uma missão passada.

Ele deslizou passando pela porta do banheiro, com cuidado para deixar a manga da jaqueta deslizar através da parede, alertando-a do fato de que ele estava deixando o quarto.

Ele deixou a porta aberta, saiu, então fez uma careta e agitou a cabeça enquanto o guarda olhava rapidamente na direção dele, como se tivesse se esquecido de algo. Ele ergueu um dedo com embaraço envergonhado então voltou para o lado de dentro. Silenciosamente.

A porta fechou com um assobio. E ele esperou.

Ele era paciente. Ela era esperta.

Ele teria sorriso, mas até esse estremecer seria o suficiente para adverti-la de que ele estava lá. Ela era tão escorregadia quanto um bom uísque, tão perita no trabalho dela quanto ele era no dele.

Então ele esperou. E a paciência valeu a pena. A porta do banheiro foi aberta, e lá, com toda a certeza, estava ela. Como o sol que se erguia atrás da montanha. Como uma brisa clara aliviando o fedor que ele podia às vezes sentir ao redor de si.

Quando ele se moveu, percebeu que ele era quase muito lento. Ou que ela era quase muito rápida. A mão dele foi cuidadosamente sobre os lábios dela, o corpo a envolveu, empurrando o rosto dela contra a parede primeiro, a mão livre apertando o barril da arma contra o pescoço dela em aviso.

Ela não fez um som. Maldita. Ela nem mesmo lutou. Ela relaxou o corpo ao invés. As nádegas arredondadas contra os quadris dele, os ombros curvados contra a parede, e ela mostrou a linha esbelta do pescoço enquanto os lábios dele se aproximavam.

O cabelo que deveria ter sido longo e preto estava bem cortado e loiro. Os olhos cinza estavam castanhos, a pele clara e sedosa com uma aparência grossa. Não havia nada da mulher



que ele tinha visto na última missão, ou a missão em que ele a havia encontrado antes disto. Camaleão estava sempre mudando assim como as emoções da mulher.

—Eu gosto mais do cabelo preto— ele sussurrou na orelha dela. —E os olhos cinza. Naturais, não eram, docinho?— Ele esfregou o nariz contra o lóbulo ultra macio da orelha dela.

A língua dela correu contra sua palma, quase o assombrando, quase o fazendo baixar a guarda. Ele riu suavemente na orelha dela e sentiu o sorriso contra sua mão.

—Você não devia estar aqui. — Ele deitou a testa contra o ombro dela. —Um homem deveria ser capaz de dizer adeus a um amigo sem público, não acha?

Ela olhou de volta para ele, os olhos castanhos frios. Não havia nenhum medo lá. Nenhuma raiva. Nenhuma impaciência. Mas sob o calcular frio, havia uma chama escondida. Uma que ele nunca falhava em responder.

—Hora errada, lugar errado. — Ele olhou fixamente de volta para ela enquanto ela o assistia por sobre o ombro. —Vida errada.

Ele se deixou senti-la por apenas alguns segundos mais, longo o suficiente para deixar o remorso no olhar chegar ao olhar dela. Longo o suficiente para assistir o chamejar de indecisão nela. Aquele segundo onde ele sabia que ela estava pensando em suas opções e fuga.

—Eu sentirei sua falta— ele respirou contra a orelha dela. — Sentirei a sua falta mais do que você jamais saberá, Kira.

Um movimento ágil das mãos, apenas a pressão certa, e um segundo depois ela desmoronava contra ele, as pestanas espessas se movendo sobre os olhos enquanto a escuridão tomava sua mente.

Ian a balançou em seus braços, ergueu-a do chão e andou até a cadeira do outro lado do quarto. Ele a colocou lá, apoiando sua cabeça com um travesseiro sobressalente contra a parte de trás das almofadas e jogou os cabelos loiros dela para trás no rosto com remorso.

Hora errada, tempo errado, vida errada. Porque o sangue diria. E dessa vez, o sangue odiado que corria em suas veias estava dizendo isso a ele de um modo que ele nunca tinha imaginado ser possível.



Capítulo Um

Seis meses mais tarde

Palm Beach, Aruba

Ele era um bandido.

Pode haver alguma outra explicação para a escuridão e a força vingativa que se precipitava pela noite?

Camaleão subiu pelo armazém, esquivando por trás de engradados e usando as pilastras pesadas do edifício para fugir das balas chovendo ao seu redor.

O pequeno time altamente treinado de soldados de Fuentes havia tomado o armazém onde o pequeno grupo de terroristas estava esperando pela ordem de ir em frente com o ataque quando Ian chegaria para comprar as armas. Eles estavam lá para matá-lo. Mas era Ian quem estava matando ao invés.

Ela não tinha conseguido entender como eles tinham recebido aquelas informações, ou de onde o vazamento tinha se originado. Ela trabalhava dentro do grupo e não havia descoberto nada além da certeza de que a determinação de assassinar Ian Fuentes estava crescendo.

Os assassinos tinham estado na ilha há menos de vinte e quatro horas. Nas duas últimas haviam chegado os detalhes do ataque que eles fariam contra o herdeiro do cartel Fuentes.

Nenhum deles sabia com certeza que iriam atacar Ian até algumas horas antes. Até Camaleão não tinha estado tão certo do plano até que os assassinos franceses em carga haviam chegado, os olhos frios, duros, e marcados com a ideia da operação.

Eles mal tinham acabado de dar a ordem e a morte se precipitou pela noite.

Ela vacilou quando uma bala rasgou através da viga a alguns centímetros acima de seu corpo abaixado. Esquivando e girando, a arma pronta, ela foi mais fundo nas sombras enquanto erguia a arma e apontava para uma das poucas luzes restantes brilhando sobre sua cabeça.

A lâmpada quebrou, faíscas choveram sobre os engradados e caixas preparadas para o transporte do dia seguinte.



Ela se moveu, saindo de seu lugar escondido, enquanto balas acertavam as caixas ao seu redor. O olhar varria o local e ela fez uma careta quando viu os soldados vestidos de preto de Fuentes se movendo pelas sombras com certeza dissimulada.

Eles eram treinados, disciplinados. Não eram os mesmos soldados que tinham sido quando Ian Fuentes tinha chegado a eles um ano antes. Esse era um efetivo altamente treinado, uma força de combate. Um time de homens sombrios e perigosos treinados por um SEAL.

Maldição. O diretor do Departamento de Segurança Interna ficaria louco quando ela enviasse o relatório disso aqui. Havia rumores de que Ian estava mexendo com drogas e forças terroristas, mas as informações não haviam sido substanciadas. Todos que podiam falar, de alguma maneira, tinham acabado mortos.

Ela teria que se certificar de que não acabaria morta como o resto deles.

Droga, ela tinha trabalhado duro para conseguir uma posição no pequeno grupo terrorista trabalhando em Aruba. Um ano se ferrando no meio de vermes para entrar aqui, e agora o time de terroristas estava morto.

Movendo-se depressa, silenciosamente, ela rodeou as extremidades do armazém asperamente construído, abrindo caminho para a parede distante onde as tábuas soltas permitiriam uma saída fácil. Ela não ousava tentar usar a porta.

—Não tão rápido.

Camaleão congelou enquanto o barril da arma era deitado, quase casualmente, na sua nuca.

Ela conhecia a voz. Conhecia a sensação daquele corpo aquecido atrás do seu.

Ela abaixou as mãos cuidadosamente, permitindo a Glock⁴ cair dos dedos enluvados até o chão empoeirado enquanto ela continha o impulso de pegar a faca embaixo da manga de sua jaqueta leve.

O auxílio estava no tornozelo; mas estava escuro, ele não poderia ver.

Antes que ela pudesse fazer qualquer coisa, foi empurrada e bateu violentamente na parede com força o suficiente para arrebentar os dentes. Se ela não tivesse antecipado isto.

⁴ Glock - empresa austríaca fabricante de armas e materiais de cutelaria. É preferida por policiais em grande parte pelo marketing e grande aceitação entre forças paramilitares e policiais no mundo. Arma tática tipo pistola, leve, segura e com boa precisão, fabricada em liga de polímero e podendo ser adaptada para atirar embaixo d'água.



Os olhos estreitados, os braços mantidos cuidadosamente nas laterais, a cabeça dela girou enquanto os dedos poderosos dele fechavam ao redor de sua garganta e seguravam-na no lugar.

Olhos glaciais cor de conhaque a olharam em surpresa.

Ele não sabia que ela estava aqui.

Camaleão sorriu e, enquanto a surpresa o mantinha imóvel, ela se moveu.

A perna dela ergueu, quase batendo nas bolas dele, mas apenas raspou. Ele foi para trás, os dedos afrouxando na garganta dela enquanto ela saía de seu aperto.

A mão dele agarrou o pulso dela enquanto ela se contorcia, o tornozelo girando, quase o pegando. Uma vez mais, ela não conseguiu mais do que diminuir o aperto dele.

Uma torção firme e ela estava a um braço de distância dele enquanto ela se abaixava e olhava de volta para ele, os olhos estreitados, respirando pesado agora.

Adrenalina corria por suas veias, o coração correndo, mas não de medo.

—Deixe-me ir— ela silvou de volta para ele. —Eu não sou ameaça para você.

Ela nunca seria uma ameaça para ele. Não, a menos que ela tivesse que ser. Ela estava aqui por ele, e seu coração doía porque esse não era o homem que ela conhecia, o homem pelo qual ela tinha se apaixonado em Atlanta.

Ela o assistia, empurrando de volta a raiva e o medo do quê ele tinha se tornado enquanto os olhos dele estreitavam mais. A arma enfiada na frente da calça preta, facilmente acessível. Apenas Deus sabia onde estava a dela. Ele podia pegá-la muito facilmente, os dois sabiam disto. Da mesma maneira que os dois sabiam que ele não iria. Ela esperava ter certeza de pelo menos isto.

—Por quê?— O grunhiu da pergunta era suave, cheio com fúria proibida. —Por que você está aqui?

Claro que ele sabia quem ela era. Ele sempre a conhecia, não importava onde a visse, não importava seu disfarce.

—Por você.

—Me matar?— Ele zombou. —O DSI decidiu que não pode lidar com a vergonha de ter uma derrota?

Ela agitou a cabeça. —Estou indo.



—Até parece. —Os lábios dele ergueram em um rosnar de advertência, as feições barbaramente aguçadas refletindo sua fúria agora.

—É claro que vou. — Ela sorriu de volta enquanto a mão dele apertava na arma. —Você vai atirar em mim, Ian?

Ela se voltou para longe dele. Sua saída estava a apenas alguns metros, as tábuas soltas, por via das dúvidas para tal emergência, preparadas para sua escapada.

Ela diminuiu a distância enquanto olhava para o rosto dele, os olhos. Um segundo depois foi a sua única advertência. A arma foi arrancada de suas calças, ele apontou para ela e atirou.

Kira foi para trás, sabendo, certa, ela estava olhando para o rosto da morte até que tropeçou em um corpo atrás de si.

Girando, ela teve apenas um momento de vislumbre, um terrorista caído, antes de ela empurrar a tábua solta para o lado e deslizar para fora do armazém, indo além da escuridão.

Ele tinha facilmente matado um de seus próprios homens. Por ela.

Ela examinou a noite, com cuidado para ficar abaixada, mantendo tantos obstáculos quanto possível entre ela e quaisquer balas que pudessem vir em seu caminho.

Camaleão tinha sido salvo por um Navy SEAL que tinha virado bandido. Ou ela tinha sido salva por um agente agora tão submerso na missão que não era mais o homem que tinha sido um ano antes?

Algo dentro dela doía com o pensamento de uma ou outra resposta. Ao longo dos anos, Ian Richards tinha conseguido ver através de todos os disfarces que ela usava nas várias operações onde eles se encontraram. Ela tinha estado no lado de dentro, ele sempre tinha sido a parte que limpava a bagunça que as informações dela ajudavam a localizar. Uma vez mais, ele a tinha visto através de outro disfarce, mas dessa vez, eles não poderiam ficar do mesmo lado. E a parte mais assustadora era o fato de que ela sabia que não deixaria isto pará-la. Ela tinha vindo a Aruba para reivindicar o que era dela antes do pai dele, Diego Fuentes, roubar sua alma.

Mas ela estava lá por outra razão também. Se ele não tivesse realmente virado um bandido, então ela teria que se certificar de que o SEAL não assassinasse também o terrorista Sorrell, que ele tinha jurado identificar e capturar para o pai, ou o pai dele, o lorde das drogas Diego Fuentes.



Camaleão não tinha nenhuma resposta para as perguntas com as quais confrontava o diretor da Segurança Interna. Ian estava operando sob parâmetros de uma missão do DSI? Ela tinha perguntado isso duas vezes. Nas duas vezes, a mesma resposta: o DSI não faz operações com ex SEALs que tinham tomado o lado errado.

Não havia nenhuma resposta direta, havia apenas suposição e ordens. Restabelecer uma relação com Ian e se assegurar de que a Segurança Interna adquirisse Sorrell assim que Ian o identificasse, como eles suspeitavam que ele iria. E manter Diego Fuentes vivo.

Diego Fuentes era um recurso. Ele era um informante contratado do DSI. E Ian não tinha nenhuma ideia de até onde o Departamento de Segurança Interna estava disposto a ir para mantê-lo vivo.

Ian varreu com o olhar o chão do armazém enquanto o time de soldados treinados se movia lentamente, arrastando os corpos dos assassinos para o centro do armazém.

Havia uma dúzia. Os rostos eram conhecidos para ele, vários tinham recompensas pelas cabeças. Que pena que ele não podia solicitá-las.

—Há um perdido. —Um de seus guarda-costas de elite falou ao seu lado. —O loiro. Nós não achamos seu corpo.

E não iriam mesmo.

Ian olhou rapidamente para seu chefe da segurança, Deke. Boa fachada, um veterano com dez anos no cartel de Fuentes, os olhos escuros refletiam o mesmo gelo que Ian sabia que os próprios olhos tinham agora.

Este mundo fazia isso com um homem. Plantava gelo onde um coração deveria haver e diluía a culpa pela matança. Os bastardos enchiam o centro do armazém com assassinos, sequestradores e estupradores. Eram terroristas que não se importavam se viviam ou morriam desde que sua fanática agenda de trabalho fosse observada.

Ele chutou o corpo na lateral, batendo até que os olhos do morto encararam o teto.



—A menina que caiu fora é Algeria Winters— Deke reportou. —Não há nenhum sinal dela, chefe.

Ela não tinha caído fora. Ele a havia deixado ir.

Ian olhou para o corpo do terrorista. Ele se lembrava dele de uma missão na Rússia vários anos antes. Algeria Winters tinha estado lá também. Um informante russo que frequentemente trabalhava com Antoni Ruissard, o terrorista morto aos seus pés.

A raiva apertou sua mandíbula enquanto os dedos cerravam em torno da Glock que ele segurava cuidadosamente na lateral do corpo.

—Nós temos um time em Oranjestad assim como em Palm Beach— Trevor declarou. —Nós podemos conseguir a descrição dela, levantar seus dados.

Ian anuiu com a cabeça devagar. —Vá em frente.

Eles não a achariam. A persona Algeria Winters seria descartada antes que qualquer outra pessoa tivesse a chance de vê-la. As maçãs do rosto mais altas seriam alteradas, o queixo afiado desapareceria, os olhos castanhos mudariam e o cabelo loiro mudaria de cor. Seu próximo disfarce seria tão natural, tão sutil quanto o de seu nascimento, e ninguém jamais saberia que ela era Kira Porter, exceto ele.

Ele olhou fixamente para o assassino morto, Antoni, o cabelo loiro escuro emaranhado com sangue, o tiro na cabeça tendo descolado metade do rosto. Ele não era mais quase tão bonito, tão afável, quanto tinha sido quando os homens de Ian tinham invadido o armazém.

—Os Misserns já chegaram?

Josef e Martin Missern eram os negociantes de armas que Ian tinha marcado de se encontrar neste armazém. Em menos de dez minutos.

—A limusine acabou de parar há alguns minutos — Deke reportou. — Eles estão sendo seguros.

A mandíbula de Ian cerrou. Será que os gêmeos, contatos de Sorrell, apareceriam se soubessem do ataque?

Claro que sim, ele pensou cinicamente enquanto olhava para a quantidade de corpos mortos a bala diante de si.

—Verifiquem o perímetro. Metade de vocês fica de vigia, a outra metade fica comigo.



Ele tinha uma dúzia de homens. Ele tinha vindo preparado. Instinto de sobrevivência, conhecimento dos inimigos, ou apenas paranoia que tinha causado o ataque ao armazém como prevenção.

Não era a primeira vez que Sorrell tinha tentado tirá-lo do jogo no último ano. Ian tinha aprendido a estar sempre em guarda.

Claro, esse era o preço a pagar ao dar as costas a uma vida de verdade, justiça e o caminho americano para assumir o comando das rédeas de um cartel de droga. Esse pensamento cínico fez algo sombrio e amargo se revirar nas entranhas dele.

Enquanto ele girava e andava a passos largos para longe dos cadáveres, ele não sentiu nenhum remorso com a perda das vidas que frequentemente tinha conhecido durante seus anos como SEAL. O conhecimento de que ele não tinha nenhuma escolha, que estava preservando as leis de sua nação, não o confortavam.

Porque ele não precisava de conforto.

— Que diabo aconteceu lá? — Deke perguntou, a voz baixa, enquanto os outros saíam para assegurar o perímetro e cercar o herdeiro do cartel Fuentes. Eles deixaram Ian e Deke no centro enquanto se moviam pelo armazém.

— Você viu a Algeria? — Ian perguntou a ele cuidadosamente.

— Quem não veria? — Deke respirou roucamente. — Aquelas maçãs do rosto russas e frios olhos castanhos seriam um chamariz a um quilômetro de distância. Completamente magnífica e totalmente perigosa. Você já viu um conjunto tão bonito com um coração tão negro?

Ian colocou a arma no coldre enquanto olhava para Josef e Martin Missern através do armazém, embora sua atenção estivesse focada em Deke.

— Você está certo de que era ela? — Será que alguém mais poderia ver sob a aparência, sob o disfarce?

— Cara, ninguém pode imitar a Algeria. — Deke bufou, mas seus olhos olhavam em Ian. — Não é?

Ian agitou a cabeça. — Parecia com a Algeria; eu não sabia que ela estava aqui.

— Antoni estava aqui — Deke assinalou. — Eles são conhecidos por serem associados.

— Ela normalmente não trabalha com assassinato — Ian o lembrou.



Estava claro que Deke não tinha nenhuma pista de quem Algeria era de verdade.

Ian esfregou a mandíbula, pausando antes de andar para mais perto da limusine dos Misserns e olhou em torno do armazém. O edifício limpo de madeira e metal continha o material aguardando para ser transportado ou entregue. Era o local perfeito para uma emboscada. Então por que Camaleão não o havia advertido disto?

Ela tinha sido o Camaleão hoje à noite, parcialmente. O disfarce tinha sido perfeito, como sempre era. A pele de látex parecia tão natural quanto pele de verdade. As lentes nos olhos davam uma sugestão de cor verdadeira, e a peruca, se fosse uma peruca, parecia tão natural quanto cabelo de verdade.

Era melhor que fosse peruca. Deus a ajudasse se ela tivesse cortado aquele cabelo preto comprido e sedoso que agraciava sua cabeça em Atlanta.

Ela parecia com uma bruxa em sua forma natural. Magnífica. Má. Sedutora. A persona Algeria Winters era tão perigosa, tão letal, quanto qualquer disfarce que o Camaleão já tinha usado.

— Nós temos outro problema — Deke o advertiu então.

Ian olhou rapidamente para ele pelo canto do olho. — Apenas um?

Deke fez uma careta. — Chegou uma palavra de que iríamos atacar o armazém. Kira Porter enviou uma mensagem para a vila dizendo oi.

Ian congelou. Puta que pariu. Filha da puta. Ela tinha ligado para a vila? Isso significava que Diego sabia, e aquele casamenteiro bastardo, cheio de esquemas, falaria sobre isso o tempo todo. Nada agradaria mais Diego do que acreditar que Ian tinha interesse pela princesa da sociedade, Kira Porter — sua persona real. Mas também tinha sido a advertência que ele se perguntou por que não tinha recebido.

Ele iria torcer aquele pescoço pequeno, gracioso e esbelto.

— Ian, que diabo está acontecendo aqui? — Josef Missern retrucou, enquanto ele, o irmão e o chofer ficavam de pé com as mãos contra o capô da limusine.



Os soldados de Fuentes vestidos de preto apontavam as letais M-16s⁵ para suas costas, os olhos cheios com a antecipação da morte atrás das máscaras pretas.

Ele enviou Kira para o fundo de sua mente. Ele lidaria com ela mais tarde. Mas lidaria com ela. E quando o fizesse, ele prometeu a si mesmo, ela não apreciaria isto quase tanto quanto acreditava que iria.

— Deslealdade, Josef. — Ian andou a passos largos através da distância com facilidade preguiçosa enquanto assistia os negociantes de armas com um sorriso frio. — Deslealdade e morte. A qual dessas opções você gostaria de se juntar? Eu posso organizar isto para você.

O francês empalideceu enquanto o irmão olhava para ele em horror.

Oh, sim, eles sabiam o que iria acontecer aqui, e eram os mensageiros perfeitos para informar Sorrell de que seus assassinos altamente pagos tinham falhado.

E quanto a Algeria Winters, ou melhor, Camaleão, ou melhor, olhos cinza com brilho de cetim e cabelo negro, Kira Porter? Bem, ele cuidaria dela sozinho. E qualquer que fosse sua agenda de trabalho, ela poderia voar direto de volta para Washington e deixar seu manipulador saber que ela tinha falhado.

Ian os havia advertido para saírem de seu caminho. Ele mataria e faria as perguntas mais tarde antes de arriscar a própria vida, e seus planos. Ele estava aqui por vingança, e por Deus, a vingança seria dele.

Capítulo Dois

—Então onde diabo está Kira Porter? — Ian bateu violentamente a porta de seu escritório na noite seguinte e enfrentou o guarda-costas que tinha entrado junto com ele.

Suas ordens a Deke pela manhã tinham sido simples: achar Kira Porter.

Deke parecia tão cansado quanto Ian se sentia. Atocaiar assassinos e comprar armas de contrabandistas à meia-noite, tentando se justificar por deixar a escória da terra viver mais outro

⁵ Um fuzil leve, automática dispara bala de pequeno calibre com velocidade extremamente alta. Arma de combate do Exército para unidades móveis e de combate na selva.



dia, e fazer isto com apenas alguns horas de sono nos últimos dois dias não tinha ajudado seu humor.

Quase ser pego por uma pequena bruxa de cabelo preto com mais coragem do que bom senso não ajudava também. Não importava para Ian que ela fosse uma das agentes contratadas mais experiente e competente que ele conhecia. E com toda a certeza não ajudava o fato de ela saber exatamente o que estava fazendo. O fato de que ela estava lá tinha feito o sangue dele ferver nas veias. Infelizmente, não era apenas a raiva que estava causando isto.

—A Senhorita Porter está em um dos hotéis na praia— Deke reportou enquanto franzia o cenho para o PC de bolso no qual estava digitando depressa. —Nós a localizamos bem rápido. Mas perdemos Algeria Winters. Ela estava em um voo privado para fora da ilha algumas horas depois do golpe de ontem à noite. Ela é escorregadia.

Ian grunhiu.

Deke era capaz, um mestre na estratégia e ótimo lutador.

—E estamos apenas agora descobrindo que Kira está aqui?— Ele friccionou os dentes, marchando para a escrivaninha e apoiando as mãos na mesa brilhante de madeira enquanto olhava fixamente de volta para Deke. —O que diabo estes informantes que eu pago uma boa grana estão fazendo? O nome dela não estava na porra da lista?

Era tudo o que ele podia fazer para manter o nível da voz, para frear a necessidade de arrancar os cabelos da cabeça. Kira Porter tinha o hábito de fazer isso com um homem. Ela erguia a frustração do homem apenas em estar no mesmo local com ele.

Por um momento, um segundo muito breve, ele se lembrou de mais do que frustração. Ele se lembrou como tinha entrado sorrateiramente no condomínio dela em Atlanta, interceptando-a em sua cama e exigindo saber exatamente o que ela estava fazendo lá ao viver ao lado da filha do senador que tinha sido sequestrada dois anos antes por Diego Fuentes.

Ele se lembrou de esperar por uma resposta enquanto seu membro inchava sob a calça jeans e visões dele a fodendo até que ela gritasse seu nome dançavam em sua cabeça. Aqueles sonhos ainda dançavam em sua mente. Ele era esperto o suficiente para ficar no controle. Até o momento.

Mas que droga. Ele não precisava dela aqui.



—Eu não estou ouvindo nenhuma resposta— ele rosnou. —Eu coloquei ou não o nome dela na lista das pessoas que eu queria ser notificado se chegassem à ilha?

—Você colocou. — Deke anuiu com a cabeça. —Alguém deve ter dormido no trabalho. Ela está aqui já por uma semana, ela e seu guarda-costas. O tio dela evidentemente possui algum interesse em hotéis na ilha e ela está aqui para verificá-los. Eu consegui as informações a caminho de volta das compras. Não sei dizer por que o nome dela passou por nossos informantes.

—Então talvez você devesse chutar o traseiro de alguém— ele retrucou, encarando o homem furiosamente. —É o seu trabalho me dar as informações e me certificar de que os informantes, bem pagos, estejam sempre alertas.

Ele caiu na cadeira atrás de si, passando os dedos de forma exausta pelo longo cabelo loiro escuro, e fazendo uma carranca para o outro homem.

Inferno, isto era exatamente o que ele precisava. Ele tinha uma ereção dura o suficiente para martelar um prego.

Ele esfregou a mão na bochecha, fazendo careta com a barba áspera começando a crescer e se perguntou por que diabo ele não tinha matado aqueles maldito irmãos Missern em vez de deixá-los ir. Filho da puta, ele sabia que os dois iriam traí-lo no minuto em que o informante tinha chegado naquela tarde mudando o local da transação. Não que os gêmeos Missern tinham realmente estado lá. Inferno, não. Um time altamente treinado de assassinos tinham estado lá ao invés, e uma pequena e deliciosa espiã.

Ele devia ter posto uma bala em cada cabeça e os deixado lá depois que tivesse destruído o armazém. Ele sabia que eles tinham traído essa compra a Sorrell, sabia que eles estavam atrás das informações que de repente tinham vazando para o terrorista francês que queria assumir o comando do cartel que Diego Fuentes havia construído.

Se ele fosse qualquer um, exceto um terrorista, ele os teria dado a eles em uma bandeja de prata em vez de usar o que estava aprendendo como habilidade considerável em decepção, deslealdade e comércio de drogas para manter o cartel crescendo com dinheiro sangrento.

Mas ele estava ficando sem tempo também. Se ele não tivesse a identidade de Sorrell logo, então não haveria nenhum modo de conter o ataque terrorista que Ian e o DSI sabiam que Sorrell planejava fazer a uma instalação importante dos Estados Unidos. Qual, eles não sabiam. Quando e



onde, ninguém estava certo. Tudo o que Ian sabia era que ele tinha até o mês seguinte, porque depois disto, poderia acontecer a qualquer dia.

Ele agitou a cabeça exausto. —Saia daqui— ele ordenou. —Durma algumas horas. Nós vamos sair hoje à noite e precisamos estar cem por cento para lidar com ela. Ela é um inferno na terra e difícil de definir.

—Ela está nos clubes desde que chegou, muito tarde da noite, vários em uma noite e nunca duas vezes no mesmo. Nossos homens dizem que ela fica olhando a porta por algumas horas, bebe alguma coisa e então sai silenciosamente. Ela tem procurado por você— Deke reportou.

Hoje à noite ela iria achá-lo.

Ele anuiu com a cabeça abruptamente com as informações e fez um gesto em direção à porta, quase gemendo com a necessidade de dormir enquanto Deke fechava a porta atrás de si.

Ele se sentia como um homem com uma ressaca e ele sabia que não tinha esse prazer particular já há muitos meses. E era muito cedo nesta manhã para começar a beber.

Ele olhou em torno do cômodo. As janelas largas que deixavam o sol entrar, algumas sombras parciais se formando e derramando raios inclinados de leve sobre o piso de madeira. As paredes cor de creme, a mobília de madeira pesada. Era um cômodo masculino. Duas poltronas de couro pesadas e escuras de frente para a escrivaninha; ao longo da lateral do em um sofá muito estofado e duas cadeiras estavam agrupados ao redor de uma mesa de café. Um barzinho na outra extremidade e uma televisão de plasma na parede perto da escrivaninha.

Não era seu escritório. A vila era arrendada, a propriedade fortemente patrulhada, e a pequena ilha um abrigo da propriedade na Colômbia que parecia deixar seus nervos cada vez pior desde o dia em que ele tinha chegado lá.

Inferno, ele não precisava disso.

Ele correu a mão pelo rosto uma vez mais e conteve outra maldição. Kira era uma complicação que ele sabia que deveria ter antecipado. Ele sabia um ano antes que ela poderia foder seus planos regamente.

Porque ele a queria. Ele a queria até que o querer queimava suas entranhas. Até que o desejo interferia em sua habilidade de tomar outra mulher.



Ele não tinha nenhuma mulher desde que tinha se encontrado com Kira em Atlanta no ano anterior. Desde que ele tinha deitado sobre ela na monstruosa cama em seu condomínio, sentido o corpo dela ajustado ao seu, e o beijo queimando em sua alma.

Ele estava louco para beijá-la desde aquele ponto e ele sabia disto. Se tivesse ficado em um beijo, talvez ele pudesse ter retido um pouco de controle. Mas agora, ele tinha que tocá-la, saboreá-la e entrar bem fundo dentro dela antes de realizar onde isso estava indo.

Se ele a tivesse tomado naquela noite, ele nunca poderia ter ido para longe dela.

Ele agitou a memória para longe com o som de uma batida sumária e ergueu a cabeça enquanto Deke entrava de volta no escritório.

—Eu te disse para descansar um pouco, Deke— ele suspirou.

Eles tinham vivido com sonecas pela maior parte da semana, trabalhando para conseguir a remessa de armas nesta ilha minúscula e se certificar de que o que ele tinha enviado para a Colômbia chegasse em tempo adequado. Os armazéns de processo da cocaína que o cartel de Fuentes negociava estavam em perigo demais com as forças tentando assumir o comando dos negócios.

Ele tinha que esperar, apenas um pouco mais de tempo, então ele mesmo poderia mandar aqueles malditos armazéns para o inferno.

—Vou fazer isso logo, chefe. — Deke entrou no quarto e fechou a porta atrás de si. —Eu estava verificando algumas coisas. Não gosto quando as pessoas entram sorrateiramente sem nós sabermos. Estas informações entraram depois que eu fiz contato com alguns outros informantes.

Deke deu a ele os relatórios, assim como várias fotografias de cor granulada. Ele deixou o relatório de lado e olhou primeiro para as fotografias.

Dois agentes conhecidos de Sorrell tinham entrado via Nova Iorque. Ian reconheceu os franceses com um pequeno zombar dos lábios. O outro era o assassino que eles tinham atirado no armazém na noite anterior. O dossiê do assassino era espesso, sua taxa de matança de quase cem por cento.

—Eles pagaram um bom dinheiro a ele— Ian murmurou. —Sorrell não vai ficar muito feliz por ele ter falhado.



—Nós tivemos sorte ontem à noite, chefe— Deke disse. —Eu não consigo ver os irmãos Missern fodendo as coisas assim, ainda mais quando eles estão juntos com Sorrell. É tudo sobre o lucro para eles. Suspeito de um vazamento interno.

Ian suspeitava disto também. Não era a primeira vez que os homens de Sorrell estavam onde não deveriam.

—Examine isto. — Ian sacudiu os retratos para a escrivaninha e correu a mão pelo rosto antes de se inclinar de volta na cadeira e olhar para Deke pensativamente.

Ele acenou para o guarda-costas se sentar, os olhos estreitando enquanto Deke o olhava esperançosamente.

—Sorrell está se movendo— ele murmurou. —Ele quer tanto o cartel que quer me tirar agora de qualquer jeito. Qual será seu próximo movimento?— Ele sabia do que suspeitava, mas precisava da confirmação.

—Ele continuará tentando. Quanto mais tentar, maiores as chances— Deke disse a ele. —Até que nós achemos um caminho de neutralizar isto. Nós precisamos de uma força, Ian. Algo que o fará rastejar para fora de sua toca.

—Que tal este rumor da filha dele que nós continuamos ouvindo? Você conseguiu descobrir alguma coisa aí?

Deke agitou a cabeça. —Nada significativo. Apenas que ela existe e que Sorrell está procurando por ela. Nós sabemos que ele tem um filho, mas apenas porque ele está devagar e inconstantemente dando algumas das responsabilidades para os ombros dele. O nome dele é Raven.

Ian esfregou o queixo pensativamente. —Prenda alguns de nossos contatos na França e veja se consegue descobrir mais. Se nós chegarmos a ela primeiro, poderemos usá-la.

O intestino dele se contorceu com o pensamento. Se Sorrell tem uma filha perdida como eles ouviam há anos, então sem dúvida era melhor se ela ficasse anônima. Infelizmente, se ela existisse, ele não poderia permitir esse anonimato. Ele precisava demais dela.

Um segundo, por um momento ele pensou no fato de estar disposto a usar tal inocente antes de enrijecer sua resolução. Não havia tempo para se preocupar com a inocência da filha de Sorrell. O jogo que ele estava participando aqui era muito mortal, muito imperativo.



—Houve um telefonema esta manhã também. —Deke anuiu com a cabeça para o relatório. — Joseph Fitzhugh e seu filho. Algum tipo de aristocrata inglês que diz que te conhece. Eles querem se encontrar com você e conversar.

Ian fez uma careta com os nomes e agitou a cabeça. Fitzhugh e seu filho haviam voado para a Colômbia quando Ian tinha acabado de deixar os SEALs e chegado na propriedade de Diego. Ele havia encontrado o diplomata na linha de ação anos antes, e Fitzhugh sentiu que era seu dever tentar convencer Ian do erro que estava cometendo. Ele não era o primeiro, e não seria o último.

Ele agitou a cabeça. —Não me encontrarei com eles.

—Assumi que você diria isto. — Deke anuiu com a cabeça sombriamente. —Deve ser duro, chefe, ter estes denominados amigos saindo da toca. Mas eu ainda não vi o Time Durango.

—Você não verá o Time Durango— ele disse. —Mas eles estão na ilha. Eu posso sentir a vigia do Macey como você pode sentir um mosquito sobre a sua carne.

Ele estava sentido isto há mais de uma semana. Aquela coceira na nuca, o nó de raiva no intestino. Por alguma razão, ele esperava que eles o conhecessem melhor, apesar de como ele tinha mostrado evidências de que era realmente um traidor. Era contraditório e ilógico, mas sentir que estava sendo observado desse jeito o estava deixando puto.

Deke fez uma carranca com a admissão de Ian. —Nós não podemos nos dar ao luxo de te perder, Ian. Não nesta fase do jogo. Eles têm que se afastar.

Ian agitou a cabeça.

—Nós continuamos— ele disse ao guarda-costas. —Ele não atacou ainda, ainda não se moveu. Ele está esperando. Ele sabe que eu estou ciente dele. Vamos deixar o jogo rolar.

Deke respirou rousadamente com a ordem. —Eu não gosto disto. Eles não deveriam estar aqui.

Ian encolheu os ombros. —Kira é a maior preocupação— ele disse ao guarda-costas. —Ela é impossível de prever e é problema. Eu não a quero envolvida nisso, e eu a conheço. Ela está aqui por minha causa, não por causa dos negócios do tio.

Os olhos de Deke aguçaram com as informações. —Inimiga ou amiga?

Ian bufou. —Como está o humor dela no momento? Sua suposição é tão boa quanto a minha. Uma coisa é certa, não vai ser nada do que você espera. Conte com isso e use uma proteção no



processo. Porque aquela mulher vai acabar estourando as nossas bolas se dermos a ela uma meia chance.

Deke não tinha nenhuma ideia do problema que Kira Porter podia ser. Mas Ian tinha; ele sabia e não gostava da antecipação que pulsava em seu membro com o pensamento.

—Então aonde você vai com ela daqui?— Deke perguntou.

Ian agitou a cabeça. —Eu a alcançarei amanhã à noite. Deixe-a brincar no momento. Deixe-a pensar que está segura.

A mandíbula dele cerrou com o olhar suspeito que Deke o atirou. Ele sabia que o outro homem estava se perguntando apenas o quanto profundamente Ian estava deixando esta vida afetá-lo. E Ian admitiu, era muito profundo. Às vezes, ele não reconhecia mais a si mesmo ou o que havia se tornado.

—Sua mãe ligou novamente— Deke disse finalmente. —Você tem várias mensagens na sua secretária eletrônica.

Ian retesou. Marika Richards não tinha nenhuma ideia do jogo que o filho estava participando, e a dor que ele sabia que ela estava sentindo cortava sua alma.

Ela quase havia desistido de sua vida por ele por incontáveis vezes quando ele era uma criança, lutando para manter as mãos assassinas de Carmelita Fuentes longe. A esposa agora falecida de Diego os havia caçado como animais por dez anos, antes que o padrasto de Ian, John Richards, os haver achado.

Por um momento, apenas um momento, ele se permitiu lembrar do sorriso da mãe. Não importava o quanto assustada ele soubesse que ela estava, ela sempre achava um jeito de sorrir para ele, prometer a ele que todas as coisas passariam: raiva, dor, perigo.

Seja o melhor que puder, Ian. Seja forte e valente, e saiba que está sendo justo. Isto é tudo o que importa. Saiba que está sendo justo.

Aquelas palavras sussurradas em sua mente fatiavam seu coração. Ele sabia que ela não veria o que ele estava fazendo como justo. Ela nunca toleraria que ele matasse o pai que quase os havia destruído tantos anos atrás.

Às vezes, porém, um homem tinha que fazer o que era necessário para proteger o justo, o inocente. Muitas vidas estavam na balança agora. Sorrell e Diego Fuentes tinham que morrer.



Mas primeiro, ele tinha que achar Kira Porter e se certificar de que ela deixasse Aruba. Como diabo um homem deveria destruir os monstros do mundo quando sabia que um pedaço delicado de cetim e renda estava em seu caminho? E ela estava lá em seu caminho. Ele sabia. Podia sentir. E estaria ferrado se permitisse isto.

Capítulo Três

Ele estava lá. Ela sabia que ele estava.

No momento em que Kira saiu do elevador do hotel naquela noite, ela sabia que Ian estava esperando-a em seu quarto. Os seios endureceram, os mamilos ficaram firmes contra o couro fino do bustiê que os cobria e o corpo ficou vivo em um momento, com calor ardente.

Não era qualquer premonição particular. Ela teria gostado de dizer que poderia apenas senti-lo. A verdade era que a presença do guarda-costas dele debruçando casualmente contra a parede a vários metros da porta dela tinha dado a dica.

Deke Santiago. Trinta e seis anos, casado uma vez, viúvo. Um Ranger⁶ desonroso. Desonroso porque ele quase tinha matado o oficial comandante que havia fodido com sua então esposa.

A corte marcial havia dado a ele um ano em Leavenworth⁷ porque ele não pôde provar o adultério. Lá, ele se encontrou com um dos tenentes de Diego Fuentes; quatro anos mais tarde ele havia voado para a Colômbia e começado sua aparente vida de crime.

Ela pausou enquanto as portas do elevador se fechavam atrás dela, sacudindo uma mecha longa de cabelo preto acima do ombro, e suspirando com uma extremidade de irritação, ciente das câmeras de segurança nela. Ela tinha uma aparência a manter. A de socialite entediada e investigadora excitada. Alguém procurando por informações verificaria as câmeras de segurança. Ela sabia, porque ela mesma fazia isso.

⁶ Ranger - United States Army Rangers, 75th Ranger Regiment - constituem uma tropa de elite do Exército americano extremamente importante. Aptos a realizarem ataques a qualquer tipo de região, são um dos grupos de elite mais respeitados do mundo.

⁷ Leavenworth- Penitenciária dos Estados Unidos, foi a maior prisão de segurança máxima federal nos Estados Unidos a partir de 1903 até 2005. Tornou-se uma prisão de segurança média em 2005. Está localizada em Leavenworth, Kansas. Apenas para homens.



Ela se moveu ao longo do corredor, ignorando-o. Isso era o que ela fazia com guarda-costas, fingia ignorá-los. O próprio guarda-costas dela, Daniel Calloway, era prova disto.

—Eu não precisarei que você verifique o quarto hoje à noite, Daniel— ela o informou enquanto eles se aproximavam do quarto conectando. —Você pode ir para cama.

—Você está certa, Sra. Porter?— a voz dele estava marcada com suspeita enquanto os lábios de Deke se moviam zombeteiramente com o tom de desafio na voz de Daniel.

—Estou certa. Com certeza o quarto está seguro.

Daniel não era um homem estúpido, ele sabia que Ian estava lá, assim como ela. Ele entrou no próprio quarto e fechou a porta atrás de si enquanto Kira tirava o cartão-chave do forro de sua bota de salto pecaminosamente alto.

Ela havia passado em vários clubes mais cedo naquela noite, desejando ter um vislumbre de Ian antes que ele a achasse. Parecia que tinha sido um esforço perdido. Quanto tempo ele a estava esperando no quarto?

Ela estava nervosa. Ela não ficava tão nervosa com um homem desde a última vez que tinha visto Ian. Antes disto, ela nunca tinha sabido o que eram nervos com um amante potencial.

Ela podia sentir o sangue correr apressado nas veias, a necessidade umedecendo entre as coxas, e uma dor assombrosa apertando o peito. Uma dor que tinha pouco a ver com a excitação, mas muito a ver com as emoções que ele inspirava nela. Emoções tão estranhas quanto os nervos.

—Ele está chateado?— Ela girou o cartão nos dedos enquanto olhava para Deke, permitindo um pequeno sorriso enrolar as extremidades dos lábios.

Deke olhou rapidamente para a porta, um sorriso se abrindo nos lábios sensuais. —Pergunte a ele você mesma e veja.

Enquanto ela se voltava para a porta, esta se abriu. Uma mão dura agarrou seu pulso e a puxou para dentro antes da porta bater violentamente e se fechar atrás dela.

Ela foi empurrada contra ela, a golfada de ar saindo dos lábios enquanto as mãos dela eram agarradas por uma dele, mantidas no alto da cabeça, e cada centímetro de seu corpo era moldado contra o comprimento duro do corpo dele.



Os fluidos juntaram entre os lábios de seu sexo então molharam a seda da tanguinha que ela usava sob a calça de couro. Os mamilos estavam impossivelmente mais duros, e ela jurou que podia sentir suor entres os seios.

Ninguém já tinha sido como Ian. Duro, no controle, comandante. Cada toque, cada ação, levava para o prazer máximo.

As mãos seguravam os pulsos dela apertados enquanto os dedos da outra mão seguravam em seu cabelo e a puxavam para olhar o calor ardente dos olhos marrons profundos. Olhos quase tão ricos quanto conhaque, com pequenas e escuras sugestões de vermelho e cheios com fúria.

O cabelo loiro escuro estava caído na testa; a mistura rica de cores, clareado pelo sol e espesso, longo, caindo junto à nuca e sobre a sobrancelha fazendo-a desejar enterrar os dedos nele novamente.

Ele a excitava de modos que ela nunca tinha sido excitada antes. Ela sonhava em fazer sexo com Ian. Desejava. Doía por isto. Ela tinha concordado em enganá-lo pela mais leve chance de ser tocada por aquelas mãos duras novamente.

—Mas que porra você está fazendo aqui?— Ele grunhiu para ela abaixo enquanto a cabeça abaixava.

Os lábios enterraram no ombro dela, abrindo para permitir que os dentes agarrassem a carne lá, a língua deslizando com rápidos golpes aquecidos enquanto ela empurrava contra ele.

—Negócios. —A cabeça dela abaixou também.

A coluna forte do pescoço dele estava lá para seu prazer. Os dentes juntaram no local. Ela lambeu devagar e o gosto de luxúria explodiu contra seus sentidos.

Deus, ele tinha gosto bom. Ela tinha sugado a carne, um pequeno gemido tinha escapado de sua garganta enquanto ele a erguia, girava, e no próximo segundo a jogava na cama.

—Ian. —Ela ofegou seu nome, sentindo o comprimento duro do corpo dele cobrindo o seu, as coxas abrindo as dela, o membro duro apertando demandantemente no couro suave que cobria seu sexo.

As mãos dela ainda estavam estiradas sobre a cabeça, os seios perigosamente perto de saltarem do bustiê de couro que ela usava.



Ela se sentia presa. Impotente. Ela nunca tinha se sentido desse modo com um homem antes. Ela nunca tinha desejado se sentir desse modo até que Ian tinha mostrado a ela o prazer que ela acharia então. Agora ela desejava. Com uma fome que se recusava a ser suprimida.

—Você não tem nenhum negócio aqui. — Os lábios dele recuaram de seus dentes enquanto a mão livre se arrastava sobre o laço que segurava a frente do bustiê. —Nenhum negócio aqui. Nenhum negócio perto daqui.

O top caiu, abriu, e com um estalido dos dedos dele os seios foram soltos. Derramando livres, mamilos duros e apontando, vermelhos e doloridos para seu toque.

—Você está aqui. —Era uma declaração e um gemido enquanto a cabeça dele abaixava e os lábios cobriam um mamilo apertado, sensível.

Ele não era fácil com ela, e ela não queria fácil. Os dentes agarraram e arrastaram, a língua chicoteando com calor molhado e malvado. Os olhos dela giraram para trás, era tão bom. Ele a chupava como um homem faminto.

Longos momentos mais tarde a cabeça dele ergueu, pestanas loiras escuras e espessas deslizando sobre as bochechas enquanto ele a olhava e fazia seu trabalho manual.

O mamilo estava mais apertado, se isso era possível, cintilando molhado e vermelho rubi.

—Você usa muitas roupas— ele rosnou, a voz, que era áspera normalmente, ralando agora.

—Eu não queria parecer muito fácil— ela ofegou enquanto os lábios dele se moviam para o seio oposto e ele começava as suas carícias nada tenras.

Deus, era isto que ela tinha amado na primeira e única vez que ele a havia tocado. Ele não o tratava como se ela fosse de vidro. Ele não a tocava como se ela fosse quebrar. Ele a tocava como uma mulher capaz de satisfazer o sexo faminto e sombrio que ela sabia que ele possuía. Que ele possuía e ela almejava experimentar.

—Não é fácil o suficiente. — Ele beliscou o lado do seio dela, a mão movendo livre para o quadril, arrastando as rendas de sua calça agora enquanto os lábios recuavam para os dela.

Oh, Deus, o gosto do beijo. Era incrível. Era o suficiente para condensar os olhos dela, sem mencionar o que estava provavelmente fazendo com as portas da sacada de vidro através do quarto.



Ela se estirou embaixo dele, curvando-se para mais perto, esfregando firmemente a buceta contra sua ereção e desejou poder ronronar. Era bom demais. Tão bom que ela se perguntou se poderia gozar apenas com o beijo.

Inferno, ela nunca tinha feito isto, mas estava muito perto. O limite estava perto. A língua dele enrolava junto com a dela, acariciando-a, então a provocando e lambendo seus lábios. Então ele a mordeu.

Kira foi para trás, encarando-o antes de devolver o favor e beliscar seu lábio inferior. A mão apertando no cabelo, empurrando-a para trás, e os lábios dele bateram violentamente sobre os dela.

Ele soltou os pulsos dela, colocando os braços ao redor dela, e começou a empurrar entre suas coxas, acariciando a seda de sua calcinha e o couro da calça contra ela, roçando contra seu clitóris e fazendo pequenos grunhidos ecoarem em sua garganta.

Maldito, ele a estava fazendo queimar viva.

As mãos dela enterraram no cabelo dele, o puxado. Os joelhos dela ergueram e curvaram, apertando os quadris dele enquanto ela afundava os saltos afiados das botas na cama e tentava desafiar as camadas de tecido entre eles.

Ela o queria, muito. Ela queria o membro batendo nela. Queria que ele a fodesse, enchesse, roubando seus sentidos e seu muito louvável controle com a luxúria que queimava entre eles.

Esse não era o lugar para essas luxúrias. No meio de uma investigação, no olho de uma tempestade que ameaçava se aproximar de Ian como o funil de um ciclone. E ainda assim, da mesma maneira que antes, a fome selvagem flamejava por ela, balançando-a, queimando seus sentidos. Abria algo dentro dela mesma que ela não reconhecia. Um núcleo de feminilidade. Uma certeza de que a mulher escondida dentro dela tinha sido descoberta. A agente que ela tinha se tornado não podia mais esconder a mulher desesperada para se revelar.

Ela estava submersa em uma sensação espessa, branca e quente correndo com necessidade úmida, desesperada. E quando a mão dele deslizou para a abertura de sua calça, os quadris dele puxaram para trás e os dedos acharam a carne nua de seu sexo saturado, Kira soube que estava ferrada.



Ela congelou, mas Ian não deu importância. Os dedos acharam a racha estreita, sensibilizada, deslizou por ela, e dois dedos deslizaram na entrada aquecida e lisa de sua vagina.

—Oh, Deus!— Saiu rasgando dos lábios dela, as palavras estouraram de seus lábios enquanto ela sentia os músculos ter espasmos e cercando os dedos dele, sentindo os jatos fluírem ao redor dele.

—Maldita, você é tão gostosa!— Ele mordeu o pescoço dela, como um maldito vampiro. Apenas mordendo no local certo e fazendo os olhos dela revirarem novamente enquanto um tremor rasgava o corpo dela.

Os quadris dela empurraram, trabalhando seu sexo nos dedos dele enquanto sentia a explosão bem perto. Muito perto. Tão perto que ela podia sentir, saborear, cheirar.

—Oh, não tão fácil— ele rosnou, os dedos parando dentro dela, apenas a enchendo, mantendo-a na extremidade de um precipício que era doloroso.

—Seria— ela arquejou. —Se você não fosse tão *imbecil*!— Ela apenas queria gozar. Não era como se ela quisesse saber segredos de estado ou algo tipo. Inferno, ela já sabia.

O sorriso dele era apertado, duro. O cabelo, bagunçado pelos dedos dela, caíam ao redor do rosto bronzeado, os lábios inchados pelos beijos.

Ele parecia com o macho dominante que era. Um sujeito sexualmente dominante, feroz e forte, do tipo que tem-todo-o-controle. Ele não deixaria uma amante controlar sua sexualidade ou a dela. Essa era sua prerrogativa, e por Deus, ele sabia como fazer isto. Não era o gosto normal dela, mas tinha se tornado um desejo.

—O que você está fazendo aqui, Kira?— Ele a acariciava, do lado de dentro, apenas o roçar mais doce, mais delicioso dos músculos internos com as pontas dos dedos.

Estremecendo. Ela estremecia e ofegava ficando mais molhada, porque era bom demais.

—Negócios. Trabalho. —Ela tentou respirar. Inferno, respirar estava muito difícil. Se ela segurasse a respiração, apenas a segurasse, ela poderia quase cair da extremidade daqueles pequenos golpes ásperos dentro de sua buceta.

—Trabalho, é?— Ele se curvou e correu a língua sobre um mamilo duro. —Você se lembra de como eu castigo mentirosos, lembra?



Isso era realmente ela gemendo como se quisesse ser castigada? Oh, inferno, não, não podia ser. Ela não fazia esses jogos, e ela não era do tipo submissa. Até Ian aparecer. O traseiro dela apertou, ela não pôde evitar. E ela sabia que ele sentiu. Ela soube ao sentir a risada sabedora dele contra seu mamilo.

—Não enche⁸— ela gemeu. — Ela não havia ordenado ou retrucado. Não, ela gemeu, como uma pequena submissa impotente implorando pelo toque de seu mestre.

—Onde?— os dentes dele raspavam sobre um mamilo.

—Isso é bom.

Ele a mordeu. Não muito duro. Apenas o suficiente. Ele fechou os dentes sobre o mamilo apenas o suficiente para ela sentir o prazer/dor.

Santa mãe do céu... Ela arqueou, lançando-se sobre os dedos a enchendo, e pensou que poderia subir como fogos de artifício apenas com isso.

Deus a ajudasse, ela precisava do orgasmo.

—Você poderia me responder. — Ele soprou outra respiração sobre o cume apertado, atormentado. —O que você está aprontando, Problema?

—Problema— ela concordou, um gemido enchendo a palavra enquanto os dedos dele se moviam dentro dela, levando-a mais alto e ele achou o mais surpreendente pequeno grupo de terminações nervosas. Inferno, de onde ele tinha vindo? Esse não era o ponto G, poderia até ser melhor do que o ponto G.

O ponto I. Ponto Ian.

—Oh, Deus, apenas me deixe gozar— ela arquejou, as mãos apertando o cabelo dele enquanto a respiração ficava mais dura, mais áspera.

—Diga-me— ele sussurrou, mas apesar de sua aparente determinação, ele não estava totalmente inalterado.

Kira olhou nos olhos dele e viu as íris pretas próximas, o arder da luxúria cor de Borgonha, e o rubor colorindo as maçãs do rosto. A sensualidade pesada marcando os lábios e dando ao seu olhar uma aparência sonolenta, má.

⁸ Bite me = literalmente é 'morda-me' mas é um trocadilho da autora porque a expressão equivale em português a 'não enche'.



—Eu juro pela conta bancária do meu tio. Negócios. Apenas negócios. Agora me deixe gozar, droga. —Ela tentou se contorcer embaixo dele, tentando ter aquela última sensação do orgasmo sem a ajuda dele.

—Maldição, você!

Antes que Kira pudesse reagir, os dedos dele tinham saído sorrateiramente de seu corpo, saído de dentro das calças dela, e ele estava se movendo rápida e abruptamente da cama e olhando-a de cara feia enquanto estava lá de pé sobre ela.

E lá estava ela deitada, arquejando, os mamilos tão firmes e retos quanto um guarda imperial e sua vagina ainda esguichando com necessidade.

—Você só provoca!— Ela revirou para o outro lado da cama, sentou na extremidade e arrancou primeiro as botas, então arrastou as calças das pernas.

Vestindo nada além de uma tanguinha de seda branca, ela puxou a bata de seda prateada da cadeira ao lado da cama e entrou nela enquanto girava para enfrentá-lo.

—Sabe, Ian, este seu hábito de me deixar um segundo antes de eu gozar está ficando aborrecedor.

—Seu hábito botar o nariz nos meus negócios pode ficar perigoso— ele retrucou, fúria contorcendo a expressão. Mas a luxúria cintilava espessa e brilhante nos olhos.

Kira passou os dedos pelo cabelo bagunçado, agitou-o, e deu a ele um olhar zombeteiro por sob as pestanas.

—Oh, realmente, Ian— ela disse lentamente então. —Você trouxe os seus negócios para mim, lembra? Na noite em que entrou sorrateiramente no meu condomínio e botou o seu traseiro na minha cama durante aquela operação em Atlanta. Não comece a reclamar agora. Você apenas está puto porque finalmente encontrou uma mulher pouco disposta a ser a submissa pronta-e-disposta. Falando nisso, você nunca se cansa, não?

Os lábios dele afinaram e ela jurou que o músculo saltando na mandíbula dele iria rasgar a carne firmemente estirada de sua bochecha.

Maldição, ele era um garotinho chateado.

Coitadinho.



—Que tipo de negócio da Segurança Interna você está fazendo aqui, Kira? Não foda comigo. Não agora. Mexa nos meus negócios aqui e eu poderei ter que te matar.

E ele realmente soava como se quisesse dizer isto. Era quase crível. Talvez. Se ela estivesse alterada com drogas, ela pensou com um fungar.

—O grande líder malvado do cartel agora, é?— Ela jogou a cabeça para trás e deixou uma risada baixa e sedutora sair da garganta. —Vamos, Ian, você gosta demais do jogo para me matar. Além disso. —Ela se moveu para mais perto dele, correu um dedo pelo peito que arqueava, e sussurrou as palavras que sabia que tinham o potencial de chacoalhar seu mundinho. —Por que eles fariam uma operação contra seu espião favorito?

Era uma suposição, nada mais. Uma suposição. Uma esperança, mas a reação dele foi muito mais do que ela tinha antecipado.

A mudança foi assustadora. A luxúria nos olhos foi imediatamente substituída por fúria glacial. A expressão se apertou ainda mais, os planos e ângulos severos do rosto mudaram de forma selvagem um segundo antes de ele a agarrar.

Entre uma respiração e a seguinte Kira se achou presa com os braços atrás do corpo, as costas contra o tórax dele, e o braço poderoso dele cercava seu pescoço enquanto os lábios abaixavam para sua orelha.

—Saia de Aruba, e leve as suas acusações com você. Saia de perto de mim o mais rápido possível ou eu te foderei até que você esteja morrendo dos orgasmos. E uma vez que eu tenha me enchido de você, quebrarei seu lindo pescoço.

O braço dele apertou ao redor do pescoço dela para dar ênfase enquanto seu corpo duro e musculoso vibrava com tensão contra ela. Ela deveria ter sentido pelo menos um frisson de medo. Ela assumiu que era isso o que ele esperava. Não era doloroso, mas ele a lembrava de que ele era mais largo, mais forte e muito mais experiente em violência do que ela.

Ela não tinha tentado se libertar. Ela sabia que não deveria. A cada movimento que ela fazia, Ian tinha dois na frente. Ao invés, ela relaxou no abraço, ficou suave e flexível, ciente de que ele apenas ficou mais tenso atrás dela.

—Vá em frente, Ian— ela disse suavemente. —Mate-me. Se você puder.



Ele não podia.

Ian olhou fixamente para o rosto abaixo, sentido o corpo dela relaxar contra ele, e se sentiu como um homem prestes a se afogar. Só que ele iria se afogar em uma mulher suave e à disposição. O odor e a sensação da mulher que ele tinha aprendido que era uma fraqueza que ele não podia se dar ao luxo agora.

—Você está brincando em um jogo muito perigoso— ele sussurrou contra a seda suave do cabelo dela enquanto sentia o traseiro dela flexionar contra o comprimento duro de seu membro.

As bonitas e pequenas orelhas, sem iguais, estavam em seus lábios, a pequena inclinação e a curva suave do lóbulo tentando seus lábios.

O pau dele estava pulsando, doendo. Apenas pensar nela podia fazer isso com ele, fazê-lo ficar louco para fodê-la, abraçá-la e se enterrar dentro dela.

A sorte tinha estado em seu lado em Atlanta oito meses antes. Não houve tempo ou a oportunidade para tomá-la, e a cada vez que ele conseguia colocar as mãos nela, havia uma interrupção.

Não haveria nenhuma interrupção agora, o lado selvagem de seu cérebro o lembrava com luxúria frenética. Ele podia empurrá-la contra a parede, se enterrar dentro do aperto quente de sua buceta, e achar o alívio que precisava com desespero.

—E você não? — Ela perguntou a ele enquanto ele lentamente soltava suas mãos.

As mãos dela desceram sorrateiramente e enrolaram no cume duro de sua ereção, roubando a respiração dele.

—Você acha que realmente conseguiu entrar sorrateiramente naquela clínica naval sem ser visto, Ian?— Ela sussurrou então. —Você é bom, garotão, mas não é tão bom. Você não sabe por que aquele ponto da entrada que você achou inseguro era inseguro por uma razão? Que o guarda estava cochilando por uma razão? Que a porta do banheiro de Nathan estava fechada. Por uma razão. Eu sabia que você estaria lá. Eu sabia, tudo o que eu tive que fazer foi esperar, porque eu sabia que os sinais no caminho te favoreceriam. Você está trabalhando em uma operação aqui e nós dois sabemos disto.



Ele lentamente a soltou, as mãos apertando nos ombros dela enquanto ele a empurrava para longe de seu corpo, apesar de cada célula de seu membro gritando não.

Ela girou devagar para enfrentá-lo, vestindo nada além da bata de seda cor prateada e uma calcinha tão minúscula que ele se perguntou por que ela se dava ao trabalho de colocá-la. Os olhos cinza de bruxa olhando-o fixamente, a cor nublada tocando um círculo fino de cinza-azulado que sempre o fascinava.

A declaração perigosa tinha limpado a mente entorpecida de luxúria de seu cérebro e o deixado gelado até os ossos. Seu contato no DSI tinha organizado a visita, ele sabia disso. *Mas como Kira sabia disto?*

—Não há nenhuma operação em andamento.

Ele exalou pelo nariz antes de dar as costas a ela, compassando para a cadeira onde sua jaqueta de seda cara tinha sido deixada. Colocando-a, ele se voltou para ela, lembrando do trabalho, dos perigos e do preço do fracasso.

—Ele salvou a minha vida quando eu era criança— ele declarou, ouvindo a própria voz grossa e recordando que seus gritos naquele vez quase a haviam quebrado. A de Nathan estava pior. A voz estava tão arruinada que o som sempre o lembraria do inferno que tinha suportado.

Kira anuiu com a cabeça. —Ele me disse sobre isto.

Ian cerrou os dentes. —Eu precisava dizer adeus. Isso é tudo.

Os lábios dela franziram. —Apenas dizer adeus? Todas as medidas de segurança tinham permissão para diminuir para o senhor das drogas poder dizer adeus? Dá um tempo, Ian.

—Dinheiro faz maravilhas nas mãos certas— ele a assegurou, olhando para ela com a expressão glacial que tinha aperfeiçoado há vários anos. —Estou aqui por minha escolha, Sra. Porter, não cometa o engano de pensar o contrário. E acredite em mim quando digo que não pretendo partir.

O olhar dela chamejou então, se com indecisão ou convicção, ele não podia estar certo. Ler Kira era como tentar navegar pela névoa de um lago. Totalmente impossível.

Finalmente, outro daquele sorriso irritante e sabedor se formou nos lábios dela e ela encolheu os ombros esbeltos com um gesto gracioso.



Aquele sorriso era projetado para deixar os homens loucos. Para fazê-los arrancarem do rosto dela com paixão, ou com o pau enchendo aquela pequena boca quente. Ian tinha várias fantasias com a segunda opção.

—Que seja— ela finalmente respondeu suavemente. —Tio Jason está considerando comprar uma vila aqui, eu já mencionei? Ele virá de avião amanhã para verificar algumas possibilidades que eu achei hoje. Vá em frente com seus joguinhos, Ian, estou certa de que posso achar um jeito de me ocupar.

—Suma de Aruba, Kira— ele a ordenou severamente. —Não torne isso uma droga de disputa, porque você perderá. Do jeito difícil.

Ela estalou a língua então. —Realmente, Ian, você está perdendo sua perspectiva. Os líderes de cartéis de drogas não dão advertências, eles agem. Acho que você apenas terá que tentar os chinelos de cimento na próxima vez. — Os olhos dela alargaram. —Ou eles estão usando qualquer outra coisa aqui no Caribe? Às vezes é tão difícil se manter atualizada.

Ele já tinha o suficiente. Ele já a havia advertido. Ela era uma agente experiente, conhecia o jogo, sabia das regras e dos perigos. Se ela conseguisse se matar, ele não podia fazer nada. Ele a havia advertido.

—Boa noite, Sra. Porter. —Ele se moveu através do quarto e se dirigiu à porta. —Tenho certeza de que você tomará amplo cuidado consigo mesma enquanto estiver aqui.

—Eu sempre me cuido, querido.

Ele abriu a porta e então a bateu violentamente atrás de si enquanto andava no corredor. Deke se endireitou da parede, os olhos estreitando, chamejando com interesse enquanto ele olhava rapidamente para a porta do apartamento.

—Vamos andando. — Ian marchou pelo corredor sem explicações. Ele não tinha nenhum modo de explicar sobre Kira, ainda que Deke estivesse ciente exatamente de quem e o quê ela era.

Oh, sim, ela era a sobrinha de Jason MacLane, claro. E uma das agentes contratadas mais inteligentes que a Segurança Interna tinha na folha de pagamento.

Camaleão, esse era seu codinome. E por que era seu codinome? Porque ela era tão mutável na aparência quanto no humor. Porque seu trabalho não era confrontar, era assistir, escutar e flertar em torno das pequenas festas de elite cheias com pessoas ricas e notórias, e os sujeitos



pequenos comerciantes de drogas. Para se mover e mudar de acordo com seu local, ficar sedutora ou perigosa, e se encaixar com os doentes e repugnantes parasitas do mundo.

E ele deveria se lembrar disso, ele disse a si mesmo enquanto Deke o seguia para o elevador. Kira sabia as regras do jogo. Ela não precisava dele para protegê-la.

Capítulo Quatro

O humor de Ian na manhã seguinte era qualquer coisa menos alegre. Ele sempre despertava depressa, mas abria os olhos lentamente. Ele sondava o ambiente, deixava os sentidos descobrirem qualquer movimento perigoso antes de se permitir se mover da cama.

Nesta manhã, ele tinha despertado com um humor projetado para irritar até a si mesmo. A pele parecia estirada, a irritação apertava os intestinos, e ele tinha uma ereção dura como aço pulsando entre as coxas.

Ele tinha cuidado da ereção no chuveiro, se masturbando enquanto fechava os olhos e imaginava Kira, de joelhos, os lábios o cercando, a língua deslizando e acariciando enquanto ela o sugava até a garganta e ele apertava os dentes com a necessidade de se conter.

Não que a sensação da mão dele fosse qualquer coisa próxima da sensação da boca, mas o pensamento o fez ter sucesso em derramar seu sêmen pelo chão do box e tirar a ponta amarga da luxúria.

Inferno, ele podia ter ido ao quarto de Astra e a acordado à noite. Ele poderia tê-la fodido a noite toda, e em vez de pesar, ela teria sorrido e lambido os lábios em antecipação.

Ela era uma das muitas mulheres que Diego parecia se encantar ao encher a vila. Ele gostava de mulheres bonitas, e ele gostava de tê-las próximas. Mulheres que gostavam de sexo selvagem. Inferno, eles iam além de um pouco de sexo selvagem. Eram mulheres que apreciavam a dor que Diego podia dar, em altas doses.

Ian fez uma careta com o pensamento. Ele tinha visto uma das empregadas, Eleanor, com as costas marcadas com sangue dos golpes do chicote de Diego, e ainda assim, implorando por mais. Não sexo. Nada de uma foda ou uma penetração mais profunda, porque Diego raramente fodia



um de seus brinquedos. Não, era a dor que os fazia gozar. Diego gozava em bater, e Eleanor gostava em apanhar. O êxtase lavava seu rosto e seu corpo todo tremia.

Era o suficiente para fazer um homem se perguntar o que diabo havia de errado com o mundo. Com todo seu cinismo e experiência, ele ainda não podia entender isso. Mas não era Astra quem ele procurava, era Kira.

Marchando para a sala de café da manhã quase uma hora mais tarde, ele achou Diego à mesa. Exatamente o que ele precisava naquela manhã, uma dose saudável e querida do velho papi.

—Ah, bom dia, Ian. —Um sorriso dobrou o rosto moreno de Diego enquanto ele apoiava os antebraços na mesa e o considerou com algo semelhante a orgulho. —Será que você dormiu bem?

A manhã dele poderia ficar pior?

—Dia, papi. — Era o título mais desrespeitoso que Ian poderia apresentar. Com isso ele tinha ganhado a ira do padrasto quando tinha usado.

John Richards não era um homem de fazer cerimônia, mas exigia respeito, e o havia ganhado. Ian podia chamá-lo de John ou pai, a sua escolha, John o informou. Mas se o chamasse de papi novamente ele lhe mostraria um papi que Ian não mais se esqueceria. Ian quase sorriu com a memória.

Diego fez uma carranca. Ele não tinha gostado do título mais do que John Richards tinha.

— 'Pai ' seria uma saudação muito melhor— Diego o informou, não pela primeira vez.

—Muito rígido. —Ian se moveu para o aparador, empilhando no prato ovos mexidos fofos, salsicha, toucinho e torrada. Apesar de todas as suas culpas, Diego tinha uma excelente cozinheira, e ela parecia gostar de Ian. —'pai' soa como algo dos anos cinquenta— ele continuou, ignorando a fruta e vários doces que a cozinheira tinha feito enquanto girava e se movia para a mesa do café da manhã com tampo de vidro.

A luz do sol se derramava pelas portas abertas e janelas altas que cercavam a sala enquanto Ian tomava sua cadeira e deixava a pequena empregada de cabelo escuro despejar seu café.

—Obrigado, Liss. —Ele sorriu enquanto ela recuava.

—De nada, Sr. Fuentes. —Ela falava um inglês um pouco tímido, mas Ian tinha aprendido desde cedo onde a lealdade estava. E a dela não estava com ele.



—Deixe o café na mesa, Liss— ele a dirigiu. —E então pode sair.

Ela girou para Diego. O corte óbvio a irritando.

—Liss, ele não te deu a ordem, eu sim— ele disse a ela suavemente, encontrando os olhos escuros com a promessa de vingança em seu próprio olhar se ela não fizesse como ordenado.

—Claro, Sr. Fuentes. —Ela deixou o bule de prata no centro da mesa, entre ele e Diego, e então se dirigiu às portas duplas largas, a saia pequena do uniforme assobiando.

—Feche as portas atrás de você— ele ordenou, antes de movimentar a cabeça para Mendez para segui-la. O outro homem ficou de guarda nas portas. Deke e outro guarda-costas estavam de pé no pátio e o quarto estava posicionado na porta que levava a cozinha.

Apenas Deke sabia de seu verdadeiro propósito lá, mas os outros três estavam devagar provando sua lealdade a Ian em vez do cartel.

—Eu não gosto quando você exige que eu me sirva— Diego retrucou enquanto pegava a cafeteira e enchia de novo sua xícara. —Eu tenho as empregadas por uma razão.

—E estou pasmo que elas sobrevivam a isto. —Ian grunhiu com o pensamento das perversões que as empregadas compartilhavam com Diego. —Mas não vejo nenhuma razão para ter que matá-las porque elas escutaram a coisa errada.

—Você não deveria discutir negócios no café da manhã— Diego o instruiu. —É ruim para a digestão.

—Agora mesmo, os negócios estão ruins para a saúde, ponto final. — Ian sorveu o café enquanto olhava fixamente de volta para Diego. —Estou cancelando a nossa relação com o consórcio de Radacchio. Meus homens foram sequestrados a caminho do ponto de entrega e eu perdi dois deles. Nós quase perdemos a remessa.

O relatório da remessa de coca perdida não tinha sido tão ruim quanto saber que os dois homens que ele tinha perdido eram agentes escolhidos a dedo que ele tinha infiltrado. Isso o deixou puto.

—Sorrell?— Diego estreitou os olhos pensativamente enquanto assistia Ian.

Sorrell era a razão pela qual Ian estava lá. O terrorista enganoso, ainda não identificado, conseguiu entrar sorrateiramente por todas as redes de vários países e mais de uma dúzia de agências de execução da lei tinham tentado pegá-lo.



—É disso que eu suspeito. —Ian encolheu os ombros enquanto comia seu café da manhã. —Valence Radacchio reivindica o contrário, mas o ataque estava bem preparado e centrado onde a segurança deveria ter sido a mais firme. Eles erraram de forma ingênua, e em vez de me envolver em uma briga sangrenta com eles, prefiro cortar os laços.

—Valence trabalhou comigo por muitos anos— Diego meditou. —Ele sempre moveu nosso produto pela Colômbia e para os navios. Se nós cortarmos a relação, seremos forçados a forjar uma nova.

Ian agitou a cabeça. —Nós moveremos nosso próprio produto. Por que usar um intermediário quando temos a força de trabalho necessária e a rede para fazer de forma eficaz? Economiza tempo, dinheiro e riscos.

O produto, claro, era drogas. Radacchio juntava os fardos de cocaína dos armazéns de processamento e os transportava através das montanhas para os navios esperando. De lá, ele a entregava para vários outros pontos onde a juntavam, dividiam e transportavam para outros pontos.

Até Sorrell começar a bater nos armazéns de processamento. A primeira coisa que Ian tinha feito quando tinha assumido o comando dos negócios de Fuentes era mudar os armazéns e ter seus homens entregando os bens para Radacchio ao invés.

— Você acha que Valence está junto com Sorrell? Ou o bastardo meramente conseguiu obter as informações sobre nossas linhas de provisão?

Ian agitou a cabeça. —Eu não sei e não me importo. Mas Radacchio sabe o local dos antigos armazéns. Nós mudamos nossos locais e começamos a entregar para eles em vez de tê-los carregando os fardos e os sequestros pararam. Agora, e quanto a este ataque? Estou propenso uma vez mais a cortar os laços. Veremos o que acontecerá então.

—Ele não ficará contente com isso— Diego o advertiu. —Nós pagamos a ele bem para o trabalho do seu consórcio.

—Então ele pode achar outro cliente, um com um pouco menos de paranoia do que eu pareço possuir. — O sorriso de Ian era apertado. —Eu não tenho tempo para uma guerra de drogas, Diego. Nós faremos do meu modo primeiro.

Os olhos pretos de Diego cintilaram com excitação.



—A guerra é o tempero da vida, Ian. —Diego sorriu amplamente com antecipação aparente.
—Elas te mantêm de prontidão⁹.

—Se eu quisesse ficar na ponta dos pés seria um dançarino de balé, papi— ele disse.

Diego suspirou em remorso. —Radacchio exigirá uma reunião para discutir isto.

—Então diga a ele que ele pode conversar comigo. E isto é outra coisa; ou eu cuido de tudo ou não faço nada. Fique fora disto. Não tente negociar com Radacchio como fez com os Misserns no último mês. Eu não ficarei muito feliz.

O anúncio fez uma carranca brava dobrar o rosto de Diego. —O que você quer dizer com isto?— Ele explodiu. —Ficar fora dos meus negócios? Os negócios Fuentes? Estou te lembrando que eu sou o Fuentes. São os meus negócios.

Ian ergueu a cabeça e olhou fixamente para Diego, calado.

Diego vacilou enquanto Ian olhava para ele sem piscar.

—Eu não gosto disto— ele murmurou. —Eu não sou tão velho que não posso ser uma parte dos meus próprios negócios.

—Você tem o seu trabalho.

—Ora. Meu trabalho. Não é nenhum trabalho vigiar as fazendas e a produção da coca. Uma criança poderia fazer isto.

—Nós temos um negócio— Ian o lembrou, a voz dura. —Não me foda com isso, velho, ou eu sairei daqui muito mais rápido do que entrei.

Não era uma ameaça vã. Se ele não pudesse controlar o cartel, então Ian não tinha nenhuma esperança de atrair Sorrell. Ele sabia disto, e Diego sabia também. Para proteger os negócios de serem tomados violentamente pelo terrorista, Diego precisava de Ian. Ian precisava de controle.

—Você é duro, Ian. —Diego suspirou. —Mais duro do que eu acreditava. Mais duro do que as minhas investigações tinham revelado.

—Eu sou um produto da minha infância, papi— ele sibilou. —Lembra?

Diego fez uma careta. Os olhos pretos ficaram, pelo mais breve momento, cheios de tristeza. Uma tristeza que Ian se recusava a reconhecer, até para si mesmo. Ele não se importava com os remorsos do passado de Diego, suas esperanças ou seus sonhos, não importava a ilusão que Ian

⁹ “Keep you on your toes” – te mantém de prontidão, ou, literalmente, te mantém na ponta do pé.



mostrava a ele de que se importava. Tudo o que importava era pegar Sorrell e o entregar junto com Diego Fuentes nas mãos da justiça. Ou, suas cabeças em uma bandeja. A segunda opção se ele pudesse sair livre.

—Se eu pudesse voltar no tempo, daria a minha vida para ter evitado essa dor— Diego disse suavemente, com sinceridade aparente.

—Não há como voltar. —Ian encolheu os ombros. —Apenas pense que isso me deixou duro o suficiente para endireitar o seu mundinho, papi. Não houve nenhum sequestro de carga bem sucedido desde que eu cheguei.

—Para um homem que não apreciava a guerra, você derrama sangue o suficiente — Diego disse firme. —E se recusa a me permitir entrar na diversão. Mas fico contente. Os agentes dos Estados Unidos que você descobriu no último mês não roubarão mais informações de nós, não é?

Os homens que ele tinha matado tinham sido monstros pervertidos posando de agentes americanos. Eles trabalharam para o DEA¹⁰, recebendo pagamento, e dando apenas informações suficientes para se fazerem viáveis. Até que tinham tentado matar Ian sob o nome daquele bastardo Sorrell.

Matar os agentes era algo que Ian preferia não fazer, mas quando um homem tinha o barril de uma arma apontada em sua direção, ele fazia o que tinha que fazer.

—Tenho que voltar para a cidade esta manhã. — Ian olhou rapidamente para seu relógio e fez uma careta. —Vou me encontrar com um de nossos advogados no cassino. Um de nossos clubes de Miami parece estar perdendo o lucro. Quero saber o porquê.

—Por que você não o faz vir aqui?— Diego o encarou em confusão brava. —Você não vai correr como um cão de caça para os subalternos, Ian. Eles vêm até você.

—Boa ideia, papi. — Ele zombou. —Deixe-os fazerem uma festa com a nossa segurança para que assim eles possam entrar na casa no meio da noite. Por que diabo você acha que muitos dos seus amigos acabam morrendo em suas camas com a bala do inimigo?

A expressão de Diego chamejou com raiva. —Estou ciente dos riscos desta vida. Eu vivi muitos anos e sobrevivi a muitas tentativas contra minha vida. Nós somos Fuentes. Não nos escondemos e não nos rebaixamos aos subalternos para seguir suas regras. Eles vêm até nós.

¹⁰DEA – (Drug Enforcement Administration) ou Força Administrativa de Narcóticos é um órgão da polícia federal do Departamento de Justiça dos Estados Unidos encarregado da repressão e controle de narcóticos.



—E Sorrell conseguiu tirar alguns dos seus associados mais leais simplesmente por causa da sua arrogância— Ian retrucou. —Não deixe isso mais duro do que já é. Eu voltarei em algumas horas. Até lá, tente ficar fora de problemas.

Diego não odiava nada mais do que ser tratado como uma criança, e apesar da cólera de Ian, não havia nada que o encantasse mais. Ele tinha pouco prazer neste jogo e ficava feliz com o que achava.

—Eu devo me considerar um prisioneiro na minha própria casa?— Diego disse furiosamente enquanto Ian deixava o cômodo. —Você não me dirá quem eu posso ou não posso convidar para a minha casa.

Ian encolheu os ombros. —Convide quem quiser, não me importo. Eu não tenho sono pesado o suficiente para alguém entrar sorrateiramente no meu quarto e eu não perceber. Mas você tem. Eu me lembraria disto.

Ele abriu as portas e entrou no hall da entrada antes que Diego pudesse dizer algo mais.

—Mendez, traga Deke e os outros homens e juntem-se a nós do lado de fora— ele ordenou ao guarda-costas em espera. —Temos um advogado para encontrar.

Ian andou a passos largos pelo hall de entrada de mármore para a porta da frente, quase sorrindo amplamente enquanto o mordomo passava apressado para abrir as portas largas à sua frente.

Ele andou sobre o pórtico iluminado pelo sol, olhando as samambaias, palmeiras e árvores balançando que cercavam a grande calçada circular que abrigava a estrada pavimentada que levava ao portão da entrada. A propriedade inteira estava dentro de um muro de pedra de três metros que Ian tinha mandado construir para segurança. Os guardas estavam a postos em torno da propriedade, e o treinamento adicional que Ian tinha insistido tinha valido a pena quando foram feitas tentativas furtivas de invasão da propriedade.

Ele estava vulnerável e sabia disto. Erguer suas defesas e inspirar lealdade ao longo das redes de Fuentes era imperativo agora. Ele precisava de homens que fossem leais ao herdeiro do cartel em vez do próprio líder do cartel. Logo, Ian conheceria cada pequeno jogador sujo, cada assassino desprezível e negociante de droga insignificante que Diego possuía.



Ele conheceria as prostitutas, os alcoviteiros, os clubes, e os donos dos locais que rendiam as vendas mais altas. Ele estava juntando os nomes de compradores e vendedores políticos assim como dentro da comunidade de execução da lei que não apenas Diego, mas uma dúzia de outros lordes das drogas estavam chantageando.

Quando ele levasse Sorrell e Diego abaixo, não haveria um segredo de Diego que Ian não conhecesse. E isso o traria satisfação. Se ele vivesse a alcançar seu objetivo, então dois terroristas menores e traficantes de drogas filhos das putas cessariam de respirar.

Ele deveria sentir um pouco de culpa, estava certo disso. Afinal, Diego era seu pai. O mesmo pai cuja esposa quase havia matado a mãe de Ian, assim como Ian. Que tinha sido responsável pela mais apavorante noite de vida do menino de dez anos de idade. A noite em que sua mãe sangrou em seus braços quase para a morte.

Por causa de Carmelita Fuentes. Porque Diego era um traficante de drogas escorregadio com mais inimigos do que amigos e era tão manchado de sangue que Ian podia sentir o fedor a qualquer hora em que estava perto do homem.

E logo, suas próprias mãos levariam o mesmo fedor, Ian pensou com um suspiro, enquanto Deke parava um Range Rover branco na frente da vila.

Em vez de dirigir dessa vez, Ian entrou no banco de trás, aceitou uma pasta de Mendez, e abriu-a enquanto as portas se fechavam e o veículo seguia seu caminho.

O quarto guarda-costas estava em outro Rover atrás deles, fornecendo auxílio e um veículo adicional no caso de este aqui encontrar quaisquer acidentes imprevistos. Neste negócio, Ian tinha aprendido a esperar o imprevisto.

Diego assistiu enquanto os Rovers deixavam a propriedade, uma carranca no rosto, a mandíbula cerrando com preocupação e concernimento enquanto Ian deixava a proteção da propriedade. Ele estava preocupado, um sinal de velhice talvez. Cada vez que Ian partia, Diego temia que fosse a última vez que o via.



—El Patrón. — Saul entrou na sala de café da manhã, fechando as portas atrás de si e olhando Diego com uma expressão inquisitiva. — Você mandou me chamar?

Saul era velho. Os ombros estavam inclinados, os olhos escuros um pouco enfadonhos, o rosto marcado com a idade. Ele tinha sido o maior conselheiro do pai de Diego. Com a morte de Carmelita ele tinha retornado para o lado de Diego.

Diego anuiu com a cabeça devagar. — Você descobriu alguma coisa com as nossas fontes?

Ian tinha eliminado o espião do governo dos Estados Unidos que Diego tinha trazido para mais perto dele, Jansen Clay, mas havia outros, contatos muito mais importantes, que confiavam em Diego tanto quanto ele confiava neles.

—Nenhum time foi mandado para buscá-lo, como você solicitou. — Saul andou para o aparador e preparou para si mesmo um prato de frutas e doce. — Há relatórios do Time Durango, os amigos com os quais ele lutou, protestaram contra este ação veementemente, especialmente o conhecido como Macey, mas eles estão sendo contidos. As ordens saíram para somente assistir suas ações, e descobrir o que ele planeja. Parece que os americanos estão mais preocupados com a sua promessa de que Ian eliminará Sorrell do que capturar um traidor. — Satisfação ecoava na voz de Saul, assim como no coração de Diego.

—O garoto, toma muitos riscos. — Diego suspirou. — Ele vai se encontrar agora com os advogados em vez de trazê-los para cá. Como se ele estivesse dizendo a Sorrell ou os outros cartéis para atingi-lo.

—Os outros líderes de cartel estão aprendendo a ficar fora do caminho dele, Diego. Como você mesmo e os americanos, eles meramente o assistem.

—E o seu relatório das atividades dele? — Diego perguntou.

Tanto quanto ele amava o menino, e ele amava, amava mais do que tinha amado o filho mais jovem ou aquela víbora da Carmelita, ele não podia se esquecer que a traição podia vir de dentro.

—Ele não se encontrou com agentes que não matou. — Saul riu. — Claro, eles tentaram atrair sangue primeiro. Ele não faz festa, nem usa nosso produto. Ele não se cerca com as prostitutas e os grupos de droga que competem por sua atenção mais do que o necessário. E aqueles que pegam em seu braço nessas vezes são bem conhecidos para nós, e não são associados com quaisquer



agências de execução da lei do governo. Para todas as aparências, meu amigo, ele cumpre com a palavra. A lealdade dele está com você.

Diego anuiu com a cabeça devagar. —E as suas próprias impressões sobre ele?

Saul suspirou então.

Diego girou e o assistiu com uma pontada de tristeza. As impressões de Saul eram tão confiáveis quanto os relatórios dos outros homens.

—Eu deveria saber, meu amigo— ele disse suavemente. —O que você acredita que se passa na mente do meu filho, em seu coração?

—Há ainda muita raiva— Saul declarou enquanto apoiava os braços na mesa e considerava Diego. —Ele se suavizou um pouco em relação a você. Ele não se recusa mais a ouvir as histórias que eu conto a ele sobre a sua mocidade e os seus sonhos. Ele escuta. Mas posso ver a ira em seus olhos. Os eventos atormentantes da sua infância e de Carmelita não estão esquecidos.

Diego cerrou os punhos antes de se forçar a relaxá-los.

—Ele me culpa. — Diego recuou para a mesa, tomando sua cadeira com uma respiração pesada de remorso e olhando fixamente através dela para Saul. —Mas ele deveria. Eu deveria ter percebido que Marika não tinha sido morta como meu pai tinha reportado. Eu deveria ter imaginado que sua fascinação com ela resultaria em traição.

—Ele era um homem velho, Diego. — Saul agitou a cabeça cinza tristemente. —A pequena enfermeira loira que você trouxe a ele pode ter sido vista como um anjo. Um anjo que não deveria ser manchado com o sangue e a deslealdade dos cartéis. Ele tentou salvá-la. Foi apenas por acaso que Carmelita descobriu sobre ela e a criança.

Diego olhou fixamente para a mesa, o dedo deslizando sobre o pano de renda que a cobria enquanto se lembrava de Marika Desmond. Um nome incomum, para uma mulher incomum. Ela tinha o nome da avó escrava, e tinha orgulho dele.

O cabelo era tão loiro que brilhava branco embaixo do sol colombiano. O sorriso era tão cheio com sonhos e determinação quando ela tinha vindo às aldeias como uma enfermeira, curando os doentes e tocando a todos com sua generosidade. Ela tinha sido desavisada de quem Diego era, e ela o tinha levado para sua cama com um amor que havia tocado a alma dele.



Ele havia conhecido esse amor por pouco tempo. Apenas meses. E ele nunca a havia esquecido. E descobrir que ela tinha passado os anos de seu casamento com Carmelita vivendo com medo, que Ian quase tinha morrido mais de uma vez, ainda o enchia com ira.

O pai de Diego tinha organizado para que parecesse que Marika tivesse morrido. Carmelita tinha tentado organizar sua morte de verdade.

—Nós fizemos um filho forte— Diego sussurrou, desejando poder ver Marika, desejando poder agradecer pela vida de Ian, mas seu filho o havia proibido tão violentamente que Diego temia sua ira se ele tentasse isto.

—Você fez— Saul concordou.

—Ela tentou contatá-lo?— Diego ergueu o olhar para Saul uma vez mais. —Você ouviu a voz dela?

—Ele se recusa a falar com ela— Saul disse fortemente. —Ele rompeu todos os laços, Diego, até mesmo com a mãe. Eu o questionei nesta última semana sobre ela. Ele me disse que não fala com ela para não aumentar sua dor. Ela apenas pediria seu retorno, e ele jurou que não deixará o cartel.

Diego envolveu a xícara de café com as mãos e olhou para o líquido refrescante. As memórias de Marika o lavaram, manchando sua alma com seus próprios remorsos.

—Ela está bem?

—Ela está bem e feliz com seu marido americano. E protegida, Diego. Ian e John Richards cuidam disso, mas Richards não sabe que Ian ordenou que dois homens a assistam.

—Meu filho é leal?— Ele ergueu os olhos para Saul novamente, precisando da confirmação.

—Na minha estima, ele é leal. E dentro de alguns anos, meu amigo, talvez ele até o chame de pai.

Diego respirou roucamente. Ele precisava ser chamado de pai, talvez um dia até de avô. Recordando as informações que tinha recebido na noite anterior, ele pensou que talvez com um pequeno empurrão, o filho tomaria a herdeira americana com a fortuna dos Maclane. Se não mais que isso, como uma amante. Diego não se importava se seus netos fossem legítimos ou não. Era o sangue o que importava. Agora, ele entendia as convicções do pai sobre a família, não importava a traição. O sangue era o que importava.



Capítulo Cinco

Ela era uma tola, e Kira admitiu enquanto permitia ao garçom guiá-la para a pequena mesa do restaurante onde tinha organizado de se encontrar com o tio naquela tarde. O mesmo restaurante que ela sabia que Ian almoçaria. Dinheiro nas mãos certas, e antes da manhã ter terminado, ela sabia onde achá-lo.

Ela o estava forçando, forçando a si mesma, e sabia disso. Ian estava brincando com fogo, e ela não estava falando apenas da operação que ele estava travando contra Fuentes e Sorrell.

Ela estava terrivelmente com medo de que ele quisesse matar Diego Fuentes, um monstro, um brutal e impiedoso bastardo que vivia do fraco. Mas ainda assim, ele era o pai biológico de Ian. Um filho nunca deveria ter que matar seu antepassado. As repercussões seriam horrendas.

Ela não tinha nenhuma prova disto, nenhuma verificação. Tudo o que ela tinha era a própria intuição, que ela admitiu estar marcada pelo seu desejo por ele. E algo muito maior.

Havia uma parte dela que se recusava a deixar Ian ir. Uma parte dela que nunca tinha existido até o ano anterior. Como se embaixo da escuridão que tinha sido sua vida nos últimos dez anos, uma sombra tivesse começado a se mover de leve, debilitando-a, lembrando-a de que ela era uma mulher.

—Kira, é você?

A cabeça dela ergueu, um sorriso de prazer puxando os lábios à vista da pequena ruiva que estava vindo para sua mesa. Tehya Talamosi, com os olhos sombreados e rosto sombrio, e as suspeitas de Kira de que ela era tanto uma agente quanto o Camaleão.

—Tehya, o que você está fazendo aqui? — Ao longo dos anos Kira havia se encontrado com a outra mulher em vários países diferentes, onde ela estava normalmente envolvida com esforços de alívio de algum tipo.

—Férias. — Tehya encolheu os ombros, o olhar chamejando em torno do lugar. — Eu apenas parei para dizer oi. — Ela abaixou a cabeça quase timidamente, permitindo ao cabelo longo proteger o rosto.



—É bom te ver novamente. — Kira a assistiu atentamente. Ela não podia ser velha o suficiente para ser uma agente, ainda que Kira tivesse essa sensação, as defesas internas saltando para vida com a menina como sempre acontecia com qualquer outro agente. Ou inimigo.

Tehya sorriu de volta para ela, o olhar chamejando na direção de Ian e algumas outras mesas dispersas antes de ela anuir com a cabeça e girar para caminhar pelo restaurante.

Com mais uma olhada, Kira assistiu o modo como as pernas na calça jeans se moviam. Havia uma dureza que não tinha estado lá da última vez em que ela a havia visto, alguns anos antes. Os ombros estavam mais retos sob a camiseta de algodão leve que ela usava. E como sempre, Kira sentiu a necessidade de proteger a outra menina.

Ela agitou a sensação. Se Tehya precisasse de sua proteção, ela tinha ampla oportunidade de pedir. Kira fez uma nota mental para pedir a Daniel para buscar o nome dela junto ao DSI à noite, ver o que ele conseguia descobrir sobre ela. Esta missão era muito importante e a realização de que um desconhecido poderia estar nos perímetros a preocupou.

Atrás do menu, ela abaixou a cabeça e fechou os olhos com o som da voz de Ian enquanto ela empurrava Tehya para o fundo da mente. Tão escura e áspera. Ele estava bravo, ela podia dizer. A voz encrespada ficava um som empedrado quando ele estava bravo. Quando estava excitado era gutural. E uma vez ela o havia ouvido rir, e tinha soado como uma tempestade à meia-noite. Rica e atada com sensualidade.

Ontem à noite, a voz dele tinha sido de fúria empedrada enquanto a segurava embaixo dele. Fúria e excitação. A sensualidade tinha estado lá, na voz, nos olhos escuros, na expressão do rosto. E o som atingiu o útero dela como uma explosão de calor e luz.

Ela deixou um pequeno sorriso tocar os lábios com o pensamento da reação de Ian com a sua chegada. Pensando bem, ela podia olhar para isto com diversão, mas na noite anterior, sua frustração sexual não tinha sido nada divertida.

—Esse sorriso faz os joelhos de um homens tremerem de medo.

O olhar de Kira foi do menu até Ian enquanto ele estava de pé olhando para ela abaixo. Ela tentou fingir surpresa. Ela o havia sentido, sabia que ele acabaria falando com ela.



—Ian, que surpresa— ela disse suavemente, deitando o menu na mesa enquanto cruzava as pernas, apoiando o cotovelo na mesa, descansou o queixo no pulso curvado e deu a ele um olhar provocante, de flerte.

—Surpresa, é?— Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça comprida, fazendo a camisa de algodão branco que vestia ondular sobre o abdômen.

A camisa estava um pouco solta, sutilmente marcando os ombros largos e apertados, o corpo esbelto e musculoso. O longo cabelo loiro escuro estava puxado para a nuca, marcando os ângulos severos de seu rosto em alívio dolorido.

—Claro que é uma surpresa. — Ela arredondou os olhos e olhou para ele como se seu tom de voz a houvesse chocado. —Você acha que eu estou te seguindo?

—Apenas se eu te desse a chance. — Ele não sorriu mas olhou para ela com desejo. Uma fome sombria, escura, que fez o estômago dela apertar de necessidade em resposta.

—Você gostaria de se juntar a mim?— Ela acenou com a mão para as três cadeiras vazias. — Meu tio deve chegar logo. Eu escolhi a mais magnífica pequena vila fora da cidade. Um estuque adorável de branco e vermelho com um charco ao ar livre e uma sacada oblíqua. Um lado da propriedade está limitado por um muro de pedra com três metros de altura.

Os olhos dele se estreitaram para ela. Claro que ela tinha escolhido a vila vizinha da casa de Diego Fuentes, e de Ian. Ele acreditava que ela iria fazer isto fácil para ele?

Os lábios dele afinaram enquanto ela sorria de volta com satisfação sutil.

—Não. Mas você pode se juntar a mim. — Ele agarrou o braço dela com a pretensão de ajudá-la a se levantar de sua cadeira antes de puxá-la para junto dele até a recepção do restaurante. De lá, ele a levou por um corredor para a outra extremidade e então para uma porta sem nenhuma indicação que ele destrancou e abriu. Ele a empurrou para o cômodo escurecido.

Kira se achou contra a parede, a porta batendo atrás deles, até que os lábios de Ian capturaram os dela em um beijo que fez até as unhas do dedo do pé dela enrolarem.

Isto era o que ela precisava.

Os braços dela envolveram os ombros largos dele enquanto ele a erguia para ele. Os seios dela apertados contra o peito dele, ficando inchados e sensíveis, desesperados por seu toque.



Quando ela tinha se tornado tão viciada nele? Quando o toque dele tinha se tornado o foco de todas as suas fantasias e fomes?

Com certeza tinha acontecido antes de Atlanta, não? Uma noite roubada de frustração sexual não poderia ter desenvolvido ao longo de quase um ano esta fome em chamas, não é? Ou tinha? Talvez fosse um produto de anos encontrando-o no coração do perigo, os olhos conectando, sabendo que ele sempre sabia quem ela era a cada vez, vendo o reconhecimento em seu olhar, no modo leve que a cabeça dele se movia em reconhecimento. Tantos anos. Reuniões na calada da noite, balas zunindo, nada mais importando além do sucesso da missão e as vidas em risco.

E a cada vez, sua fascinação por ele crescia. Crescia até que ela o estava procurando, seguindo, aceitando tarefas que eram quase garantidas que seriam sustentadas pelo time com o qual ele lutava. Porque ele a fascinava. Porque ele a conhecia em todos os seus disfarces quando ninguém mais tinha.

O que mais ele sabia sobre ela?

Ele sabia como golpear sua língua contra a dela e bagunçar com seus pensamentos. Como agarrar seus quadris e jogá-los contra o cume duro de seu membro, e como fazê-la desejar cavalgá-lo.

—Que diabo você ainda está fazendo aqui?— Ele gemeu enquanto os lábios deslizavam para beliscar a mandíbula dela, então sua clavícula. —Eu te disse para sair de Aruba.

—Venha comigo— ela arquejou, indo para mais perto, segurando-o para si. —Nós podíamos achar uma praia. Muito sol e areia. Fazer amor o dia todo.

Ele retesou e ela sentiu seu puxão de respiração em agonia. Ele iria deixá-la ir novamente. Ela sabia que ele iria.

—Kira, você está me matando. — Ele suspirou contra o ombro dela um segundo antes de saborear sua pele com a língua. —Você está brincando com fogo, bebê, e sabe disto. Esse não é o lugar para você.

—Eu posso te ajudar. — Ela não tinha escolha. Se ela não tomasse a tarefa, então seria dada a outra pessoa. Alguém que poderia não ter entender a ira que ele sentiria quando descobrisse que Diego ficará livre. Ela compreendia. Ela sentia dor por causa disto, odiava isto, e algo dentro dela se recusava a deixá-lo encarar isso sozinho. Ela sabia, sabia o que ele estava fazendo. E ela sabia o



porquê. Ela entendia o porquê. E ela não poderia deixá-lo enfrentar as realizações e as traições só. A cabeça dela caiu contra o ombro. Os lábios dele apertaram firmemente em seu pescoço. —Você vai me distrair. Você conseguirá que ambos sejamos mortos. Eu não posso me concentrar assim. Sorrell me abaterá como um pato na água. É isso o que você quer? Deus!

Ele foi para longe dela, acendeu as luzes, cegando-a por preciosos segundos enquanto ele se movia para longe dela. Para verificar o cômodo.

Ela se debruçou contra a parede e assistiu enquanto ele se movia em torno do escritório, verificando o armário, então arrastando os dedos pelo cabelo e a enfrentando através do local.

As sobrancelhas estavam abaixadas, a expressão atormentada.

—Você não vai partir, não é?

Ela ergueu os ombros, de repente incerta, perguntando-se se a atração entre eles não era tão forte para ele quanto era para ela. Ela contava com isto. Contava com o fato de que ele a desejasse tanto quanto ela o desejava.

Ela era tão completamente treinada quanto ele. Se ele podia ficar sem ela tão facilmente, então, com certeza ela também poderia ficar sem ele.

—Eu não vou partir.

—Por quê? — Ele sibilou. —Por que ficar onde não é desejada, Kira?

Oh, isso doeu. Muito. Ela cruzou os braços acima dos seios e estreitou o olhar para ele, permitindo ao olhar descer para a ereção óbvia. Os lábios dela se curvaram em um sorriso presunçoso antes dos olhos se erguerem para os dele.

—Eu não sou desejada de nenhuma forma, Ian?

Ela odiava forçá-lo. Odiava ter que esconder a verdade dele. Mas, Deus a ajudasse, e a Diego Fuentes, e a Ian, se Diego descobrisse a verdade do motivo de Ian estar lá agora.

—Como você é desejada não importa— ele a informou, a expressão virando uma rocha. —O que você pensa que está fazendo, sim. Você está botando seu nariz em algo que não tem nada a ver com você. Saia enquanto pode.

Era muito tarde para considerar ir embora. Tinha sido muito tarde no dia em que ela percebeu que a missão era de Ian.

—Eu vou ficar.



Ele respirou quase exausto, frustração chamejando através da expressão enquanto ele a olhava de volta.

—Não entre no meu caminho. Te machucar não é algo que eu quero fazer ou ver acontecer. Mas mexa com o que eu estou fazendo aqui e você lamentará.

Ele se moveu em direção a ela, mas não para tocá-la, apenas para abrir a porta e escoltá-la para o lado de fora.

Os guarda-costas dele estavam esperando do lado de fora, e atrás deles estava o guarda-costas dela, Daniel. Ao vê-los, um sorriso arrastou nos lábios dela. Cinco homens, as expressões em graus variados de desaprovação.

—Adeus, Kira. — Ian anuiu com a cabeça para ela enquanto fechava a porta atrás de si e se movia na direção de seus guarda-costas. —Espero que sua visita a Aruba seja boa.

—Estou certa de que será— ela murmurou, um sorriso tocando os lábios enquanto ela o assistia ir embora, os homens o cercando, protegendo-o.

—Ele é um homem duro— Daniel a lembrou enquanto ele a seguia e eles recuavam para a área de jantar.

—Sim. Ele é— ela concordou, sorrindo graciosamente para alguns clientes que reconheceu e o garçom que se aproximou para o caso de ser necessário.

Ela momentaneamente parou para conversar com Joseph Fitzhugh e seu filho Kenneth. O industrialista inglês e seu filho apareciam na política ocasionalmente e contribuíam fortemente para várias das entidades de caridade que Kira estava envolvida.

Agradecidamente, ela nunca teve que desviar dos avanços de Kenneth, ele era sempre encantador, quase sociável.

Ela retornou a sua cadeira, ciente de Daniel tomando seu lugar uma vez mais em uma mesa atrás dela e assistindo-a enquanto o tio dela, Jason McClane, entrava para jantar.

—Kira, querida, o avião finalmente aterrissou.

Jason parou na frente da mesa, aceitando a cadeira que o garçom havia puxado para ele e colocou seu corpo volumoso nela.

Um metro e noventa e cinco de puros músculos poderosos e Kira imaginou ter ouvido a cadeira gemer sob o fardo.



Jason McClane não era um homem pequeno. Não era um homem sutil. O dono de negócios e multinacionais nativo do Texas fazia tudo em escala muito grande. Exceto seu trabalho com o Departamento de Segurança Interna.

Ele era o manipulador dela e, por sua vez, tinha seu próprio manipulador. Camaleão era, na verdade, duas pessoas, ela e o tio. Não estavam oficialmente listados em nenhuma agência de execução da lei, mas as informações que eles traziam eram inestimáveis.

—Ouvi dizer que você escolheu um lugar para brincar— ele a provocou, os olhos azuis acinzentados afiados e conhecedores.

—A Villa de Angelic. — Ela se debruçou adiante como que excitada demais com a compra e a propriedade. Ela ainda estava tentando recuperar seu equilíbrio depois de estar nos braços de Ian. —E você vai amar, Tio Jason. É muito eu. —E tão perto de Ian.

Ele riu. —Eu aprendi a confiar no seu gosto, querida— ele anunciou. —Então você já comprou?

—Estava esperando por você. — O afeto por ele não era fingido.

—E agora eu estou aqui. Nós apreciaremos nosso almoço e então verificaremos a sua vila angelical.

Naquela noite, bem depois do sol ter feito sua saída atordoante do céu em um esplendor de brilho multicolor, ela e o tio contrabandearam suas armas para a vila recentemente arrendada e as armazenaram no fundo falso do baú de cedro aos pés da cama king size. Mas primeiro eles fizeram uma varredura completa pela casa em busca de escutas eletrônicas.

Kira suspirou exausta à medida que se endireitava, olhou rapidamente para o relógio na mesa ao lado da cama, e calculou suas chances de alcançar Ian em um dos clubes. Considerando a quantia de tempo que ela levaria para se preparar, não eram boas.

—Daniel ficará no corredor de baixo— Jason disse a ela enquanto armazenava a pequena varinha preta eletrônica que costumava descobrir os dispositivos e levava as informações para uma bolsa de noite que ela mantinha ao lado da cama.

—Você vai ficar em Aruba?— Kira manteve a voz suave enquanto se movia para as portas cortinadas da sacada e olhava em direção ao muro de pedra que cercava a propriedade de Fuentes. Ela podia ver o pavimento superior da vila, e se sua fonte estivesse correta, ela estava



olhando diretamente para a janela do quarto de Ian. Era a única e maior razão da aquisição desta propriedade particular.

—Eu tenho que voar para fora depois de amanhã— ele disse a ela suavemente. —Ficarei em um dos quartos de visita e instalarei a segurança enquanto você se deixa ser vista amanhã. Estou interessado em saber quais jogadores nós temos reunidos aqui.

—Muitos, se o que eu vi nos clubes ontem à noite eram qualquer indicação. — Ela suspirou, assistindo enquanto a luz do quarto na outra vila acendia e então segundos mais tarde ficava escura novamente. —Ian tem uma águia de olho nele, Jase, e, se eu não estou enganada, vários dos jogadores baseados aqui acreditam que a América daria a eles apenas um cumprimento de aprovação se o tirassem do jogo.

—Ian fez a decisão por si mesmo— Jason assinalou, aparentemente satisfeito por não haver nada comprometedor no quarto, então se moveu para onde ela estava na porta da sacada.

—Você está fascinada por ele— ele declarou, parando atrás dela para agarrar seus ombros e puxá-la para trás contra ele. Ela sentiu os lábios dele no topo de sua cabeça e seu afeto a cercando.

Eles eram o apoio um do outro, e já por vinte anos. O passado compartilhado formava seu presente e todas as escolhas que os haviam levado até lá.

—O que papai teria pensado sobre ele?— Ela se perguntou de repente. Ela não se perguntava há anos o que os pais dela teriam pensado sobre qualquer coisa.

—Ele teria respeitado a força dele — Jason respondeu simplesmente. —Mas ele teria se preocupado sobre isto também. Seu homem não é conhecido pelo seu modo gentil quando a questão são as mulheres, doçura.

Não, Ian era conhecido por amarrá-las, torturá-las com carícias exigentes e surras suaves. Ele era conhecido por suas demandas sexuais e suas luxúrias determinadas. Ele não era conhecido por versos de poetas, rosas ou champanha.

—Eu não sou exatamente conhecida por meus modos gentis e tenros quando a questão são os homens também— ela assinalou provocantemente.

—Não. Você não é. —Havia uma extremidade de tristeza na voz dele. —Seu pai teria me estripado por eu te trazer para essa vida e sua mãe nunca teria me perdoado.



Kira se debruçou para trás contra o tórax dele e apertou as mãos que estavam em seus ombros.

—Mamãe me disse uma vez que você era destinado a fazer coisas grandes — ela disse a ele, lembrando de quanto sua mãe minúscula adorava o irmão enorme. —Ela te amava tão ferozmente quanto me amava.

E a mãe dela tinha sido levada de ambos. A mãe, o pai e a mulher com a qual o tio estava comprometido. A bomba do terrorista os havia matado enquanto eles estavam de férias na Grécia, mas houve a especulação de que a bomba tinha sido designada para eles. O pai dela estava nessa vida encoberta assim como ela e Jason.

—Ela se orgulharia de nós— ela sussurrou finalmente, surpreendendo-se com a própria introspecção.

Ela tinha feito isto muito isso nos últimos meses. Refletir, pensar, considerar as escolhas que fazia, e sobre sua vida em geral.

Ela tinha trinta anos de idade. Tinha um casamento fracassado e nenhum filho. Seu casamento com Kane Austin tinha sido a primeira vítima de suas atividades secretas.

Ela não tinha nenhuma família além de Jason, e tão poucos amigos verdadeiros que às vezes a solidão a atacava.

Amantes? Eles não duravam muito, mesmo quando ela achava tempo para ficar envolvida com um homem. Ela era muito intensa em separar e brincar. Eles realmente não a conheciam, então eles não tinham nenhuma ideia do porquê das festas, das viagens e porquê as malditas compras eram tão importantes.

Ninguém realmente a conhecia. Exceto Jason. E Ian. Aquela parte de sua vida que nem ela mesma conhecia, apenas tinha começado a ser descoberta no último ano, ela doía com solidão. Desejava um homem que fazia de tudo para ficar fora do alcance dela.

Ian a conhecia. Ian fazia o que ninguém mais tinha, e tinha feito ao ponto de descobrir sobre ela. Ele sabia sobre os pais dela, sobre Jason, mas mais importante, ele sabia o quê e quem ela era. Ele a havia informado, a voz cheia com diversão na noite em que tinha entrado sorrateiramente no condomínio dela, ele a conhecia como ninguém mais jamais iria. E ele estava certo. Ele sabia como



tocá-la, como fazer o coração e corpo dela ganharem vida. E ele conhecia a mulher que ela escondia do mundo.

O que poderia ser uma responsabilidade se ela pensasse que havia uma chance de ele se rebelar contra o amigo que estava deitado tão impotente naquela maldita clínica.

—Aonde você vai daqui?— Jason beijou o topo da cabeça dela antes de se mover lentamente para longe.

—No momento, vou esperar. — Ela encolheu os ombros, voltando-se para ele. —Ele vai aparecer.

—Você parece certa. — O olhar dele perfurava a escuridão.

Kira escondeu o sorriso. —Estou certa disso. —Ele estava ficando desesperado por ela da mesma maneira que ela estava por ele. Ela não sonhava com mais nada, e às vezes, não pensava em mais nada.

—Tenho alguns contatos aqui— ele disse a ela. —Deixe-me saber se você precisar de convites.

—Dúzias já despejaram no hotel— ela reportou. —As moscas estão convergindo como uma pestilência.

Jason fez uma careta. —Eu queria jantar hoje à noite.

Kira alargou os olhos inocentemente. —O que eu disse?

—Problema— ele murmurou. —Isto é o que você é.

Kira revirou os olhos. Ela estava ficando cansada dessa acusação.

Capítulo Seis

Ian estava de pé na janela do quarto, os óculos de visão noturna de tecnologia avançada estavam firmes sobre os olhos enquanto ele olhava para a janela do quarto na vila em frente.

Ele deveria se envergonhar. Inferno, ele estava usando um conjunto de equipamento militar, que até soldados de campo ainda não tinham, para espiar uma mulher. Ele assistiu quando Kira se debruçou contra o tórax de Jason McClane e ergueu as mãos para apertar aquelas que estavam em



seus ombros. A pose era muito íntima, muito próxima. Ele sentiu o músculo da bochecha tremer de raiva enquanto McClane beijava o topo da cabeça e esfregava a bochecha contra o cabelo dela. Ele sabia que não era nada imparcial quando o assunto era Kira, e instintos possessivos que ele não sabia que viviam dentro de si estavam agora apertando seus intestinos.

Ele queria matar McClane por tocá-la, e isso era uma coisa ruim. Enquanto os dois recuaram das portas da sacada, Ian tirou os óculos do rosto e colocou-o uma vez mais no cofre na parede.

A vila que os Eventeses tinham arrendado tinha todas as comodidades, incluindo até cofres em cada quarto.

Empurrando os dedos pelo cabelo, ele compassou pelo quarto escurecido, sentindo luxúria afiada e desespero enquanto pensava nela, possivelmente permitindo a outro homem tocá-la.

Ele agitou a cabeça. Ele já tinha visto Kira junto com o tio antes, e havia afeto, mas não parecia haver nenhuma tensão sexual. Mas essa garantia não aliviava o contrair de suas entranhas, ou de seu membro. Ele sabia que não era possível que ela fizesse algo como dormir com o bastardo. Ele *sabia* disso em sua mente, mas a lógica nunca podia ser aplicada quando ele reagia a Kira, especialmente quando outro homem estava ao redor dela, não importando quem esse homem pudesse ser. Ele queria ser o único a tocá-la.

Ele nem perdeu tempo batendo uma punheta novamente. A masturbação não estava ajudando. Ele conhecia este humor, ou pelo menos uma cópia fraca. A tensão o invadindo não aliviaria até que ele a fodesse. Até que ele a fodesse e nenhum dos dois pudesse respirar com o prazer os rasgando.

Então por que ele estava esperando? Ela estava ali, acessível a ele, e era mais do que aparente que ela não iria a lugar nenhum.

Mas ela era uma mulher.

Ian bufou com o pensamento. Oh, sim, ela era uma mulher. Toda mulher. E Ian não podia tirar da mente o pensamento de que era sua responsabilidade protegê-la, abrigá-la. Ele não a queria envolvida nesta bagunça, e ainda assim ela parecia determinada a afundar nela.

Tão determinada que não mais do que alguns meses depois de sua quase morte durante uma tarefa em Atlanta, ela tinha estado no banheiro do hospital do quarto de Nathan, esperando, espiando sua conversa.



Um sorriso zombeteiro se formou nos lábios. Ela sabia que sua visita com Nathan tinha sido organizada. Ela tinha dito isso. Ela tinha achado desde o princípio que essa era uma operação. Mas quanto dessa operação ela tinha adivinhado?

E agora, aqui estava ela, botando o nariz na tarefa mais perigosa que ele já havia empreendido, por alguma razão.

Ele precisava saber a razão, percebeu. Ele precisava saber por que ela estava aqui e o que procurava. E ele precisava de saboreá-la mais. Apenas para ver se ela era tão quente, tão doce e tão entorpecente quanto ele se lembrava.

Ele precisava era que examinassem seu cérebro.

Ian fez uma careta e se jogou na cadeira almofadada na área de sentar do quarto e olhou fixa e meditativamente para a janela que espiava por sobre sua vila.

Escorando a mão no braço da cadeira, ele esfregou os lábios com o dedo e encarou a janela. Aquela maldita mulher não era nada além de problema. Ela iria deixá-lo louco.

Deixá-lo? Inferno, ela já o havia deixado. Ele deveria estar examinando cuidadosamente as rotas de provisão dos soldados do cartel que transportam as drogas dos armazéns até os navios de transporte e aviões de carga que os levam por voo.

Ele tinha um milhão de detalhes diferentes para analisar. Se Diego Fuentes tivesse sido decente o suficiente para aplicar seu gênio em negócios legítimos então ele poderia ter apreciado um estilo de vida de longe mais saudável. E talvez Ian pudesse ter respeitado o homem cujo sangue compartilhava.

E por mais que ele odiasse admitir, Ian sabia que eles eram provavelmente semelhantes demais. Eles estavam apenas nos lados errados de uma guerra e entre a fina linha entre a decência e a imoralidade.

Ele tinha que lidar com Fuentes e Sorrell, Ian disse a si mesmo, ele não tinha condições de se preocupar com Kira no meio. Saindo da cadeira, ele marchou para a porta do quarto e a abriu, com a intenção de fazer o trabalho que tinha determinado para si mesmo naquela noite.

As linhas de provisão tinham que ser mudadas e o produto assegurado. Até que ele pegasse Sorrell, ele tinha que mostrar ao bastardo que o cartel de Fuentes tinha as melhores linhas de provisão, a melhor rede subterrânea, e a maioria dos homens eficientes no negócio. Essa era a



razão pela qual Sorrell tinha definido Fuentes para começar. Porque o cartel movia suas drogas com a menor quantidade de problemas ou interferências.

Ian compreendeu depressa depois de entrar nos negócios como Diego e o pai dele antes dele tinham instalado a vasta rede do cartel. Eles não tinham apenas drogas entrando em cada nação do mundo, mas transportavam armas, informações, e uma ordem vasta de outros produtos ilegais. Software e música pirateados, roupas e acessórios. Até, em tempos específicos, figuras criminosas procurando fuga.

O cartel tinha tudo isso, exceto terrorismo. Diego Fuentes nunca havia permitido se infectar com as convicções fanáticas que dirigiam tais homens. Ele os fornecia com armas; afinal, de acordo com o Diego, isso era negócio. Mas ele não permitiria a rede que havia trabalhado por toda a vida para construir ser ameaçada pela infiltração de terrorismo.

Pelo menos ele tinha um limite, Ian pensou zombeteiramente. Ele podia infectar bebês com drogas, assassinar seu próprio povo, fazer prostitutas de fugitivas, e sequestrar jovens impotentes, mas ele não era um terrorista.

Respirando roucamente com o pensamento, ele sacudiu os dedos para seus guarda-costas—Deke, Mendez, Cristo e Trevor—e seguiu para o escritório.

Os quatro homens dariam sugestões para as novas rotas de provisão assim como a segurança dos armazéns e transporte.

Ele permaneceu no meio do estúdio enquanto os outros entravam. Cristo, menor do que os outros, mas não menos perigoso, fechou a porta pesada enquanto Trevor Mandrake se movia para o cofre na parede, codificando a combinação, e tirou uma caixa eletrônica do tamanho de uma mão e a sacudiu.

Trevor se moveu em torno do cômodo, assistindo as exibições digitais e analógicas antes de dar a Ian um pequeno aceno com a cabeça indicando que estava tudo certo.

Os primeiros três meses que ele estava com Diego, ele tinha que varrer o escritório, assim como o quarto, cada vez que entrava neles. O filho da puta estava determinado a espiar. Eles haviam brigado, concordado que Diego não iria mais espiar, então Ian não havia mais achado escutas. Diego finalmente tinha começado a perceber a futilidade disso nos últimos meses.

—Nós não achamos escutas há algum tempo— Deke disse. —O velho desistiu?



Ian atirou a ele um olhar de repreensão. Diego Fuentes não desistia, ele esperava até que a pessoa estivesse adequadamente confortável.

—A vila ao lado foi arrendada hoje— Trevor anunciou, movendo-se para a escrivaninha enquanto Ian se sentava no couro pecaminosamente suave e olhava por sobre o tampo cintilante da mesa de cerejeira. —Kira Porter e seu tio Jason McClane se mudaram hoje à noite. Fiz algumas checagens preliminares. Eles estão chegando limpos.

Trevor ligou seu laptop, codificou a senha de segurança, e clicou no arquivo que havia puxado de Kira Porter. Era incrivelmente detalhado.

Ian se debruçou de volta na cadeira e olhou para o arquivo que Trevor estava rolando. Não havia nada sobre ela trabalhar como agente não oficial do DSI, e nada lá relativo a seu codinome, Camaleão.

—Esta mulher não é mole, não— Trevor disse, a voz inexplicavelmente séria. —Ela tem faixa preta em Tae Kwon Do, treinamento em armas pesadas e combate corpo-a-corpo. O primo conseguiu para ela ter sessão de treinamento durante seis meses com um time de folga dos SEALs há dez anos. Ela volta por quatro semanas uma vez por ano para renovar o treinamento. Seu guarda-costas, Daniel Calloway, é um dos membros originais do time de SEAL que a treinou. Eles treinam quase diariamente pelo que entendi. E as poucas vezes que alguém tentou sequestrar a sobrinha de McClane, eles apareceram mortos dentro de semanas. Ele não toma prisioneiros, faz exemplos.

—Faz sentido treiná-la— Deke disse meditativamente. —McClane é seu protetor. Ela é a única família que ele ainda tem.

—Chega de Sra. Porter. — Ian se debruçou adiante e bateu em uma tecla, fechando o arquivo que Trevor estava rolando. — Percebo que ela é um evento interessante em nossas vidas caso contrário enfadonhas, mas temos nossos próprios negócios para conduzir. — Ele sacudiu os dedos do laptop até Trevor, uma indicação de que deveriam usar o equipamento pelas razões que eles estavam lá para examinar em vez de usá-lo para informações que, até onde eles estavam preocupados, não tinham nada a ver com os negócios à mão.

—Certo, rotas de entrega e pontos de transporte. — Trevor mostrou o mapa do satélite no laptop. —Aqui estão as rotas atuais. — Ele destacou a montanha e as estradas quebradas que



levavam a vários aeródromos e portos de transporte provisional. —Nós temos o relatório de que Sorrell tem homens assistindo duas daquelas rotas, aqui e aqui. — Trevor assinalou as rotas nos Estados Unidos — Essa pode ser a linha que ele está querendo para transportar os explosivos e homens para o ataque que está em desenvolvimento contra a América.

—Ele está escalando contra nós para agarrar aquelas linhas— Cristo Mendez assinalou. — Não que eu dê a mínima para o que acontece com algumas centenas de soldado dos Estados Unidos, mas se eles pegarem aquelas linhas então isso vai se voltar contra nós— ele rosnou.

—Vamos mover as linhas no momento— Ian sugeriu. —Veja o que ele fará quando nós a mudarmos. As linhas que vão para a Califórnia e depois Nevada, e a segunda que vai para Annapolis. Vamos ver como podemos reencaminhar enquanto ainda fazemos parecer que estamos desavisados de seus espões. Quero saber para o quê este bastardo pretende usar as fileiras de Fuentes.

Ian escutou as sugestões dos outros, assistindo a tela de computador enquanto Trevor e então Deke davam as novas rotas de provisão e calculavam os fatores de risco.

Não havia nenhuma estrada escondida mais, o satélite as havia cancelado. Agora, o trabalho que importava era manter o produto na rota, levá-lo para seu local e fazer o menos de matança possível. Porque as várias agências não iriam fazer isto fácil para nele. Até onde eles estavam preocupados, ele era um traidor agora. Um SEAL que havia virado bandido, e eles estavam lá para fodê-lo. Eles não tinham nenhuma ideia do perigo que a América enfrentaria se Sorrell conseguisse agarrar o poder que Fuentes possuía.

Mas Kira sabia a verdade, e Ian precisava saber exatamente o que ela tinha intenção de fazer com esse conhecimento.

Capítulo Sete

Kira sabia que Ian viria até ela. Como ela sabia, ela não iria nem imaginar; quando a questão eram as coisas que ela sabia sobre Ian, sua percepção a preocupava. As coisas que eles pareciam sentir um sobre o outro era quase apavorante.



Kira nem mesmo conhecia a mulher que residia dentro de si mesma. Ela tinha sido Camaleão por tanto tempo, que quando Ian despertou aquela parte sexual dela tão sentimental, no ano passado, ela não sabia o que fazer consigo mesma, ou como lidar com isto.

Mas ela estava descobrindo, e se ela tinha que descobrir, então ele podia descobrir com ela. Ele não podia convencê-la de que não estava trabalhando em uma operação aqui. Ela sabia. Assim como ele a conhecia em todos os seus disfarces, ela o conhecia também. E ela estava esperando.

A segurança que o guarda-costas dela, Daniel, e seu tio Jason haviam colocado ao longo do perímetro não incluía o muro de pedra entre as duas vilas. Ela queria isso claro. Ela queria um caminho direto, fácil, para que seu garoto malvado SEAL chegasse até ela.

Traidor, ele era chamado assim. A ordem que havia saído das agências de execução da lei era apenas para capturá-lo. Eles queriam as informações; queriam a crucificação em público por ele ter se voltado para o outro lado. Eles queriam fazer dele um exemplo.

Ele tinha uma segurança excelente; ela tinha que dar crédito a ele por isso. Os quatro homens que estavam ao redor dele eram considerados os melhores assassinos no cartel de Fuentes. Ou no mundo. Eles eram duros, cínicos e paranóicos. E não conheciam o medo. Também haviam sido soldados de Fuentes duros de matar e completamente leais a Diego.

Havia já três tentativas confirmadas para sequestrar o herdeiro de Fuentes. E duas tentativas de assassinato. Ian já havia perdido um time prévio de pessoal da segurança que Diego Fuentes tinha colocado ao seu redor.

Enquanto ela se deitava de volta, arrumando os travesseiros em sua cama enorme, segurando um dos romances eróticos que ela invariavelmente se masturbava enquanto lia, ela assistiu a figura entrar pelas portas da sacada aberta.

Seu cabelo loiro escuro estava solto, emoldurando a expressão quieta. Os olhos marrom cor de tabaco estavam iluminados com um fogo interno que queimava dentro dela também.

Ele estava se contendo. Ela podia ver na tensão de seus ombros, a determinação nas feições.

Ela deitou o livro na mesa ao lado da cama, mas não fez nada para cobrir o short preto combinando com o top que usava.

Ela não estava vestida para seduzir. Ela não daria a ele, de forma nenhuma, a desculpa de que o havia feito perder o controle de propósito. Além disso, sedução não estava em sua agenda



de trabalho. Não havia necessidade disso entre eles, os dois sabiam por que ele estava lá, os dois sabiam que a fome que se erguia entre eles não poderia ser negada por muito mais tempo.

—Você não vai partir, não é? — Ele era um tipo de cara direto. Ela gostava disto. E a voz dele mostrava que ele não aceitaria desculpas dessa vez.

Ian ficou de pé ao lado da cama, uma mão prendendo no poste pesado ao lado dele enquanto ele olhava para ela com fúria proibida.

—Não.

A maldição que chiou de seus lábios mostrou a ela que essa não era uma resposta que ele queria ouvir.

Ele olhou em torno do quarto então, antes de puxar uma pequena caixa eletrônica do bolso de sua calça e sacudir para ligá-la.

Kira ficou de joelhos no meio da cama, excitação correndo pelo corpo.

—É o modelo novo? — Ela conhecia a varinha que Jason usava, apesar de todos os seus avanços tecnológicos, não era nada comparado ao que ele segurava na mão.

Ele deu a ela um clarão duvidoso. —Menos, garota. Você não vai pegar nesse aqui.

Kira fez beicinho enquanto colocava as mãos nos quadris e o assistia impacientemente.

—Você podia pelo menos me deixar dar uma olhada.

—Não na sua vida. Eu nunca o pegaria de volta. — Ele deixou o dispositivo de lado na cômoda em frente à cama.

Kira olhava para objeto fixamente, fascinadas pelas malditas pequenas luzes no monitor, morrendo de vontade de colocar as mãos nele. Ela era fascinada por eletrônicos de segurança, e o que até agora era só rumor, o detector eletrônico Type – X, a fez salivar. Não descobria apenas dispositivos de compreensão analógica ou digital, mas também equipamento hiperbólico nas redondezas assim como tinha tecnologia de GPS.

Ela tirou o olhar do pequeno brinquedo fascinante e voltou a olhar para o homem hipnotizante.

—Eu não preciso da sua ajuda. —Ele ficou de pé ao lado da cama uma vez mais, a tensão zumbindo pelo corpo.



—Há uma recompensa pela sua cabeça— ela o informou. —Pode ser somente para captura, mas isso não te deixa seguro.

—Estou ciente do preço e o fato de que está subindo diariamente— ele disse a ela suavemente. —Eu quero que você parta, Kira. Quando isto estiver terminado, eu te acharei...

—Se você ainda estiver vivo para fazer isso?— Ela se moveu da cama, compassando para a mesa pequena à sua frente onde tinha colocado a garrafa de vinho e as taças. —Eu não estou disposta a esperar.

—Eu posso te tirar disto— ele disse a ela então.

Ela sabia que ele usaria aquele pequeno ás na manga que ele pensava que tinha.

Ela despejou vinho nas duas taças antes de girar e se mover para ele. Ele aceitou a taça, ainda franzindo o cenho para ela, as sobrancelhas abaixadas meditativamente.

—Eu tenho carta branca, sendo uma agente contratada e tal. — Kira manteve a voz um mero sussurro. —Você não pode me tirar de nada, Ian.

A frustração cintilava nos olhos dele. Kira sorveu seu vinho, retornou para a cama para esticar as costas esbeltas no montículo de travesseiros.

Ele ainda segurava a taça livremente, perto da coxa, olhando para ela, pensando nessa nova complicação, assim como na excitação óbvia que crescia sob a calça comprida.

A camisa de algodão branco que ele usava por fora da calça, quase até as coxas, o tecido ultra macio, dava a ele uma aparência relaxada porém sofisticada.

—Você gostaria de discutir sobre isto?— Ela finalmente perguntou, levando a taça aos lábios.

—Sua segurança está enfraquecendo— ele a informou então. —Nós temos as informações sobre seu treinamento com instrutores SEALs.

—Claro que vocês têm. Assim como todos os caras maus. —Diversão a tomava. —O conhecimento da força é a melhor prevenção quando a questão é eles acreditarem que podem me pegar. Se você tivesse verificado o meu passado, saberia que sou boa em prevenir problemas.

E estar preparada.

Ele levou o vinho aos lábios, sorveu, então girou e caminhou de volta para o aparador onde deixou a taça delicada ao lado da garrafa. Quando ele se voltou para ela, Kira teve um vislumbre do domínio que ele mal continha. Seu controle era trêmulo, tão trêmulo quanto o dela.



Especialmente quando o olhar dele deslizou para os seios dela onde os mamilos estavam túrgidos, e apertando contra o top fino.

—Você goza quando fode os traidores?— Ele perguntou a ela então. —Será que o seu chefe sabe disto?

Kira revirou os olhos. —Você não é um traidor, Ian.

—Como pode saber com certeza, Kira?

Ela deixou um sorriso sabedor se formar nos lábios. —Se isso fosse verdade, você já teria tentado me matar, não me proteger. Esqueça essa coisa de proteção, tá, querido. Não funciona comigo.

Ela apertou as coxas, uma tentativa instintiva de conter a umidade aumentando lá. Ela estava tão molhada, tão quente, que sabia que se ele a tocasse, um orgasmo seria iminente. E se ela não gozasse dessa vez, então ela mesma iria atirar nele.

—O que funciona com você?— O olhar dele sacudiu sobre o corpo dela novamente. Ele sabia que ela estava excitada, sabia que ela o desejava.

—É de acordo com o que você quer.

—Você. Fora de Aruba— ele retrucou.

Kira suspirou com indulgência divertida e quase riu com a frustração que relampejou nos olhos. —Não vai acontecer. Você tem algum outro desejo que gostaria de me dizer?— O olhar dela foi para as coxas dele e então novamente para os olhos enquanto a sobrancelha se curvava em curiosidade zombeteira.

Não era uma sugestão sutil, mas ela e Ian já tinham passado da sutileza na primeira vez em que ele tinha entrado no condomínio dela em Atlanta quase um ano antes.

—Isto é louco. — A voz dele mudou, ficou mais severa, dura, enquanto os dedos iam para os botões da camisa.

Kira ficou tensa. Excitação súbita, quase violenta derramava por seu corpo, a velocidade de seu coração estava ao ponto de quase a estrangular enquanto ela lutava para respirar.

Os botões foram soltos lentamente com os dedos de uma mão, revelando o tórax largo, musculoso, coberto por um tapete de pequenos e sedosos pelos escuros. Não era muito espesso,



mas não era pouco, apenas o suficiente para roçar nos mamilos de uma mulher ou aquecê-los. Os mamilos dela pulsaram com o pensamento.

—Então por que você está aqui?— Ela podia sentir a transpiração se formar entre os seios, umidade juntando mais densamente entre as coxas.

Erguendo-se, ela ficou de joelhos uma vez mais, assistindo, a boca enchendo d'água, enquanto ele tirava a camisa encolhendo os ombros largos e bem esculpidos com uma ondulação de poder que ecoou no útero dela.

—Estou aqui porque sou louco— ele murmurou, as pernas movendo enquanto ele arrancava os sapatos dos pés e soltava o cinto de couro fino e pegava na calça de algodão que vestia. O zíper desceu.

Os lábios de Kira separaram, os seios subiam e desciam furiosamente enquanto ela lutava por oxigênio. O ar agora estava indolente com luxúria, espessa, pesada, quase impossível de respirar.

—Você vai apenas me tocar novamente?— Ela sussurrou, de repente desesperada para saber.
—Por favor, Ian, não brinque comigo. Não dessa vez.

—Nenhum jogo hoje à noite, Kira. Para nenhum de nós— ele rosnou. —E então me ajude, se eu não tiver a mulher em vez da agente, você pagará por isto.

A calça comprida deslizou pelas coxas, revelando o comprimento espesso e pesado de sua ereção. Estava furiosamente cheio, a cabeça como um cogumelo, vermelha, escura e pulsando, um vislumbre de pré-sêmen brilhando eroticamente.

—Você sempre consegue a mulher, Ian.

Ela lambeu os lábios, chegando mais perto, as mãos nos joelhos agora, morrendo de vontade de ter um gosto, apenas um gosto da essência rica e tentadora.

—Você é tão louca quanto eu— ele rosnou, alcançando-a, prendendo as mechas espessas de seu cabelo e fazendo-a ficar de novo de joelhos.

Dominante, poderoso. Estava lá em seu rosto, nos olhos assolados.

—Eu quero saborear— ela gemeu, drogado agora com o poder, a fome irradiando em seu olhar e a adrenalina como base de sua excitação bombeando pelas veias.

Havia zonas erógenas onde ela não sabia que eram zonas erógenas. Inferno, cada maldita célula de seu corpo era erógena no momento.



—Eu primeiro. — O outro braço morno envolveu ao redor dos quadris dela, empurrando-a para ele como ele queria, com a força que possuía, chegando ao ponto mais alto.

Enquanto a cabeça dele abaixava, a dela foi adiante, os dentes beliscando o lábio inferior dele antes dos dedos dele a puxarem para trás. A dor afiada no puxar do cabelo fez um gemido trêmulo sair de sua garganta. Ela amava isto. Precisava disto. Ela não estava se submetendo. Submissão era uma droga. Ele poderia ser um macho alfa, mas por Deus, ela era páreo para ele.

As mãos ergueram, as unhas correndo sobre o tórax enquanto o olhar dele alfinetava-a. Os lábios se separaram, os dentes cerrando enquanto ela retraía uma respiração rota.

Ele não vacilou com as unhas dela. Em vez disso, os lábios enrolaram em um sorriso sexual e sensual de reconhecimento enquanto as luzes castanho-avermelhadas nos olhos ficavam mais escuras, o matiz queimando.

Ela amava isto. Não havia nenhuma irritação de macho porque ela não estava aos pés dele. E não havia nenhuma submissão em seu olhar também. Apenas puro e ardente, fome e desafio.

—Eu não desisto— ele disse a ela, aquele tom rouco enviando calafrios abaixo pela espinha.

—Nem eu. — Ela deixou os dedos tocarem nos pelos sedoso que cresciam abaixo em seu abdômen.

—Eu sou mais forte— ele prometeu.

Ela alisou as palmas sobre a barriga dele, seu peito.

—Eu certamente espero— ela sussurrou enquanto capturava um mamilo duro contra seu dedo polegar, e apertava, apenas o suficiente. —Oh, Ian, eu definitivamente espero que sim.

Os lábios dele bateram violentamente sobre os dela enquanto as mãos dele agarravam a bainha de seu top e o ergueu sobre os seios. Ele soltou os lábios dela, apenas o suficiente para arrancar o tecido enquanto ela tentava capturar seu beijo novamente. Ela precisava do gosto e do calor dele. A incrível sensação dele se movendo sobre os lábios dela, dominando-a apesar da luta sensual que ela travava.

Ela queria controlar o beijo, e era por isso que lutava. Ele estava determinado a controlar o beijo, e o direito de poder estava definitivamente na balança aqui. Especialmente quando os braços dele cercaram-na, a cabeça curvando, forçando-a contra seu poderoso bíceps enquanto ele lambia, chupava e levava sua língua contra a dela até que ela estava trêmula. Inferno, ela nunca



tinha ficado trêmula no sexo. Mas ela estava trêmula por Ian. Tremendo e estremecendo, a buceta cerrando, os seios pulsando e imperativos, um pequeno gemido desesperado de prazer rasgando por sua garganta.

Ela espalhou os dedos pelo cabelo dele e se curvou para mais perto, os mamilos correndo sobre os pelos ásperos que cobriam o tórax dele enquanto o membro deslizava entre suas coxas, apertando no tecido de sua calcinha, deixando-a louca com a necessidade de mais.

Ele puxou a cabeça dela para trás, puxando seu cabelo enquanto as sensações ígneas corriam da cabeça dela aos mamilos, então para o clitóris. Ela nunca tinha gostado de ter o cabelo puxado, até Ian. Até que ele a havia mostrado o prazer e a dor, a agonia e o êxtase de estar em seus braços.

—Apenas dessa vez— ele gemeu, movendo os lábios abaixo pelo pescoço dela. —Eu vou te foder até que você esteja fora do meu sistema. Fora. Fora da minha cabeça. — A língua corria sobre a clavícula. —Totalmente.

—Nos seus sonhos. — A cabeça dela caiu para trás enquanto o prazer a enchia. —Oh, Deus, Ian. Nos seus sonhos.

Prazer assim não ia embora. Torturava e atormentava depois do ato, ela podia sentir, sabia, embora o prazer propriamente dito fosse novo até para ela. A Domme, a dominante feminina e sexual que exigia a submissão de seus machos. Ela não era nenhuma noviça nos jogos e brincadeiras sexuais. Mas era uma noviça neste prazer, nas sensações que ondulavam por ela e a mantinha encantada nos braços de Ian.

Enquanto os lábios dele cercavam o cume duro de um mamilo, os lábios foram para o pescoço. Os dentes juntando, a língua correndo, as mãos acariciando sobre o máximo de carne que ela pudesse alcançar.

Músculos duros ondulavam embaixo dela enquanto o calor e o prazer da sucção ameaçavam dissolvê-la. Ele a segurou bem perto, os braços a cercando, como se ele nunca fosse deixá-la ir. E ela não queria que ele a deixasse ir. Ela queria que ele a segurasse para sempre.

—Não é o suficiente— ele rosnou, movendo-se, colocando-a com as costas na cama antes que ela pudesse fazer mais do que arfar, e desceu o short com a calcinha por suas coxas e passou pelos pés antes que ela pudesse lutar.



Ela tentou se moveu para longe dele, para poder atacá-lo com sua própria paixão, suas próprias necessidades. Antes que ela pudesse rolar para longe, as mãos dele abriram as coxas dela, os ombros largos entrando entre elas e os lábios descendo para as dobras nuas e saturadas de sua buceta.

Kira congelou. Ela não pôde evitar. Inferno, não era como se nenhum homem nunca houvesse afundado nela antes; eles tinham. Ela não era uma virgem. Ela era experiente. Até Ian colocar os lábios na carne lisa e nua entre suas coxas. De repente, ela não sabia o que diabo fazer.

Porque ele não a tocava como um amante pouco conhecido. Ele a tocava como se a conhecesse. Como se soubesse o que ela procurava. Soubesse o que ela precisava. Soubesse que a punhalada dura e súbita da língua em sua buceta a congelaria com prazer delirante.

—Ian?— Ela olhou fixamente pelo próprio corpo para baixo, assistindo enquanto as pestanas dele erguiam e ele olhava de volta para ela sombriamente, com olhos famintos.

Ele a lambeu. Uma longa e lenta passada de língua que fez uma ondulação de sensações quentes e brancas correrem através da carne dela. Especialmente quando ele alcançou seu clitóris, chamejou sobre ele, e então deu um beijo firme e aquecido sobre ele.

—Você não gosta disto?— Ele ergueu a cabeça o suficiente para sussurrar as palavras, soprando uma respiração suave acima do nó muito sensível de terminações nervosas.

Ela olhou fixamente para o olhar pesado e meditativo. O que ela deveria dizer? O que ela deveria responder?

—Pare de falar e continue lambendo— ela ofegou, a mão apertando a cabeça dele mais para baixo, os lábios dele de volta na carne dela esperando.

Ele riu, mas a lambeu. Oh, Deus, como ele a lambeu. E sorveu, e arrastou os dentes sobre as dobras inchadas até que ela estava se contorcendo. Contorcendo e desesperada porque não era o suficiente.

Ela tentou se mover, jogar a perna sobre a cabeça dele e ficar de joelhos, sentar sobre aquele rosto bonito, aquela língua empurrando. Então ela poderia conseguir o membro dele em sua boca. Ela estava morrendo para saborear aquela carne dura, passar a língua na racha minúscula com o pré-sêmen.



—Fique quieta. — A mão dele desceu sobre o traseiro dela enquanto ela arqueava novamente.

—Você não fez isso!— Ela ofegou. Ele havia dado uma palmada nela?

Claro, ele não a havia machucado, era realmente um tanto quanto sensual. Mas apenas submissas apanhavam. Ela não era uma submissa.

—Fique quieta ou eu vou te amarrar na cama.

—Até parece. — Os saltos do sapato dela cravaram na cama enquanto ela lutava embaixo dele.

Ela se assegurou de que não poderia ter esperado o que veio a seguir. O modo como ele usou o impulso dela mesma contra ela, colocou-a de barriga para baixo, então amarrou uma mão dela com uma tira longa e fina que caía do poste da cabeceira da cama.

Amarrado o pulso dela, rápido, enquanto ele a mantinha no lugar. No próximo segundo, o outro pulso dela estava na mesma forma amarrado na cortina no outro poste.

—Ian, seu bastardo!— Ela clamou rouca, quase rindo, incapaz de acreditar em como ele havia conseguido contê-la depressa. E ele eficazmente a conteve, envolvendo o tecido em torno dos postes perto do colchão para que assim ela não pudesse se erguer.

—Agora, vamos ver se você não pode ser uma boa menina e me deixar ter a minha diversão— ele rosnou na orelha dela. — Fique muito grata, Kira, esta noite é tudo o que importa. Caso contrário, eu te mostraria exatamente como eu controlaria esse seu pequeno corpo gostoso.

Dentro de um segundo ele estava de joelhos na cama, erguendo os quadris e esticando as costas. O tipo da posição que ela procurava, exceto que ele estava no modo oposto.

—Isto está tão errado— ela disse, arquejando enquanto sentia as mãos largas dele envolvendo-a e dando uma palmada em sua nádega.

Então ele bateu nela novamente. Uma leve batida, uma carícia afiada e aquecida enquanto a língua mergulhava em sua buceta e ela se contorcia com a carícia.

—Solte-me. — A voz dela estava estrangulada, a necessidade imperativa do orgasmo subindo dura e rápida dentro dela. —Eu quero te tocar também. Te saborear.

—Não na sua vida. — Ele beliscou a curva inchada de uma dobra labial. Uma suave e gentil pequena mordida que a fez empurrar em prazer doloroso. Maldito, isso não deveria ser tão bom.



Não deveria sentir tão primoroso. Ela não deveria estar apreciando a fraqueza, ela deveria estar lutando por força. Por controle.

Mas, oh, era tão bom. Os quadris dela apertaram, levando a língua dele mais fundo, sentindo-o *lamber*. Por Deus, a língua estava enrolando dentro dela, arrastando sobre seus nervos tão sensíveis, fazendo-a arquear, fazendo-a implorar pela liberação.

—Ian, juro, vou te fazer pagar— ela gemeu, sentindo a transpiração tomando o corpo à medida que ele se movia, a língua retrocedeu, apenas para enrolar ao redor de seu clitóris.

Ele brincou lá. Chupou o pequeno botão, rolou a língua sobre ele, deu um beijo bem fundo e quente. Ele soprou contra ele, gemeu contra ele, e então lambeu ao redor, próximo dele, perto, mas nunca o suficiente. Nunca o suficiente.

—Por favor... oh, por favor, Ian, não me deixe perder. — Ela estava muito perto. Tão perto que sabia que iria perder. Que ela era empurrada para o alto e fracassava, ficava com uma dor violenta que não podia ser satisfeita.

De novo não. Oh, Deus, ela não poderia aguentar se Ian fizesse isso com ela. Se ele a trouxesse muito perto, apenas para empurrá-la de volta do ponto onde ela não poderia mais gozar.

O corpo dela era misterioso. Sua sexualidade era misteriosa. Isso a mataria. Ela não podia lidar com isto.

—Ian, faz anos. — Ela se torceu em suas amarras. —Oh, Deus, faz tanto tempo. Por favor. Não me deixe perder. Eu tenho que gozar. Por favor, Ian.

Ela estava desesperada. Ele continuava lambendo ao redor, levando-a mais alto. Ela podia apenas ir tão alto, então, *phfft*, estava terminado. Uma dor violenta que duraria por dias e não haveria nenhum alívio. Ela mataria. Ela jurou que atiraria nele com sua própria arma.

Então dois dedos entraram sorratamente em sua buceta. Não apenas entraram, empurraram, encheram, foderem-na com golpes fundos, duros, enquanto a boca cobria seu clitóris, chupando e lambendo, *exatamente lá*.

Ela gritou no travesseiro. Ela resistiu e empurrou, contorcendo e explodindo com tal força que jurou que se sentia como se fosse dissolver. Estava explodindo, derretendo, o calor estava



chicoteando pelo corpo, desintegrando-a, enquanto o orgasmo violento e mais delirantemente de sua vida rasgava por ela.

Ela estava morrendo. Ela nunca tinha entendido antes por que os franceses chamavam de “morte rápida” até agora. Ela estava morrendo. Por causa do orgasmo mais primoroso em sua história sexual, ou foi o que ela pensou.

Antes que ela conseguisse descer, antes que os primeiros tremores agonizantes terminassem com ela, Ian, amante diabólico que era, continuava empurrado-a mais alto.

Ele deslizou para debaixo dela, os dedos retrocedendo. Um segundo depois o comprimento duro como ferro de seu membro estava dentro dela, os músculos em espasmos da buceta dela encontrando com as estocadas duras, pesadas.

Segurando no tecido das cortinas que prendia suas mãos, Kira se ergueu, os músculos apertando pelo corpo enquanto ela tentava respirar. Apenas uma boa respirada enquanto o primeiro orgasmo continuava a tremer por seu corpo enquanto ele o prolongava e construía o próximo.

A sensação de sua ereção espessa trabalhando dentro dela enquanto as mãos agarravam seus quadris, segurando-a no lugar com força dominante, era sua ruína. Ela nunca tinha sido uma submissa, tanto sexualmente quanto na vida, mas oh, Deus, ela podia, definitivamente, ver os benefícios neste momento.

—Ian...

—Eu estou aqui, Kira. — A voz era tão áspera, gutural, enquanto ele se movia fortemente atrás dela. —Eu tenho você, querida. Eu não te deixarei ir.

Uma mão segurava um seio, os dedos trabalhando o mamilo enquanto a outra mão se movia entre as coxas, tocando no clitóris com apenas a quantidade certa de pressão.

Estava violentamente sensível, mas ele sabia como tocar, como acariciar. Da mesma maneira que ele sabia como a foder. Ele não era fácil com ela. Ele fazia o prazer e a dor combinarem, empurrando duro e bem no fundo dentro dela, a carne batendo junto, os gemidos entrosando.

Ela não podia aguentar. Kira não estava certa de quando percebeu a linha que tinha acabado de cruzar, quando tinha percebido que o prazer e a emoção eram um só. Ela sabia que não podia aguentar. Sabia que era demais, muito cedo. Ela não estava pronta para isso.



Ela apertou os braços, lutando para ir para trás, desejando conseguir algum controle. Ela se preparou, mente e corpo, puxando o treinamento, no que ela havia se tornado. Ela daria a ele a ilusão que dava a todo mundo.

—Oh, não, você não vai fazer isso. — Ele mordeu o ombro dela. Mordeu-a. Novamente. — Você pensa que será fácil? Que eu te deixarei recuar agora? Por Deus, eu não tomarei Camaleão. Eu terei a mulher.

—Por favor. — Ela agitou a cabeça, o corpo superior retirando-se para a cama, deixando-a empinada, a buceta aberta para ele enquanto ele batia dentro dela. —Ian. Eu estou... — Ela estava o quê? Assustada? Perdida? —Por favor...

—Eu tenho você, Kira. — Ele foi atrás dela, a voz espessa agora enquanto as sensações começaram a construir a níveis cataclísmicos. Ela ouviu a restrição nele, e sentiu dor por isto. Ouviu o remorso que sombreava o domínio que ela sabia que ele era capaz de exibir. —Eu estou aqui. Apenas goze por mim, bebê. Desista para mim. Dê tudo para mim.

Ela estava impotente. Amarrada, tanto física quanto mentalmente, e sabia disto. Ela estava perdida.

Quando o segundo orgasmo veio, ela não se preocupou em lutar. Ela gritou, colidiu, empurrando em seus braços e sentiu os músculos de sua buceta apertando violentamente com o pulsar repentino do comprimento do membro dele.

Ele tinha pensado em usar um preservativo? Pelo menos ele tinha um cérebro. Ela podia ouvir o gemido quebrado de sua liberação, as punhaladas aos arrancos, o pulsar de sua ereção, mas ela não sentiu a umidade de seu sêmen.

Por um momento selvagem ela lamentou. Ela quis. Por um momento impossível, louco, Kira quis coisas que sabia que nunca deveria ter considerado. Nunca havia considerado antes em sua vida. Ela queria mais do que apenas sexo. E ela queria mais do que a restrição que apertava o corpo dele apesar de sua liberação.

Ela o queria todo. Ela queria desafiar o controle ganho com dificuldade que o segurava longe, que mantinha a rédea apertada nas fomes óbvias que ele estava negando a si mesmo. Ela queria desafiá-lo e senti-lo enfrentando-a.



Ela não era uma submissa, mas uma parte dela estava morrendo para se submeter. Para encontrar seu domínio de frente, empurrando dos limites que ele havia fixado, e se tecer tão firmemente ao redor da alma dele quanto ela sabia que ele estava tecendo ao redor da dela.

Capítulo Oito

Ian soltou Kira lentamente do tecido pendurado ao longo da lateral da cama. O tecido fino que ele tinha usado nos pulsos, segurando o corpo dela no lugar para ele, algo que ele duvidava que Kira tivesse tentado frequentemente.

Ele correu a mão pelas costas dela, cerrando os dentes e meramente acariciando as nádegas arredondadas enquanto a via ruborizar, ouvia gritar enquanto ela achava mais prazer em uma surra erótica do que poderia imaginar, e sentindo-a se partir enquanto achava o limite entre o prazer e a dor.

Havia tantos modos que ele queria tocá-la, fodê-la. Tantas coisas que ele poderia fazer com o corpo dela que a deixariam tremendo, ofegando seu nome, submersa em um prazer que ele sabia que ela nunca tinha alcançado antes.

Ela era uma mulher forte, não havia dúvida. Mas ele sabia de sua força assim como sabia das fomes que nem ela entendia. E ele conhecia a criatura tão sexual e independente dentro dela que estava morrendo de vontade de desafiar o domínio que ele mantinha firmemente atado.

Ela estava desmoronada embaixo dele agora, de barriga para baixo, a cabeça enterrada no travesseiro enquanto lutava para respirar.

Ian endireitou as cortinas e então se ergueu e descartou o preservativo que tinha colocado antes de se esticar ao lado dela na cama.

Um movimento tolo, ele disse a si mesmo enquanto a puxava para seus braços e a segurava contra o peito. Um movimento realmente tolo, porque a sensação dela era tão boa. Era como se ela pertencesse ao local contra seu tórax e em seus braços. Ela se ajustava, e esse conhecimento chacoalhava a alma dele.



—Nós temos relatórios de que Sorrell está ficando irritado com o seu desafio— ela disse enquanto uma mão alisava o tórax dele. —Você está encorajando os cartéis pequenos a desafiá-lo também. Ele te atacará logo.

—Eu não vou discutir sobre Sorrell com você, Kira. — Ian olhou para o teto através do tecido diáfano estirado através do pálio que emoldurava sobre a cama. —Eu não vou discutir sobre isso com você.

—Estou aqui para te ajudar, Ian. — A irritação coloria a voz dela enquanto ela erguia a cabeça para olhá-lo. —Tenho minhas próprias fontes que posso trabalhar. Você está lutando com um homem muito perigoso. Não jogue fora a oportunidade de ganhar qualquer vantagem que puder.

—Você é a vantagem?— Ele deixou a mão descer pelo cabelo que acariciava seu tórax agora. O cabelo era mais suave do que seda e morno o suficiente para confortar um homem em um inverno frio à noite.

—Eu sou um ótimo recurso. — Não havia nenhum ego lá, era simplesmente a verdade e Ian sabia disto. Ela era realmente um ótimo recurso.

—Essa é a minha luta. — E ele não a queria em qualquer lugar perto do perigo que ele sabia que estava vindo. —Eu cuidarei de Sorrell.

Ele o identificaria, e se não pudesse matá-lo, então iria embora e permitiria a outros fazerem isto. De qualquer maneira, quando o jogo estivesse no clímax, ele não queria Kira em qualquer lugar perto da violência que resultaria.

—Eu quero você em um avião fora daqui, esta semana— ele disse a ela então, encontrando seu olhar enquanto ele permitia às pontas dos dedos acariciarem a curva gentil de sua bochecha. —Volte para os States e se esqueça disso.

O sorriso dela era uma curva suave de tristeza. —Você realmente pensa que eu vou fazer isto? Eu percebi nos últimos meses que eu faria muito por você, Ian. Mas não farei isto.

—Essa não é sua briga.

—Eu a tornei minha briga.

Onde diabo ela havia desenvolvido essa teimosia? Ela era a mulher mais intratável que ele já tinha encontrado. Ela não discutia, gritava ou esperneava. Ela declarava suas intenções e então as



seguia. Ele sabia disto. Além do que ele havia descoberto sobre ela em Atlanta, sua investigação tinha comprovado isto.

—Eu não voltarei aqui— ele disse a ela então. —Hoje à noite não existirá depois que o amanhecer chegar, e não acontecerá novamente.

Ela agitou a cabeça, fazendo o cabelo ondular sobre os músculos do tórax dele e seu abdômen tenso.

—Talvez não. Ouvi dizer que você é homem de palavra. Mas não vou deixar Aruba até que termine de fazer o que vim fazer.

—Que é? — Frustração marcava a voz dele. —Que diabo você pensa que pode realizar aqui?

—Eu posso cuidar das suas costas e juntar as informações que você precisa das fontes que não pode ter acesso como herdeiro de Fuentes. Essa é a minha missão e eu não partirei até que ela esteja terminada. Você pode fazer meu trabalho fácil, ou pode fazê-lo difícil. A escolha é sua. — Ela abaixou a cabeça à medida que falava, permitindo aos lábios acariciarem o ombro dele, os dedos correndo pelos músculos firmes do bíceps.

Ian continuou a olhar fixamente para o teto, franzindo o cenho, tentando se distanciar das emoções e usar as únicas armas que tinha às mãos para a operação perigosa que estava conduzindo. Ele tinha o menor time que pôde reunir; inferno, era tão pequeno que ele não teria nenhuma esperança se os soldados de Fuentes não o seguissem contra Sorrell. Essa era a sua força, a lealdade que o cartel possuía. Ia além de dinheiro, era de ligações familiares. Diego era parente da maior parte de seus generais. Os generais eram parentes dos tenentes e os tenentes eram parentes dos soldados. Era uma corrente que continuava sem parar.

Poderia haver alguns espiões, alguns poucos indo de ambos os lados, mas todos se acertavam. O terrorismo dificultava o comércio de droga. Os terroristas fanáticos faziam muito mais difícil de vender drogas. Logo, ele não admitiria o terrorista francês nos negócios.

Alguns dos cartéis pequenos eram muito fracos para lutar contra a pressão que Sorrell aplicava, mas os cartéis maiores se opondo a ele agora estavam fazendo o que Ian tinha começado a fazer oito meses antes. Absorvendo aquelas pequenas operações com a promessa de proteção.



Esse não era um jogo, e havia nele muito mais do que obter informações. Se Kira se juntasse a ele, então pela primeira vez em sua própria carreira, ela não apareceria como neutra. Ela estaria se comprometendo. E isso pedia a pergunta, por quê?

Por dez anos ela tinha trabalhado como uma agente independente e encoberta de várias agências. Primeiro a Agência Federal de Investigações, e então o Departamento de Segurança Interna. Por que arriscar a sua suposta neutralidade agora?

Enquanto sobrinha de Jason McClane, e uma acionista nas várias companhias e propriedades que ele possuía em torno do mundo, Kira era conhecida com sua “fonte”. Uma das poucas pessoas que ele confiava quando a questão era investir em certos negócios. Ele era bem conhecido por trabalhar nos lugares quentes do mundo, por transformar em lucro a ajuda humanitária através de contatos. E Kira era bem conhecida nesses lugares também. Era um dos modos como ela juntava suas informações sobre insurreições, os poderosos e influentes, tanto na política quanto nos negócios, envolvidos nesses conflitos, e aonde eles poderiam estar indo. E em certas instâncias, disfarçada e perigosa, ela era conhecida como Camaleão. Capaz de se misturar em seu ambiente para coletar informações que não tinham nada a ver com McClane ou seus vários negócios.

Ele a havia visto como loira, ruiva e morena ao longo dos anos. Ela podia usar maquilagem como uma arma, mudando suas feições tão drasticamente que a verdadeira persona de Kira Porter não era reconhecível. A menos que você se guiasse pelo movimento do corpo em vez do rosto, o que poucas pessoas faziam. Uma gingar do quadril, um cintilar particular no olho que não tinha nada a ver com a cor, a curva suave de uma orelha sem igual em nenhuma outra mulher, ou talvez apenas um odor subjacente. Ou talvez fosse apenas o efeito da mulher em um homem particular e sua habilidade de reconhecê-la. Porque cada vez ele ficava mais duro do que o ferro e tão excitado que quase arquejava quando a via. Não importava sua persona.

O Time Durango, a unidade que ele tinha lutado nos últimos cinco anos, fazia várias operações baseadas nas informações fornecidas pelo Camaleão. Em cada instância ela tinha estado no centro da operação e presente quando ela acontecia. E a cada vez, Ian a reconhecia, mas o time dele nunca tinha percebido sua identidade. Inferno, ele até tinha deixado-a como prisioneira uma vez quando o time dele tinha sido enviado para salvar um diplomata Americano sendo cativo na América do Sul.



Ela botava o nariz em coisas muito perigosas para a paz de espírito dele, ele estava começando a perceber.

—Estou certa de que meu teto é muito interessante— ela disse sarcasticamente. —Eu estava tentando uma discussão aqui.

Ian olhou para onde ela descansava sobre seu tórax. A irritação nos olhos cinza trazendo um sorriso ao rosto dele. Maldição, ele deveria estar correndo tão rápido dela quanto possível.

—Eu não preciso de sua ajuda, Kira. Você me ajudaria mais partindo.

Não havia nenhuma dúvida de que ele iria ficar longe dela.

—Eu acho que você está bem ciente de que isso não vai acontecer— ela sibilou. —Você acha que é o único que tem desejo de identificar e capturar o bastardo? Desculpe, Ian, mas não vai dar. É da mesma maneira importante mim.

Claro que era. Um dos grupos de militantes de Sorrell tinha reivindicado a responsabilidade pela explosão que havia matado a família dela e a noiva de Jason McClane vinte anos antes.

—Você não pode deixar isso ficar pessoal, Kira— ele disse sombriamente, ciente da ironia por trás da declaração. —E esse não é o lugar para tentar lutar com o que está entre nós, assim como o trabalho à mão. Arriscaria as nossas vidas.

—Eu não acredito nisto. O que temos entre nós ter sucesso é muito mais importante. Fará o trabalho juntos mais fácil.

—Para você talvez. — Ele tirou o cabelo dela do rosto, perguntando-se sobre a feição quase inocente do rosto. Ela tinha um ar de pureza, de vida, que nunca falhava em espantá-lo. Ou desafiá-lo. Ela não tinha nenhuma ideia do que estava pedindo quando havia pedido para compartilhar sua cama.

—Para você também. — Uma carranca marcou sua sobrancelha enquanto os olhos cinza escureciam.

Ian agitou a cabeça. —Eu estaria muito preocupado em te proteger, tomando cuidado com você, e eu ficaria em perigo. Eu não posso me dar ao luxo dessa distração. Eu não conseguiria suportar o dano à minha alma se você fosse morta aqui. — Ele era um chauvinista. E nunca tinha fingido ser o contrário. Quando uma mulher estava em qualquer local nas redondezas trabalhando em uma operação, uma parte dele sempre estava cuidando dela. As mulheres eram



fortes, sem dúvida. Diligentes e inteligentes. Mas o macho primitivo dentro dele ainda insistia no fato de elas terem que ser protegidas.

—É o meu risco— ela o informou. Não havia nenhuma raiva em seu tom, apenas força, determinação. Ela era uma força a ser contada, a cabeça dele sabia disto. Ela era uma agente experiente. Mas o coração dele, aí mesmo abaixo da cabeça, apertava com o medo do perigo que ela poderia se expor.

Ela era dele para proteger. O único jeito de protegê-la era tirá-la do jogo.

—Nós não vamos concordar nisso, Kira— ele disse finalmente. —Vamos apreciar o que temos da noite, porque você não é uma parte desta missão.

Antes que ela pudesse protestar mais, ele puxou os lábios dela para os dele, capturando-os em um beijo tão suave quanto amanhecer e tão quente quanto lava. Isso era o que ela era. Luz do sol e calor, e por apenas algumas horas mais, ele precisava daquele calor. Ele precisava de Kira de modos que nem ele mesmo entendia. E isso o assustava demais. Ela suavizou uma parte dele que ele nunca tinha acreditado que suavizaria. A determinação de sempre permanecer destacado virava cinzas ao vento com ela.

Ela tinha vindo para ele, como uma brisa fresca e pura tirando o fedor do mau com o qual ele vivia. Os lábios dela abriram, seda aquecida, as mãos fluindo sobre ele como paixão pura.

Dessa vez, ele a deixaria fazer de seu jeito. Ele apenas ficaria deitado e a assistiria tocá-lo e sentiria seu fluxo de paixão chegar a ele. Deixaria a si mesmo apreciar o êxtase do toque dela.

Essa não era a hora de afirmar seu próprio controle. Seu próprio domínio. Ele queria que ela levasse consigo o conhecimento de que ele podia ser gentil, que ele podia tocá-la com ternura. Porque uma vez que o sol erguesse, ele uma vez mais seria um produto do mundo em que vivia.

O que havia nela? Enquanto os lábios dela se moviam sobre os dele, a língua o tentando, provocando, enquanto ele deslizava as mãos nas costas dela, aquele pensamento entrou em seu cérebro.

O que havia em Kira que a tornava tão especial? Seus suspiros valiam muito mais do que os outros que ele já havia causado? E eles o faziam apenas desejar mais de seus gritos de prazer que ele sabia que poderia tirar dela.



Ele não sabia o porquê, e enquanto os pequenos dentes afiados dela beliscavam seu lábio inferior, naquele momento, ele não se importou. As mãos fecharam no cabelo dela, roçando as mechas contra as palmas das mãos enquanto ela o beijava pelo corpo abaixo fazendo seu membro erguer totalmente em boas-vindas.

Os lábios quentes se moveram sobre o tórax. A língua deslizava e brincava com os mamilos duros, o suspiro da respiração sobre eles fazendo-o se esticar embaixo dela em prazer.

Unhas afiadas arranharam seu abdômen, enviando correntes de sensações descendo para atacar suas bolas. E ele a tocou. Acariciou, os ombros, segurando a cabeça dela entre as mãos e gemeu de desejo enquanto os lábios dela alcançavam seu abdômen.

O sexo sempre tinha sido um de seus maiores prazeres. Mas o sexo com Kira podia ficar viciante.

—Eu estava morta de vontade de te saborear— ela sussurrou enquanto se movia entre as coxas dele, as mãos envolvendo o comprimento de sua seta, incluindo-o dentro do calor suave enquanto ele sentia a corrida do coração.

—É todo seu— ele murmurou, o som da própria voz o surpreendendo. Era empedrada nos melhores tempos, mas a aspereza de agora ia além disto.

A emoção sempre a deixava mais profunda. Ele não queria examinar as emoções que ela erguia dentro dele. Ele não podia fazer isto, não ainda.

Mas ele podia deixar o prazer lavá-lo, e quando a boca úmida e má cercou a cabeça de seu pau, ele não teve escolha.

—Maldição. Isto é bom, Kira. Muito bom. — Era como êxtase quente e líquido. A boca cercando sua carne, quente e molhada, sem preservativo, cada sensação reunindo sobre as terminações nervosas sensíveis e os músculos retesando com tensão.

A visão dela consumindo seu membro era o suficiente para acabar com sua mente, assumindo que ele ainda tinha alguma coisa remanescente depois do orgasmo anterior.

E ele não tinha. Porque quando a boca apertou a cabeça de seu membro e a língua sacudiu sobre ela, ele prendeu os dedos no cabelo dela e a segurou lá. Ali mesmo. Onde a língua sacudia sobre a pele sensível debaixo da cabeça e enviava fragmentos de sensações correndo afiadas por seu membro diretamente para suas bolas apertadas.



—Sua boca deveria ser certificada— ele gemeu. —É muito perversa.

Os dedos de uma mão acariciavam a seta enquanto a outra se movia para a bolsa apertada de seu escroto. Lá, as unhas deslizaram e brincaram fazendo os dentes dele cerrarem com a luxúria que o subjugava.

Ian deixou-a tê-lo. Todo ele. Ele enviou o perigo para o fundo da mente, a operação e o mal que ele enfrentava diariamente, para apreciar o toque dela.

—Tudo bem— ele sussurrou enquanto ela chupava a cabeça de seu membro, forçando-o a se apertar, a se conter. —Eu amo a sua boca. O seu toque.

Um gemido ondulou sobre a carne apertada.

As pestanas dele ergueram e ele olhou abaixo pelo corpo para ela.

O rosto estava ruborizado com paixão, os olhos escurecidos, redemoinhos de cor cinza e azul-acinzentado se misturando em uma tempestade que o hipnotizou.

Ela foi para trás, deixou-o ver sua língua enrolando ao redor de um lado da cabeça larga e assistiu uma pequena gota de pré-sêmen se formar na cabeça do membro. Kira sorriu, um sorriso abafado, e quando sua língua se juntou no local, trazendo as pequenas gotas para dentro da boca, ele empurrou a cabeça contra o colchão para se impedir de se liberar na hora.

—Venha aqui. — As mãos dele pegaram os ombros dela, persuadindo-a a ir para ele. — Monte em mim. Deixe-me sentir a sua tão doce, quente e pequena buceta me levando novamente. Apenas mais uma vez.

Ele alcançou a mesa ao lado da cama e pegou um dos preservativos que havia deixado lá.

Kira cuidou disto depressa. Dentro de segundos ela tinha o comprimento duro da ereção encapado e estava jogando uma perna sobre os quadris dele, vindo até ele, deixando-o assistir.

Maldita. Ela se moveu devagar, deixando-o assistir enquanto a cabeça cheia separava as dobras nuas e lisas e começava a desaparecer dentro das profundidades quentes de sua buceta. Um centímetro de cada vez, subindo e abaixando para tomar mais, até que com um gemido, ele estava completamente enfiado dentro dela.

Ele olhava para ela, movendo as mãos para envolver os seios, sacudir os mamilos antes que eles se movessem para trás e abaixassem. Ele queria tanto dela quanto pudesse conseguir. Cada toque, cada gosto, cada suspiro.



Ele assistiu a respiração dela engatar enquanto ele lutava para respirar também, sentindo o aperto aquecido de seu sexo acariciando-o, ordenhando-o como primorosas gavinhas de prazer. Levando-o a lugares que ele jurou que nunca tinha ido antes com uma mulher. E quando os lábios tocaram os seus, os últimos laços frágeis de controle foram apagados. Uma mão apertou o quadril dela, a outra apertou atrás da cabeça, segurando-a para ele enquanto ele começava a empurrar, encontrando cada golpe descendente de sua buceta com uma estocada poderosa.

Ele grunhiu contra os lábios, porque era muito bom. Porque ir embora disto acabaria matando-o.

Ele rolou com ela, prendendo-a embaixo de seus quadris, e sentiu as pernas dela envolverem ao redor de suas costas. As mãos dela estavam em seu cabelo, em suas costas, arranhando, segurando-se nele enquanto ele lutava para se conter, para forçá-la a se conter.

Ele queria conversar. Queria dizer a ela como ela era perfeita, quente, tão primorosa. Mas ele não podia. Não ainda. Porque a eletricidade estava chiando em suas bolas, pela espinha, e centrando em seu cérebro. A luxúria estava rasgando por ele, adrenalina faiscando e ambos estavam gozando.

Ele enterrou a cabeça no ombro dela, tremendo com os jatos duros e ferozes de sua liberação que eram mais como ardentes estouros de êxtase.

Ele envolveu o braço ao redor dela, desesperado por abraçá-la. Apenas por um pouco mais de tempo. Então ele a deixaria ir. Apenas um pouco mais de tempo...

Capítulo Nove

Enquanto o amanhecer se aproximava, e a escuridão começava a ser iluminada, Ian deslizou da cama de Kira e achou a roupa que tinha descartado mais cedo naquela noite.

Ele terminou de se vestir, deslizou para a sacada, e saltou sobre a sacada para o chão abaixo. Descendo pela árvore de pau-santo que tinha dado a ele o impulso para a sacada que ele tinha precisado na noite anterior, Ian estreitou o olhar, olhando em torno do jardim que o separava do muro de pedra no outro lado.



Confiante de que não estava sendo observado, ele fez seu caminho depressa pelos arbustos fluorescentes, buganvílias, e várias árvores até que alcançou o muro de pedra de três metros. Uma vez mais usando uma das muitas árvores de pau-santo que se estendiam em torno da propriedade, fez seu caminho ao topo para o divisor e saltou nos chão dos Fuentes uma vez mais.

De lá, era apenas uma distância pequena até a vila. Os guardas noturnos de Diego não notaram seu transcurso, e os cachorros que os guardas usavam nunca vacilavam com seu odor. Ele era uma parte da propriedade, nada de ficar excitado, então eles não fizeram nada para advertir os guardas de sua presença enquanto ele subia para a sacada do lado de fora de seu quarto e ia para o lado de dentro.

Enquanto fechava as portas de vidro atrás de si, Deke se ergueu da poltrona reclinada e estirou o corpo duro.

—Você disse uma hora. — O outro homem o lembrou, irritado, a quantia de tempo que ele tinha ficado longe.

Ian deixou os lábios curvarem com o tom queixoso. —Eu tinha o celular comigo, você poderia ter me ligado se precisasse de mim.

Deke bufou com isso, os olhos estreitando para Ian então. —Homem, você parece que mandou ver mesmo. —Havia uma nota de inveja na voz do guarda-costas. —Bastardo. A esperança é de que você tenha apreciado o suficiente por nós dois.

Ian quase riu. A amante de Deke, uma americana formada em direito, estava esperando pacientemente em casa enquanto ele brincava de elemento criminoso, os dois sobreviviam com as visitas reservadas e não premeditadas que o outro homem conseguia fazer a cada poucos meses. Às vezes, apenas algumas vezes em um ano.

Sim, ele tinha apreciado a noite o suficiente para quatro homens, e ainda estava longe de estar satisfeito.

—Você vai tentar fechar os olhos por algumas horas antes do dia começar? Posso ficar de olho no quarto principal.

Ian agitou a cabeça. —Você dormiu um pouco?

—Algumas horas. — Deke anuiu com a cabeça.



—Vá dormir mais— Ian o instruiu. —Vou tomar banho e cuidar de mais algumas coisas antes de nos encontrarmos mais tarde. Nós temos aquela reunião com o Radacchio e seus três filhos à tarde. Tirarei um cochilo no caminho, na ida e na volta.

—Sim, o bom ole Radacchio ligou para o papai querido assim que você partiu. Aquela reunião não poderia ser tão importante, porque Diego o informou em condições bastante sangrentas do fato do cartel Fuentes não exigir mais seus serviços.

Ian fez uma careta e agitou a cabeça. Ele deveria ter imaginado que Diego não deixaria isto em paz. Inferno, uma parte dele sabia. Diego tinha governado com mão sangrenta, e não via nenhuma razão para fazer as coisas de forma diferente agora que Ian estava no cartel. Por alguma razão, ele pensou que poderia fazer Ian apreciar a matança, as guerras das drogas e a luxúria de sangue que os abastecia.

—Eu cuidarei de Diego antes de partirmos. — Ele suspirou. —Esteja pronto para se mandar às nove. Quero estar no lugar na hora e quero que o local da reunião esteja seguro antes de nós entrarmos. Eu não me esqueço da opção de traição de Valence Radacchio como não esqueço dos outros antigos associados de Diego nos negócios mas quero ouvir o que ele tem a dizer sobre a última tentativa de sequestro.

Deke tocou os dedos na testa mostrando que estava de acordo e se despedindo antes de sair do quarto, e então entrar na sala de estar. Ficando no escuro sozinho, Ian olhou em torno do quarto, os olhos estreitados, enquanto considerava o espião que Sorrell estava usando na propriedade agora.

Ele tinha recebido a prova da transferência de informações antes de ter saído na noite anterior. Não que ela tivesse muito para contatar. Ian não mantinha Diego conhecedor na maior parte do tempo, sabendo de seu hábito de discutir tudo o que se passava com Saul. Diego era cuidadoso, esperto, mas um dos espiões do Sorrell estava tirando sorrateiramente as informações através dele.

Agitando a cabeça, Ian se dirigiu ao chuveiro. Ele precisava tirar o odor de Kira de sua cabeça para que assim pudesse pensar e seguir com seus próprios planos. Sem dúvida, ele teria que achar um jeito de se livrar dela agora. A última noite tinha provado sua fraqueza por ela. Ele nunca poderia ficar fora de sua cama sabendo que ela estava tão perto.



E não demoraria para alguém compreender o caso e levá-lo até Sorrell ou um dos outros inimigos do cartel. Inferno, mesmo que fosse para Diego, seria ruim da mesma maneira. Ele conhecia seu querido e velho papi. No minuto em que ele descobrisse que Ian tinha uma amante, uma mulher que significava mais do que uma transa de uma noite, então ele começaria a imaginar, conspirar. Porque nada mais importava a Diego do que descobrir uma fraqueza sua; ele tinha a necessidade de explorar. E Ian era esperto o suficiente para saber como facilmente ele poderia ser manipulado se Kira estivesse em perigo.

Ele tinha percebido isso em alguma hora perto do momento em que viu seu membro entre os lábios dela, viu a fome nos olhos e a necessidade arder em seu rosto. Ou talvez tivesse sido na hora em que ela parou de lutar com ele, parou de lutar pelo controle que ele roubava dela e o deixado enfrentar o próprio controle.

Duas horas mais tarde, Ian marchou para os quartos dos empregados no andar térreo da vila, o pé chutando a porta trancada do quarto de Liss Danneer e lascando as dobradiças.

Com Deke atrás de si, ele se moveu devagar pelo quarto, os olhos estreitados para as duas mulheres agora se agachando na cama.

—Surpresa, surpresa. — O sorriso dele era apertado, duro, enquanto olhava de Liss até Eleanor. —Ora, ora, senhoras, estão se divertindo, é?— Parecia que a confirmada e a suspeita do vazamento de informações estavam mantendo companhia mais íntima do que Ian achava.

As feições travessas de Eleanor estavam marcadas por choque e desânimo, enquanto Liss abaixava os olhos depressa, mas não antes de Ian ter um vislumbre da raiva que os enchia.

Ele olhou para elas friamente, ciente de Deke e os outros ao redor dele, os rifles automáticos que carregavam confiantemente seguros nos braços.

—El Patrón, bem... não é o que parece— Eleanor ofegou, os olhos castanhos escuros largos em angústia enquanto Liss se agachava contra seu corpo nu.



Os corpos estremeciam, os seios nus, enquanto as mulheres não faziam nenhuma tentativa de se cobrirem. Os sinais óbvios de sexo recente estavam entre as coxas, na coloração avermelhada dos mamilos, e a umidade do lençol embaixo delas.

—Oh, eu acho que é muito o que parece. — Ele empurrou uma cadeira de madeira adiante, virou-a, e se sentou apoiando os antebraços nela. E então sorriu para elas. Um sorriso triunfante, conhecedor.

Eleanor puxou o lençol na direção deles.

—Deixe o lençol de lado. — A voz dura raspou o silêncio que tinha sido quebrado apenas pelas respirações ofegantes de Eleanor.

—El Patrón Fuentes não se importa de como nós achamos nosso prazer. — Liss de repente teve a temeridade de falar mais alto. Ela tentou simular medo, mas havia triunfo demais, raiva demais para conseguir.

—Liss, você se esquece de quem está no comando aqui. Aquela bananeira já deu o cacho, por assim dizer, quando a questão são as decisões nesta casa, estamos entendidos?

Ela lambeu os lábios cheios e largos enquanto dava uma olhada em torno do quarto, obviamente julgando a ameaça. E se encontrando com a morte.

—Ian, é uma transgressão tão pequena — Eleanor sussurrou então, o olhar límpido implorando. —Foi apenas um pouco de consolação.

—Seus jogos de sexo ou preferências não me concernem, Eleanor— ele a assegurou com um sorriso fácil. Era um sorriso que ela não pareceu achar muito conforto. —Sua associação com Liss e, podemos dizer, inimigos do cartel, isso sim me concerne.

Ele estava assistindo Eleanor diretamente, mas pegou o flash de medo no olhar de Liss com a visão periférica. Pobre Eleanor, ela não era a mentirosa que queria acreditar que era. A culpa marcava seu olhar marrom-chocolate tão seguramente quanto o toque forte dos lábios de Liss em seu seio havia marcado o montículo tenso.

—Eu não sei.

—Não minta para mim, Eleanor. — Ele esticou a mão para Deke. Quatro retratos foram colocados nela, impressões tiradas da câmera digital que tinha acompanhado a viagem de Eleanor e Liss para o mercado na véspera.



As duas mulheres tinham sido fotografadas falando com um conhecido contato de Sorrell, Ernesto Cruz, então aceitaram dois envelopes nada finos. Liss, pequena cadela gananciosa, tinha aberto o dela e pegado as notas que estavam lá.

Ele soltou os retratos sobre a cama onde as mulheres as olhavam com horror extasiado.

—Vou assumir que você deu a eles a única informação que poderia ter adquirido. A reunião com Radacchio que você acreditava que iria acontecer ontem à noite, certo?— Liss olhou para ele furiosamente, sem se preocupar em esconder a ira, enquanto Ian continuava. —Os amigos de Ernesto não acharam Radacchio naquela reunião. Acharam um pequeno exército ao invés. Seus amigos retornaram para Ernesto aos pedaços esta manhã. — As mulheres empalideceram, os olhos arredondaram de terror enquanto Ian sentia a ira esfregar sua alma.

Sorrell tinha enviado o melhor que podia adquirir em tão pouco tempo. Dois homens de Ian haviam morrido, mas os homens de Sorrell não tinham vivido para respirar outra vez.

Não importava que eles fossem todos criminosos de graus variados, matado mais de uma dúzia de vezes, cada um e todos deles, tudo em nome da coca poderosa e do dólar todo-poderoso.

—Eu perdi dois homens ontem à noite, Eleanor— ele disse suavemente. —Dois dos meus melhores. Eu não fiquei muito feliz com isto.

Os lábios dela tremiam enquanto estremecia, o medo empalidecendo seu rosto escuro e amortecendo os olhos.

—Ian, supostamente ninguém deveria se machucar. — A respiração dela engatou em pânico. —Eles prometeram—

—Você é tola, Eleanor?— Ele retrucou. —Olhe para Liss. Olhe para ela. — O olhar de Eleanor virou rápido para o rosto desafiante de Liss. —Ela pensou que Sorrell triunfaria. Que eu morreria no banho de sangue que o chefe tinha organizado.

—Não, Ian— ela chorou.

Ele tirou a Glock de dentro da jaqueta, o barril apontado para a cabeça de Liss. Por um momento, ele teve a satisfação de ver medo, mas apenas por um momento.

—Você não nos matará— ela disse baixo, confiante. —Você não mata mulheres, não é, Señor Fuentes? Você não é El Patrón. Apenas El Patrón entende este mundo. Você não é mais do que um pequeno burro—



Uma arma disparou, a bala entrando em seu crânio, explodindo as costas de sua cabeça sobre Eleanor e a parede atrás enquanto ela era jogada para trás.

A arma não tinha nem acabado de descarregar e Ian já tinha abaixado e rolado, erguendo a arma na mão e se concentrado no tórax do homem que estava de pé na entrada.

Diego Fuentes. Os dedos de Ian cerraram, a necessidade de apertar, atirar, quase destruindo seu controle. Ele poderia se livrar disso. Ele podia matar o bastardo e jurar que tinha sido um acidente. Seus superiores não questionariam, e ele ainda poderia seguir Sorrell. Seria tão fácil.

Os olhos pretos de Diego encontraram os dele, o conhecimento na curva dos lábios enquanto ele abaixava a arma. A camisa de seda branca prístina contrastava com a pele morena, a calça preta apertada e os mocassins obscenamente caros intatos pelo sangue ele tinha acabado de derramar.

—Elas não são mulheres, são traidoras. Os traidores morrem— ele cuspiu.

—Então o que isso faz de mim, velho?— Ian rosnou de repente, ficando de pé enquanto a fúria corria por ele. —Eu traí o meu país por você. O que faz você pensar que eu não te trairei também?

—Sangue é mais forte do que país— Diego disse. —Meu sangue corre nas suas veias. Meu coração bate dentro de você, uma parte de mim sempre ligada a você porque você é meu filho. Dê um fim a essas prostitutas e tire-as da sua mente. Ninguém trai o que é meu, e o mais sagrado de tudo é que você é meu filho.

Eleanor estava soluçando agora, o corpo protegido pelo de Ian enquanto ele permanecia entre ela e Diego.

—Nós concordamos que essa operação seria lidada do meu modo!— Ian sibilou, friamente furioso. —Você não mata sem a minha permissão.

—Como se eu fosse recebê-la— Diego cuspiu de volta. —Você vai jogar a carcaça dela e daquela prostituta nas ruas com a qual ela dormiu e vai levá-la para seu dono doente e a minha resposta a sua indagação. 'Foda-se, Sorrell'.

Bom Deus, tenha clemência. Ian queria bater o punho contra a boca estúpida do homem e o mandá-lo calá-la. Ou uma bala em seu coração negro e parar esta charada para sempre.

—Saia daqui— ele rosnou. —Agora.



—Então você vai pechinchar com ela?— Diego zombou. —Você pechincha com seus inimigos como se eles fossem associados nos negócios cuja palavra você pode confiar. Você é o tolo.

—E você estará tão morto quanto ela se não cair fora daqui!— A voz de Ian abaixou perigosamente enquanto a necessidade de silenciar o bastardo rangia dentro dele. —Lidarei com você mais tarde.

Diego sorriu zombeteiramente. —Mas você não me matará, e ainda assim, Liss está morta. Minha resposta para o bastardo que tentou atingir meu filho. Eleanor poderá dar a resposta a ele ela mesma. — Então ele girou e andou a passos largos para fora do quarto.

Ian girou o olhar para Eleanor. Ela havia parado de soluçar e agora olhava fixamente para o corpo de Liss em horror.

—Ernesto vai me matar— ela sussurrou, virando o olhar para Ian. —Eu apenas ajudei a Liss, como ela pediu que eu fizesse. Nós não tínhamos dinheiro para deixar Aruba e retornar para casa na Colômbia. Dinheiro suficiente para ajudar na alimentação das nossas famílias... — A voz dela vinha de longe enquanto esticava uma mão trêmula para tocar o rosto frouxo de Liss.

O odor de sangue e morte enchia o quarto agora, levando para longe o doce odor de sexo e medo.

—Deke, coloque-a em um avião— Ian disse a ele baixo. —Eu a quero segura. — Ele passou a mão pelo rosto, de repente dolorido enquanto olhava a bagunça que Diego tinha feito com Liss.

Ian não tinha nenhuma intenção de machucá-la. Assustá-la, sim, convencê-la de dar a ele informações, definitivamente. Mas Deus o ajudasse, ele nunca a teria machucado.

—Nós devemos interrogá-la?— A voz de Deke estava da mesma maneira silenciosa.

—No avião. — Ian anuiu com a cabeça. —Eu quero que ela vá de avião para uma casa segura dentro de uma hora.

O Cessna¹¹ esperava em um aeródromo privado fora de Palm Beach, para o caso de ser necessário, o piloto vinte e quatro horas à disposição.

—Vamos, Eleanor. — Deke colocou os braços ao redor dela e a ajudou a sair da cama. —Vamos te vestir. Dar o fora daqui.

¹¹ Cessna - Cessna Aircraft Company, sediada em Wichita, Kansas, é uma empresa fabricante de aviões de propósito genérico, desde pequenos bi lugares, de motor único, a jatos comerciais.



Ela olhava para Ian, totalmente chocada, desesperada. —Não me mate, Ian, por favor. — As lágrimas caíam das bochechas enquanto os lábios avermelhados tremiam. —Eu sinto tanto. — Ela se segurava nos braços de Deke apavorada de que Ian a arrancasse do abraço de repente gentil.

—Eu não vou te matar, Eleanor. Vá com Deke. Deixe-o cuidar de você. — O olhar de Ian voltou para Liss. —Enterre Liss. Silenciosamente. Cuide disso. — Ele girou e olhou fixamente para a expressão branca de Liss. —Puta que pariu, alguns dias não vale a pena levantar de manhã.

—Você teria que dormir primeiro, chefe— Deke murmurou enquanto ajudava Eleanor a se vestir.

—Feche a porra da boca, Deke— Ian rosnou.

Ele deixou o quarto, a arma ainda apertada na mão, e seguiu pela vila para o lugar onde sabia que poderia achar Diego nesta hora do dia. Nada impedia o bastardo de comer. O filho da puta podia assassinar uma mulher e se sentar para tomar café da manhã como se fosse da realeza cinco minutos mais tarde. E lá era exatamente onde ele estava. Na mesa do café da manhã, uma xícara de café e um prato de frutas e doces diante de si, seu assistente, Saul, sentando à sua frente.

Antes que Ian percebesse as intenções dele, as mãos estavam na camisa de seda do homem mais velho, apertando o tecido nas mãos enquanto empurrava Diego de sua cadeira e o jogava contra a parede.

Chocado, os olhos pretos largos encontraram Ian, então se estreitaram em fúria. Mas nenhuma raiva que Diego pudesse estar sentindo possivelmente poderia chegar perto da ira que se construía nas entranhas de Ian agora. A visão de Liss, afundada para trás, o cérebro espirrado na parede atrás dela, o adoecia.

—Nunca mais. Nunca mais. Foda-me daquele modo novamente, e eu vou embora. Você me entendeu?— Ele estava no rosto de Diego, nariz contra nariz, uma ira mortal bombeando por ele.

—Ela me traiu— Diego rosnou.

—Seu bastardo estúpido, ela tinha as informações— Ian disse cortante, fúria assassina queimando em seu intestino. —Informações que eu precisava. Você me entendeu?— Ele jogou o pai para longe, os punhos cerrando, a necessidade de fazer algo, qualquer coisa, correndo por ele. Maldito Diego. Liss tinha sido apenas uma criança. Fácil de usar, impressionável, uma jovem



cheia de raiva que não sabia porra nenhum desse mundo. E Diego tinha acabado de matá-la. Sem pensar por um segundo. Sem perguntas.

—Porra— ele murmurou. —Estou fora daqui.

—Vai deixar Sorrell nos destruir?— Diego se moveu para se colocar na frente de Ian, a expressão conhecedora, fria. —O que há com toda a sua justiça e convicção na liberdade? — ele zombou. —Eu me movo para te defender e você lamenta pelo sangue derramado. O que você fará quando Sorrell alcançar seu objetivo de atingir seu precioso país?

O gelo estava se formando na alma de Ian agora. Este homem, essa porra de monstro, era seu pai. Um homem que tinha acabado de matar uma menina de dezenove anos como se ela fosse um animal doente em vez de uma mulher bonita, vibrante e jovem.

E ele não podia ir embora. Não importava o quanto quisesse, não importava o quanto quisesse estar longe de sangue e morte, ele não podia ir embora. Não ainda.

Ian cerrou os dentes. Os dedos apertaram na arma enquanto um gesto contorcia suas feições. —Fique fora desta porra, Diego. Fique fora. Ou eu me mando.

Ele se moveu para longe de Diego, marchando para fora da sala de café da manhã.

Deke se moveu no hall da entrada, a expressão sombria enquanto dava a Ian um pequeno aceno com a cabeça. Ian deu uma respiração pesada. Eleanor estava em mãos seguras e sendo escoltada para o avião pelas mesmas mãos que enterrariam o corpo de Liss. O único outro agente que Ian tinha conseguido colocar na casa de Fuentes cuidaria disso.

Andando para a luz do sol brilhante, Ian retraiu uma respiração funda e purificadora, e deu uma olhada na vila de Kira. Deus, ele desejou poder ficar na cama com ela. Desejou estar ao redor de seu corpo flexível, suavemente cheiroso, segurando seu calor perto dele. E isso era a pior coisa que ele poderia desejar. Era a coisa mais perigosa que ela poderia ter agora mesmo. E ela era a única coisa que ele não podia se permitir a ter.



Diego deu um suspiro de alívio enquanto as portas batiam violentamente atrás de Ian, deixando ele e Saul sozinhos na sala do café, as ramificações de suas ações batendo em seu cérebro.

Ele girou para Saul, os punhos cerrando, os músculos tremendo, de medo e fúria dentro de sua alma.

—Um engano— ele sussurrou. —Foi um engano horrível o que eu cometi.

—Você deveria ter pensado primeiro, Diego. — O rosto de Saul estava pálido também. — Você caminha em uma linha muito fina com o seu filho. As regras que nós vemos como simples não são tão simples para ele.

Diego passou a mão pelo rosto e afundou na cadeira uma vez mais, a comida diante dele parecendo nada atraente.

—Ele não teria feito isto— ele sussurrou. —Meu filho, ele não teria eliminado aquela ameaça.

—E se nós tivéssemos atendido suas advertências sobre os empregados, então não teria sido necessário— Saul o lembrou suavemente.

—Eu vou fazer algo para compensar. — Ele passou os dedos pelo cabelo, o peito doía, o coração pesado enquanto se lembrava do ódio puro, não adulterado que ardia nos olhos do filho. —Como eu posso recompensá-lo, Saul?

—Siga os desejos dele. — Saul estava tremendo também. —Nós faremos o que ele disser, não é, Diego?

Diego olhou para nele, agonizado quando um sorriso triste de repente se formou nos lábios.

—Sabe, Diego, quem o seu menino me lembra?

Ele agitou a cabeça, incerto sobre o flash de afeto nos olhos de Saul. — O homem velho gostava de poucas pessoas.

—O seu pai— ele disse suavemente. —Um jovem orgulhoso, Aquiles Fuentes, de sangue quente. É a ele que ele me lembra.

Diego piscou para o velho amigo do pai e balançou a cabeça pensativamente. Sim, ele pensou, um sorriso de recordação marcando o rosto. Como o pai, Aquiles. Ian o lembrava ele também. Um homem forte, orgulhoso. Um guerreiro, um inovador. Esse era seu filho. Sim, talvez Saul estivesse certo; no momento pelo menos, eles seguiriam as direções de Ian.



Capítulo Dez

Ela precisava dele.

Uma semana depois Kira admitiu a verdadeira razão pela qual tinha seguido Ian para Aruba, por que ela havia decidido colocar o nariz admitidamente curioso em seus negócios, e era por isso que ela estava ignorando o olhar penetrante dele sete dias depois enquanto ela se sentava em uma das seções abertas do clube de Fuentes, Coronado.

O clube era um dos mais populares na ilha, cheio com turistas e presenças regulares, música intensa, e subcorrentes do mundo obscuro dentro do centro do ajuntamento popular. Era um local de práticas ilegais e negócios sombrios e Kira estava sentada no meio dos simpatizantes de Sorrell posando como contatos de Fuentes.

Estar aqui não tinha nada a ver com proteger o interesse do DSI em manter Diego Fuentes vivo e apoiando seu acordo para permitir a ele escapar da captura e do processo. Ela estava aqui por causa de Ian. Por causa do que ele a fazia sentir, ansiar.

Ela deu uma olhada por debaixo das pestanas na direção de Ian. Ela podia sentir a fúria dele mesmo através da distância com as barracas os separando.

Claro, o fato de que ela estava sentada com dois de seus próprios provedores não podia ser confortável para ele. Ou o fato de que nos últimos dias, vários dos contatos de Sorrell a informaram de que eles sabiam da associação dela com o herdeiro do cartel de Fuentes.

Sorrell sabia que ela era aliada de Ian, e ele parecia acreditar que a herdeira McClane poderia se tornar um recurso que ele poderia usar.

—Kira, que surpresa te ver aqui depois do seu acidente no ano passado. — Martin Missern, o garoto de praia, corretor de armas, sorriu, o sorriso mais encantador enquanto os olhos azuis glaciais desciam pelas pernas nuas reveladas pelo vestido de seda cor de bronze que ela vestia. O olhar ergueu então para a cicatriz agora pouco notável perto do ombro que era revelada pela alça fina que segurava o vestido sobre os seios. Ele e o irmão se juntaram a ela em um convite baseado em uma introdução que tinha sido feita mais de um ano antes.



A bala que ela tinha levado em Atlanta no ano passado em seu papel como amiga da filha do senador quase havia levado sua vida. Agradecidamente, Ian e as respostas rápidas de seu tio Jason a tinham salvado. Um cirurgião plástico tinha removido a maior parte da cicatriz mais tarde.

—Eu fiquei bastante surpresa por estar me movendo tão livremente— Kira admitiu com um sorriso. —Mas Jason tem vários assuntos interessantes aqui que exigem a minha presença. E Daniel cuida de mim.

Daniel atualmente estava pairando sobre ela como um espectro de advertência por detrás de sua cadeira. Ele levava a função de guarda-costas dela muito seriamente.

—Eu te vi conversando com Ian Fuentes na semana passada. — Martin finalmente entrou no assunto que Kira sentia que ele queria falar pela última meia hora. —Vocês são bons amigos, certo?— o sotaque francês liso não fazia nada para enganá-la. Ele poderia ser encantador, como uma naja, apenas esperando pelo momento certo de dar o bote.

—Nós somos conhecidos— ela admitiu. —Nos encontramos em Atlanta no ano passado.

—Ah, sim, você é amiga da filha do Senador Stanton. — Martin anuiu com a cabeça como se esse ponto de informações fosse importante. —Ele era um SEAL naquela época, não?

—Creio que ele possa ter sido. —Ela arqueou uma sobrancelha inquisitivamente. —Mas parece que ele não é mais.

Um sorriso se formou nos lábios cheios e sensuais do corretor de armas.

—Isto é verdade. —Ele anuiu com a cabeça. —Ele desenvolveu o cartel do pai de forma excelentemente nos últimos meses. Ele está dando a muitos dos outros cartéis uma competição muito dura pelo dinheiro.

Kira deixou um zombar formar nos lábios. —As vantagens de saber como os inimigos trabalham, talvez?— Ela assinalou, referindo ao fato de que era extensamente conhecido que Ian trabalhava várias missões envolvendo drogas e tráfico de armas.

—Ah, sim. — Martin sorriu. —Essa é uma vantagem excelente. Seria seguro então dizer que vocês não são amigos? Talvez inimigos amigáveis?

—Talvez. — O sorriso que se formou nos lábios dela era deliberadamente misterioso. —Por que você se importa, Martin? A última vez que ouvi sobre o seu negócio de importação-exportação não tinha nada a ver com os cartéis. O cartel de Fuentes não deveria te concernir. — O



negócio muito lucrativo e legal dos Misserns, era não mais do que uma frente para seus carregamentos de armas.

—Ah, mas o cartel de Fuentes afeta a muitos de nós— o gêmeo de Martin, Josef, assinalou ao lado do irmão. —É famoso o fato de Ian Fuentes estar movendo sua casa-base da Colômbia para Aruba, ou talvez para uma das pequenas ilhas. Ele deseja evitar as autoridades americanas e colombianas, não é?

—Bem, ele é um desertor. E um senhor da droga— ela assinalou. —Acho que ele tem que ser bastante cuidadoso. Os SEALs tendem a ficar um pouco irritadiços quando um deles vai para o lado sujo.

Ela estava falando o que tinha de falar, seguindo a maré, mas algo dentro dela parecia que estava se partindo. Ela sabia. Ian estava evitando antigo amigos assim como criminosos salivando para vê-lo fora do jogo. Ele estava andando em águas tão mortais, tão perigosas, que ela se perguntou como ele escaparia das consequências. Ou ainda, se ele escaparia.

Ele estava sozinho, contando consigo mesmo, tentando identificar e eliminar um terrorista que ninguém mais tinha conseguido identificar em quase vinte anos de investigações e missões para fazer apenas isto.

Mas Ian estava em uma posição que ninguém jamais tinha estado. Ele possuía o cartel que Sorrell precisava ganhar para ter acesso aos Estados Unidos. A operação de Fuentes tinha, ao longo dos anos, conseguido criar uma operação subterrânea segura para mover as drogas e as pessoas pelos Estados Unidos, Canadá e México.

Duas gerações de jogadores mestres de xadrez. Diego Fuentes e o pai tinham começado o que Ian estava fortalecendo agora. Até as forças administrativas de narcóticos estavam queimando os neurônios com o modo como ele tinha conseguido ultrapassar sua segurança, seus informantes, e sua determinação de pegá-lo.

Martin Missern olhou rapidamente passando por ela então, o sorriso ficando presunçoso antes de ele mover a mão para detrás da cabine de couro e jogou uma mecha longa do cabelo preto dela por cima do ombro, uma vez mais mostrando o vale entre os seios que o vestido decotado deixava à mostra.

O olhar de Kira foi para a mão dele, então de volta para os olhos.



—Toque em mim novamente, Martin, e você poderá precisar de um toco onde essa mão costuma estar— ela advertiu enquanto a sombra de Daniel caía sobre ele, fazendo os guarda-costas de Martin ficarem tensos também.

Martin sacudiu a mão para os tontos posando como seguranças e relampejou a ela um raro sorriso de diversão.

—Fuentes está te assistindo muito cuidadosamente, pequena— ele disse. —Tem certeza de que não há mais do que amizade entre vocês? Eu nunca vi o nosso amigo ali tão chateado por uma mulher em todos os anos em que o conheço.

E havia muitos anos nessa história. Ian e Martin tinham se esbarrado mais de uma vez, e várias vezes o corretor de droga tinha vindo contra o time de SEALs que Ian trabalhava.

—Talvez ele esteja com indigestão. — Ela encolheu os ombros, recusando-se a olhar para Ian novamente. —Eu não estou aqui para discutir os problemas do Ian, estou aqui para apreciar algumas bebidas. Você está interferindo nisto.

Uma carranca pequena apareceu ao redor da sobrancelha dele. —Nada amigável, não?— Ele perguntou. —Você me confunde, *ma petite*. A sobrinha de um dos homens mais ricos do mundo, e se rebaixa a um traidor e dono de cartel de droga? Como pode ser? Os seus deveriam ser mais refinados, não?

Kira juntou as mãos no colo e o assistiu calada, maliciosamente, por longos momentos.

—Daniel, poderia fazer o mordomo trazer o nosso carro agora. — Ela dirigiu a resposta ao guarda-costas. —O Sr. Missern está começando a me chatear. — Ela se moveu para sair da barraca.

—*Non, non*, você não deve sair ainda. — A mão de Martin ergueu para agarrar o pulso dela e pará-la. Um movimento dominante e com força o suficiente para quebrar o pulso dela se ele não fosse cuidadoso.

Missern era uma cupim. Um pequeno e safado parasita que sabia como maltratar suas mulheres.

Antes que os dedos dele pudessem envolver a carne dela, ela tinha os dois dedos dele seguros, curvados para trás, fazendo-o parar chocado enquanto ele a assistia em silêncio com os olhos estreitos.



—Você sabe as regras, Martin— ela o lembrou suavemente. —Não toque em mim e eu não toco em você. —Ele vacilou enquanto ela mostrava a pressão apenas suficiente para assegurá-lo de que ela poderia deslocar os dedos antes que ele pudesse fazer um só movimento até ela.

—Kira, amorzinho. — Josef, Gêmeo de Martin, sorriu amplamente. —Solte Martin agora. Ele será um bom menino, não é, Martin?

Os lábios de Martin curvaram enquanto ela o soltava, a sobrelanceira com um espasmo desdenhoso enquanto ele a encarava.

—O temperamento de Martin está ficando cada vez mais irritável, Josef— ela assinalou. —Você não acha que ele está na seca?

—Ora, sua cadela. — Martin não era de aceitar insultos de uma mulher.

Friamente, Kira sabia o que estava vindo. Ela viu a virada do corpo, o flash da mão, e sabia que não havia nenhum modo de parar o tapa. Nem mesmo Daniel era tão rápido.

Mas outra pessoa era. A poucos centímetros de sua bochecha, a mão de Martin parou abruptamente, e Kira foi arrastada em torno da barraca, caindo em uma cadeira de couro liso enquanto Daniel saltava para a parte de trás e aterrissava onde ela tinha sido sentada.

A arma estava na mão, a expressão furiosa enquanto ele olhava fixamente para os Misserns. Ambos ergueram as mãos em um gesto de rendição, mas o triunfo enchia seus rostos.

—Tire ela daqui!— A voz de Ian estava na orelha dela enquanto ele a empurrava para Daniel. —Agora!

Virando, ardente com fúria, ela enfrentou um demônio que não poderia ter esperado e uma pequena multidão de seguranças enquanto eles se moviam para parar a altercação. Sim, Coronado em seu melhor estilo. Eles não se importavam com quem matasse ou morresse, desde que os clientes fossem protegidos de realmente testemunharem quem tinha feito a matança.

—Tire as suas mãos de mim!— Ela soltou o braço do aperto dele. —E vá para inferno. Eu não preciso de você ou de qualquer outro homem para me salvar.

Mãos duras agarradas os braços superiores dela, puxando-a para perto, enquanto a cabeça dele abaixava, o nariz quase tocando o dela, a raiva fluindo dele como ondas de calor.

—Não me provoque, Kira— ele sibilou. —Você não gostará das consequências.



—Te provocar, Sr. Fuentes?— Ela o questionou veementemente. —Eu não tenho nenhuma intenção de fazer uma coisa tão grosseira. Mas se você não me deixar ir, vai perder as bolas.

—Que interessante— Josef gritou alegremente. —Você encontrou seu par, Fuentes? O senhor das drogas e a princesa da sociedade. Agora, quem teria pensado nisso?

Ela viu o segundo em que Ian percebeu o engano que tinha feito ao defendê-la, da mesma maneira que ela percebeu o quão cuidadosamente Martin Missern tinha armado tudo. Era conhecido o fato de Kira não tolerar que os homens a tocassem sem sua permissão, e ele deliberadamente a havia tocado a cada chance desde que ele e o irmão tinham se juntado a ela na barraca curva.

Ele a tocou e empurrou, e usou a oportunidade para forçar Ian a se mostrar. Por causa de algo que ele tinha ouvido ou de algo que ele tinha sido pago para instigar? Ou será que alguém sabia de algo mais?

A cabeça de Ian ergueu, e enquanto ele olhava para Martin, a voz estava fria, mortal. —Nós temos uma reunião amanhã— ele lembrou ao outro homem.

—Temos— Martin respondeu presunçosamente.

—Deixe seu irmão lidar com isto. Se eu o vir novamente, porei uma bala entre os seus olhos. Você me entendeu?

—Você lidará comigo ou não comprará o material de que precisa. —Martin riu. —Vamos lá, Ian, por que permitir que uma puta da sociedade como essa afete os negócios?

Assassinato puro queimava nos olhos de Ian então. Kira ficou tensa com o fogo glacial, o coração correndo agora com medo.

—Considere a reunião cancelada— Ian disse suavemente. —Você não é o único provedor. E não viverá por tempo o suficiente para fornecer qualquer coisa que eu precise.

Apertando a mão no braço dela, ele começou a arrastar Kira pela multidão, cruelmente ignorando suas lutas e suas maldições.

Ela olhou rapidamente sobre o ombro de Daniel enquanto ele cobria suas costas, mantendo o olhar cuidadosamente nos irmãos Missern que estavam de pé e agora assistiam a partida deles, as expressões uma mistura de raiva e preocupação.



—O Hummer está esperando na porta, chefe— Deke anunciou enquanto ele e outro guarda-costas limpavam a passagem pela pista de dança.

—Trevor, você e Cristo vão com o guarda-costas dela. Nós nos encontraremos na vila.

—Qual vila?— Um dos outros guarda-costas perguntou.

—A minha!

—Até parece— Kira protestou ruidosamente. — Não que ele parecesse a estar escutando. — Você pode me levar para a minha vila ou vai me deixar agora.

Ele a ignorou, claro.

Tropeçando, ela lutou para se soltar, apenas para sentir o mundo virar de ponta a cabeça. Um segundo mais tarde ela estava lutando com o conhecimento de que Ian a havia jogado sobre o ombro como um maldito saco de batatas. Pelo menos ele teve a presença de espírito de colocar o braço ao redor das coxas dela e agradecidamente esconder o fato de que ela não estava usando calcinha hoje à noite.

—Bastardo!— Ela tentou bater o cotovelo no rim dele, apenas para ganhar um duro e ardente bofetão no traseiro.

Oh, não. Ele não tinha acabado de bater no traseiro dela. Ele não ousaria.

—Eu mesma te matarei— ela gritou, tentando dar outro golpe, apenas para ganhar outra carícia em chamas enquanto eles passavam pela saída.

Ela o odiava. Ela o detestava. Ela mesma iria matá-lo. Oh, Deus, assim que ela fodesse com ele. Assim que as chamas de excitação a rasgando com aqueles bofetões aliviassem apenas o suficiente para ela perceber *como* matá-lo.

—Entre. —Um momento mais tarde ela estava sobre o banco de couro. De um Hummer estendido, cujas elegantes cadeiras revestidas como limusines, separavam a área do motorista dianteiro, um testemunho da quantia de dinheiro que o cartel de Fuentes tinha para queimar.

A raiva e a excitação surgiram pelo sangue dela enquanto ela saltava para ele. Uma semana de desejo, muitos pesadelos e muitos medos. A porta do veículo bateu violentamente atrás dele enquanto os punhos dela atingiam o tórax dele. As mãos dele agarraram os pulsos dela, o corpo maior dele bateu as costas dela violentamente no banco, e dentro de um segundo os lábios dele



estavam no dela, o corpo cobrindo o dela, as mãos acariciando, o joelho abrindo suas coxas, o gemido dele encontrando os dela enquanto a fúria explodia entre eles.

Ela não estava mais perdida. Foi o primeiro pensamento que ela teve enquanto os lábios dele afundavam nos dela e ele segurava o corpo dela contra o dele. Ela não estava perdida, não estava alcançando, não estava mais tentando encher o vazio súbito dentro de si. Ian o estava enchendo. Ele era seu par. O único homem que ela não poderia derrotar. A outra metade de sua alma.

Os dedos dela enrolaram enquanto ela tentava se soltar do aperto dele. Os quadris dela curvaram, apertando mais seu sexo contra a calça comprida de seda que ele vestia, amando sentir o joelho dele apertando contra ela.

Os lábios dele estavam devorando os dela. Lábios, dentes, língua, ele fazia bom uso de todos eles. Ele beliscava e lambia, acariciando e a consumindo. Ele criava respostas nela que ela não sabia que possuía, não sabia que podia sentir.

Ela era a fêmea equivalente de sua força dominante. Ela deveria estar tentando arranhar os olhos dele, não montando em seu joelho com fome vigorosa. E ela com toda a certeza não deveria estar ficando tão molhada que a carne nua de sua buceta estivesse amortecendo a própria calça.

—Putá que pariu!— A cabeça dele ergueu. —Você não está usando calcinha.

Ele se moveu para trás, os olhos focando entre as coxas dela, onde a bainha do vestido estava sobre o topo de suas pernas.

— Marca da calcinha — ela murmurou, erguendo para ele novamente, arqueando contra o aperto que ele ainda tinha em seus pulsos.

O olhar dele foi de volta para o dela, os olhos cor de uísque queimando com chamas escondidas enquanto o cabelo caía no rosto, dando a ele a aparência sensual de um guerreiro.

— Marca da calcinha?— Ele piscou de volta para ela.

—O vestido é apertado, Ian— ela gemeu. — A marca da calcinha teria aparecido. Agora você poderia, por favor, calar a boca e me beijar novamente?

Apenas mais um daqueles beijos “de roubar a alma” e ela poderia ser capaz de salvar a sanidade em uma data futura.

—Você não deveria estar aqui. — A mão livre dele seguiu o corte fundo do justilho de seu vestido, um dedo enroscando embaixo do tecido antes de arrastar sobre um mamilo duro, erigido.



As narinas flamejavam. Luxúria tomava os olhos e a expressão, faiscando uma chama no útero e chicoteando-o para uma conflagração de calor.

Ela podia sentir a transpiração no rosto e embaixo dos seios, amortecendo-a mas não fazendo nada mais para diminuir o calor que queimava dentro dela.

—Eu não deveria estar em qualquer lugar outro— ela gemeu enquanto o dedo polegar e o indicador dele agarravam o ponto duro, arrastando sobre ele, apertando-o enquanto a pressão de seu aperto enviava dedos selvagens de sensações rasgando através das terminações nervosas. — Deixe-me ir, Ian, deixe-me te tocar.

Ela estava desesperada para tocá-lo. Ela já tinha alguma vez precisado tocar algum homem tão desesperadamente quanto precisava tocá-lo? Ela sabia que não tinha. Sabia que essa excitação e fome nunca tinham sido tão ferozes, tão perversas.

Quase tão ferozes e más quanto os olhos escuros dele firmes em seus seios. Não eram seios jovens e energéticos. Não como os das mulheres que o cercavam mais cedo no clube. Os seios dela estavam cheios, inchados agora com necessidade, os mamilos apertados e duros, implorando atenção.

—Eu sonhei com isso. — A voz vibrava com desejos escuros. —Ver você se contendo embaixo de mim, seu corpo implorando pelo meu toque. É isso o que você realmente quer, Kira? Você não sabe o que está arriscando aqui?

Ela estava certa de que se parasse para pensar sobre isto, então ficaria apavorada.

—O que eu estou arriscando, Ian?— Ela sussurrou ao invés. —Ou você está tão assustado com o risco? Com medo de que esse seu coração tão duro e forte pode ser afetado dessa vez?

As pupilas dele dilataram, a expressão apertou enquanto as sobrancelhas dele abaixavam meditativamente.

—Eu quero você. — A declaração não era o que ela esperava. —Você toda. —Eu preciso de você— ele repetiu, encarando-a, o corpo tenso e feroz.

—Eu sou sua. — Ela estava arquejando? Inferno, agora ela estava arquejando. Ela o queria com uma fome e desespero que sabia que não tinha nenhuma esperança de controlar.



O dedo polegar e o indicador apertando seu mamilo, enviando um flash de calor erótico batendo pelo sistema. —Eu te quero embaixo de mim ou segura atrás de mim, não importa como. Você está me deixando louco ao se colocar em perigo.

Ela não podia evitar o sorriso que se arrastou nos lábios.

—Não. —Ela não podia dar isto a ele. Ela não o daria. —Você me quer, Ian, ou quer uma dessas pequenas submissas que você tem fodido ao longo dos anos? Se o que você quer for a segunda opção, então terá que achar em outro lugar.

Ela se recusava a ser menos do que era com ele. Não apenas uma amante, mas uma companheira. Por tantos anos ela tinha escondido quem era, sempre fazendo um papel, sempre ciente da missão, qualquer que fosse a missão. Dessa vez, ela não poderia fazer um papel. Não nos braços dele. Não no coração dele.

Ela assistiu a ira juntar na expressão dele, sentiu a tensão tomar seu corpo. Mas seu toque nunca cruzou a linha entre o prazer e dor.

—Você acha que isso é um jogo— ele declarou, a voz áspera rangendo agora. —Maldita você, Kira. Eu não posso nem pensar na necessidade de te tocar, te abraçar. Te proteger. — Os dedos dele deixaram o mamilo mas a cabeça abaixou, a língua batendo ao longo da ponta agora tenra. Ele beliscou a carne sensível, fazendo um gemido chocado deixar a garganta dela enquanto o prazer lavava por seu sistema.

—Eu mesma me protejo. — A voz estava fraca, muito fraca, enquanto ela sentia os dedos em sua coxa, sentido o joelho recuar apenas para ter a mão em seu sexo. Deslizando contra ele. A palma deliciosamente áspera sobre o clitóris. —Deus, Ian, quando você perceberá que nós estamos juntos nisso?

Oh, Deus, ela podia gozar tão facilmente, apenas com ele a tocando. Ela olhou fixamente de volta para ele, ofuscada, queimando para ele. Tudo o que ela queria era o prazer que tinha achado nos braços dele antes. O ponto alto e erótico do orgasmo que ela apenas achava com ele.

—Você é minha enquanto estiver aqui. Ponto final— ele rosnou. —Eu não tolerarei que outro homem te toque ou você vai desaparecer, Kira, até que isto esteja terminado. Em algum lugar que você não tenha nenhuma chance de escapar. Nenhuma chance de se arriscar ou arriscar o que eu estou fazendo aqui. Isto está entendido?



O alto calor erótico era apenas o suficiente para fazê-la olhar para ele em choque. Ele não estava falando de sexo. Ela o seguiria nesta operação ou ele teria que sequestrá-la.

—Você não ousaria!— Ela sussurrou. Mas ela sabia que ele iria. Ele tinha ficado ainda mais duro, mais determinado nesses oito meses dentro do cartel.

A fúria apertou a expressão dele. —Eu sou o maior chauvinista que você encontrará na sua vida. O pensamento da *minha* mulher em perigo é mais do que posso tolerar. Você fará do meu modo ou me certificarei de que você seja protegida de outro modo.

Dominante. Arrogante. Possessivo. Mas pelo menos ele estava admitindo que estava em uma operação agora.

—Ian, eu sei o que estou fazendo. —A confusão marcava a voz dela e ela sabia disto. Inferno, ela era uma agente contratada treinada e já por dez anos. Ela não era exatamente uma recruta neste mundo.

Sombras assustadas relampejaram no olhar dele e descenderam pelo corpo dela para onde a mão dele tocava sua buceta, os dedos acariciando. A respiração saía aos arrancos do peito dela enquanto o prazer ameaçava inundar seus sentidos novamente.

Quando os olhos voltaram para os dela, estavam cheios com tormento, desejo furioso. —Eu preciso da sua promessa. Você será cuidadosa. Deixe-me te proteger. Não importa como.

—Isso não é uma questão, Ian— ela disse.

—Se você for machucada... — A garganta dele trabalhou convulsivamente à medida que ele tragava. —Kira. Não me faça viver com isto. Não me faça ter que viver com a sua morte.

O que ela estava vendo nos olhos dele agora? O que era esse demônio da dor à espreita que queimava como uma chama escondida?

—Eu podia te fazer me prometer a mesma coisa— ela disse suavemente. E ela concordaria simplesmente porque se permitisse a ele protegê-la, ela poderia proteger suas costas. E sua alma. Porque ela sabia que sua intenção poderia destruir uma parte dele se ele tivesse a permissão de ir em frente.

Apesar de todos os seus crimes, Fuentes ainda era o pai dele. E apesar de todo o horror que ele criava nos outros, ele ainda era um contato do DSI que eles não queriam perder. Que não tinham condições de perder.



Os dedos dele se moveram entre as coxas dela então, dois deles apertaram duro e fundo, vigorosamente, dentro de sua buceta molhada. Os quadris dela curvaram, um salto cravou no banco de couro, o outro no chão de madeira enquanto ela fazia os dedos dele irem mais fundo e sentia as chamas eróticas lamberem por seu corpo.

—Se eu descobrir que você organizou aquela cena com os Missernes, vou fazer bolhas no seu traseiro— ele disse com um gemido, vindo atrás dela, os dedos a fodendo, estirando, transpiração começando a amortecer o corpo inteiro. —Eu te amarrarei na minha cama por uma semana, Kira. Você nunca fará jogos comigo assim novamente.

Ela agitou a cabeça. —Nenhum jogo— ela ofegou, os músculos apertando convulsivamente os dedos dele. —Ian, por favor.

Os lábios dele cobriram o mamilo que ele revelou, trazendo-o para a boca, sugando com fome forte, aquecida, enquanto o prazer começava a roubar o bom senso dela.

Ela nunca soubera que sexo podia ser tão bom. Ela nunca tinha imaginado. Nunca tinha pensado que poderia possivelmente perder a cabeça nos braços de um homem.

—Você me pertence, Kira?— Ela ergueu a cabeça, o olhar perfurante enquanto se forçava a abrir os olhos. —Te ver com o Missern sabendo que ele estava pronto para te atingir. Eu o queria morto.

Ele estava conversando com ela? Perguntando algo a ela? Agora? Enquanto os dedos a estavam enchendo, acariciando, roçando as pontas nos lugares mais apazíveis, áreas que ela nunca tinha sabido que eram tão boas.

—Pertencer a você?— Ela arquejou.

—Diga-me que você me pertence, Kira. — Os dedos se moveram mais duro, mais fundo, mergulhando nos músculos lisos, saturados de sua buceta enquanto os tremores de resposta corriam por ela.

—Sempre. — Ela gritou a palavra. Ela não podia se segurar, não mais do que poderia conter o conhecimento de que ela pertencia a ele de modos que nem podia definir.

Era uma batalha que ela teria de lutar consigo mesma mais tarde. Não agora, porque agora ela estava sendo consumida. Os lábios cobriam os dela em recompensa, a língua afundando,



fodendo em sua boca e deixando-a louca com a necessidade de se aproximar enquanto ele controlava os movimentos com as mãos e o corpo.

Os dedos raspavam e enchiam sua buceta, acariciando e mergulhando enquanto a palma da mão dele finalmente dava a ela a pressão que ela precisava para explodir.

Ela se desvendou embaixo dele. A respiração ficou presa na garganta, as sensações chiando através da carne, e em ofuscantes segundos o terror a lavou. Porque nenhum outro homem podia fazer isto. Nenhum outro homem podia trazê-la a este ponto. E quando a operação estivesse terminada, se eles sobrevivessem, então Ian iria embora para sempre.

Capítulo Onze

Ian podia sentir a necessidade, o demônio da luxúria rasgando por ele enquanto Kira explodia ao redor dos seus dedos. Tentava seu controle, controle que nunca tinha sido tentado antes, e rasgava por sua mente com a navalha afiada da extremidade agonizante da fome.

E ele estava ficando sem tempo.

Ian piscou contra o suor sobre os olhos enquanto o olhar erguia para as janelas matizadas que mostravam a paisagem além do Hummer. Uma meia hora talvez, antes de eles chegarem à vila. Não era tempo longo o suficiente para ele explicar a ela que vê-la com Missern, assistindo o bastardo apenas tocar seu cabelo tinha feito com ele. Havia deixado-o louco com a necessidade de reivindicá-la. Kira era uma mulher forte, uma fêmea alfa, a única que ele já tinha encontrado. Isso fazia mais difícil para ela entender que ele precisava protegê-la.

Ele a queria ígnea, provocante e desafiante, mas ele também queria que ela reconhecesse o fato de que ele estava no controle. Ela tinha que reconhecer. A vida dela poderia depender disto.

Ele não tinha tempo para alcançar a mulher interior, mas tinha tempo para deixar a fome dentro dela livre. Até certo ponto. Deus o ajudasse se ele conseguisse colocar seu membro dentro dela; ele ficaria lá pelo resto da noite. Eles não deixariam o carro porque ele ficaria dentro dela pelo resto da noite.



Enquanto o orgasmo aliviava pelo corpo dela, os braços dele soltaram-na, tirando os dedos da carne dela, e foram para o cinto de couro que encilhava os próprios quadris.

Ele não podia tomá-la, mas ele poderia ter a boca dela nele novamente. Ele precisava disto. A visão dela o tomando com prazer primitivo, saboreando-o, trabalhando para seu prazer.

Ele assistiu a expressão dela mudar para fome renovada enquanto ele puxava as calças dela para as coxas e trazia o comprimento duro de seu membro na mão.

—Eu vou ter a vez de me divertir agora?— A diversão enchia o tom de voz dela enquanto ela ficava de joelhos devagar.

Ian colocou a mão no teto do veículo e cerrou os dentes para conter um grunhido. Ele apertou os dedos em torno da base do membro e assistiu enquanto ela lambia os lábios.

Então ela lentamente se curvou. Por Deus, o que mais ele queria assistir? A boca tomando seu membro, ou o traseiro apertado que se erguia atrás dela?

Ele se comprometeu. Assistiu enquanto os lábios dela afundavam sobre a cabeça pulsante, o membro escuro, e ele deixou a mão cair em um tapa leve no traseiro dela.

Ela vacilou e retesou, erguendo os olhos para ele. Desafio faiscando nas profundidades cor de bruxa, mas assim como o prazer e a excitação. Ele bateu na lateral do traseiro dela uma vez mais, sorrindo com a resposta afiada e involuntária que a fez erguer com a carícia.

Ela não sabia se deveria se permitir apreciar isto ou não. Esse pedaço de confusão feminina fazia todo o instinto possessivo e dominante dentro dele uivar com prazer. Ele deu a ela outro leve tapa.

—Chupe meu pau, gatinha. Eu cuidarei do resto.

Ela obviamente não gostou do apelido, mas isso era o que ela o lembrava. Uma valente e pequena gata, silvando e cuspiendo o desafio, mesmo enquanto ela doía pelo toque que nunca tinha experimentado antes.

Fazia a luxúria dele queimar mais alto, sabendo que nenhum outro homem já a tinha acariciando desse jeito antes, nunca a tinha feito passar do próprio controle como ele tinha feito. Era viciante, desafiador, e o fazia querê-la com um desejo que francamente o assustava.

Os dentes dele cerraram enquanto o calor úmido de sua boca cercava a cabeça de seu membro. Ela ainda o estava assistindo, cautelosa, incerta. Ele gostava dela assim. Fazia cada toque



mais afiado, mais brilhante para ela. Manter Kira com a guarda baixa poderia se transformar em um passatempo viciante. Se ela não conseguisse deixar *ele* com a guarda baixa.

Que maldição!

Ela colocou a cabeça pulsante do membro contra o céu da boca e a língua ondulou embaixo dele, deslizando no lado inferior sensível e enviou lanças de necessidade batendo em suas bolas. O escroto ficou duro e apertado com a necessidade de liberação que fez o membro dele inchar ainda mais na boca.

A mão caiu sobre o traseiro dela novamente, então ele segurou a nádega cheia, acariciou, deslizou enquanto ele assistia os olhos dela. O cinza aprofundou, os anéis azulados ao redor escureceram. Olhos de bruxa. Olhos sedutores. Olhos que ameaçavam prender a alma dele.

—Você já foi tomada aqui?— Ele deixou os dedos acariciarem a fenda estreita entre os montículos tensos do traseiro dela. —Você já ficou de quatro por um amante, Kira? Deixou-o trabalhar esse bonito traseiro aberto e o encher com seu pau?

Ela empurrou. Os olhos dilataram, e ele soube que ela não tinha. Não, isso seria dar controle em vez de tomá-lo.

—Você não imaginou como pode ser, ser tomada aqui?— O corpo dele apertou com o conhecimento de que essa era uma intimidade que ela não tinha compartilhado com nenhum outro amante. O membro dele pulsou com o pensamento, cerrando com a advertência da liberação iminente.

A insegurança flamejava no olhar dela.

—Aposto que você está apertada aqui. — Ele deixou o dedo massagear a pequena entrada escondida enquanto ela se flexionava sob seu toque. —Apertada e quente. Você gritaria por mim? Você imploraria para que eu a fodesse mais duro?

Suor formava sobre a sobrancelha dela enquanto ele puxava o cabelo dela para trás com a outra mão e trabalhava seu membro contra a língua ondulante. Ele estava muito perto de gozar e isto era tudo que ele podia fazer para evitar ejacular.

Enquanto ele puxava as mechas longas sobre o ombro oposto, ele deixou os dedos enroscarem nelas, apertarem.

—Chupe meu pau. Não lamba apenas. Você sabe o que eu quero.



Da mesma maneira que ele sabia o que ela estava fazendo. Aplicando a pressão certa no lugar mais sensível da carne dura, desejando quebrar seu controle. Ela envolveu as bolas duras, massageou e foi mais para trás.

O próximo tapa foi mais duro, mais quente. —Não foda comigo, bebê— ele disse suavemente. —A menos que você queira enfrentar as consequências.

Um franzir marcou a sobrancelha dela mesmo enquanto os dedos dela iam ao escroto e sua boca começava a trabalhar sobre a cabeça do membro.

O olhar dele chamejou para o traseiro vermelho dela enquanto ele dava outro tapa leve. Prazer, um ardor lento que a levaria através dos limites entre prazer e dor. —Você vai erguer o seu doce traseiro para mim. Apenas um pouco mais alto, bebê. Erga para mim, então eu poderei fazê-lo arder gostoso.

Ela gemeu ao redor do membro dele, fazendo a boca sugar mais fundo enquanto os olhos pareciam queimar. Mas ela fez. Juntou mais os joelhos e ergueu o traseiro para ele.

O suor gotejava pelas costas dele enquanto ele lutava pelo controle por apenas mais alguns minutos. Apenas um pouco mais de tempo. Ele queria que ela gozasse com ele. Ele queria que ela conhecesse, nesta instância, que ele controlava o corpo dela, sua resposta e seus orgasmos.

Ele guiou os lábios dela com a mão que segurava o cabelo, puxando as mechas espessas, o membro fodendo a boca enquanto ele dava pequenos tapas no traseiro dela, indo para mais perto da carne saturada de sua buceta nua, fazendo-a queimar. Por dentro e por fora.

Ela era mais fraca a esta forma de prazer do que sabia. Ele podia ver em sua expressão enquanto ela tentava lutar, sentindo o calor da sucção de sua boca enquanto ela tentava empurrá-lo além da extremidade antes que ele conseguisse empurrá-la além do limite.

Dele. Ela pertencia a ele. Ele sentia isto na alma; ela o desafiou, provocava com os olhos, picava o controle dele com a boca aquecida e feroz. Ela lambeu e o consumiu até a necessidade de respirar era prazer e dor, até que o suor cobrisse seu corpo e seus pulmões trabalhassem por oxigênio.

Os gemidos dela ecoavam ao redor de sua ereção e enchiam sua cabeça, da mesma maneira que o som da mão dele encontrando o traseiro dela começava a combinar com o gemer das respirações.



—Esse traseiro é meu. Essa doce buceta é minha. —Ele deitou a mão no traseiro dela novamente, sentindo-a queimar nos gritos que cercavam seu membro e vendo no escurecer dos olhos.

Ela pertencia a ele.

Apenas um pouco mais, ele sabia. Ele cerrou os dentes, permitindo à mão cair mais dura, mais perto da buceta empapada, fazendo a carne arder e lançando-a além do limite do prazer e dor. Para um lugar onde os dois se fundiam. Onde eles se misturavam em uma tempestade caótica de fome e necessidade.

—Você vai gozar por mim, Kira. — Os olhos estavam quase pretos, a boca apertada, faminta, enquanto ela o puxava, levando quase até a garganta agora, erguendo seu traseiro para ele, os gemidos o persuadindo.

—Sinta, gatinha. — Ele manteve a voz baixa, rouca. Trabalhando facilmente em direção à zona feliz ele sabia que a estava trazendo. Um lugar onde nada importava além da sensação, o ardor de prazer e a liberação que estava vindo. —Sinta o quão quente e molhada você está. —Ele deu uma carícia mais gentil mas em chamas entre suas coxas. Uma vez. Duas vezes. De novo em seu traseiro. Então na carne nua de sua buceta.

Ela estava agitando agora. Estremecendo. E Deus o ajudasse, ele não podia se conter. Ele podia sentir o sêmen ferver em suas bolas, ameaçando transbordar.

—Goze por mim, Kira. — Ele deu uma batida mais firme contra sua buceta, então de novo em seu traseiro. —Dê-me o que eu preciso, bebê.

De volta na buceta. Uma vez. Duas vezes. Ele recuou para o traseiro então, os pequenos bofetões ganhando velocidade e força até que ele a sentiu explodir, ouviu-a gritar em seu membro. A cabeça dele caiu para trás enquanto ele forçava de volta com um grito sua liberação e enchia a boca o envolvendo com seu gozo.

Cada empurrar e estremecer da ejaculação o rasgou com um grito estrangulado dos lábios mesmo enquanto ele mergulhava os dedos nas profundidades apertadas da buceta dela que convulsionava, sentindo os fluidos sobre os dedos.



Ela o consumia. Chupava a semente de suas bolas, e o deixou tão fraco que ele quase desmoronou sobre ela. Ele jogou o peso de volta no banco, a respiração trabalhosa, aos arrancos, enquanto os jatos finais de seu sêmen enchiam sua boca.

Assim que Ian pôde pensar, se movimentar, foi para longe dela, puxando a calça para os quadris e achou lugar para sentar antes de puxá-la para seu colo. Ele não podia dar a ela tempo para considerar o que havia acontecido até que ela desse ao próprio corpo tempo para aliviar as implicações do ato. Rendição para uma mulher como Kira era necessário agradar a mente e o coração, assim como ao corpo.

—Eu não gostei disso. — A voz estava cascuda, incerta, enquanto ele colocava a cabeça dela embaixo de seu queixo e deixava as mãos acariciar os tremores que ondulavam pelo corpo dela. — Não mesmo. E se você me chamar de gatinha novamente, e eu te matarei enquanto estiver dormindo.

—Eu pude dizer que você odiou quando encharcou os meus dedos com o seu orgasmo— ele meditou com um sorriso. Manteve a voz gentil, permitindo a ela ouvir e sentir sua completa aprovação na resposta.

Ela estava muda enquanto se deitava contra ele então, os braços jogados ao redor de seu pescoço e segurando-se apertada nele.

—Não faça isto novamente— ela finalmente suspirou fraca.

Um sorriso enrolou os lábios dele enquanto ele curvava a cabeça sobre a dela e a abraçava para ele. Deus, ele amava abraçá-la. Tê-la nos braços, suave como uma gatinha sonolenta com as garras ainda estendidas.

—Talvez eu faça algo diferente da próxima vez— ele disse lentamente, percebendo que estava se divertindo com o prazer que sentia nisso. Apenas a abraçando, provocando.

—Talvez eu também faça. — Ela beliscou a mandíbula dele, mas ele sentiu seu sorriso.

—Você provavelmente vai. — Ele apertou a cabeça dela contra ele, o coração diminuindo a batida frenética enquanto olhava para o lado de fora do Hummer.

Ela era páreo para ele, ele sabia desde o princípio. Era por isso que ele tinha evitado começar uma relação com ela? Kira nunca ficaria em casa, segura e salva, enquanto ele lutasse, e ele sabia



disto agora. Ela sempre estaria nas costas dele se ela estivesse que estar ou não e isso era uma realização assustadora.

Ele não estava mentindo quando disse a ela que era o pior chauvinista que ela encontraria. Ele era. Protegê-la era uma parte de quem ele era, inveterada nele durante os anos em que ele tinha lutado e quase falhado em proteger a mãe delicada. As mulheres eram para serem protegidas, estimadas, não colocadas na linha de frente de uma guerra suja, subterrânea.

—Você tem que ser cuidadosa— ele disse a ela baixinho, olhando para o lado de fora do Hummer em vez dela. —Diego não hesitará em te matar se ele se sentir ameaçado. — Ou se ele sentir que ela ameaçava Ian. Esse conhecimento o dilacerava.

—Eu sou treinado em cobrir operações, Ian— ela o lembrou novamente. —Eu sei o que estou fazendo.

Ele anuiu com a cabeça devagar. Ele tinha que dar esse crédito a ela. Ela havia sobrevivido no mundo dos criminosos já por uma década agora. Uma mulher não conseguiria realizar isso a menos que soubesse exatamente o que estava fazendo.

—Enganos acontecem quando emoções ficam envolvidas— ele disse a ela calmamente. E, nossa, as emoções dele estavam envolvidas. —Fique em guarda. Nós estamos ficando sem tempo aqui. Nós estamos e Sorrell também. Ele precisa das conexões do Fuentes para ter sucesso no ataque que planejou. Nós precisamos de sua identidade para parar isto. Quando as coisas estiverem afundando, docinho, e eu sei que elas irão, eu te quero segura.

—Tão segura quanto você?

E isso o apavorava.

—Mais segura— ele sussurrou. —Eu te quero mais segura.

Ele a dobrou contra ele uma vez mais e olhou fixamente para a tela preta que o separava da área do motorista. Eles estavam perto da vila agora. A vila onde Diego sem dúvida nenhuma já tinha ouvido sobre o confronto com os Misserns, assim como já teria ouvido sobre Kira.

O bastardo estava desesperado para Ian achar uma mulher. Não pela boa razão da felicidade do filho. Não, ele precisava de uma fraqueza que pudesse explorar, e Ian sabia disto. E agora, Ian segurava essa fraqueza nos braços. Nem Diego nem Sorrell hesitariam em usar essa fraqueza contra ele se tivessem a chance.



Kira estava decente quando o Hummer parou na frente da vila de Fuentes. Seu vestido não estava mais ao redor dos quadris, e seu cabelo estava ajeitado.

Se o comportamento de Ian pudesse ser tão facilmente arrumado...

Cinco minutos na vila e ele já tinha ficado mudo, frio. As roupas estavam restabelecidas e a feição glacial de volta no lugar. Ela estava apenas agora percebendo o quanta odiava essa feição.

Enquanto Deke abria a porta dos fundos e a ajudava a sair do veículo, a porta da frente da vila foi aberta, e Diego Fuentes se debruçou preguiçosamente contra a entrada, a cabeça balançou enquanto ele a assistia curiosamente.

Para um homem na casa dos cinquenta, quase sessenta, ele estava em excelente forma. O cabelo preto estava principalmente cinza agora, o rosto marcado, mas a calça comprida de seda e a camisa branca cobriam um corpo que bem tonificado. Não havia nenhuma dúvida de que ele tinha excelente cuidado consigo mesmo.

E ela agora podia ver facilmente que Ian tinha tomado um pouco das feições do pai biológico. Mas ela já sabia disto. As sobrancelhas pesadas, as maçãs do rosto bem marcadas, os lábios sensuais.

Ian se moveu para além dele, os dedos presos no braço de Kira enquanto ele a puxava para o hall da entrada.

O sorriso de Diego hesitou. —Nós precisamos discutir algumas coisas antes que você se retire, Ian. — A voz de Diego afiou enquanto eles passavam por ele.

—Pode esperar—

—Não pode esperar. — Diego anulou as objeções de Ian. —Eu te encontrarei no meu escritório em vinte minutos. Te dará tempo para escoltar a sua amiga para o seu quarto ou onde quer que você pretenda que ela passe as noites e me encontrar no meu escritório. Estarei te aguardando lá.

Diego girou nos calcanhares e marchou pelo hall da entrada para o corredor dos fundos, deixando Kira e Ian apenas do lado de dentro, cercados pelos guarda-costas.



Isto era uma bagunça. Como Ian tinha conseguido sobreviver diariamente à tensão que ela podia sentir entre ele e o pai?

Ela olhou a entrada opulenta, teve um vislumbre do salão principal com teto alto à direita e a área de jantar que se abria atrás dela.

—É uma vila muito boa. — Era um passo de uma mansão elaborada. Os Fuentes definitivamente viviam bem.

—É bonzinho— Ian murmurou. —Vamos, eu te mostrarei o meu quarto e então verei o que o velho quer.

A sombra de amargura na voz dele não passou despercebida, mas ela duvidava que alguém pudesse ter pegado a menos que estudasse as sombras da voz dele como ela fazia a cada vez que o ouvia falar. Uma mistura de remorso, tristeza e fúria. Dava à voz uma extremidade rangedora, aprofundava-a. E partia o coração dela.

Ele a levou através do hall da entrada para a escadaria curva de madeira. Com a mão firmemente nas costas dela, roçando os dedos quase imperceptivelmente contra a seda de seu vestido, ele a levou os degraus acima.

Ao longo do corredor, uma porta dupla era aberta por uma criada doméstica com um sorriso tímido antes de ela retroceder na direção oposta. Atrás deles, os três guarda-costas restantes seguiam como fantasmas.

Ele abriu as portas largas em uma área de estar completa com uma televisão de tela plana, um barzinho e um sofá largo, confortável. —O apartamento/quarto é esse. — Ele a levou através do quarto para outro conjunto de portas. Abrindo-as, ele estava de volta e permitiu a ela andar no quarto. Ela quase desejou ter ficado na sala de estar.

Uma cama enorme, maior que uma king size dominava o quarto. Era cercada por painéis cintilante e postes maciços e um colchão com espessura intimidante. Mais o conjunto de anéis de metal nos cantos e no meio da cabeceira a fez engolir em seco. Ela sabia qual era a função daqueles anéis. Ela havia entrado nos clubes de BDSM¹² tempo o suficiente para saber como facilmente os anéis prendiam às correntes finas ligando aos pulsos e as algemas dos tornozelos.

¹² BDSM (Bondage – Domination – Submission – Masochism). Em português: Escravidão – Dominação – Submissão – Masoquismo.



Em frente à cama havia um baú pesado e uma cômoda do outro lado do quarto. Havia anéis de metal na parede também.

— Interessante. — Ela tentou parecer desinteressada enquanto murmurava a palavra. — Você mesmo o decorou?

Uma risada afiada deixou a garganta dele. — Não mesmo. Já veio assim. Fique à vontade, eu não devo demorar. Um dos meus homens trará as suas coisas quando Daniel chegar com elas.

— Daniel vai ficar por perto, Ian. — Ela girou enquanto ele se movia para deixar o quarto. — Certifique-se de que ele receba um quarto.

— Nós discutiremos sobre isto quando eu retornar. — A expressão dele endureceu. — E antes que você discuta, guarde as objeções. Nós poderemos lutar sobre isto depois que eu tiver terminado com Diego. Apenas tente ficar longe de problemas até lá.

Ela deu a ele um aceno breve com a cabeça, mesmo enquanto os dentes cerravam para conter as objeções das quais ele falava. Daniel não era negociável. Ele e Jason teriam um ataque se ele não ficasse por perto o suficiente para vigiá-la. Tinha sido ruim o suficiente quando ela tinha trabalhado na missão de Atlanta e acabado levando um tiro. Maldição, tinha levado meses antes que ela tivesse a permissão de ir ao banheiro sem um deles de pé do lado de fora da porta.

— Eu te verei daqui a pouco — ele disse, e antes que ela pudesse reagir, ele estava segurando seu pescoço com a mão, puxando-a para ele com um beijo duro, rápido e então girou para deixar o quarto.

Kira ergueu os dedos até os lábios, um sorriso involuntário tocando-os com a sensação de formigamento daquele beijo forte. Ela se perguntou se ele estava ciente da expressão no rosto quando o havia dado. Não era apenas sexual. Havia alguma outra coisa nos olhos, quase uma promessa.

Ela girou, olhando para a cama novamente, e deixou os olhos fecharem com remorso.

Traí-lo iria matá-la. Porque ela sabia que assim que fizesse isso, iria destruir aquela sugestão frágil de emoção que ela tinha acabado de ter um vislumbre. E quando isso acontecesse, ela não iria querer sentir o poço de vazio.



Para salvá-lo, ela apenas poderia acabar os destruindo. Porque ela não poderia permitir a ele matar o pai. Essa era sua missão. Se Ian estava em uma operação aqui, então o trabalho dela era manter Diego Fuentes vivo.

Capítulo Doze

Ian não se deu ao trabalho de bater na porta do escritório de Diego. Ele estava cansado, puto e a adrenalina alta o mantinha no limite. Ele estava mais que ciente do engano que tinha feito no Coronado por causa de Kira. O que ele tinha feito a havia colocado no meio da guerra que estava para acontecer entre a rede do terrorista Sorrell e do cartel. Assim como a trouxe para a atenção de Diego. Não havia nenhuma dúvida na mente de Ian como isso poderia ficar feio e sangrento.

—Não me repreenda!— Diego estava esperando por ele. Ele estava de pé atrás de sua escrivaninha, fazendo uma carranca enquanto olhava de volta para Ian.

Ian pausou, ergueu a sobrancelha zombeteiramente, e puxou de volta os insultos cáusticos que estava pronto para jogar. O papai mais querido de todos estava de mau humor hoje à noite, ao que parecia.

—Eu não tinha nenhuma intenção de te repreender— ele mentiu enquanto fechava as portas atrás de si, apenas para ter um vislumbre de surpresa que veio e se foi do rosto de Diego quando ele se voltou para ele. —Eu estava curioso sobre o que era tão importante que você tinha para me chamar aqui como uma criança que faltou ao toque de recolher. — Ian forçou uma veia de provocação com escárnio na voz.

Diego suavizou marginalmente, o canto dos lábios arrastando para cima quase que involuntariamente.

—Você acha que eu ofendi a sua Senhorita Porter?— Ele de repente fez uma carranca.

Ian encolheu os ombros. —Duvido. Ela é uma mulher. Provavelmente está acostumada a homens agindo como asnos. — Ele mal conteve o desgosto da voz.

—Ah. Se ela está por perto de você há muito tempo, então não tenho nenhuma dúvida. — Diego bufou.



Ian escondeu a surpresa. Maldição, o velho estava desenvolvendo algumas ideias sarcásticas com relação a ele. Tinha levado muito mais tempo do que Ian esperava.

—Não duvide disto. — Ian sorriu amplamente, genuinamente divertido dessa vez. Kira tinha bastante experiência em lidar com as atitudes um pouco menos do que encantadoras dele ao longo dos anos.

Diego grunhiu sobre isso antes de dizer — eu tive vários telefonemas antes de você chegar me informando do confronto com os Misserns por causa da Senhorita Porter. Fui reportado que o Martin Missern tentou atingi-la, é sério? — Os olhos pretos de Diego estreitaram com raiva.

Ian cruzou os braços sobre o peito. —E o que mais os seus pequenos espões te disseram sobre isto?

—Maldição, Ian! — Ele explodiu. — Você vive em um aquário, e sabe disto. Todos te assistem. Você não pensou antes de reagir? Você não sabia que haveria olhos te assistindo para reportar como facilmente Ian Fuentes tinha ficado grudado na muito deleitável Senhorita Porter? A herdeira da fortuna Mc-Clane e querida sobrinha de um dos homens mais influentes do mundo?

Mas nenhuma menção de Kira como Camaleão, ou seu trabalho como agente.

Ninguém sabia do trabalho dela, e Ian tinha a intenção de manter desse modo.

—Você não tem nada para me dizer? — Diego rosnou.

—Você está esperando que eu defenda as minhas ações? — Ian perguntou curiosamente. — Eu percebo que você faltou em muitos anos da minha educação, mas estou um pouco velho para você me aconselhar como eu lido com ameaças públicas a uma mulher com a qual estou dormindo. Não é?

Diego pausou, os olhos estreitando mais enquanto as narinas flamejavam com ira.

—Josef Missern ligou logo antes da sua chegada para se desculpar pelas ações do irmão e me assegurar de que apenas ele lidará com a transação de manhã.

Inferno, ele devia ter esperado isto.

—Certo. — Ian encolheu os ombros. Melhor assim. Ele conseguiria as armas que precisava e os espões de Sorrell poderiam atestar para o fato de que Ian tinha tomado sua proteção sobre Kira muito seriamente.



—Você diz certo como se ameaçar matar Martin Missern não tivesse nenhuma importância?— Ele atirou a Ian um olhar descontente. —Eles ficarão de olho em você agora. Eles porão uma bala na sua cabeça sem aviso prévio. Você deveria atacara primeiro—

—Whoa! Você está sugerindo que eu envie homens para matar os Misserns porque eles poderiam retaliar as minhas ameaças contra eles?— Ian riu. —Deus ama seu coração, Diego. Como você conseguiu sobreviver a todos estes anos se está constantemente matando pessoas como animais doentes?

—Porque o que eu mato *são* animais doentes— ele retrucou de volta. —Negue isto. Quero ver você discordar.

Os tios dele não estavam doentes. Os irmãos mais jovens de Diego, suas esposas e filhos, tinham sido assassinados com velocidade impiedosa no momento em que Diego tinha descoberto que eles estavam considerando mostrar as evidências contra o cartel de Fuentes para as autoridades americanas e colombianas.

Ian manteve a boca fechada. Ele não se importava com as desculpas de Diego ou a história lamentável que o pobre homem com certeza contaria. Ele apenas queria que esta reunião terminada.

Ele esfregou o lado do nariz antes de enfiar as mãos na calça e reter o contato visual com Diego.

—Há um objetivo nisso?

Diego zombou. —Você é como uma criança voluntariosa.

—Nós estabelecemos isso no meu primeiro mês aqui. Eu deveria ter perguntado se havia mais algum *outro* objetivo nisso?

—Cuide dos Misserns— Diego o advertiu. —Não dê a eles a chance de te ataquem quando você não estiver olhando.

Ian franziu os lábios pensativamente. —Eu considerarei isto.

Os olhos de Diego alargaram em surpresa. —Você vai?

—Claro. — Ele encolheu os ombros. —Quando eu me encontrar com Josef amanhã se ele não tiver seguido as minhas instruções de segurança ao pé da letra eu arrancarei a sórdida cabeça dele como faço com qualquer outro que me deixe puto. Satisfeito?



Ian sentiu uma advertência coçar logo embaixo da carne. Quanto sangue ele tinha derramado no último ano? Quantos animais ele já havia matado? Havia espiões e terroristas inimigos do cartel às dúzias, eram tantos agora.

De repente, a pele dele parecia coberta, oleosa com sangue e culpa que vinham de lidar com balas. E o cabeça estava em frente a ele, assistindo-o como se ele se orgulhasse dele. Como se ele tivesse dito algo para ser louvado. Pelo amor de Deus.

Diego anuiu com a cabeça devagar e pareceu dar um suspiro de alívio. — Eu me preocupo. Ele passou a mão pelo cabelo, uma fina mistura de branco e preto. — Você é forte e eles sabem disto. Te matar seria uma grande fonte de orgulho para eles. Ter sucesso onde os agentes do Sorrell falharam.

— Pare de se preocupar. — Ian esfregou a mão na nuca para dispersar a sensação primitiva de pressentimento que podia sentir juntando dentro de si. — Eu cuidarei dos Misserns. E de Kira.

Diego anuiu com a cabeça. — Sim, você deve cuidar da Senhorita Porter. Ela é conhecida por sua reserva e recusa de tomar um amante poderoso. Muitos olharão para você com temor por ter sucesso em capturar o interesse dela. Você é um filho para se orgulhar. — Ele anuiu com a cabeça decisivamente.

Ian mal conteve a descrença. — Pelo amor de Deus— ele murmurou. — Isto é loucura. Ela é uma mulher, não um troféu.

— Ah, você defende a honra dela. — Ele riu. — Talvez ela ficará ao redor por um tempo, é? Talvez bebês um dia?

Ian piscou de volta para Diego. O velho estava ficando senil.

Ele agitou a cabeça. — Estou indo para a cama.

Diego riu. — Não duvido de que não haverá muito sono para você esta noite. Tente descansar um pouco, sim? Os Misserns são traiçoeiros. Você precisará de todos os seus sentidos pela manhã.

— Certo. Cuidarei disto— Ian disse agitando a cabeça.

Diego ainda estava rindo como um palhaço louco enquanto Ian deixava o escritório e seguia em direção aos degraus. Na hora certa de ver as portas da entrada serem abertas e assistir Daniel e Cristo entrarem. Eles estavam levando a bagagem e várias sacolas grandes de Kira. Uma bolsa de acampamento bastante grande. Ele apostava que sabia exatamente o que havia nessa bolsa.



—Eu apenas trouxe o essencial. —A voz de Daniel Calloway era fria, distante. —Levarei esses para ela então você poderá me mostrar um quarto perto o suficiente para eu me certificar de que ela não seja assassinada durante o sono. — Os olhos castanhos chocaram com os de Ian.

Fuzileiro Naval de Armas, Daniel Calloway, tinha sido um SEAL antes de sua aposentadoria da marinha aos trinta e oito. Ele imediatamente tinha tomado a posição com McClane como guarda-costas da Kira.

Ele ainda estava em boa forma física cinco anos mais tarde, mas havia um pouco de cinza nas têmporas. Ian apostava que Kira havia dado a ele cada um daqueles cabelos cinza.

—Cristo, deixe-o na beliche com você— Ian ordenou. —Nós examinaremos cuidadosamente as regras deste jogo pela manhã.

—O quarto dele é perto do seu?— Daniel parecia pouco disposto a largar o osso.

Ian atirou a ele um sorriso zombeteiro. —É perto de meu quarto. E já que é onde ela irá dormir, acho que está bom.

Os lábios de Daniel afinaram em desaprovação. —No momento. Está bom.

Deke limpou a garganta. —Vamos, homem— ele persuadiu Daniel. —O chefe ainda está com sua arma. Eu odiaria vê-lo puxá-la.

Eles se foram, mas não antes de Daniel atirar a ele um quieto clarão de advertência.

Ian beliscou a ponta do nariz e andou a passos largos depressa pelo hall da entrada para a sala de estar. Lá, ele foi diretamente para o barzinho e pegou a garrafa de Crown Royal¹³ que mantinha para emergências.

Batendo o copo contra o bar, ele o encheu até a metade, trouxe para os lábios e tragou com o desespero nascido de uma fome que ele não podia explicar, nem para si mesmo.

Ian rosnou, conteve a maldição que chiava nos lábios e marchou para o quarto. Ele sabia, sabia que ela iria ser problema. No momento em que a havia visto, cinco anos antes, ele sabia.

E por Deus, ele estava certo.

¹³ Crown Royal – marca de uísque canadense, criada em 1939.



Capítulo Treze

Ian bateu os degraus, dando dois passos de cada vez, e passou pelos guarda-costas sem dar uma palavra.

Ele entrou na área de estar do apartamento e fechou as portas com restrição deliberada.

Ele queria Kira fora daqui. Ele a queria segura. E agora, era muito tarde para ela ficar segura. Se ele a queria aqui ou não, aqui estava ela, aqui estava e ele estaria ferrado se lutasse para tirar as mãos dela.

Procurando no quarto mudo, escuro e vazio, o olhar dele foi atraído para as portas abertas da sacada. Ian se moveu para elas e saiu para a escuridão que enchia a noite.

Escuro, mas nunca sozinho. Os cabelos atrás do pescoço ergueram em advertência primitiva. Inferno, ele tinha sido um SEAL por tempo o suficiente para saber o que isso queria dizer. Ele estava sentindo há mais de uma semana, sabia que estava sendo assistido, e sabia quem o estava assistindo.

Ele deixou o olhar viajar ao longo das colinas em frente à sacada, o escárnio torcendo sua expressão facial.

Onde está você, Macey? Ele podia sentir o mago dos eletrônicos do Time Durango o assistindo. Um dos poucos amigos que Ian já tinha se permitido ter, um homem que agora considerava Ian um traidor e inimigo.

Ele estava lá fora, assim como os outros. Seu antigo chefe, Reno Chavez. Seu Capitão-tenente, Clint McIntyre. O Cajun¹⁴, Kell Krieger. Ele e Ian tinham se tornado tenentes ao mesmo tempo. E o Tenente de grau Júnior Mason “Macey” March. Ele não conseguia manter grau acima de júnior. Macey tinha problemas com as figuras das autoridades e nunca falhava em perder graus ao discutir com oficiais superiores diferente de seus chefes. Isso e verificar seus computadores.

Eles todos estavam lá fora, e todos o estavam assistindo. Ele podia sentir a mira contra o peito e às vezes desejava que eles fossem em frente e atirassem de uma vez. Ele nunca seria o

¹⁴ Cajun - membro de um grupo de pessoas com tradição cultural ainda vigente cujos antepassados Católicos franceses estabeleceram comunidades permanentes nos estados de Luisiana e Maine depois de serem expulsos da Acadia (atual Iraque) até o final do século dezoito. Também significa o dialeto francês dos Cajuns.



mesmo depois desta missão. A confiança estava destruída dentro do time, e não seria recuperada com um pedido de desculpa assim que a verdade fosse descoberta.

—Ian?— Kira falou da cadeira densamente acolchoada na qual se sentava contra a parede.

Ele sabia que ela estava lá. Podia sentir. Cheirá-la. Da mesma maneira que ele podia sentir seu antigo time o assistindo de longe.

Com o pensamento, um franzir marcou a sobrancelha enquanto ele colocava as mãos na grade da sacada.

—Quem é o seu time de apoio, Kira?— Ele perguntou, a voz tão suave que ele sabia que ela não tinha ido além das orelhas dela.

—Daniel. — A resposta foi rápida, questionadora.

A escuridão sombreava a terra que se erguia ao redor deles que segurava o olhar dele. Os amigos que tinham enfrentado a morte com ele incontáveis vezes olhando-o como inimigo. Era por isso que Camaleão estava aqui também? Ele não tinha confirmado as suspeitas de que ele estava lá para levar Sorrell ou Diego abaixo, mas de alguma maneira ela sabia.

Ele se voltou para Kira, sentindo a tensão erguer dentro dele enquanto ela o assistia calada. Ela se sentou, as pernas dobradas embaixo do corpo, a camisa dele envolvendo-a enquanto o cabelo preto sedoso fluía ao redor dela como uma pequena capa.

Ele sentiu a raiva queimar as entranhas, e a suspeita erguer na mente. Compassando para ela, ele agarrou o braço dela e a puxou da cadeira.

—Ninguém fica de olho em você?— Ele perguntou enquanto a puxava para perto do tórax, sentindo a arfar e então se suavizar nos seus braços enquanto ele deitava os lábios em sua orelha.

—Eu os sinto lá fora, Kira. De quem mais você suspeita? Você trouxe o time aqui com você?

—Não. — Ela agitou a cabeça desesperadamente, mas acreditar nela não vinha tão fácil quanto a resposta dela tinha vindo.

—Não minta para mim. — Ele a cobriu contra a parede, sentindo a fome dentro de si, a excitação e a necessidade que arranhava suas bolas como um animal enjaulado.

Fome e raiva. Impotência e ira. Uma vez mais ele não podia proteger alguém que amava. Ela se recusava a deixá-lo protegê-la. Recusava a se esconder e deixá-lo enfrentar o perigo e ele não podia aguentar isto.



—Ian. — Ela arqueou contra ele. — Eu mentiria para você?

—Em um piscar de olhos se você pensasse que precisará disso— ele rosnou, sabendo disto, sentindo isto. —Eu não preciso de você para me proteger.

Ele apertou a cabeça dela nas mãos, balançou-a para trás e percebeu o próprio olhar focado nos lábios. Lábios que tinham estado vermelhos e inchados na limusine, úmidos com a essência de seu sêmen e relaxados com a batida de luxúria dentro dela.

Ele soltou as mãos para os ombros dela e arrancou a camisa dela, jogando-a no chão da sacada.

—Eu não ousaria tentar te proteger. — A cabeça dela caiu para trás enquanto os lábios dele pressionavam em seu pescoço e então se abriam, os dentes juntando, a língua deslizando enquanto ele ficava intoxicado com o gosto dela.

—Você é uma mentirosa. — Ele beliscou o pescoço dela em castigo. —Diga-me o que você fez, Kira. Não me faça te forçar a me dizer. Não me traia. Não vou gostar disto.

Ele a sentiu quieta em seus braços.

—Pobre garotinho marinheiro— ela sussurrou zombeteiramente, os dedos trabalhando os botões da camisa dele lentamente. —Deus proíba que alguém se importe com o que acontece a você. Será que nós deveríamos botar um anúncio? A quem concerne? Ian Richards Fuentes é uma ilha até para si mesmo?

Ele empurrou os quadris adiante, enterrando o cume duro de sua seta contra o montículo de carne suave entre as coxas dela.

—Não me force!— Ela estava aprontando algo, ele sabia que ela estava. Ela e aquele maldito time com o qual ele tinha lutado uma vez. Bastardos curiosos. Eles não deviam estar aqui. Sorrell tinha acabado com mais times de Forças Especiais do que ele queria pensar. Eles tinham esposas, famílias. Eles não tinham nada que fazer aqui.

—Eu não ousaria forçar o senhor malvado de um cartel— ela disse lentamente, aquela suave sotaque da Geórgia que acariciava seus sentidos e apertava suas bolas enquanto o último botão soltava sob os dedos dela. —Por que, Ian, o que te faz pensar que eu sou tão valente?

—Porque você é uma diaba— ele quase a acusou.



—Posso ser sua diaba?— Algo, uma suavidade, uma necessidade na voz, cortou as últimas tiras finas de controle que segurava a fome dele.

A luxúria surgiu por seu sistema. O desafio que ela tinha despejado fazia algo com ele. Ele não queria fazê-la se submeter, como ele deveria. Inferno, não, ele queria queimar dentro do fogo dela. Ele queria senti-la gozar em seus braços e saber que ele a controlava.

Fazê-la se submeter não era o que ele precisava. Controlar aquele fogo, aquela sexualidade e a energia em chamas, esse era o desafio. E o animal dentro dele estava duro e ávido para encarar o desafio.

—Você. Está cometendo um engano. — Ele empurrou a saia pequena de seu vestido elástico acima das coxas, a mão achando a carne doce, lisa e pronta para seu toque.

—Que engano?— Ele ouviu o gemido na voz dela, o gemido de necessidade.

—Onde eles estão, Kira?— Ele separou as dobras de sua buceta. —Eu não tenho problema nenhum de deixá-los me verem te foder, mas você pode não gostar.

Ela arqueou para mais perto. —O exibicionismo me excita— ela arquejou, os dedos no cinto dele, no gancho de suas calças.

Merda. Ele sabia que eles estavam lá. Ela sabia que eles estavam lá. E o corpo dela estava coberto. O antigo time dele seria capaz de dizer o que eles estavam fazendo, mas não veriam nada. E isso além do fato de que ele não conseguiria ir de volta para o quarto antes de conseguir estar dentro dela.

A excitação corria por Kira enquanto ela sentia os dedos de Ian acariciando as dobras inchadas e sensíveis entre suas coxas. A lima da ponta dos dedos, o calor deles, estava deixando-a louca. O dedo rodou ao redor do clitóris, imergiu e perfurou seu núcleo.

Ela se segurou nele porque seus joelhos não a mantinham firme. As pernas dela estavam fracas, respirar era quase impossível. Tudo o que ela sabia era o calor e prazer de seu toque.

E o quanto ela precisava disto. Desejava isto. Ela não dava a mínima para quem estava assistindo, mas ela conhecia o Time Durango, sabia que apenas um daquela tripulação que ela tinha que se preocupar estava realmente de olho neles no momento.

Agora mesmo, nada importava além de aliviar a dor que ela podia sentir correr por Ian. Ela tinha ouvido em sua voz, sentido em seu toque. Algo havia acontecido com Diego Fuentes que



tinha rasgado dentro dele com a força de uma faca e o havia deixado com um ferimento roto e dolorido.

—Eu preciso de você— ele sibilou enquanto ela soltava o comprimento de sua ereção.

—Eu estou aqui— ela sussurrou sem ar. —Logo aqui.

Dois dedos apertaram dentro de sua buceta, estirando-a, abrindo-a para ele, e ela não pôde evitar de tremer, de gemer com seu toque.

Ele era sua fraqueza. Ela sabia disto um ano antes e sabia agora. O toque dele tinha mostrado que uma década de certeza sexual era mentira. O beijo dele lembrava-a de que ela era uma mulher, uma mulher criada para se submeter para seu homem. E Ian era o homem dela.

—Venha aqui, gatinha— ele gemeu, o braço indo abaixo do traseiro dela e a erguendo para perto dele.

Ele estava feroz, descontrolado. Ela estava tremendo e fora de controle. As pernas dela foram ao redor dos quadris dele e seu grito perfurou a noite enquanto ele começava a trabalhar seu membro dentro dela.

—Oh, Deus. Ian. — Ela arqueou de volta na parede, as unhas afundando nos ombros dele enquanto ela apertava as mãos embaixo de sua camisa.

—Você é tão apertada, Kira— ele gemeu em sua orelha, os dentes pegando o lóbulo para mordiscá-lo eroticamente. —Apertada, quente e tão doce.

Ela sentiu a curva dos joelhos dele, sua alça apertada nela. Um segundo mais tarde um grito saiu dos lábios dela enquanto ele empurrava mais dentro dela, mais fundo, mais duro.

A empalação roubou sua respiração com o prazer e a dor. Ela se contorceu em sua ereção, tentando trabalhá-la mais fundo, amando o prazer em chamas, aquela extremidade de dor que ela nunca tinha imaginado poder ser tão erótica.

Ela podia sentir cada protuberância de veia, cada pulsar duro do sangue. O modo como o traseiro dela cerrava embaixo dos pés dela, o modo como as costas dele apertavam enquanto ele trabalhava mais fundo, e ele apenas a deixava mais quente, mais molhada. Apenas a fazia almejar mais.

—Eles estão assistindo, Kira?— A voz dele estava atormentada enquanto ele retesava dentro dela, e enterrava o rosto contra seu pescoço. —Onde eles estão?



Ela ouviu o tormento em sua voz. Eles eram seus amigos. Os amigos que ele acreditava e que pensavam que ele os havia traído. Amigos para os quais ele teria dada a vida com boa vontade.

—Eu não sei— ela arquejou sem ar. Ela não sabia, não com certeza. Ela suspeitava. Ela assumia. Mas não sabia, e era melhor desse modo.

A alça apertou nela enquanto ele a erguia mais e ia até a porta.

—Ian?

—Maldição, você é minha!— A voz dele estava tomada com possessividade, o tom, o aperto, levando a seta penetrante de desespero dolorido até sua alma. Ele soava como se quisesse dizer isto. —Eles não precisam assistir isto.

Ele girou da parede dentro do quarto, pressionou-a para ela e começou a empurrar.

O membro bateu dentro dela, ele a tomou cruelmente, empurrando, penetrando, gemendo seu nome enquanto ela assistia as estrelas explodirem na frente de sua visão enquanto se apertava ao redor dele.

—Ah, Deus. Sim, bebê. Goze em volta de mim— ele gemeu. —Deixe-me te sentir. Cada ondulação... — A cabeça dele caiu para trás, a respiração erguendo o tórax enquanto as mãos dele cerravam no traseiro dela.

Kira não podia pensar. Ela não podia pensar em um próximo movimento. Ela estava perdida no prazer, partindo-se e se perguntando por que diabo ele estava se contendo.

—Calma, gatinha— ele acalmou enquanto ela estremecia contra ele. Ele estava indo novamente, tropeçando, até que segundos mais tarde as costas dela encontraram o sofá e ele estava saindo de seu aperto com um gemido quebrado.

Ela então percebeu que ele não tinha colocado um preservativo. E não havia considerado isto. Não havia pensado nisso.

—Ian. — Ela apertou os tornozelos contra as costas dele. —Eu estou protegida.

Ele retesou, apenas a cabeça espessa de seu membro permaneceu dentro dela enquanto ela assistia sua mandíbula.

—Protegida?

—Controle da natalidade. — Ela tragou firmemente. —Eu estou protegida, Ian. Não me deixe.



Ele agitou a cabeça, as mãos cerrando nos quadris dela enquanto ela sentia o membro pulsar imperativamente.

—Eu não fodo sem preservativo desde que era uma criança— ele gemeu, mas ela ouviu a necessidade, a fome na voz.

—Nem eu, Ian. — Ela piscou de volta com a umidade súbita que queria encher seus olhos. — Eu quero te sentir. Totalmente... Ian!— Ela gritou o nome dele enquanto ele mergulhava dentro dela novamente. O suor gotejando na testa, a transpiração cobrindo o corpo, ensopando a ambos, enquanto ela sentia o êxtase a consumir novamente.

Com certeza ela não poderia ter um orgasmo novamente tão rápido, não é? Com certeza ele não tinha tal aperto nela, tinha?

Mas enquanto ela ouvia o gemido severo, sentia o primeiro jato de sêmen a encher, ela explodiu novamente. Arqueando em seus braços, agitando, estremecendo, ela deu o que nunca tinha dado antes, e aceitou algo que nunca tinha aceitado antes. Ela se deu, e tomou tudo do homem em seus braços.

Deveria ser assustador. Deveria tê-la apavorado, saber que ela tinha acabado de se abrir. Ao invés, parecia certo.

Quando ele desmoronou sobre ela, os tremores fundos tomavam seu corpo, acomodando-o a ela, ela não podia fazer nada além de esperar por ele e deixar as lágrimas se entrosar com a transpiração dos dois combinada. Que diabo ela faria agora se o perdesse?

Ian conhecia lágrimas quando as via. Ele conhecia o puxão e o tremor do corpo de uma mulher quando continha o soluço. Ele conhecia aqueles sinais pela maior parte de sua vida, mas não achava que os veria em Kira.

Ele a levou para a cama, a acomodou, e entrou ao lado dela antes de puxá-la para seus braços.



Ele sentiu o aperto de dedos em seu braço, sentiu o corpo esbelto, flexível enquanto tentava afundar contra ele. E ele viu nos olhos. Na luz escura do quarto ele via a realização quebrada no olhar dela antes que ela pudesse esconder.

Ela era uma agente treinada, mas nunca tinha entrado em uma tarefa como essa, contra um homem com o qual seu coração estava envolvido. Camaleão não se envolvia. O agente não poderia ser tentado, não poderia ser subornado, e não apenas porque ninguém sabia se era ele, ou ela, ou uma invenção da imaginação de alguém. Mas porque quem quer que fosse Camaleão, era gelo. Inalterado. Insensível ao inimigo.

Ele alisou o cabelo dela para trás do rosto, percebendo que ele não queria saber a verdade do porquê ela estava aqui, com ele, em sua cama. Uma parte dele não queria saber se ela estava lá para traí-lo. Mas ele suspeitava disto. Havia culpa nos olhos de sua amante, e ela apunhalava seu coração.

—Você me faz esquecer — ela sussurrou finalmente, fazendo-o ficar quieto contra ela.

—Esquecer o quê? — Ele perguntou

—Quem eu sou.

Os lábios dele ergueram em resposta. —Você é Kira.

—Eu sou mais do que apenas Kira — ela sussurrou.

Ela era Camaleão. A mulher e a agente estavam lutando agora, ele via nos olhos, e sentia em suas respostas a ele. Ele tinha evitado cada vez que havia visto, cada vez que a havia abraçado desde que ela tinha entrado de novo em sua vida.

—Aqui mesmo, não há lugar para ninguém exceto Kira — ele a advertiu, com o cuidado de manter a voz baixa, mantê-la perto. —Não cometa esse engano. Não traga qualquer outra coisa nesta relação.

Ela ficou muda por longos momentos.

—É quem eu sou — ela sussurrou finalmente.

Ian correu o dedo pelo cabelo dela antes de puxar a cabeça dela para trás e olhar em seus olhos.

—Nós dois sabemos melhor do que isto. — Ele não a deixaria acreditar do contrário. Ele não podia. Não aqui. Não agora. Ele não iria enfrentar Camaleão.



Ian assistiu enquanto ela lambia os lábios nervosamente, o modo como o olhar dela escurecia com incerteza feminina. Naquele momento ele percebeu, ele soube. Sim, ela tinha uma missão. Camaleão tinha sido enviada para ele. Mas era com a mulher que ele estava lidando. Era a sua mulher.

Ele não podia mais mentir para si mesmo. Kira estava aqui por mais do que um pouco de diversão, ou cobrir suas costas. Ela era uma agente contratada, Camaleão, e ele podia ver a batalha travada naqueles lindos olhos. Ela estava lá por muito mais do que o homem que a mulher estava reivindicando. A agente também estava lá. E era a agenda de trabalho da agente que ele precisava descobrir.

Capítulo Quatorze

Gavinhas finas de luz listravam através do céu enquanto o sol começava a subir sobre o horizonte. A luz lânguida aliviava a escuridão que enchia o quarto e permitia que Kira se erguesse na cama e olhasse para o rosto de Ian que dormia.

Ela viu o momento em que ele começou a dormir, da mesma maneira que sabia que com o seu movimento mais leve agora o acordaria. E ela queria se mover, tocar seu rosto, aliviar as linhas de tensão da sobrancelha.

Ele tinha vendido a alma para o pai para salvar as vidas dos seus amigos. Por Nathan, pela amante de Kell, pelos homens com os quais ele tinha lutado, por uma única chance de quebrar a alça que Diego Fuentes parecia ter em todos que estavam conectados a ele, e ela sabia disto. Não havia nenhuma outra razão para ele arriscar a alma deste modo.

Diego era um mestre da manipulação. Ela tinha lido o arquivo secreto que o diretor do DSI tinha dele. Os jogos que os bastardos faziam com o DEA, o ATF¹⁵, e uma dúzia de outras agências teriam sido cômicas se não fosse pelo fato de que ele invariavelmente ganhava e o acordo que ele tinha com o DSI o protegia se ele não se protegesse. Bastardo sujo. Diego conhecia sua fraqueza da

¹⁵ ATF - Agência de Álcool, Tabaco, Armas de Fogo e Explosivos, órgão de aplicação da lei federal especializada e organização de regulamentação dentro dos Departamento de Justiça dos Estados Unidos. Sua responsabilidade inclui a investigação e prevenção de delitos federais envolvendo o uso ilegal, fabricação e posse de armas de fogo e explosivos, atos de incêndios e explosões, e tráfico ilegal de álcool e tabaco.



mesma maneira que conhecia a de Ian e a havia utilizado. Como um jogador de xadrez atingindo seus peões e os movendo com controle insidioso ao longo de seu mundinho.

E Ian era seu favorito. Seu cavaleiro. Sua fonte de orgulho. Seu único filho. E ele estava o usando com uma eficiência que indicava sua alegria neste jogo particular. Ele estava contrariando Sorrell, brincando com a execução de lei dos Estados Unidos e as agências de droga, e segurando o filho na frente deles como o osso favorito de um cachorro.

Kira fechou os olhos com o pensamento. Ele era um homem mais forte do que qualquer outro que ela conhecia. Outros homens teriam quebrado sob a pressão até agora, ou cedido. O medo de que Ian fosse para o outro lado fazia o diretor da Segurança Interna não dormir à noite, ela sabia.

Era uma droga arrojada, o poder que Ian segurava agora. Não seria fácil para qualquer homem dar as costas a isso. E se ele não fosse embora, destruiria uma parte dela.

Ela lutou contra o puxão na respiração, as emoções fervendo dentro de si, chamuscando sua alma. Ela não podia escapar das emoções. Elas não a deixariam ir. Elas não aliviarão. Tudo dentro dela atraindo-a para Ian, e há anos. Mas agora, havia uma parte dela que ela mesma não reconhecia mais. Uma parte dela mesma que ela não havia percebido que existia até aquela noite em Atlanta. Uma mulher que amava.

—Pare de me olhar assim— Ian ordenou, a voz com sua aspereza normal. O sono não a tinha deixado mais cascuda ou funda.

—Há quanto tempo você está acordado?— Ela sorriu enquanto os olhos dele abriam, as pestanas loiras escuras espessas protegendo as profundidades internas enquanto ele olhava para ela.

—Longo o suficiente para figurar algumas coisas. — A mão se moveu embaixo do lençol, correndo sobre a coxa exterior dela até o quadril enquanto ela sentia o coração saltar com a suspeita em sua voz.

—O que você compreendeu?

—Que você não está aqui apenas por mim. — Os lábios dele trançaram zombeteiramente. — Pelo que você está aqui?

Kira recuou devagar. Correndo o lençol pelo corpo nu ela começou a deixar a cama, apenas para se achar parada no lugar por dedos fortes que envolveram ao redor de seu braço superior.



O problema era, não importava suas ordens, ela estava aqui por ele. Nada mais.

Ela se voltou para olhar para ele, perguntando-se se ela realmente poderia aguentar a imagem fria e deserta que ele tinha dela, e não podia imaginá-la atenciosa o suficiente sobre ele para segui-lo. Para ajudá-lo.

—Talvez eu esteja aqui por mim mesma— ela replicou, puxando o braço.

Isso era a verdade. Ela estava aqui se assegurar de que ele viveria, que sua alma sobreviveria, que ele não fizesse algo que lamentaria pelo resto da vida. Foda-se o DSI com seus objetivos e agendas de trabalho. Ela não estava lá para manter Diego Fuentes vivo, ela estava lá para se certificar de que a diversão provocativa que uma vez havia cintilado nos olhos dele retornasse. Ela estava lá para compartilhar a diversão. E essa era a parte dela que ela era tão pouco familiar. A parte que precisava ver mais do que apenas o frio senhor do cartel de drogas. Ela precisava ver o homem novamente. E ela precisava amá-lo, da mesma maneira que ela o amava agora. Ele por inteiro.

—Eu odeio pessoas mentirosas. — Ele suspirou, os olhos estreitando para ela enquanto ele puxava seu braço, arrastando-a de volta para o meio da cama com ele. —Eu tenho pensado muito nisso, Kira. Você não poderia ter as informações que tinha para estar naquele armazém na semana passada sem ajuda. Onde você a pegou?

Ela revirou os olhos antes de se inclinar na direção dele, permitindo ao cabelo cair como uma cascata ao lado do rosto e os incluir em uma cortina parcial de escuridão. Sem mentiras. Nenhum jogo. Apenas os dois, a verdade, e sua promessa muda de protegê-lo.

—Os soldados de Martin Missern gostam de festejar— ela sussurrou sugestivamente. —Ricardo Desoto gosta de falar quando está embriagado. Ele falou.

Desoto era um dos soldados pessoais de Missern dentro de sua força de segurança principal. Alto, suave, um latino encantador com toda a sofisticação de um jacaré à espreita.

—E você estava lá? — Algo bravo relampejou nos olhos enquanto ele a arrastava para perto, a outra mão prendendo no pescoço e a mantendo no lugar, os seios apertando os músculos tensos do antebraço.

—Ela estava lá, Ian. “Camaleão”.



Kira deixou as pestanas se fecharem parcialmente, a voz baixa com sensualidade. —Eu coloquei rum para ele, sorri boa e docemente, e corri minhas unhas pelo seu braço enquanto ele me dizia tudo o que sabia. Tudo. Até mesmo a propensão de Martin e Josef Missern de tomarem as amantes rejeitadas de Sorrell antes de dar fim a elas muito silenciosamente. — Os dentes dela cerraram enquanto ela retraía uma respiração brava. —E a sugestão de Sorrell de que Diego Fuentes seria muito mais fácil de lidar se você não fosse mais parte do mundinho dele.

Os lábios de Ian apertaram, mas ele a soltou, lentamente, antes de girar para a extremidade da cama e se sentar. As mãos dela agarraram seu antebraço, a frustração a corroendo por ele poder contê-la tão facilmente. Os dois sabiam que ele podia agitá-la como um mosquito irritante se ele assim escolhesse.

Ele não o fez. Ele retesou, as costas apertando, enquanto ela se aproximava, apertando os mamilos contra a carne lisa e deitando os lábios em sua orelha. Ela podia sentir a tensão sexual subindo dentro dele então, como sempre acontecia quando eles se tocavam, quando desafiavam um ao outro.

—Você quer respostas, Ian? Você quer saber por que estou aqui? Diga-me, por que você entrou no meu quarto em Atlanta? Por que me segurou na minha cama e me deixou ter um vislumbre do céu sem a satisfação de tocá-lo? O SEAL grande e mau ficou assustado com a pequena mulher?

Ela deslizou os braços acima dos ombros dele e ele ergueu a mão para agarrar seus pulsos.

—Você me quer — ela o lembrou. —E odeia isto. Não é, Ian?

Ela sabia que ele a queria. Ela teve um vislumbre disso em Atlanta. A raiva, a irritação e a frustração em sua expressão cada vez que estavam um ao redor do outro. O conhecimento disso ainda tinha o poder de machucá-la. Torcia dentro dela e arrastava de forma dolorosa em suas emoções. O que ela pensava que não era nada justo. Afinal, se ele a afetava tanto, por que ela não podia afeta-lo da mesma maneira?

—Você é uma complicação. — Ele desembrulhou os braços dela e ficou de pé, nu, excitado. —Nada mais.

Ela se sentou de joelhos na cama, assistindo-o na luz escura do sol nascente enquanto ele girava e olhava rapidamente para ela por cima do ombro.



—Estou indo tomar banho— ele disse. —Me encontrarei com Deke na sala de estar enquanto você se veste. Nós precisamos conversar antes de tomar o café da manhã.

—Sobre o quê?— Ficando de pé, Kira compassou até a bata que uma empregada útil deveria ter deixando sobre a cadeira almofadada na parte inferior da cama. Colocando-a, ela fechou o cinto antes de encará-lo de volta.

—Seu papel nesta pequena operação— ele grunhiu em desgosto. —Eu ainda não posso acreditar que fui estúpido o suficiente para ser controlado tão facilmente pelo Missern. —O olhar dele estreitou com irritação e isso não passou despercebido.

—Oh, sim, isto vai ser um sofrimento tão grande para você. — O sorriso dela era todo dentes. Melhor ele tomar cuidado, porque ela sabia como morder também. —Por que você apenas não o ignorou, Ian? Martin pode ter quase conseguido o primeiro golpe, mas eu te prometo, eu teria o último.

Ela sabia como lidar com bastardos como Missern. Era com homens como Ian que ela sempre tinha problemas.

—Eu deveria ter ignorado. — Ele encolheu os ombros, girando as costas para ela novamente. —Como você declarou, você sabe como cuidar de si mesma. Mas o dano já foi feito.

Ele foi andando a passos largos para fora, nu e queimado de sol, tão macho que ela teria molhado a calcinha inexistente se não estivesse tão puta com ele.

—O dano já foi feito?— Ela foi apressada para a porta do banheiro, então girou, mortificação incendiando através do rosto enquanto ela o via parar no banheiro. — Putz, Ian.

Ela ouviu a risada satisfeita dele um segundo antes da porta bater violentamente. Então o som da fechadura girando. Filho da puta.

—Você está tão errado!— Ela disse por entre dentes friccionados depois com o som da privada acionada.

Não que ele tivesse dado qualquer atenção a ela. O som do chuveiro finalmente veio através das portas, fazendo-a compassar para longe da porta do banheiro até as portas da sacada fechada. Ela as abriu, saiu para a sacada, e prosseguiu para as portas que levavam ao quarto no qual Daniel estava hospedado na casa.



Ela pausou do lado de fora das portas de vidro, espiado, e pegou os olhos de Daniel onde ele estava sentado em uma cadeira atando as botas. Olhou rapidamente para a porta do quarto, ele se ergueu depressa, pegou a camisa da parte de trás da cadeira, e colocou-a antes de abrir a porta e sair para a sacada.

Enquanto a porta fechava atrás dele, Kira estava em seu rosto, silvando. —O Time Durango está na ilha?

Os olhos de Daniel estreitaram, ele moveu a mão para abotoar a camisa preguiçosamente enquanto olhava para ela fixamente.

—Como eu saberia?— Ele perguntou friamente.

Oh, inferno, sim, ele sabia. Ela reconhecia essa expressão no rosto e esse tom de voz.

—Quanto tempo eles estão aqui? E antes que você passe do limite e minta para mim, eu te lembrarei de que eu assino o seu pagamento, Sr. Calloway.

Ela estava furiosa só de pensar que Daniel agiria pelas costas dela e contataria o time. Ela estava muito mais brava por perceber que ele agiria pelas costas dela para tentar descobrir o suficiente sobre esta operação para pensar que eles eram necessários.

Ele soltou uma respiração dura. —Eu não minto para você, Kira, então pare com as ameaças e essa porcaria de 'Sr. Calloway'. Eu suspeito que eles estejam aqui, mas não sei onde, e não me preocupei em descobrir. Segurança extra não faria mal para nós.

—Você suspeitou e não me disse?— Ela olhou rapidamente depressa para trás para o quarto que ela compartilhava com Ian. —Ele sabe que eles estão aqui, Daniel. E se eles estão aqui, existe apenas uma razão para isto. Para tirá-lo do jogo.

—Ele virou mesmo um bandido?— A pergunta era legítima, ela sabia.

—Inferno, não, ele não virou um bandido, nem um traidor. Ian não tem um osso de bandido no corpo e você sabe disto. Mas essa não é a questão. A questão é, ele não dispõe de nenhuma sugestão, leve que seja de que não é bandido. Que diabo eles estão pensando em entrar aqui assim?— Ela manteve a voz baixa, tão baixa que sabia que Daniel estava mais lendo seus lábios do que realmente ouvindo as palavras. —Você acha que o DSI não está cobrindo o traseiro dele? Eu soube disto quando eles me mandaram proteger Diego. Eles não admitiram isto, mas confie em mim, Daniel, Ian está sancionado.



—Você os viu?— Ele perguntou a ela cuidadosamente.

Ela atirou ao guarda-costas um clarão irritado. —Você sabe mais do que isto.

—Ele viu?

Ela agitou a cabeça depressa.

—Então não se preocupe com eles. Se eles estão aqui, estão por suas próprias razões. Vamos ver o que acontece.

E ele ainda se afastou de dizer, de uma forma ou de outra, se ele estava ou não de alguma forma envolvido em sua chegada.

—Advirta-os. — O sorriso dela era glacial. —Para fazerem certo de que eles não o coloquem no caminho do dano. Muito certo, Daniel. Ou muitas cabeças vão rolar. Você me entendeu?— A dele seria uma delas. —Qualquer coisa que aconteça a Ian, e eu juro a você, e Deus é minha testemunha, eles pagarão por isto.

Os lábios dele se moveram, e naquele flash de diversão ela quase pôde ver por que a esposa gostava tanto dele. Quase. Agora mesmo ela estava muito louca para pensar nisso.

—Você é como uma leoa protegendo o filhote. — Ele cruzou os braços acima do tórax enquanto se debruçava contra o corrimão da grade. —Ele é um macho completamente crescido, Kira, e pode cuidar de si mesmo.

—Essa não é a questão.

—É exatamente a questão. Continue tentando protegê-lo e controlá-lo, e ele vai se virar contra você.

Ela olhou para ele em choque. —Eu não estou fazendo nada disso.

Por um momento, a expressão dele ficou hesitante, então aliviou e ficou determinada, segura.

—Sim, você está. E ele não gostará disto. Ele está puto que você esteja nisso para começar. Ele acredita que o trabalho dele é te proteger. Te manter de fora das consequências. Esse não é um homem que pode aceitar o perigo com o qual você vive. Lembre-se disto. Ian sempre acreditará que é o dever dele permanecer na linha de fogo e o seu dever é remendar os ferimentos dele quer você queira ou não.

E ela não gostava disto, nem um pouco, mas ela tinha o pressentimento de que Daniel estava certo. Ian não estava aceitando muito o fato de que Martin Missern não tinha tentado fazer mais



do que atacá-la na noite anterior. Inferno, ela tinha sido atacada de forma pior em uma rua na Cidade de Nova Iorque por um aprendiz de assaltante.

Os lábios dela apertaram firmemente juntos enquanto ela cruzava os braços acima dos seios e olhava para o piso de madeira da sacada antes de erguer a cabeça e dar a ele os lábios para ele ler enquanto ela sussurrava. —Se você souber onde eles estão, melhores adverti-los. Ele sabe que eles estão aqui.

E ele sabia. Ele não tinha por que mentir para ela, mas ela o conhecia bem o suficiente para saber que ele continuaria a conversa dupla evasiva para protegê-la desse conhecimento.

Ele anuiu com a cabeça devagar antes de perguntar com a voz suave — O que você vai fazer quando ele me mandar fazer as malas, Kira?

—Aceitar. — A voz de Ian estava estrangulada com fúria.

Kira girou, olhando para o corpo sem camiseta emoldurando a entrada da sacada, os olhos escuros iluminados com profundidades cor de Borgonha, a expressão apertada, controlada.

—Daniel não vai a lugar nenhum— ela o informou à medida que ele saía, compassando para mais perto deles, usando nada além da calça comprida branca e raiva.

Os músculos ondulavam embaixo da carne escura, dobrando poderosamente enquanto ele andava para mais perto dela, o olhar duro.

—Ele sai hoje ou você arrisca a vida dele— ele a informou friamente. —Não há nenhuma parte neutra aqui, Kira. Você me entendeu?

— Daniel é leal a mim, Ian— ela retrucou. —Isto não é negociável.

—Você fez isto negociável quando colocou o nariz nos meus negócios— ele rosnou, os olhos indo para Daniel. —Eu quero que você parta.

—Ian—

—Não, Kira, ele está certo. — Daniel deitou a mão no braço dela, a expressão de repente sombria. —A sua lealdade não poderá ser questionada, mas a minha sim. Eu não serei aceito aqui.

Não era a primeira vez que ela tinha sido forçada a trabalhar sem seu guarda-costas, não seria a última, mas isso não significava que ela tinha que gostar disto.

—Ele seria um recurso aqui, Ian— ela disse entre dentes friccionados.



Ele agitou a cabeça lentamente, o olhar voltando ao dela, os olhos frios. —Ele seria uma testemunha. Essas não são toleradas. Você me entendeu?

E ela entendia. A empregada que tinha sido morta na casa de Fuentes nessa semana, o corpo enterrado, para sempre longe das vistas, a lembrava disto. Diego Fuentes havia matado uma criança porque ela tinha traído Ian, e ordenado a morte de outra. Uma que Ian tinha tirado silenciosamente da ilha e levado para os States. Uma tinha traído, a outra tinha sido uma testemunha e um perigo para o cartel de Fuentes que Ian sabia que nunca sobreviveria sozinha.

Seguir o rumor da morte e descobrir os eventos por detrás não tinha sido fácil. Ian se cobria muito bem. E ele estava cobrindo Diego bem da mesma maneira agora.

Ela sentiu o coração correr no peito, um frio descer pela espinha enquanto buscava nos olhos dele e lutava contra a verdade da vida que ele estava enfrentando.

—Eu retornarei à vila— Daniel disse suavemente. —Você pode me alcançar em qualquer hora no celular seguro se precisar de mim. — A mão dele agarrou o ombro dela enquanto ela olhava para Ian, apenas sentindo o toque confortante. —Eu deixarei Jase saber que você está bem.

—Mantenha-se afastado daqui, Daniel. — Ian voltou o olhar para o guarda-costas. —Longe daqui. E enquanto está nisto, mantenha quaisquer outros amigos ou alianças que possa ter fora das minhas vistas. Eu não tenho tempo para separar suspeitos inimigos de inimigos verdadeiros. E eu tenho todos os amigos de que preciso agora mesmo.

Com isto, ele alcançou o braço de Kira e o agarrou, e puxou-a para ele, para longe do toque de Daniel. Ela saltou contra o tórax dele, apertando as mãos contra a parede sólida de músculos enquanto olhava para ele surpresa.

—Nenhum outro homem toca em você. — O músculo da mandíbula dele dobrava em fúria. —Já que você dorme na minha cama, pertence a mim.

Possessividade chiava em sua voz, chocando-a até mais do que o movimento para puxá-la tinha feito. Chocado, e estranhamente, excitado.



A pesquisa que ela tinha feito nele não indicava natureza possessiva com mulheres. Ele raramente tinha relações próximas, e escolhia suas amantes com precisão meticulosa por sua submissão e falta de propensões possessivas.

A cabeça dela girou e ela olhou para Daniel. Ele estava calado, assistindo-os, o olhar estreitado pensativamente.

—Diga a ele para partir, Kira. — Ian estava inflexível.

Ela respirou fortemente. —Volte para a vila— ela disse a Daniel. —Eu ficarei bem.

—Saia da Aruba— Ian ordenou.

—Ian, isto não é necessário— ela silvou.

—Desapareça, Daniel. — Ele ignorou o protesto dela. —Você me entendeu?

A ameaça no tom era clara. Chocante.

—Ian—

—Você me escolheu. — Gelo formava na voz e expressão dele. —Você escolheu me apoiar. Essa escolha vem com um preço, Kira. Eu não aceitarei mais sangue inocente em minhas mãos do que já tenho. Você me entendeu?— Os olhos recuaram para Daniel.

Daniel anuiu com a cabeça devagar enquanto relampejava a Kira um olhar de advertência. — Eu entendo, Ian.

—Isto é loucura. Ninguém acreditará que ele apenas me desertou. — Ela girou para Ian furiosamente. —Você não pode apenas mandá-lo embora assim. Que tal auxílio?

—Você o quer morto?— Ian rosnou. —Pare de discutir comigo, Kira. Aqui e agora. Porque enquanto Deus é minha testemunha a sua vida apenas pode depender disto. Não ha nenhum auxílio aqui por uma razão. Você me entendeu? É muito perigoso.

Ele não deu a ela a chance de protestar mais. Segurando-a mais firme, ele a puxou de volta para o quarto, apenas a soltando quando a porta fechou atrás deles e assim ele pôde se virar para se assegurar.

Enquanto ele se voltava para ela, os lábios dela abriram para discutir, para explodir com ele pelas decisões arbitrárias que ele estava tomando. Antes que o som pudesse emergir ele tinha a mão nos lábios dela e a cabeça próxima a sua.



—Escute-me. — A voz estava furiosa, um silvo em sua orelha. — Sete dias atrás uma criança de dezenove anos foi assassinada na frente dos meus olhos porque ela foi julgada uma ameaça para mim. Uma bala através da cabeça dela, Kira. — Fúria agonizada ecoava no tom de voz baixo. — Você quer que ele morra? Você quer morrer?

Os dedos dele enrolaram no cabelo dela, puxando-a para trás, o olhar ardente no dela enquanto ela olhava para ele com a consciência amarga do que a vida dele tinha se tornado.

—Não me faça te forçar desaparecer. — Uma mão emoldurava a mandíbula dela enquanto a expressão dele marcava em pesar. — Deus, por favor, Kira, não me force a fazer isto.

Os lábios cobriam os dela antes que ela pudesse falar. A mão apertando em sua mandíbula, segurando-a no lugar enquanto os lábios abriam os dela, a língua empurrando em sua boca enquanto os lábios estavam sobre os dela.

Movendo a mão pela mandíbula, o braço envolveu ao redor dos quadris e a puxou para ele, entalhando sua ereção coberta de pano no v das coxas dela enquanto os braços envolviam seu pescoço, os dedos dela correndo pelo cabelo úmido.

O inferno em que ele vivia a atormentava. O sangue que ele não podia escapar enchia os pesadelos dela assim como o conhecimento de que era o pai dele quem o forçava a isto.

—Não pense— ele sibilou, rasgando a bata de seus ombros, empurrando-a pelos braços e segurando os montículos apertados e inchados de seus seios. —Não pense. Não proteste, Kira. Apenas deixe-me ter você. Aqui mesmo. Agora mesmo.

Como ela poderia fazer qualquer coisa? A cabeça caiu atrás, um grito derramando dos lábios enquanto os lábios dele desciam para o cume apertado e o trazia para a boca.

Calor molhado correu em torno das terminações nervosas de seu mamilo. Os dentes correram sobre eles, criando um fogo que corria até seu útero, cerrando-o e derramando a umidade sedosa como resposta de sua vagina. E ela não podia fazer nada além de se segurar nele. O toque dele, sentir os lábios em seu seio, um braço segurando-a bem perto, os dedos puxando em seu cabelo, segurando a cabeça dela para trás. E entre as coxas ela podia sentir o membro dele pulsando embaixo da calça comprida de algodão fina, pronto, cheio.

—Ian, isto é loucura. — Loucura porque ela não podia respirar, não podia pensar nos braços dele. E ela amava ao invés de odiar como deveria. Ela desejava mais. Queria que o mundo



retrocedesse, o conhecimento de sangue e morte fosse extinto deles por uma paixão que queimava como fogo-fátuo entre eles.

—Não, *isso* é louco. — Ele a soltou tão depressa quanto a havia arrastado para seus braços, os olhos pesados, a luxúria queimando neles enquanto depressa ia para longe dela. —Tome seu banho!

A ordem abrupta a fez olhar para ele em confusão. —Tomar banho?

O olhar que ele deu a ela estava cheio com irritação e luxúria.

—Diego está nos esperando à mesa no andar de baixo e eu tenho uma reunião no outro lado da ilha em menos de três horas. Isso dá a você aproximadamente trinta minutos para tomar banho e se vestir.

—Muito tempo. — Ela acenou a restrição de tempo para longe com um sorriso satisfeito consigo mesma enquanto ela o segurou com a outra mão, agarrou a faixa de suas calças, e tentou puxá-lo para ela. Ou melhor, foi para ele, porque ele não estava movendo. Mas enquanto ela agarrou a faixa, os dedos foram ao botão e a outra mão agarrou seu zíper e o deslizou. —Te peguei, bebê. — A mão deslizou em suas calças, os dedos em volta do comprimento largo, espesso de uma ereção tão dura que poderia ser de ferro. Ferro vivo. Pulsando em sua mão e enviando uma onda de fome tão forte que debilitou seus joelhos.

A sensação dele em suas mãos, veias pesadas pulsando embaixo da carne de aço duro, os olhos cor de uísque escurecendo, aquecendo, era mais poderoso do que qualquer afrodisíaco.

A mão dele trancou ao redor do pulso dela, segurando sua mão quieta.

—Eu não serei fácil. Não serei lento. — Um rubor escuro tomava as maçãs do rosto enquanto os olhos estreitavam.

—Eu pedi fácil? Ou lento?

Ele a empurrou, puxando uma arfada de seus lábios enquanto ela se achava curvada sobre o braço da cadeira próxima, os braços apertados na frente dela, as mãos dele prendendo os pulsos dela enquanto ela sentia a primeira estocada do membro contra o tecido inchado e sensível de sua buceta.

—É uma boa coisa que você não queira fácil — ele rosnou.



A primeira punhalada o enterrou a meio caminho dentro dela, estirando-a, ondas de prazer correndo em chamas por sua espinha.

—Você quer fácil agora, Kira?— A voz dele era um grunhido severo, baixo em sua orelha enquanto ele a puxava de volta.

—Não. — Ela agitou a cabeça desesperadamente, então clamou, as costas arqueando enquanto ele enterrava completamente, gerando uma corrida ígnea de êxtase agonizante por sua buceta.

Ela sentiu as pernas dele em volta das dela, curvando enquanto ele puxava os quadris dela para trás, a seta dura correndo sensualmente, lentamente, do aperto desesperado de sua buceta.

—Você quer mais, Kira?

Ela sentiu os músculos das coxas apertarem, sentiu as mãos dele deslizarem de seus pulsos para os quadris.

—Mais. Sempre... — A cabeça caiu adiante enquanto um grito de prazer agonizante despejava de seus lábios.

Ele bateu violentamente adiante. Nada fácil. Mergulhou dentro dela em uma estocada dura, ajudado pelos fluidos incrivelmente lisos que despejavam dela. A carne espessa deslizou para as profundidades, a empalação separando os músculos apertados, acariciando incrivelmente as terminações nervosas sensíveis, e enviando golpes ígneos de prazer rasgando por ela, acima dela.

—Ian, oh, Deus, o que você faz comigo. — Ela ansiava por ar enquanto ele se retirava uma vez mais. Ela gritou quanto ele bateu violentamente adiante novamente.

Era muito bom. Tão bom. Especialmente quando ele pausava, o membro pulsando dentro dela, as coxas segurando-a firme, as mãos apertando e quase lesionando seus quadris.

—Faço com você?— Ele se segurou dentro dela enquanto os músculos dela ondulavam ao redor dele, pulsando dentro dela, deixando-a louca com o peso. —Você destrói o meu controle.

Ele recuou, o membro arrastando pelo tecido sensível enquanto um gemido duro ecoava atrás dela.

—O que é controle?— Ela tremeu, então estremeceu enquanto ele retrocedia.



Ela sabia o que estava vindo. Ela tentou se preparar para isto. Os dedos cerraram na almofada da cadeira, apertando enquanto ele a empurrava contra o braço oposto. Mas não era o suficiente. Ele foi dentro dela, e ela gozou com uma respiração quebrada.

Porque ele não parou. As punhaladas duras, furiosas, acariciando e empalando, penetrando e a estirando, em meia dúzia de mergulhos duros que a fizeram gritar com o orgasmo. Ela estremeceu embaixo de seu membro, sentindo a lança passar com pressa por ela, bombeando por suas veias, por sua mente, com uma força detonadora que rivalizava com uma explosão nuclear.

Atrás dela, Ian rosnou, gemeu, então empurrou do aperto dela e um segundo mais tarde derramou sua liberação contra as costas dela.

Ele desmoronou acima dela, o cume duro de seu membro preso entre eles enquanto seus quadris empurravam, acariciava a carne dos dois combinada enquanto ela estremeceu com a agonia final do prazer. Foi apenas então que ela percebeu que ele não tinha usado preservativo.

Não era a primeira vez que ela tinha sido tomada de forma dura, ou rápida. Mas Deus a ajudasse se não tinha sido a primeira vez que tinha acabado com sua mente.

As mãos calosas e ásperas de Ian, arrastaram em seu cabelo de trás de seu ombro enquanto os lábios apertavam contra a curva de seu braço. As respirações duras ondulavam sobre a carne dela enquanto ele a segurava perto, o comprimento agora úmido de seu membro ainda pulsando entre eles.

—Você tem vinte minutos para tomar banho. — A voz dele era gutural, quase brava apesar de suas respirações severas, os lábios acariciando. —E por Deus, é melhor que você não se atrase.

Ele foi para longe dela à medida que ela se endireitava, girando e inclinando contra a cadeira, e ela o assistiu arrumar a calça. Dentro de segundos, exceto por um brilho de suor nos ombros largos, ele estava perfeitamente arrumado, enquanto as pernas dela eram como espaguete e a mente um mingau.

—Dezoito minutos. — A voz dele era dura, os olhos ardentes com emoções. Raiva e sobra de excitação.

—Dezoito minutos. — Ela apertou as pernas e se forçou a se mover. —Eu estarei pronta em dez.



Capítulo Quinze

Ela estava pronta em dez. Ian assistiu enquanto ela saiu do banheiro usando calça branca casual e uma blusa sem manga.

O cabelo preto longo estava quase seco e caía ao redor dos ombros e abaixo nas costas em uma cascata de seda. A carne ligeiramente bronzeada contrastava com o tecido branco, e aquelas pernas sensuais pareciam mais longas com a maldita camiseta foda-me branca que ela usava. Ela compassou para o closet onde a empregada havia deixado sua bagagem, desapareceu dentro dele e então retornou com uma pequena bolsinha de couro para combinar.

Ela parecia um anjo caído.

Mesmo depois do tratamento áspero que ele tinha dado a ela minutos antes, curvando-a sobre a cadeira e fodendo-a como um animal que ele às vezes sentia que era, ela ainda conseguia relampejar um sorriso provocante.

Depois de escolher as roupas, Ian mudou a própria calça. Ele usava calças da marinha agora com uma camisa de algodão cinza solta, finamente bordada, que usava com calças casuais. Ele usava botas hoje. Não as malditas botas de combate, ele sentia falta delas—mas botas de couro confortável, que seriam mais fáceis de lutar caso a reunião para qual ele estava indo ficasse um pouco mais do que complicada.

Uma reunião que ele teria de ter com Kira. Ele verificou a roupa dela novamente enquanto os dentes do fundo rangiam em fúria. Ela tinha que parecer inofensiva, mas ele sabia como de fato ela era qualquer coisa exceto inofensiva.

Ele se moveu para a gaveta da cômoda trancada onde mantinha algumas armas pequenas, e pegou uma arma substituta e vários cliques carregados antes de fechar a gaveta e girar para ela.

—Leve isso. —Ele a deu a ela arma e munição.

Sem comentário, ela os pegou, colocou na bolsa e olhou para ele com um vislumbre de diversão nos olhos cinza com toques de azul.

—Eu tenho as minhas próprias armas— ela disse a ele. —O que você fez com elas?



—Daniel ficou com elas. — Ele colocou a dele na calça e deixou o olhar correr por ela novamente. —Esses saltos vão atrapalhar muito se uma destas reuniões azedarem.

—Meus saltos não foram um empecilho na Rússia— ela o lembrou suavemente. —E se alguém vai acreditar que eu sou uma impotente pequena fêmea, então a aparência tem que estar correta. Vista-me de qualquer outro modo, e eles estarão em guarda.

E ela estava certa. Ela não podia ser vista como qualquer coisa menos do que toda mulher. Um troféu. Nada mais.

Ele anuiu com a cabeça devagar. —Vou me encontrar com Josef Missern. Depois que o assassino o seguiu para a compra e o confronto de ontem à noite, ele me ofereceu um ótimo negócio para compor por qualquer *mal-entendido*. Nós vamos nos encontrar com ele para passar os detalhes e ver o que ele tem.

—Eu deveria ir atrás— ela disse a ele.

Ian assistiu o franzir marcar a sobrancelha dela enquanto ela começava a considerar as desvantagens da reunião.

Ele continuou — Nós vamos nos encontrar na costa sudeste da ilha. O terreno é nivelado e mais fácil de fazer uma retirada aérea. Desceremos depois que Trevor assumir o comando do helicóptero. Estaremos em dois veículos. Você e eu estaremos com Deke, Mendez e Cristo estarão no outro veículo. Missern nos encontrará na limusine em vez de ao ar livre. Eu verei o que ele tem e então nós partiremos.

—Por que não uma teleconferência? Seria mais seguro.

—Mas mais difícil para mim para fazer a leitura facial e corporal— ele disse a ela. —Missern sabe que eu estou puto e está tentando amaciar as coisas antes que eu retalie contra ele. Vamos ver o quão determinado ele está para ficar vivo.

Ele a assistiu atentamente, medindo sua reação à menção de sua vingança contra os corretores de armas. Não houve nenhuma; ela anuiu com a cabeça devagar como que considerando as opções.

—Quando nós sairmos de lá, me encontrarei com os homens que transportam as droga Fuentes dos portos colombiano até as águas americanas. Você ficará com Trevor e Cristo enquanto eu converso com eles. Você não será parte da reunião.



A cabeça dela ergueu enquanto os olhos reluziam em protesto.

—Você não consideraria isso um engano?— Ela o questionou com meia-voz da força dominante que ele sabia que ela era capaz.

—Não, eu considero que você estar nessa reunião seria nada aconselhável. Como minha amante, sua posição influente na sociedade americana, assim como o seu nome, são reconhecíveis como perigo.

Os lábios dela apertaram.

—Por que você não veio com disfarce?— Ele perguntou a ela. —Por que se arriscar como você mesma?

—Você não está com disfarce— ela finalmente respondeu, a voz baixa. —Nós faremos isto juntos, como quem e o quê somos, Ian. E eu não quero ouvir nenhum outro nome dos seus lábios enquanto você está me tomando. Não importam as circunstâncias.

Maldita. Ele não esperava por isto, e ele não esperava o puxão afiado que a resposta tinha dado em seu tórax também.

—Não usar um disfarce foi estúpido. — A raiva construiu dentro dele. Droga, ele não tinha problema com controle, com as coisas que ele tinha que fazer, até ela. Agora, a raiva estava subindo dentro dele, fazendo-o um perigo para ela se ele não achasse um jeito de conter e controlar isto. —Você tem alguma ideia do risco para você mesma e sua reputação?

—Temporária. — Ela acenou para longe. —Quando isso estiver terminado ambas as nossas reputações se recuperarão.

Irritação relampejou por ele, emoção tomava seu controle. Ela era muito confiante, muito certa de suas habilidades. Isso o apavorava.

Deixava-o duro.

Ele olhou para ela por longos momentos, tentando entender o efeito que ela tinha nele, a força que ele via nela. O que poderia ter produzido uma mulher tão incrivelmente feminina e tão forte? Em todos os anos que ele tinha entrado em contato com ela estava mais protegendo do que sendo protegida, e apesar da insistência do tio dela de um guarda-costas, ela era completamente capaz de se defender.



Ela o deixava louco, e ele era esperto o suficiente para saber que parte da loucura era baseada no fato de ele ser no fundo tão chauvinista. Ele queria protegê-la. Queria escudá-la. E ela não tinha nada a ver com isto. Era um inferno no controle dele e ir para perto dela era o suficiente para ele poder sentir o risco para a própria alma.

Se algo acontecesse a ela... Ele cortou o pensamento, afastou-o e girou depressa.

—Vamos. Diego está esperando no andar de baixo e temos que ir para a reunião.

Nenhuma emoção, ele se lembrou. Se ele mantivesse as emoções enterradas então poderia assisti-la entrar na vida que ele era forçado a viver e esperar sobreviver a isto.

Inferno. Quem diabos ele achava que estava enganando? Ela estava cortando em tiras seu controle ao ponto de na noite anterior ele ter se permitido ser atraído a um confronto com Diego e agora ele tinha curvando Kira sobre uma maldita cadeira e tomado-a como um bastardo fora de controle.

Inferno, ele nem a havia beijado primeiro.

Enquanto ele a escoltava para fora do quarto, algo nele tinha permitindo a ela se mover na altura dele, a mão caindo naturalmente nas pequenas costas dela. Apenas tocá-la. A culpa o estava comendo vivo, enrolando suas entranhas e queimando seu tórax.

A memória dela curvada sobre a cadeira, tomando-o, tomando a mistura de excitação, raiva ciumenta e preocupação furiosa que ela causava nele, fez os dentes dele cerraram novamente. Ele acabaria desgastando os molares em dias porque friccionar os dentes era a única opção no momento.

Ele não poderia tê-la sequestrado e mantido presa para sua própria segurança. Ele já tinha falado sobre essa opção com seu chefe no DSI durante seu contato seguro mais recente. Ela estava lá para ficar, ele tinha sido informado. Se ele colocava ou não os talentos dela para trabalhar, era com ele, mas ele não podia tê-la tirado do jogo, e ele não poderia forçá-la a sair.

Ela estava determinada a ser uma parte disso e ele ainda não podia compreender o porquê. A menos que ela estivesse trabalhando com o Time Durango.

Eles se moveram passos abaixo e foram pelo hall da entrada para a sala do café da manhã. Ele estava levando sua amante para encontrar o monstro que ele chamava de pai e deveria fazer isto com uma medida de controle. Ele não deveria estar friccionando seus dentes em excitação e



irritação e lutando contra uma ereção que não deveria ter porque sua amante era a mulher mais segura e psicologicamente forte que ele já tinha conhecido em sua vida ilegítima.

Enquanto eles se aproximavam da sala do café da manhã, o mordomo abriu as portas duplas, ficando para trás, sem expressão, enquanto Ian escoltava Kira na sala.

Ele se forçou a relaxar, mas sua mão deslizou como uma carícia sobre o quadril de Kira, cerrando na curva em remorso com a necessidade de soltá-la e um segundo mais tarde rezando para Diego não ter notado.

—Ian! Meu filho. — Diego ficou de pé enquanto eles entravam na sala, um sorriso largo dobrando o rosto moreno, os olhos pretos alegres enquanto Ian puxava uma cadeira para Kira na pequena mesa com tampo de vidro antes de tomar uma para ele na frente de Diego.

—Bom dia, Diego— ele saudou o outro homem enquanto acenava para a empregada tímida adiante para despejar seu café.

Todos os funcionários da casa tinham sido mudados, mas os rumores sobre a morte de Liss fizeram seus círculos. Eles todos estavam mudos, cautelosos.

—Você não me apresentou corretamente nossa convidada, Ian. — Desconforto marcava a voz de Diego, e por Deus misericordioso, sentimento ferido. Um monstro que podia ter sentimentos feridos. Esse oximoro¹⁶ era apavorante.

—Com licença, Diego. — Ele forçou um sorriso embaraçado ao rosto. —Acho que estou um pouco nervoso.

—Nervoso, Ian?— Diego piscou de volta para ele em surpresa, o olhar abrandando enquanto ele tragava a impressão de desconforto de Ian.

Kira se sentou de volta na cadeira e sorriu de forma afetada como se estivesse apreciando a visão do desconforto de Ian.

—Kira. — Ian limpou a garganta. —Permita-me introduzi-la a meu pai. — A palavra rasgou por sua alma com uma pestana de fúria tão potente que quase o estrangulou enquanto olhos de Diego pareciam amortecer. —Diego Fuentes. Diego, Senhorita Kira Porter.

¹⁶ Oximoro - figura de linguagem que harmoniza dois conceitos opostos numa só expressão. Ex: 'foi sem querer querendo'.



—Srta. Porter. — O prazer transformou a expressão de Diego, ondulando sobre ele com um espasmo apertado, duro enquanto ele agarrava a mão de Kira. —É um prazer saber que meu filho conseguiu capturar o interesse de uma mulher jovem tão distintiva e bonita.

—Sr. Fuentes, posso ver de onde veio o charme de Ian. — Kira permitiu que Diego segurasse sua mão apenas pelo mais breve segundo antes de soltá-la e colocá-la no colo.

Ela olhou para o senhor da droga com uma sugestão de reserva e cautela. Não havia nenhuma amizade aberta. Ela não estava escondendo o fato de estar muito ciente de saber quem e o quê ele era.

—Ah, ela é esperta também, meu filho?— Diego sorriu amplamente como se fosse um pai orgulhoso. Era o suficiente para fazer a espinha do SEAL tremer com horror.

—Ela está nisto, Diego. — Ele anuiu com a cabeça para Kira em diversão indulgente.

Diego tomou sua cadeira uma vez mais, acenou para que a empregada trouxesse sua xícara de café, e esperou até que ela enchesse sua xícara.

—O que você gostaria para o café da manhã, minha querida?— Diego perguntou a ela. —Nós temos uma boa seleção de frutas. Mas nosso Ian prefere proteína. — Ele acenou a mão para o bufê ao longo da parede.

—Eu gosto de um pouco de cada coisa. — Kira olhou o bufê com desejo faminto. —É uma boa coisa que eu ter metabolismo rápido. — A diversão zombeteira iluminou sua expressão e os olhos enquanto ela anuiu com a cabeça para a empregada que pacientemente esperava. —Ovos, toucinho e um daqueles biscoitos de aparência deliciosa. Eu pegarei a fruta.

As sobrancelhas de Diego ergueram com o pedido, mesmo enquanto ela trazia o café forte, não adoçado para os lábios e o sorvia com prazer.

—Ah, uma mulher com apetite— Diego murmurou. —Creio que a revista Americana *Society* a descreveu como uma ‘mulher do hoje’. Uma cujo apetite claramente expressa a fome da mulher moderna.

Ian leu aquele artigo, e riu. A imagem da sociedade, definitivamente, não era a verdadeira Kira Porter.



—A *Society* insistiu em discutir meus hábitos de alimentação em vez dos tópicos que concordamos discutir: o trabalho de caridade que o meu tio e eu estávamos fazendo naquela época.

Diego riu. —O editor reivindicou que você estava fazendo mais do que destruir a imagem de *socialite* glamorosa do que as pessoas que tinham aparecido antes de você e que querem o seu lugar. Eu achei que era claramente a marca de uma mulher inteligente, forte. — Diego se sentou de volta na cadeira nesse ponto. —Creio que a entrevista também falou sobre uso de drogas. Sua insistência contra drogas foi excepcionalmente forte. Seus comentários foram de que aqueles que negociam com a morte e miséria do mundo deveriam ser pegos, esquartejados e deixados para os urubus se alimentarem. — A voz dele permaneceu morna, encorajadora, o olhar curioso.

—Diego— Ian disse em advertência. —Essa conversa não é exatamente apetitosa para o café da manhã.

As narinas de Diego chamejaram com a repreensão. —Eu queria saber por que uma mulher com tal visão se rebaixaria a dormir com não apenas um líder de um cartel de droga, mas também um desertor. Diga-me, Sra. Porter, por que você arriscaria sua reputação e sua segurança para dormir com meu filho?

—Sr. Fuentes, o que a *Society* não mencionou é que eu sou uma mulher. *Eu* escolho com quem me preocupo. Não as convenções. — Ela se debruçou adiante, cortando Ian antes que ele pudesse criticar severamente o pai. Ele pausou, debruçou de volta na cadeira, e assistiu Kira ao invés.

A expressão dela estava reveladora agora. Essa era a *mulher*. Sua mulher. A expressão fez a ereção dele empurrar na calça comprida, a cabeça larga pulsar dolorosamente agora.

—Não me diga, sério? — Diego questionou curiosamente.

—Sério. — Ela se sentou de volta na cadeira uma vez mais e relampejou a Ian um olhar com vislumbre de fome. Maldita. Ela tinha escolhido uma péssima hora para dar a ele esse olhar. Permitir a ele ter o vislumbre das emoções que ela mantinha tão escondidas.

—Termine o seu café da manhã e então vamos partir. — A voz dele era severa. Percebeu e não lamentou. E girou para Diego. —Você entende o conceito de 'meu'?



—Ian, isto não é necessário— Kira protestou com uma sugestão de diversão. —Estou certo de que seu pai entende que todos nós tenhamos nossas pequenas preferências sexuais bizarras ou um comportamento não convencional.

O olhar relampejou para ela, a raiva subindo, queimando, ameaçando seu controle. Ele se voltou para Diego.

—Você entendeu a minha pergunta?

Diego anuiu com a cabeça devagar. —Sim, Ian. Entendi. Eu não a questionarei mais. — Havia advertência em sua voz também. —Entendo que nós devemos proteger o que nos pertence.

Ian ergueu da cadeira, o café da manhã esquecido. Os olhos prenderam os de Diego enquanto ele estendia a mão para Kira.

Ela estava lá imediatamente, os dedos enroscando nos dele, permitindo-o puxá-la de sua cadeira para seu lado.

—Nós desperdiçamos tempo demais— ele disse firmemente. —Pararemos no caminho e compraremos um lanche para você.

—Proteína?— Ela perguntou, a voz baixa, insinuante.

Ian não pôde evitar. O olhar quase saiu de Diego e seu membro definitivamente se tornou altamente interessado.

—Definitivamente proteína. — Ele encarava Diego, assistindo a expressão do homem, o cintilar de diversão nos olhos pretos, o modo como ele relaxou, a aura da morte correndo sob o charme uma vez mais.

—Nós conversaremos à noite— ele advertiu Diego silenciosamente. —Eu te prometo.

Ele levou Kira da sala e se encontrou com Deke e o outros no hall da entrada.

—Deke, nós precisamos parar em Palm Beach para o café da manhã para Kira. Duetch Veronick está bom.

—Duetch Veronick. — Deke movimentou a cabeça escura. —Positivo, chefe.

Ian olhou para ela abaixo enquanto a escoltava da vila. Maldita. Kira sabia o que a pequena insinuação dela faria com ele. Da mesma maneira que Diego estava descobrindo que havia certos meios de trabalhar com ele. Os dois iriam descobrir, ele sabia como retribuir.



Enquanto eles iam para a larga varanda abrigada da vila, Ian colocou Kira na limusine antes de seguir com ela para o interior frio, de couro.

Ela deslizou no banco invertido, sobre o couro e cruzou as pernas graciosamente enquanto colocava a bolsinha ao lado. Tomando o banco oposto, Ian olhava de volta calado enquanto Mendez fechava a porta atrás de si e o veículo começava a andar.

Ian apertou o controle da janela entre os dois bancos, ainda olhando para Kira enquanto o vidro enegrecido da janela erguia entre as duas seções.

—Aquele seu olhar poderia quase ser excitante, se não fosse tão calculado— ela disse lentamente, um sotaque na voz com sugestão das noites de Geórgia e o charme do Sul. — O que você está pensando, Ian?— As mãos dela deitaram contra as pernas e a cabeça foi jogada para o lado enquanto ela o assistia pensativamente.

— Negócios de drogas. Negócios de armas. Sangue e morte. — Ele sorriu zombeteiramente. — Sobre o que mais um dono de cartel pensa?

Ela passou a língua sobre os lábios já brilhando e o olhar chamejou antes de se voltar para ele questionadoramente.

—O veículo é seguro— ele disse a ela. —Não há nenhum dispositivo de escuta. Estamos seguros.

—Como você pode estar certo? Você não verificou o carro quando entramos.

Ian suspirou antes de colocar a mão no bolso e tirar o fino detector eletrônico das calças. Ele relampejou para ela antes de colocá-lo de volta no bolso.

Era do tamanho de um celular, mas a parte eletrônica era sensível a uma variedade de receptores.

Ela respirou com remorso. —Você não vai me deixar ver esse também, não é?

—É um modelo experimental. — Ele sorriu amplamente. —Mas estou aberto a negociações. Responda algumas perguntas e eu te deixarei tocar os meus brinquedinhos.

Ele assistiu vislumbre de realização nos olhos dela um segundo antes de ela encolher os ombros delicados. —Eu verificarei quando isto estiver terminado. Tio Jason provavelmente me dará um de Natal.

Ian anuiu com a cabeça devagar. —Há quanto tempo Jason está disfarçado?



—Eu não disse que Jason estava disfarçado. — As mãos dela apertaram no colo.

—Não mais do que você me disse que o Time Durango estava em Aruba. — Ele se debruçou adiante lentamente, a voz ficando gelada enquanto ele fazia uma carranca de volta para ela. — Você estava discutindo sobre eles com Daniel de manhã. Você estava discutindo sobre o fato de que ele seria mandado embora junto com seu conhecimento de que o Time Durango estava aqui.

Surpresa e nervosismo chamejaram na expressão dela então.

—Eu tenho a sacada grampeada. — Ele se debruçou de volta na cadeira. —Verifiquei a gravação enquanto você estava no banho.

—Então você sabe que eu não tinha nenhum conhecimento de que o time estava aqui.

—Mas você conhece o Daniel. E ele sabe onde eles estão. Então a primeira pergunta é onde Daniel os instalaria e como ele os ajudaria?

O silêncio encheu a limusine. Os olhares deles se encontraram, tensão explodindo atrás da limusine enquanto eles batalhavam em uma guerra muda que Ian estava determinado a ganhar.

—O que isso importa, Ian?— Ela finalmente perguntou a ele. —*Se* eles estão aqui, eles não desobedeceram as ordens do diretor de não te atingirem. Eles estão amarrados. Talvez eles tenham compreendido que você não é o filho amoroso que tentava parecer, e estão aqui para te ajudar.

—E você acha que eu preciso da maldita ajuda deles?

Se ela tivesse pensado na possível resposta dele ao saber que seu antigo time estava como apoio, então Kira saberia que não deveria ter esperado a fúria que queimava nos olhos dele ou a mão dura que envolveu a nuca dela e puxou seu nariz contra o nariz dele enquanto ele avançava uma vez mais.

—Você contatará Daniel— ele disse a ela friamente, a voz severa, a expressão proibitiva. —E dirá a ele para dar a Reno uma mensagem para mim. Apenas Reno. Diga a Daniel para dizer a ele, 'Segredos de Assassino'. Ele saberá o que isso quer dizer, Kira. E diga a Daniel para adverti-lo, eu estou sério nisso.

Segredos de assassino. Havia muitas linhas pessoais, muitos inimigos posando como amigos, e nenhum modo de classificar as diferenças antes de atacar. Queria dizer que ele estava trabalhando sozinho, ponto final, e a situação era muito volátil para haver interferência.



Kira retesou. Nathan Malone havia mencionado essa expressão um mês antes quando ela o havia questionado no hospital. As informações entrando e saindo desta operação poderia matá-los, e Ian não as estava compartilhando. Se era porque que ele não podia compartilhar, ou porque não queria, ela podia apenas tentar adivinhar.

—Eles te disseram o que isso quer dizer?— Ian a soltou lentamente, sentando de volta no banco com o corpo deliberadamente relaxado, o que não a enganou nem um pouco.

—O quê?— Ela perguntou mas sabia o que ele queria dizer. O que ele queria dizer não era nem de perto importante quanto o que ela estava vendo nele agora mesmo.

Propósito frio, duro. Não havia nenhuma excitação, nenhuma fome ou a necessidade que ela teve um vislumbre nele antes. Esse não era o tenente brincalhão que a havia identificado durante as operações onde eles haviam se conectado. Ele não era o amante frustrado tentando protegê-la. Esse era o SEAL. E ele estava determinado e nada permaneceria no seu caminho de pegar as cabeças de Sorrell e Diego e levá-las em uma bandeja para o homem que chamava de irmão.

—O time te disse o que essa frase código quer dizer?— Ele não piscou, os olhos não queimaram. Eles a gelaram até os ossos.

—Eles me disseram— ela admitiu, perguntando-se se ela estava prejudicando ou estragando sua causa com a admissão.

Emoção chamejou nos olhos dele então.

—E você veio de qualquer forma?— Os lábios dele aplainaram com o primeiro sinal de emoção. A raiva faiscada em seu olhar. —Você perdeu a porra da cabeça, Kira?

Será? Não, ele era apenas muito importante para ela. E quando exatamente ele tinha se tornado tão importante para ela, ela não estava realmente certa.

—Você me deixaria só nesta batalha?— Ela perguntou a ele ao invés. —Se você tropeçasse nesta situação e descobriu o perigo no qual eu estou, iria embora de mim, Ian?

—Isto é diferente. — Mais emoção. Uma cor de determinação teimosa e um flash de fome oculta.

—Como é diferente?— Ela se debruçou adiante, o tórax apertando com as emoções que ela ainda estava tentando fazer sentido. —Como é diferente se você não poderia ir para longe de mim, mas ainda assim espera que eu vá para longe de você?



—Você é uma mulher. — Ele limpou a garganta então fez uma careta com o flash inconsciente de nervosismo que sabia que ela tinha visto naquela ação. —Não se deixa uma mulher em apuros.

—Mas eu não acho que estou em apuros— ela disse a ele. —Sou uma agente treinada. Eu acreditaria que estava indo bem sozinha. Que eu não preciso de você para me proteger. Por que você quer colocar o seu nariz nisto?

E por que ela precisava que ele admitisse que se importava mais com ela do que se importaria com alguma outra agente por causa de seu chauvinismo? Ela seria a tola que ele a chamava se ela precisasse disto. Porque Ian Fuentes não era um homem que se deixaria ficar emocionalmente envolvido com muitas pessoas. Ela sabia que ele amava a mãe. Ele respeitava o padrasto, e tinha jurado sua vida a Nathan Malone depois que o pré-adolescente Nathan tinha ajudado a salvar a vida de sua mãe.

Do que ela tinha descoberto, Ian tinha um laço de time com os outros SEALs do grupo com o qual lutara. Ele os respeitara, e teria morrido por eles. E ele os protegeu, assim como os estava protegendo agora.

Ele era uma ilha até para si mesmo, o time havia revelado. As amizades eram todas relacionadas a trabalho, e suas relações duravam apenas semanas. Ian satisfazia um desejo, nada mais, quando a questão eram as mulheres com as quais ele terminava tão facilmente.

A única coisa que havia dado esperança a ela era o conhecimento de que Ian a *conhecia*. Não importando seu disfarce, não importando sua persona, ele podia ver através dela. Levava mais do que um bom olho para fazer isto. E levava mais do que isso para um homem ir embora sem satisfazer o próprio desejo como ele tinha feito na noite em que tinha entrado no condomínio dela.

Ela o tinha feito sentir algo naquela noite. Ela sabia que tinha. Ela tinha assistido os olhos dele no mesmo momento em que tinha percebido que Ian poderia tocá-la como nenhum outro homem tinha feito.

—Você não está me respondendo, Ian. Por que você me ajudaria ainda que eu sentisse que não precisava de sua ajuda?— Ataque enquanto eles estão fracos. Jason tinha colocado isso nela desde que ela tinha dez anos, mas de alguma maneira, ela tinha o pressentimento de que ele não a teria imaginado nesta situação.



Ela deslizou de seu banco, abaixou-se para o tapete suave do chão entre eles, e afundou entre suas coxas.

E ele não tinha esperado isto. Mas ela não esperava isto de si mesma também. Algo havia suavizado que ela não sabia que era duro dentro de si. Ela era uma mulher em vez de uma agente. Uma amante em vez de uma arma. E a transição era tão natural, tão livre, que pela primeira vez na vida, ela estava começando a se perguntar exatamente quem ela era também.

Capítulo Dezesseis

— Você está muito quieto agora — Ela murmurou, as mãos correndo pelo interior das coxas dele e então junto de seu abdômen apertado até o tórax.

— Ainda assim eu teria tentado te proteger. — Ele tragou, o movimento apertado, tenso. Tão apertado e tenso quanto os músculos embaixo da mão dela. E os olhos dele eram aconchegantes, estavam escurecendo.

— Por que você teria feito isto, Ian? Essa é a minha pergunta. Porque você é um chauvinista, ou por causa de algo mais?

Ele a surpreendeu quando esticou a mão, arrastando os dedos abaixo de sua bochecha, e disse sombriamente — eu sou um chauvinista, Kira. Preciso proteger você.

— E eu preciso estar aqui com você, Ian. — Foi tudo o que ela pôde fazer para impedir a voz de tremer, os olhos de encherem com lágrimas. — Eu preciso cuidar das suas costas.

— Que diabo eu vou fazer com você? — Ele apertou a testa contra a dela enquanto emoldurava seu rosto com as mãos e olhava para ela como que confuso por ela. — Eu sei o que estou fazendo aqui. Posso trabalhar nisto melhor sozinho.

— E fazer sem isto? — Os lábios dela tocaram os dele, alisaram sobre eles antes que ela permitisse à língua passar entre os lábios e amortecer as curvas. — Por que nós deveríamos ficar sem isso, Ian? Eu posso te ajudar. E eu posso... te satisfazer. *Amar você*. As duas últimas palavras quase tinham escapado de seus lábios. E enviaram uma onda de calor e medo por ela.



Ela o amava? Era por isso que ela não podia deixá-lo ir? Bom Deus, quando algo assim tinha acontecido?

—Você pode apenas me distrair— ele rosnou, mas os lábios ainda estavam sussurrando sobre os dela. A língua tocando a dela. Os dentes pegaram o lábio inferior e beliscaram eroticamente. Ela não devia ter sentido tal prazer com uma carícia tão simples, ainda assim correu por seus sentidos e enviou um calor pelo corpo que contorceu seu útero.

—Apenas quando você precisar ser distraído. — A mão enrolou ao redor do pescoço dele, os dedos correram em seu cabelo, segurando-o para ela enquanto os lábios se separavam mais embaixo dos seus.

Infelizmente, ele não tomou o beijo oferecido ou satisfaz a necessidade dela de seu gosto. Uma mão agarrou o cabelo dela e puxou a cabeça dela para trás o suficiente para ela ter um vislumbre do conhecimento que iluminava os olhos dele.

—Eu não sou tão perverso a ponto de você poder me distrair com sexo na limusine, Kira— ele a assegurou, diversão se misturando com irritação. —E essa era uma conversa séria que nós estávamos tentando ter.

—Desde quando?— Ela revirou os olhos com exasperação zombeteira. —Tudo que eu estou ouvindo são advertências e ameaças medonhas. Fica frio, Ian. Eu posso ser uma ótima companhia se quiser. Você realmente deveria se considerar sortudo por me ter aqui.

Um franzir se formou entre as sobrancelhas dele, mas antes que ele pudesse falar, a porta ao lado dele tinha sido aberta. Antes que Kira pudesse reagir, Ian a empurrou, puxou a arma da lateral do corpo, abaixou na frente de Kira, a arma fixa embaixo do queixo de Deke.

—Proteína— Deke ofegou, o rosto bronzeado empalidecendo. —Pensei que vocês tinham percebido que paramos.

Kira espiou por cima do ombro de Ian para a pequena bandeja de prata coberta. Ela podia sentir o cheiro de café e bacon e tinha a esperança de que houvessem ovos debaixo também.

Ian abaixou a arma enquanto ela passava por ele, tomava a bandeja, e relampejava a Deke um sorriso.

—Ele é sensível, não é? Eu disse a ele para ficar frio.



Deke limpou a garganta. —Trouxe café da manhã para o senhor também, chefe. — Ele esfregou o pescoço enquanto ia para trás, alcançado atrás de si, e pegou outra bandeja. Inclinando para frente, ele a colocou no banco na frente de Ian. Depois de entregar a comida, ele recuou depressa e fechou a porta. Alguns segundos mais tarde o veículo havia reiniciado e estava se movendo uma vez mais.

Ela se sentou de volta, descobriu sua bandeja, e inalou com satisfação quando viu os ovos mexidos a aguardando. Café, sem creme ou açúcar. Uma pilha de bacon, dois biscoitos caseiros, uma refeição com geleia em uma bandeja de prata.

—Quase como em casa— ela murmurou. —Por que eu não achei este lugar durante as minhas visitas aqui?

—Veronick não faz café da manhã para ninguém mais— Ian retrucou. —Droga, Kira, você nem percebeu que a porra do carro parou.

Kira enfiou o garfo nos ovos fofos. —Claro que eu percebi. Assim como você.

Ela assistiu a expressão dele sob a proteção das pestanas. Deus, ela estava amando isso. Amava lutar com ele, confrontá-lo, provocá-lo.

Ele olhou para ela com irritação divertida. —Como diabo você faz isto?

Ela suspirou, tragou, então apontou o garfo para ele. —Eu senti. Você ficou tenso, os olhos dilataram, então você relaxou lentamente. Você sabia. Deke apenas te pegou com a guarda baixa quando abriu a porta.

Ele deixou a cabeça cair para trás, olhado fixamente para o teto como se estivesse rezando, e respirado roucamente. —Você vai me deixar louco.

—Claro que não. — Ela deu a ele um bufar bastante delicado. —Mas eu poderia ser capaz de te ensinar a ter um pouco de diversão. Eu mencionei que você ficou bastante espinhoso ao longo dos últimos oito meses? Você costumava saber como se divertir, Ian.

Ele costumava saber o que era diversão, de qualquer maneira.

—Eu sabia que não deveria me envolver em operações com você— ele sibilou. —Você é perigosa, despreocupada, e juro por Deus que nunca encontrei uma mulher que precisava ser amarrada para a própria segurança como você.

Ela alargou os olhos. —Uau. Estava segurando isso por algum tempo, Ian?



Ela teve que suprimir um sorriso. Ele não estava bravo, pelo menos não com ela. Ela o estava afetando, e ela sabia que afetar Ian não era uma coisa fácil de fazer. Ela não esperava que ele lidasse com isto quase tão bem. Ele não a havia amarrado na cama como se isso fosse sobre negócios; ela considerava isso um importante passo para seguir na direção certa.

—Hoje à noite você levará uma surra— ele a informou sombriamente. —Até que grite por mais, Kira.

—Isto é castigo?— Ela perguntou com um sorriso enquanto um calafrio de antecipação corria por sua espinha. Ela podia lidar com isto.

—Não. Ele agitou a cabeça lentamente. —Essa é a minha recompensa por não te estrangular.

Josef Missern estava em seu modo mais encantador. Ele entrou na limusine, tomando o banco revestido e olhou através da pequena distância para Ian e Kira. Um sorriso astuto enrolava os lábios do Francês e iluminava seus olhos azuis claro.

—Ah, como é bom te ver novamente, Sra. Porter— ele a saudou. —Tão adorável quanto um amanhecer e tão enganosa quanto um oceano. — Ele riu. —Você é a companheira ideal para alguém como ele. — Ele fez um movimentou afiado para Ian com o cabelo loiro-branco.

—Vamos aos negócios, Missern. — A voz de Ian endureceu com o flerte óbvio na voz do homem. Se Ian não o queria matar antes, queria matá-lo agora. —Você gostaria de me dizer a sua conexão com Sorrell?

O levíssimo mover dos olhos de Josef mostrou a Ian que ele não estava muito longe.

—Nós estamos aqui para discutir sobre armas, meu amigo. — Josef sorriu facilmente uma vez mais. —Estou disposto a fazer com você um ótimo negócio com preço por atacado como forma de desculpa pelo assassino que apareceu na nossa reunião, assim como pelo ataque de Martin a Senhorita Porter. Os jogos dele às vezes não são entendidos por aqueles que não o conhecem.

—E o assassino? Ele era um jogo também?— Ian perguntou friamente.



—Ele era uma variável desconhecida. — Josef suspirou como que por remorso. —Nós não sabíamos que ele estaria lá.

—Vamos parar com a palhaçada, Missern— Ian retrucou. —Você sabia, porque você disse a Sorrell sobre a reunião. Da mesma maneira que a tentativa do Martin de atingir Kira foi um movimento projetado para deixar em aberto a nossa relação.

Os lábios sensuais de Josef franziram em diversão. —As informações vieram a nós por uma fonte anônima que nos contou sobre a sua conexão em Atlanta, e aqui também. Parece que você tem outros olhos te assistindo, meu amigo.

—E você reporta sobre mim ao seu bom amigo Sorrell— Ian sugeriu. —É um caminho muito perigoso de viver, Josef.

—Eu não levei essa informação, Ian. — Josef agitou a cabeça firmemente. —Mas ainda assim, eu a recebi de uma fonte que pagou uma quantia robusta para ter a conexão provada. — Ele ergueu as palmas das mãos. —Foi uma transação de negócios. Certo?

—E sua morte como garantia. — Ian baixou a voz para uma sugestão gutural, ciente da tensão sutil de Kira ao seu lado e do flash do medo que cobriu Missern antes que ele pudesse disfarçar.

—Somos homens de negócios, Ian. — Josef se moveu desconfortavelmente no banco. —Isto é o que eu aprecio em nossos procedimentos juntos. Você entende o valor do dólar acima das manchas de sangue. E eu estou aqui para fazer a indenização por estas coisas. Não desejo guerrear com o cartel Fuentes.

Ian balançou a cabeça e olhou para Josef zombeteiramente antes de girar e desviar a vista para a janela do carro. Lá, Trevor estava aterrissando o helicóptero especialmente modificado da mesma maneira que ele tinha planejado.

—Ian? — Josef o questionou curiosamente. —Algun problema?

—Mande seus homens abaixarem as armas, Josef— ele ordenou enquanto os guarda-costas de Missern giravam as armas para o helicóptero. —Você não está em perigo. Tem a minha palavra.

Josef o observava atentamente mas tirou o celular do bolso da jaqueta e apertou uma tecla.



—Para trás— ele disse no receptor enquanto o olhar chocava com o de Ian. —Nós temos a palavra dele de que não haverá dano.

Ian deixou um sorriso abrir nos lábios com a confiança não dita. Ele tinha descoberto que até aqui, neste mundo, um homem era julgado por sua palavra.

—Eu tenho exatamente o meu pagamento pela tentativa de Martin de tocar o que me pertence— ele disse a Josef enquanto segurava seu olhar. —Também aceitarei cem M-16s em preço por atacado, três lançadores de granadas e uma quantia de munição que será determinada assim que eu retornar para a vila e discutir as nossas necessidades com Diego.

Josef piscou de volta para ele. —Grande pedido de desculpa, você não acha?

—Considere-se com sorte. — Ian abaixou a janela ao lado e movimentou a cabeça em direção ao helicóptero. Uma porta abriu, e a forma imediatamente reconhecível de Martin Missern caiu ao lado deles. Ele lutou para ficar de pé, o rosto inchado, sangrado e encarando com fraca diversão a limusine enquanto vários dos guarda-costas iam apressados para ele.

—Que diabo é isso? *Mon Dieu*, o que você fez com ele?— A mão de Josef foi para a porta apenas para ter seu pulso agarrado por Ian, girado, e o corpo foi empurrado até que o rosto dele estava apertado no banco de couro enquanto ele berrava de dor.

—Ele está vivo— Ian rosnou, guardando o remorso por Kira estar aqui. Por ela estar vendo como ele era. —Eu deveria ter matado, Josef. Da próxima vez, matarei os dois.

Ele se debruçou acima do corpo do negociante de armas, a cabeça próxima da de Missern, os olhos brilhando para a dor nos olhos azuis claro do outro homem.

—Da próxima vez que Sorrell quiser informações, da próxima vez que ele quiser que você ataque algo que é meu, lembre-se disto. E lembre-se que da próxima vez eu mesmo acabarei com a sua vida. Você não vai querer isto, não é?

Josef agitou a cabeça desesperadamente, suor molhando a testa enquanto arfadas quebradas deixavam os lábios.

—Eu aprendi muitos jeitos de machucar um homem no exército Americano. — Ele torceu o pulso de Missern facilmente, arrancando outro grito de seus lábios. —Modos que fazem um homem rezar pela morte. Não me faça te assistir rezar, Josef. Apenas não me deixe puto e não mexa na minha agenda. Quando você fizer isto, eu valerei o que disse. — Ian apertou o dedo



polegar mais fundo no pulso outro do homem, deu uma torção dura, e o ouviu rachar. Não quebrou. Não deslocou, mas as diferenças na dor eram tão leves que poderiam ser negligenciadas.

Ele soltou o homem estremecendo, recuou para seu banco e abriu a porta.

—Como você está contemplando me trair e falar com Sorrell ao telefone, informe-o de que se ele quer terminar isso, então ele deve se encontrar comigo. Da próxima vez que ele enviar um de seus amigos para me atacar, eu começarei a matá-los. É uma promessa, Josef, você me ouviu?

Josef lutou de volta para sentar no banco, olhando para Ian medrosamente, o cabelo loiro branco perfeitamente penteado estava bagunçado ao redor do rosto agora.

—Você vai nos deixar sair vivos?— Ele perguntou indecisamente.

Ian agitou a cabeça e fez tsc, tsc, zombeteiramente. —Eu mantenho a minha palavra, Josef. Diferentemente de Sorrell. Eu te darei um último conselho. Caia fora de Aruba até Sorrell e eu termos entrado em acordo, porque eu odiaria ter que te matar. Agora saia de minha limusine. Eu já me cansei de você.

Ele agarrou as lapelas da jaqueta do negociante de armas, empurrou-o do banco, e o jogou do carro. Josef lutou para ficar de pé, indo em direção aos guarda-costas, e deu um último olhar cauteloso para a limusine enquanto Ian batia a porta violentamente.

O helicóptero ergueu do chão enquanto a limusine saía da área de reunião e começava a ganhar velocidade ao longo da costa leste da ilha.

—Por que viemos dirigindo em vez de voando?

A pergunta não era o que ele esperava, nem seu comportamento tranquilo. Mas ele sabia que não deveria ter esperado menos do que isso.

—Porque eu gosto de carros— ele rosnou.

—Mentiroso.

Ele respirou roucamente. —Nos primeiros dois meses aqui, tive dois helicópteros abatidos assim como três guarda-costas levaram tiros. É mais difícil para eles atacarem a limusine.

—Eles?



Ele grunhiu uma risada afiada. —Quem sabe? Os SEALs putos e as forças especiais, homens do Sorrell, DEA, CIA¹⁷, FBI¹⁸. Inferno, há agentes de todas as agências do alfabeto demarcado esta maldita ilha desde que eu vim para cá.

E ele não culpava os malditos por tentarem atirar nele. Mas agora não era apenas ele. Havia Kira também. Puta que pariu. De repente, esta missão estava seriamente começando a encher sua paciência. De modos que ele nunca tinha imaginado ser possível.

Ele passou os dedos pelo cabelo e verificou o local. Ele tirou a Glock do coldre lateral, verificou o clipe então puxou os cliques extras dos bolsos da calça e os verificou.

Virando, ele olhou fixamente pela janela da parte de trás da caminhonete os seguindo. Mendez e Cristo tinham as armas mais pesadas com eles, Trevor estava assistindo de cima com o helicóptero.

Inferno, ele desejava estar naquele maldito helicóptero. Infelizmente eles eram muito fáceis de localizar e muito fáceis de tirar do céu. E ele tinha muitos inimigos agora.

—O que acontecerá nesse encontro para o qual estamos indo, Ian?

Ele voltou a olhar para ela enquanto colocava a Glock de volta no coldre.

Ele agitou a cabeça firmemente. —Eu te disse que você não estará envolvida na reunião.

A expressão dela era ridicularizante. —Vamos, Ian, não venha com essa. Diga-me o que realmente está acontecendo.

—Não há nada para dizer. — Ele encolheu os ombros. —Eu preciso me encontrar com alguns dos homens que estão transportando as cargas entre a Colômbia e as águas americanas. Eu dou a eles os GPS com as coordenadas para a primeira fase da entrega. Depois disto, eles recebem rotas de transporte em fases.

O que ele não estava contando a ela era o fato de que ele suspeitava de que pelo menos um dos transportadores iria ficar ligeiramente chateado quando descobrisse que suas cargas tinham sido trocadas para outras pessoas.

¹⁷ CIA - Central Intelligence Agency (em português, Agência Central de Inteligência), é um serviço de informações dos Estados Unidos, cujo papel é coletar informações de fontes humanas, avaliar se essas informações ameaçam a segurança nacional, além de informar os responsáveis para que sejam tomadas medidas cabíveis.

¹⁸ FBI (Federal Bureau of Investigation) - espécie de Polícia Federal dos Estados Unidos, uma agência governamental que possui o papel de amparar a lei através da investigação de violações da lei penal federal. Não é um departamento de polícia nacional, mas sim, uma jurisdição diferente para certos tipos de crimes, administrada pelo Procurador Geral da Justiça dos Estados Unidos.



Os homens que ele estava lidando aqui não eram soldados de Fuentes ou membros do cartel. Diego tinha usado trabalhadores independentes contratos para a maior parte do serviço até Ian chegar. Ian tinha lentamente substituído esses contratados por membros do cartel. Eficiência, ele explicou a Diego. Eficiência porcaria nenhuma; faria o cartel mais fácil para ser exterminado quando Diego caísse.

Nesta instância particular porém, os homens que ele estava preparando para substituir não exatamente tomariam isto com um encolher de ombros e sorririam. Ele não estava demitindo um membro da união, estava cortando um assassino, um negociante de drogas com ilusões de grandeza.

Rodrigo Cruz estava na maioria das listas de procurados do DEA e do FBI. Quando isto estiver terminado, Ian esperava que ele fosse morto ou manobrado para uma posição que permitisse a captura dele dentro de uma questão de dias.

Em horas assim, ele estava vigorosamente se lembrado de que talvez genética e o DNA realmente fossem mais fortes do que o ódio. Porque ele descobriu que ele podia ser da mesma maneira enganoso, controlador, e manipulador como o homem que havia doado o esperma para sua concepção.

—O quão perigosa você acha que esta pequena reunião pode ficar?

Ele olhou para ela, orgulhoso dela, apavorada em perdê-la, mas uma parte dele sabia que ela era sua maior força agora.

—Oh, eu não sei, Kira — ele disse lentamente. — Vou me encontrar com uma meia dúzia de transportadores de cocaína cujas fortunas dependem de assegurar cada remessa sucessiva. O que você acha?

—Acho que se você não está planejando fazer algo para deixá-los putos, então há pouco perigo envolvido. A menos que você suspeite que um deles esteja conspirando com Sorrell.

—Agora mesmo, eu suspeito de que todo mundo no grupo Fuentes possa estar conspirando com Sorrell. — Ele bufou. — Eu aprendi a ser cuidadoso, isto é tudo.

—Se isto é tudo, então eu posso entrar com você — ela declarou.

—Você quer que eu te amarre à cama da próxima vez que eu tiver uma reunião que me recuso a te permitir assistir? — Ele olhou para ela, sabendo que o rosto deveria estar selvagem.



Inferno, ele se sentia selvagem. Ele sabia que a cada vez que entrava nessas reuniões, poderia ser a última vez. E agora isso poderia arriscá-la também.

—Chauvinismo não tem limite em você, Ian. — Ela suspirou. —Muito bem, eu esperarei na limusine como uma boa garotinha.

Ian nitidamente anuiu com a cabeça. —Isto não deve tomar muito tempo— ele disse a ela enquanto a limusine se aproximava da cidade portuária de Oranjestad. —É apenas uma reunião. Os negócios que os Fuentes fazem aqui em Aruba são simples. As ordens saem daqui. Os negociantes levantam sua carga da Colômbia. Eu não arrisco remessas reais na ilha.

—O que eu gostaria de saber é como você conseguiu manter a cabeça sobre os ombros aqui. Aruba não é exatamente um bom lugar.

—Eu não estou me escondendo. — Ele encolheu os ombros. —Não fui pego porque consegui escapar de cada operação que foi enviada contra mim. Não tenho rotas de viagem previsíveis e não me deixo ficar confortável. Além do fato do dinheiro mandar. Aruba ainda não deu aos Estados Unidos a permissão de conduzir uma operação contra mim em sua selva.

—Eu tinha a impressão de que Aruba tinha uma relação muito próxima com a América— Kira assinalou. —Você é um desertor...

—Você não fez o seu dever de casa. — Essa expressão tinha o poder de fazer as entranhas dele apertarem. —A verdade é, eu renunciei a minha comissão. Os documentos foram anotados no sistema durante a missão de Atlanta; uma semana mais tarde eu já iria sair.

—Você fez uma semana antes. Tecnicamente, um desertor.

Ele inclinou a cabeça em acordo zombeteiro. —Meus advogados estão discutindo esse caso em Washington, de fato. O cartel tem alguns advogados excelentes.

E isso era a verdade. É claro, nem a Marinha nem o DSI estava indo com muita força neste momento para mudar as coisas.

Um sorriso arrastou nos lábios dela enquanto o olhar passava por ele para a vista das águas azuis perfeitas que cercavam a ilha. A carranca afiada foi sua primeira advertência.

—Saíam! Saíam!— E a voz de Trevor soou através do receptor localizado no rádio ao lado do banco invertido foi sua advertência final.



Ele empurrou Kira para o chão enquanto a limusine desviava e a janela da parte de trás começava a abaixar. A cabeça dele virou, uma maldição deixando os lábios enquanto a frente da limusine parecia explodir, o carro foi voando para o outro lado da estrada e se enterrou em uma duna de areia rochosa.

A força da aterrissagem o jogou através do carro enquanto ele lutava para segurar Kira no lugar. Até mesmo enquanto o veículo estremecia e ele chutava a porta para abri-la, arrastando-a para fora e jogando-a em direção a Mendez e Cristo que se apressavam para a limusine.

—Coloque Trevor no chão— ele gritou para Mendez enquanto Cristo pegava Kira. —Agora.

Ele agarrou a porta lateral do motorista, puxando-a antes de amaldiçoar quando ela não abriu. Girando, ele saltou para detrás do veículo, pulando além da partição de trás para verificar Deke.

—Como está Deke?— Mendez gritou.

—Vivo. —Apenas.

Ian agarrou a porta do passageiro, forçou-a a abrir então se voltou para fora enquanto arrastava o peso de Deke, o corpo inconsciente, através do banco. Mendez e Cristo ajudaram a erguê-lo enquanto o vento das hélices do helicóptero batia ao redor deles.

—Chefe, duas lanchas— Trevor gritou enquanto se apressava na direção deles, agarrando as pernas de Deke enquanto Cristo e Mendez agarravam seu corpo superior.

—Coloque-o no helicóptero— Ian retrucou. —Agora. Ligue para a vila e chame o médico. Trevor, você conseguiu alguma marca de identificação naqueles barcos?

—Eu os conheço, chefe. — Ele estava a caminhando para trás, apressando o corpo inferior de Deke para o helicóptero enquanto o resto deles os seguia. —Foram alugados em Oranjestad.

Eles carregaram Deke depressa para o helicóptero enquanto Ian girava para Kira e quase fez uma tomada dupla.

Ela estava autoconfiante, sem sapatos, o cabelo chicoteando ao redor do corpo, uma M-16 nos braços enquanto assegurava a área. Ian sabia que nunca visto algo tão quente na vida.



—Vamos. — Ele andou para ela depressa, tirou a arma das mãos e a jogou para Mendez. — Mendez, você e Cristo vão para a vila voando¹⁹. — Ele empurrou Kira na frente do helicóptero com Trevor antes de saltar para trás com um Deke ainda inconsciente.

O olhar dele ficou em Kira enquanto o helicóptero erguia, contornava e corria através da ilha. Ele odiava usar o poder do ar.

— Rastreando, chefe, nós não estamos pegando nenhum bloqueio. Faremos isto.

O radar avançou e as armas de detecção que ele tinha instalado eram a sua melhor segurança no caso de emergência, mas não era totalmente cem por cento.

—Apenas nos leve para lá, Trevor— ele gritou, o olhar reunindo com o de Kira enquanto ela girava a cabeça e olhava preocupada para ele.

Ela estava no meio de uma zona de guerra e ele não podia forçá-la a ir embora ou protegê-la. Esse conhecimento comia suas entranhas e apertava seu tórax enquanto raiva queimada dentro dele.

Ele a queria fora daqui. Ele a queria fora desta situação o suficiente para que não houvesse nenhuma chance de que isso a tocasse, e ele sabia que isso não iria acontecer. Ela não era apenas uma agente contratada e treinada. Ela era uma mulher que tinha as bolas dele nas mãos e ele não poderia deixá-la arreventá-las.

Chauvinismo uma ova. Isto era mais que chauvinismo, era uma emoção que ele não podia conquistar e não poderia forçar para trás. Era uma mistura de proteção e possessividade, fúria e preocupação. Ela estava chegando a ele e ele não tinha nenhuma ideia de como parar isto.

Capítulo Dezessete

O helicóptero aterrisou diretamente atrás da vila. Homens correram através das portas francesas que levavam a área da piscina, M-16s e Uzis nas mãos, cercando a aeronave enquanto Ian saltava para o lado e fazia sinais para que vários soldados levassem o chefe dos guarda-costas pela abertura para dentro da casa.

¹⁹ A expressão original era: double time, expressão utilizada no exército americano e indica a taxa mais rápida das tropas marchando, um movimento de 180 passos, na qual 0,9 m são percorridos por minuto.



Kira aceitou a ajuda de Trevor para descer pela porta do piloto, os olhos em Ian, vendo as linhas nos lábios e olhos, a ira apenas contida que reluzia no olhar.

—O doutor está a caminho— um dos soldados de Fuentes que tinha convergido para a vila gritava para Ian enquanto as hélices do helicóptero lentamente aliviavam e paravam. —Ramon chamou quando eles deixaram cidade. Outros três minutos no máximo.

Ian anuiu com a cabeça e então girou, a mão prendendo ao redor do pulso de Kira e a arrastando para seu lado antes de se dirigir rumo à vila.

—Leve-o para o quarto dele e mostre ao médico o caminho. Saia para a limusine e faça- ser rebocada e examinada. Quero toda a evidência desta tentativa de golpe. Entendeu?— Ele retrucou para o soldado.

—Sí. — O soldado se virou, chamou vários soldados para si, e saiu apressado para a garagem ao lado em vez de entrar na casa com o resto da força.

Enquanto eles se moviam pelo pátio informal e entravam no corredor largo em direção ao hall da entrada, Kira assistiu enquanto Diego Fuentes terminava seu estudo. Ele não disse nada, mas sua expressão estava pesada, preocupada. Os olhos pretos eram protegidos por pestanas escuras, os lábios firmemente comprimidos. Ele estava preocupado, e talvez um pouco assustado. Kira teria tomado tempo para refletir isso se Ian não a estivesse puxando depressa para os degraus acima após os soldados terem levado Deke.

—Vá para o nosso quarto— ele ordenou, a voz firme e dura enquanto destrancava a porta e a empurrava para o lado de dentro. —Estarei aí logo. — A porta fechou no rosto dela.

Kira revirou os olhos. Havia humores que ela não se importaria em contrariar, mas algo nos olhos dele advertia-na de que ela tinha que evitar forçá-lo mais agora mesmo. Esperar seria provavelmente a decisão mais esperta. E quando a questão era ela—ela estourou uma respiração dura. Ela viu aquele humor antes, a adrenalina correndo, a necessidade de ação. Quando ele voltasse, estaria pronto para mais do que chá e bolo.

Ela esfregou os braços com o frio que corria pelos braços e tentados diminuir a excitação que começava a arranhar seu estômago. Ele estaria duro, confrontacional. Pronto para ir com tudo com a primeira pessoa disposta a dar a chance a ele.



Ela sabia. A adrenalina não estava consumindo tudo para ela e era assim para a maioria dos homens com os quais ela trabalhava. Ela já tinha visto alguns agentes e SEALs com os quais ela tinha trabalhado brigarem ou foderem por horas depois de saírem de uma situação perigosa.

Foder apenas por causa da adrenalina nunca tinha sido a praia dela, até Ian. Ela podia definitivamente ver os benefícios agora.

Ela passou os dedos pelo cabelo com o pensamento. Ela poderia tê-lo perdido hoje. E ela sabia que não era a primeira vez que ele tinha sido atacado. Nos últimos oito meses tinha acontecido meia dúzia de tentativas.

Dando as costas para a porta, ela foi a meio caminho através do quarto antes de perceber que tinha deixado os sapatos na maldita limusine. Era um de seus pares favorito.

Ela compassou para o sofá, pegou a bolsinha e tirou o celular dela.

Olhou rapidamente ao redor antes de se mover para o banheiro, e abriu a torneira da pia de porcelana antes de apertar o botão de discagem rápida.

—Putá que pariu, eu sabia que era uma má ideia. — Daniel respondeu no primeiro toque. — Você está bem?

—Estou bem. — Ela manteve a voz baixa e esperou que quaisquer dispositivos que Ian tivesse no quarto não pudessem ouvir a voz dela além do fluxo da água. —Quem foi?

—Estamos trabalhando nisto.

—Nós?— Ela beliscou a ponte do nariz. —Deus, ele vai ter um ataque se você quer dizer quem eu acho que você quer dizer.

—A cavalo dado não se olham os dentes, droga— Daniel amaldiçoou. —Nós estamos seguindo os barcos. Estamos atrás de uma agência de aluguel, mas eles não estavam marcados como alugados. Teremos mais informações logo.

—Vá rápido. Ele está de péssimo humor. Isto podia ficar feio.

—Alguma fatalidade?

—Nenhuma. O chefe do guarda-costas está inconsciente. O ferimento na cabeça não parece bonito. Bateu a cabeça no volante, acho.

—Ele precisa aceitar a mão que quer ajudar— Daniel rosnou. — Aborde o assunto, Kira. Ele vai precisar.



O riso dela era baixo e amargo, mas ela manteve os olhos na porta. Ian não aceitaria o risco de seus amigos e ela sabia disso. Ele considerava isso a batalha *dele* porque Diego era pai *dele*.

—Não acontecerá. Diga aos seus cavalos dados que ele mandou uma mensagem. Segredos de assassino. E deixe-me te dizer, ele estava sério.

Um palavrão de Daniel chiou pela linha segura.

—Eu acho também... — Ela fechou o telefone depressa, desconectando a ligação e enfiando o aparelho de volta na bolsa enquanto a maçaneta virava.

Curvando-se para a pia, ela espirrou água no rosto, o coração correndo no peito com o fim da ligação. Se Ian a pegasse ao telefone ele provavelmente a amarraria à cama pelo resto da operação, porque ele sabia muito bem o que ela estava fazendo.

Com os olhos ainda fechados, ela fechou a água, pegou a toalha de rosto da prateleira de prata e a puxou. Cobrindo o rosto, ela se secou depressa, então abriu os olhos e não se preocupou em prender a arfada.

Diego estava na entrada, ira negra chamejando no olhar enquanto a encarava.

—Ele sabe quem fez isto? — A voz era baixa, cheia com morte.

Esse era o Diego Fuentes que ela tinha investigado, aquele que ela tinha trabalhado para quebrar, em várias missões diferentes, e falhado.

Ela agitou a cabeça lentamente. Ela não tinha que falsificar o flash de medo que tinha sentido, especialmente quando viu a arma presa na calça dele.

—Você me teme. — Havia uma extremidade de satisfação na voz e um flash de diversão satisfeito no olhar. —Acho que estou muito acostumado a lidar com Ian. Ele não conhece tal medo.

—Você é o pai dele. Por que ele te temeria? — Ela limpou a garganta, perguntando-se se ele era suscetível a um pouco de lisonja.

—Sim. — Ele desviou o olhar por um momento, mas quando o olhar retornou a ela, era tão firme quanto antes. —Eu sou o pai dele, e ainda assim não sei o que aconteceu. Você me dirá.

Ela agitou a cabeça, engolindo firmemente, enquanto deixava a memória da limusine voando e colidindo com os afloramentos rochosos do outro lado da estrada. O medo quase a imobilizou, mas não temia por si mesma, temia por Ian.



Os lábios de Diego apertaram novamente com o flash de emoção que ela o permitiu ver.

—Eu não sei o que aconteceu. — Deus a ajudasse e a Diego se ela dissesse a ele qualquer coisa que Ian não queria que ele soubesse. —Num minuto nós estávamos dirigindo pela costa, no seguinte estávamos voando naquela limusine.

Ele inalou devagar, as narinas alargando enquanto a expressão ficava selvagem. Ela podia jurar que havia dor relampejando nos olhos.

—Isto é uma pena— ele expressou finalmente. —Eu teria que saber quem são para matar quem fez essa ação contra o meu filho.

—Você e eu. — Ela deu a ele um delicado bufar enquanto ela recuava e passava por ele para se sentar no quarto. O banheiro minúsculo era pequeno demais para o conforto de lidar com Diego. —Não foi exatamente uma festa lá fora.

—Você sabe que ele vai ficar bravo se eu retaliar por ele?— Diego sibilou. —Ele me nega até os menores prazeres agora. Ora. A arrogância dele. Conseguirá matá-lo.

E ele estava dizendo isso a ela, por quê? Kira olhou para ele indecisamente. Diego não era conhecido por sua compaixão ou natureza confiante. Na verdade, era o oposto. Então por que ele estava conversando com ela?

—Talvez ele esteja tentando te proteger?— Ela colocou alguns metros de distância entre eles, mas como isso a ajudaria se ele puxasse aquela arma contra ela, ela não sabia.

Com a sugestão dela, o olhar dele afiou.

—Você acha que isto é verdade?— Ele fez uma carranca como se não tivesse considerado o pensamento. Como se a sugestão de repente o enchesse com esperança.

—Bem. — Kira lambeu os lábios nervosamente. —Ele não me deixa ter qualquer diversão também. Ele até tomou as minhas armas. Disse que era para a minha própria proteção.

Deus, ela estava brincando com um mestre dos jogos aqui. Ian estava certo, ela tinha perdido a cabeça.

Diego ergueu a mão e acariciou a mandíbula, os olhos afiados assistindo-a como uma naja assistindo a presa.

—Você gosta de viver no lado sombrio, não é, Sra. Porter?

Ela ergueu as sobrancelhas. —Darth Vader era meu herói.



Os lábios curvaram enquanto ele erguia a sobrancelha por sua vez. —Você é uma menina muito malcriada.

—Bem, eu tentei duro. — Ela revirou os olhos zombeteiramente. —Como eu disse, Ian parece pensar que eu devo deixá-lo ter toda a diversão. Ele está me protegendo.

—E você não gosta de proteção.

—Não estou acostumada a isto. — Ela encolheu os ombros enquanto se sentava no sofá e dobrava as pernas ao lado do corpo como se estivesse conversando com o pai de um amante normal em vez de um dos senhores de droga mais notórios no mundo. Um homem que podia matar tão facilmente quanto podia sorrir para ela.

—Eu também não estou acostumado a esta proteção— ele disse pensativamente. —Indicaria mais do que um mero trabalho, não estou certa? Talvez um pouco de premonição?

Kira franziu o cenho como que confusa. —Você é pai dele, correto?

Um sorriso dividiu o rosto dele então. —Sim. Eu sou o pai dele. Ele tentaria me proteger. Eu não considere isto.

Kira abriu as mãos e olhou para ele questionando. —O que mais poderia ser?— Além de uma tentativa de se certificar de que o homem estava lá para destruir não destruísse outras vidas antes.

—Meu filho, ele escolheu bem sua mulher. — Ele anuiu nitidamente com a cabeça, abrindo os lábios para dizer mas apenas girou em surpresa enquanto a porta abria violentamente.

Ian estava na entrada. O longo cabelo loiro escuro estava bagunçado ao redor do rosto, a expressão fria e pedregosa. Linhas fundas marcavam a boca e os olhos ardiam com fúria.

—Deke está bem?— Kira ficou de pé depressa enquanto o assistia cautelosamente.

O rosto dele não era nada confortável.

— Deke está acordado. O médico ainda está com ele, ele ficará bem.

—Ah, isto é muito bom. — Diego sorriu. —Eu estava dizendo a sua mulher que você é um homem leal. Um homem do qual se orgulhar.

Kira teria estremecido se a situação não estivesse ficando tão perigosa quanto ela sentia.

—Pelo menos ele não está novamente te dando sermões sobre as suas extravagâncias na *Society*— Ian disse enquanto marchava para dentro do quarto, os olhos nunca deixando Diego. — Você já terminou de alegrá-la com as minhas genuínas qualidades?— Selvageria ecoava na voz.



Diego respirou roucamente. —Já terminei. Aguardarei seu relatório no meu escritório. Espero que seja logo.

—Não aposte nisto.

Kira podia sentir o tormento ecoar dos poros de Ian. Não estava em seu rosto, não mostrava nos olhos, mas ela sentia. Ela sabia. Envolvia ao redor dela e fazia seu coração cerrar em resposta.

—Eu terei um relatório, Ian?— A irritação era espessa na voz de Diego agora.

—Quando eu souber, você saberá. Até lá, faça-me o favor e me dê um tempo para pegar uma bebida e tomar um banho. Ser jogado da minha limusine favorita não é o meu esporte preferido.

Ela ouviu a restrição deliberada na voz de Ian então. A violência vislumbrou no ar ao redor dele, reluzindo nos olhos, e apertando as feições faciais. A voz era um grunhido arenoso agora, a qualidade quebrada ainda mais espessa.

—Nós conseguiremos outra limusine para você. Me certificarei de que ela chegue depressa.

— Diego se moveu depressa para a porta, a expressão aplacando, cheia com esperança. —Não se apresse, Ian. Descanse. Durma. Eu cuidarei das coisas. Sou bastante bom nisto. E te prometo que não me divirto nos meus esforços.

Em outras palavras, ele não mataria.

As costas de Ian estavam voltadas para Diego; o outro homem não podia ver o flash de ira escura no rosto ou o cintilar de dor nos olhos do filho.

—Nada de matança, papi— Ian ordenou roucamente.

Diego sorriu e anuiu com a cabeça na direção das costas de Ian enquanto Kira olhava rapidamente para ele.

—Nada de matar, filho. Prometo. Ache-me quando estiver acabado. Eu me certificarei de que tudo fique bem até lá.

Ian anuiu com a cabeça.

Diego ergueu as mãos em despedida para Kira com um sorriso quase grato antes de deixar o quarto e fechar a porta atrás de si. Ela estremeceu uma vez que o quarto estava seguro novamente. Era como assistir um jacaré abraçar um bebê. Saber que a criança se tornaria lanche dentro de segundos era um choque congelante.



Enquanto a porta clicava e fechava Ian girou e marchou para ela, com firmeza bloqueando-a e então se moveu para a gaveta bloqueada. A gaveta de equipamentos. Deus, ela adoraria botar as mãos em alguns daqueles brinquedos eletrônicos que ele mentinha na gaveta.

—O quarto está seguro— ele disse, a voz cuidadosamente controlada.

O corpo estava cuidadosamente controlado. A voz, as ações, tudo nele estava contido.

—Deke está realmente bem?— Kira perguntou.

—Deke está bem. — Os dedos foram para os botões da camisa. O coração de Kira foi à garganta.

Oh, sim. Adrenalina. Ela podia ver a excitação dominando-o, o rubor começando a cobrir como um manto as maçãs do rosto agora, a definição dura dos músculos que ele revelava enquanto tirava sua camisa.

Corpo duro. Era isso o que ele era. Os músculos cintilavam embaixo da carne ricamente bronzeada. Eles ondulavam com o poder, dobrados com a força em cada movimento.

—O que você e Diego estavam discutindo?— A consciência predatória enchia sua voz. Ele a assistia como um lobo assistindo um pobre coelhinho destinado a ser sua próxima comida.

—Você— ela respondeu. —Ele parecia um pouco chateado por você não deixá-lo desafogar sangue e morte como vingança por hoje.

—E o quê você disse a ele?— As mãos caíram para o cinto. Os olhos de Kira seguiram. Ela teve que tragar, duro, porque a boca estava enchendo d'água ao ver aquela protuberância embaixo da calça comprida escura. Ele estava duro. Excitado. Cheio de intenções.

—Hmm. — Ela tragou novamente, nervosamente, porque tinha o pressentimento de que ele não iria gostar disto. —Eu disse a ele que você poderia estar tentando protegê-lo também.

Os lábios dele aplainaram. —E você se baseou no quê?

—Bem. — Ela franziu os lábios cuidadosamente. —Eu poderia ter dito a ele que você não me deixava ter nenhuma diversão também porque você queria me proteger. Parecia que combinava.

— Ela apertou as mãos atrás das costas enquanto o assistia, esperando pela explosão. Quando nenhuma chegou, ela tentou explicar. —Sabe, aquela coisa toda de persona SEAL. Você pode tirar o menino do exército, blá, blá, blá—

—Tire as roupas.



Ela sabia o que estava por vir, mas quando ele deu a ordem, a resposta que queimou dentro do corpo dela a tomou de surpresa. Era dura, uma onda ígnea de calor intenso que passou pelas zonas erógenas e foi ao útero com uma intensidade quente e branca.

— Acho que não. — Mas a diversão queimava dentro dela junto com a excitação. — Eu não sou a saída para toda essa adrenalina, Ian. Pelo menos não ainda. Nós precisamos conversar.

Conversar era a última coisa que ele precisava fazer. Ian deixou o olhar correr pelo corpo dela. A calça comprida e o top branco estavam manchados com sujeira. O cabelo estava grudado ao redor do rosto em desordem sensual e o lembrava como era senti-la embaixo das mãos, a sensação morna, áspera e sedosa das palmas que pareciam coçar para fazer isso.

— Eu não quero conversar, Kira. — Ele avançou para ela ao invés. Talvez ele não devesse ter ordenado a ela se despir. Cada vez que ele a tomava, diferentemente da primeira vez, ele tinha sido rápido e áspero. Ele não tinha tomado tempo para apreciar a sensação da carne na manhã ou na noite anterior. Para falar a verdade não.

Ele não a saboreou. Não a escutou gritar de prazer enquanto ela se partia em seus braços. Isso era criminoso, ele decidiu. Não dar a ela o alcance cheio de prazer que ela precisava. Cada carícia, cada lambida e beijo, projetados para levá-la mais alto.

— Ian — ela protestou enquanto ele parava na frente dela, o anel azul escuro ao redor dos olhos cinza escurecidos enquanto os centros ficavam tempestuosos. — Há coisas que nós precisamos discutir.

— Como o quê? — Ele correu os dedos pela alça fina da camiseta dela, sentindo a textura de seda pura e decidindo que o cabelo e a pele dela eram mais suaves.

— Como Diego. — Lamento relampejou nos olhos dela.

— Diego é a última coisa que nós precisamos discutir — ele disse a ela, empurrando a raiva deserta que ameaçava se construir dentro dele novamente. A dor. Ele não entendia a dor não mais do que entendia a fome e a necessidade de ser convergido de dentro dele para Kira.

Ele correu os dedos pela alça da blusa até que segurou nos decotes. Calor fluindo da carne dela até seus dedos, hipnotizando-o com a sensação em seus sentidos.

Ele nunca tinha experimentado qualquer coisa como Kira antes e se perguntou se o efeito que ela causava nele era fraqueza ou força.



—Você não pode se esconder disto para sempre— ela sussurrou, a voz cansada.

Cansada porque ela estava respirando mais duro, os seios subindo e caindo nitidamente, trazendo o olhar dele para a presença dos mamilos apertados, duros, embaixo da seda.

—Eu não estou tentando esconder nada, Kira. Apenas quero te dar prazer. Prazer a nós dois.

Havia um poço de emoção se preparando dentro de si mesmo. Ian podia sentir. Ele não podia fazer sentido disto, e não queria nada a ver com isto. Ele se forçou a empurrar de volta as emoções como um menino. Forçando-se a não querer ou precisar, até mesmo Kira. Maldita, ela o fazia querer e precisar de coisas que ele estava certo de que nunca seriam uma parte de sua vida.

Esperança. Calor. Paixão de verdade. E essa paixão de verdade era a fraqueza dele. A honesta e ardente chama de desejo nos olhos dela e a força que ele teve um vislumbre nela como nada mais tinha.

—Eu te queria fora disso— ele disse a ela, as mãos caindo para a bainha da camisa, prendendo nela e a erguendo. —Eu te queria segura. Tão segura. Assim que tudo estivesse terminado eu poderia te achar e terminar o que começamos em Atlanta.

Os braços dela ergueram, permitindo a ele puxar a blusa apenas para soltá-la no chão um segundo mais tarde. Os seios dela ergueram para ele com respirações duras, os mamilos duros e túrgidos, um brilho leve de transpiração começando a vislumbrar na carne ligeiramente bronzeada enquanto ela ficava de pé orgulhosamente diante dele. Nenhuma hesitação, nenhuma timidez modesta ou tentar negar o que os dois sabiam e estavam esperando explodir entre eles.

O membro dele estava tão duro neste momento que pulsava como um ferimento aberto.

—Desde quando eu pareço com o tipo que precisa se esconder?— As mãos se moviam pelo tórax dele, os dedos trabalhando nos botões da camisa. —Quando nós nos encontramos na Rússia talvez?

Os lábios dele ergueram ao pensar na persona russa dela.

—Não na Rússia. — As mãos emolduraram o rosto, os lábios abaixando para os dela enquanto a fome batia no cérebro em um ritmo fixo.

—A Albânia?— Ela sussurrou contra os lábios, as mãos empurrando as extremidades da camisa aberta para tocar os pelos duros de seu tórax musculoso.



—Nunca na Albânia. — Ela tinha sido uma rebelde, uma guerreira competente quando tinha que ser uma.

—Então por que eu precisaria de proteção agora?— Ela perguntou, empurrando os ombros até que ele soltou as mãos do rosto dela e permitiu a ela tirar a camisa pelos braços.

As mãos dela alisaram os bíceps poderosos, as unhas afundando enquanto ela se enrolava na área mais espessa e apertava.

—Você não precisa ser protegida. — Admitir não era fácil. —O que você precisa?

Ele assistiu as sombras que chamejaram nos olhos dela, remorso e tristeza.

—Eu preciso de você. — As mãos se moveram para a faixa da calça comprida, abrindo o cinto, então o gancho de metal que o segurava, antes dos dedos descerem para o zíper. —Dê-me o que eu preciso, Ian. E, talvez, o que você precisa também?

Deus, sim, era o que ele precisava. Precisava ao ponto de se perguntar se sua alma se partiria sem isto. Sem ela. Meses vivendo em uma mentira, dormindo, comendo, bebendo, respirando a cada maldito segundo do dia, corroendo-o como um ácido.

Até que Kira chegou. Até que ela deu a ele um soprou de vida novamente, como um raio de sol.

—Venha. — Ele a ergueu nos braços, embalando-a contra o tórax, e se moveu para a cama.

Ele precisava de algo que não podia nomear dessa vez. Ele precisava tocar e ser tocado de modos que não podia descrever. Ele estava devagar morrendo por dentro até Kira chegar em Aruba e agora ele estava queimando, pulsando, muito vívido e desesperado por mais dela.

—O que você está fazendo, Ian?— Um flash de vulnerabilidade, de incerteza na expressão e no olhar dele, quase a fez sorrir enquanto ele a deitava na cama.

Ela podia ficar no mesmo nível dele em um confronto, argumentativo ou sexual, mas por alguma razão isso parecia deixá-la fora de equilíbrio. Inferno, ele teria que se lembrar de apreciá-la mais frequentemente em vez de se faltar de uma vez.

—Eu preciso de mais do que uma rapidinha, Kira. — Ele soltou o botão e o zíper da calça dela. Enrolando os dedos no cóis e puxando a calça pelas coxas e abaixo pelas pernas longas, sensuais. Maldição, as pernas dela eram bonitas.



—Por que mais do que uma rapidinha?— Ela franziu o cenho e ele não pôde deixar de perceber o fato de que os dedos dela se enrolaram firmemente no tecido embaixo dela. — Rapidinhas são satisfatórias, Ian.

—Rapidinhas não são nem de perto o suficiente. — Ele soltou as calças no chão e então deu fim à própria calça depressa da mesma maneira. —A menos que você queira de me dizer por que prefere a rapidinha...

Capítulo Dezoito

Por que ela preferia uma rapidinha? Kira inalou firmemente e olhou para ele com o conhecimento de que ela tinha feito um leve erro tático quando a questão era Ian. Ele via coisas que os outros não viam, e era perito especialmente em ver através dela.

—Nós estamos ficando sem tempo. — Ela limpou a garganta nervosamente. —Eu sei que você tem negócios para cuidar, e Deke—

—Eu odeio quando você mente para mim. — Os lábios dele ergueram, um pequeno sorriso zombeteiro e sensual que fez o útero dela flexionar e os fluidos derramarem de sua vagina enquanto ele ia para a cama ao lado dela.

—Sobre o que eu estou mentindo para você?— Ela girou para ele deitado ao lado dela, sentindo a leve aspereza do pelo do peito acariciando seus mamilos.

Era uma sensação erótica, exótica. Por que ela nunca tinha notado isto antes? O prazer extremo de algo tão sutil quanto a sensação daqueles pêlos através das pontas tenras.

—Você sempre forçou nossos encontros— ele disse, a voz baixa enquanto a mão acariciava do quadril à coxa. —Com exceção da primeira vez. Eu roubei seu controle então. É isso que te assusta, Kira? Perder o controle?

O que era a vida dela sem controle? Sem a habilidade de se manter e de manter suas emoções? As emoções especialmente.

—Sexo não é sobre controle, Ian. — Ela manteve um sorriso confiante apesar dos nervos. —É sobre prazer, lembra?



Prazer. Tudo o que ela tinha que fazer era fazê-lo sentir a quantia certa de prazer, fazer o sangue bombear e aquecer com luxúria, e não poderia ser uma rapidinha, mas isso poderia deixar uma parte do coração dela intacto. Se ele conseguisse tomá-la toda, ela nunca poderia se defender contra os resultados de sua própria decepção.

Uma mão deslizou pela barriga enquanto a outra enrolava no pescoço. Os lábios ergueram para os dela, tocando-os, deslizando acima deles.

Calor espiralava por ela, embrulhava ao redor dela tão forte quanto seus braços, e quando os lábios responderam, abriram e se juntaram no beijo, ela sentiu o puxão da própria respiração. A mão dela apertou no pescoço dele, a outra se moveu para o comprimento duro e cheio do membro dele.

Ela precisava tocá-lo, senti-lo. Nada em sua vida já tinha sido tão bom quanto Ian. Seu toque, a mão deslizando pelas costas, acima da coxa. A outra mão prendendo no cabelo atrás da cabeça. Antes que ela pudesse achar sua intenção, achar seu próximo movimento, os dedos cerraram e puxaram-na de volta devagar, quebrando o beijo, quebrando o toque de prazer incrível por ela. Também deu a ela atenção ao fato de que ele não seria tão fácil de manipular.

—Ian, esse não é o lugar para jogos— ela o lembrou, a mão enrolando em torno do comprimento largo de sua ereção e acariciando-o com uma carícia longa, lenta.

—Então você não deveria jogá-los— ele rosnou.

Os quadris se moveram, empurrando o membro enquanto a mão livre dele envolvia os dedos dela e a forçava a soltá-lo.

Os olhos queimaram dentro dos centros escurecidos, as profundidades marrons ígneas cor de tabaco arderam com luxúria enquanto ele vinha sobre ela.

—Me conter não vai ajudar nenhum de nós. — Mas ainda assim ela se curvou para ele, passando os mamilos pelo tórax dele enquanto ele agarrava ambos seus pulsos com uma mão e os segurava acima da cabeça dela.

—Eu não terei que te conter por muito tempo. Apenas por tempo o suficiente para fazer as brasas arderem nesse seu corpo gostoso. Isso não é certo, Kira? Apenas por tempo o suficiente para te lembrar de quão faminta você pode ficar.

Ela mordeu o lábio inferior e o encarou. —E você não fica faminto?



—Oh, eu fico sim. — Os dentes brancos fortes passaram sobre o lábio inferior dela enquanto ele controlava os movimentos sutis de seu corpo enquanto ela tentava achar uma posição que permitiria se soltar dele. —Eu fico muito faminto.

Os lábios foram para trás, movendo-se sobre os dela, a língua esticando para passar entre os lábios e deslizar na língua dela enquanto os dedos calosos iam em torno do montículo dolorido de seu seio.

Kira empurrou, quase vacilando com o prazer do toque. As pontas dos dedos raspando em torno das terminações nervosas delicadas do mamilo, e ainda assim não tocando o suficiente o cume endurecido.

Os lábios dela se separaram mais, a língua esticando para golpear enquanto o prazer começava a envolvê-la. Pontos aquecidos correndo pelas sensações que se construía dentro dela, rodando por sua circulação sanguínea, sensibilizando suas terminações nervosas. Ela podia sentir a necessidade crescente dentro de si, construindo com seu beijo, com cada golpe dos dedos ao redor do mamilo e cada segundo ele a mantinha contida.

—Ian. — O nome saiu dos lábios dela enquanto ela arqueava para mais perto de seu corpo duro, morno. —Não faça assim. Por favor.

—Apenas diga não, Kira. — Os lábios dele deslizaram por sua bochecha, a mandíbula. — Uma única palavra. Tudo o que você tem que fazer é usá-la.

Os lábios dela separaram, a palavra pairava nos lábios enquanto ela ofegava para respirar.

—Eu pararei— ele prometeu, a voz aveludada áspera. —Eu te deixarei ir. Tomarei banho e sairei para os negócios. Você será protegido de quaisquer demônios que te persigam então, certo?

Os dentes dela juntaram enquanto um grito saiu de seus lábios. Ela diria não e ele apenas pararia? Ela apertou as coxas, bem juntas, desesperada para parar a dor que se construía em seu clitóris. Se ele parasse, poderia matá-la.

—Você não está fazendo jogo limpo— ela respirou roucamente. Deus, até respirar era uma sensação erótica no momento.

—Eu nunca prometi jogar limpo. — Ele a abaixou uma vez mais, a cabeça seguindo, os lábios como plumas sobre a clavícula, a língua saboreando a pele.



Ela não sabia se poderia aguentar. O calor estava espiralando dentro de seu corpo, atacando as zonas erógenas e sensibilizando o resto do corpo ao ponto do prazer se tornar próximo ao êxtase.

—Você tem os seios mais lindos. — A mão livre envolveu o montículo inchado, o dedo polegar correndo sobre o mamilo.

A sensação chicoteou em torno do ponto duro então correu através das terminações nervosas e cerrou os músculos de seu útero.

Ele não a deu tempo para processar o prazer antes que a cabeça dele abaixasse, os lábios e língua criando uma trilha de fome diretamente até seu mamilo.

A umidade aquecida cercou a carne enquanto ele o trazia para a boca e sugava fundo. Kira vacilou, um grito roto rasgando de seus lábios.

—Você quer me destruir— ela o acusou, a voz áspera enquanto afundava a cabeça no travesseiro.

A sensação da boca sugando o mamilo, a língua chicoteando, estava deixando-a louca. Os cumes estavam tortuosamente apertados, pulsando com a fricção contínua contra eles. Com cada lambida áspera as chamas consumiam seu corpo e pareciam lambar mais alto, mais quente.

—Eu quero te tocar também. — Os dedos enrolaram, apertando desesperados enquanto a necessidade de senti-lo ficava imperativa.

—Não ainda. — Ele ergueu os lábios apenas para alisar a mandíbula acima do seio dela.

A cerda lânguida de pelos raspou sobre a pele suave do seio dela, enviando sensações rápidas como fogo explodindo por ela.

—Por que não já?— Ela tentou se contorcer embaixo dele, se soltar, soltar os pulsos, e as próprias emoções.

Ela era fraca. O toque dele era mais potente do que qualquer bebida, e afetava mais do que apenas o corpo dela. Esse era o problema. Ele afetava partes dela que ela queria manter escondidas. Partes que ela tinha mantido escondido por tantos anos que ela tinha se esquecido de que elas existiam.

—Porque eu quero te tocar. — A cabeça ergueu, as chamas escuras e penetrantes dos olhos dele chamuscando-a enquanto ele se erguia na cama.



Ele se ajoelhou sobre a cabeça dela, o que não fazia nenhum sentido. Ele queria tocá-la, ainda assim o comprimento duro de seu membro estava sobre os lábios dela enquanto ele segurava os pulsos dela.

Em vez de tentar se erguer para alcançar a cabeça inchada, ela foi para a bolsa sensível embaixo.

Ian congelou, a respiração ofegante nos pulmões enquanto os lábios de Kira cobriam a lateral dos testículos, a língua correndo sobre eles enquanto um gemido vibrava na carne apertada.

Deus o ajudasse.

Ele debruçou a cabeça contra a madeira espessa da cabeceira da cama e se concentrou em respirar em vez de derramar seu sêmen. Essa boca deveria ser licenciada. Era perversa, tendo uma destruição ilegal em seus sentidos. Ela tocava a carne e ia apertando embaixo de seu membro, o sêmen fervendo perigosamente perto de uma explosão.

Friccionando os dentes, ele pegou a corrente e as finas restrições de pulso de metal que estavam penduradas na parte de trás da cama. Quem possuía a casa tinha um ótimo olho em relação aos prazeres sexuais.

Enquanto ela ocupava os lábios e língua em suas bolas, ele depressa deslizou os punhos aveludados sobre os pulsos dela e os segurou com um estalo antes de recuar.

Os olhos dela relampejaram primeiro com confusão, até que ela puxou os pulsos, ouviu o chocalho da corrente e sentiu a segurança das restrições. Uma sombra de medo relampejou em seus olhos então.

—Apenas diga não— ele disse a ela, as mãos nos ombro dela e na barriga enquanto ele se movia para o lado dela uma vez mais.

—Eu não sou sua maldita submissa, Ian— ela sibilou, puxando novamente a corrente a segurando. —Você está louco?

—Loucura é o menor dos meus problemas nestes dias— ele a assegurou, estreitando o olhar enquanto ela girava a cabeça e olhava de novo para os fixadores dos pulsos. —Se você quer liberdade, tudo o que tem que fazer é dizer a palavra. Nós pararemos com isso.



—Então eu tenho que ser amarrada e torturada ou caso contrário não terei uma foda?— O olhar dela era cortante contra ele, escurecendo com emoção, quase o hipnotizando com os flashes afiados de intensidade na cor nublada.

—Você entendeu perfeitamente. — Ele sorriu para ela em aprovação. — Eu sabia que você era uma menina esperta.

—Bastardo!— Gutural, agonizada, a voz dela o fez medir as reações dela muito mais íntimo agora.

—Eu devo te deixar ir, Kira?— A voz dele era gentil, ele colocou um beijo suave no ombro dela e a olhou fixamente de volta. —Você está assustada?— Ele perguntou, provocando-a.

Kira tragou firmemente, a respiração áspera enquanto olhava para ele, vendo a intenção no olhar. Ele teria o que quisesse dela agora ou iria embora, e ela sabia disto.

—Eu deveria ficar assustada?— Ela estava apavorada.

Ele não a machucaria, não fisicamente, mas o que ele faria tinha o potencial de quebrá-la mais tarde.

—Você deveria estar muito assustada— ele respondeu. —Você está sempre se contendo. Sempre mantendo uma parte de si mesma segura, não é? É por isso que você gosta de rapidinhas. Por que isso você quer apressar o clímax e esquecer o processo. O que há no processo que te assusta?

—Tédio— ela retrucou em resposta. —Quem quer ficar amarrada enquanto a outra pessoa fica com toda a diversão?— Ela puxou as correntes novamente com uma sacudida furiosa dos pulsos.

—Você está assustada.

A certeza na voz dele fez a respiração dela prender, os olhos dela presos nos dele.

—Eu não estou com medo de você— ela negou. Ela não tinha condições de deixá-lo saber tanto das emoções dela, quando a questão era ele, ela realmente ficava apavorada.

—Prove. — A erguida leve da quina dos lábios, o sorriso satisfeito consigo mesmo, sabedor, a asseguraram de que ela tinha perdido esta batalha.

—Deixe-me ir então.



Ele agitou a cabeça lentamente. —Se você quer ser solta, diga-me não... Dessa vez, você não apressará as coisa. Antes de a noite estar terminada, Kira, eu te terei toda, ou não terei nada.

Ele estava sério. Ela podia ver em seu rosto, sentir em seu corpo enquanto ele arqueava sobre ela, no toque da mão que ele deitou possessivamente contra a barriga dela antes de corrê-la entre suas coxas.

—Você está molhada, Kira. Tão molhada e quente.

Os olhos dela fecharam enquanto os dedos entraram devagar na nata lisa que fluía dela, atormentando-a com o calor de seu toque e acariciando a carne violentamente sensível e ela mal pôde segurar o grito de volta.

—Minha pequena controlada— ele disse, rindo. —Aposto que foi duro segurar esse grito.

Os olhos dela abriram de repente, ou melhor, ela se forçou a abrirem até onde era possível. Ela se sentia drogada, fraca, ainda assim o sangue estava bombeando duro e rápido por suas veias e a adrenalina estava apertando a respiração em seu tórax.

—Bastardo. — Era um gemido em vez de uma acusação porque mesmo enquanto ele assinalava o óbvio, os dedos dele estavam abrindo os lábios inchados de sua buceta e empurrando fortemente para o lado de dentro. —Maldito, Ian.

Os lábios dele desceram enquanto o grito deixava a garganta dela, tomando os lábios dela enquanto ele os sorvia, dando beijos duros e ardentes enquanto os dois dedos trabalhavam dentro dela, acariciando, roçando e deixando-a louca com as sensações que corriam por ela.

Ele não estava brincando quando disse lento e fácil. Quando disse que teria tudo dela. Ele a beijava como um homem morrendo de fome de beijo. Os dedos cavavam dentro dela, retrocediam e retornavam em punhaladas deliberadamente sensuais.

Ela estava queimando de dentro para fora. Trilhas selvagens e ígneas de sensações chicoteavam por ela, cerrando sua buceta ao redor dos dedos dele, arrancando a respiração de seus pulmões e começando uma dor no clitóris que ela tinha medo de que a deixasse acima da extremidade da loucura.

—Maldição, você é linda— a voz dele sussurrou através de seus sentidos enquanto ele quebrava o beijo, movendo os lábios da mandíbula enquanto ignorava o grito quebrado de prazer.



—Ian, por favor. — Os quadris dela curvaram enquanto os dedos dele retrocediam novamente; mas dessa vez eles não retornaram. Eles alisaram sobre as coxas, abrindo mais as pernas dela enquanto os lábios viajavam junto de seu pescoço.

Kira puxou as restrições nos pulsos, as mãos coçando para sentir a carne dele embaixo delas. Ela deu um gemido enquanto os lábios corriam como plumas através dos mamilos. Primeiro um, então o outro. Uma provocação, um toque atormentador antes de ele levá-los para a boca. Ele lavou o cume tenro com a língua, então sugou com fome voraz antes de continuar o caminho descendente para sua buceta dolorida.

Ele não podia fazer isto. Ela não podia permitir isto. Os lábios dele eram como uma marca contra sua carne, varrendo-a com trilhas amortecidas de prazer ígneo. Ela podia sentir a transpiração brotando na carne, o calor liso de seus fluidos na buceta, preparando-a, aumentando a fome que erguia dentro dela.

Deus a ajudasse, ela precisava. Ela precisava dele com um desespero nascido de alguma fome escura que ela não podia explicar até para si mesma.

—Por favor, Ian. Não faça isso. Não me provoque. — A cabeça dela afundou contra o colchão, a dor construindo no peito. Ela não queria perder esta necessidade. Este prazer. Ela não queria que ele se construísse dentro dela, deixando-a tão aguçada e agonizante para a necessidade do orgasmo que se tornaria uma entidade viva dentro dela. Apenas para ter de evaporar, morrer, porque a mente dela se recusaria a dar esse último fragmento de controle.

Ele não tinha sido o primeiro amante determinado a achar o núcleo dela. Aquela parte de sua alma feminina, que uma vez possuída, nunca pertenceria a outro. Ele não era o primeiro. Não seria o último. Mas era o mais importante.

— Pobre Kira— ele sussurrou enquanto se movia entre as coxas dela, colocando-se no lugar enquanto separava mais as pernas dela. — Você quer que eu pare?

—Isto não vai dar certo, Ian— ela ofegou enquanto os dedos dele alisavam a nata que banhava a carne de sua buceta. — Você me destruirá, mas não no modo que acredita.

Ele roubaria a habilidade dela de ter o orgasmo. Sempre acontecia.

—Não se preocupe, amada, eu cuidarei de você.



O tom da voz dele a fez abrir os olhos, olhando para ele fixamente com fascinação ofuscada. As feições selvagens do rosto dele estavam tensas, os olhos ardiam com calor e seus lábios inchavam com luxúria. Mas ainda mais assombrosa era a compreensão e o conhecimento nos olhos dele.

—Eu não posso te dar o que você quer, Ian— ela gemeu. —Eu não tenho isto.

—Você tem, Kira. — Ele separou mais as pernas dela, a cabeça abaixando para dar um beijo suave e delicado em seu clitóris. —E logo eu terei isto.

Era mais do que uma promessa, era uma declaração de intenção. Ian queria dizer que a tomaria toda.

Kira respirou profundamente. Não havia oxigênio suficiente. O calor a cercava, enchia. Ela se sentia como o núcleo de um sol em chamas, esperando para explodir mas esperando ao invés o frio gelado do prazer diluído.

Ian riu novamente, os dedos abrindo as dobras inchadas de seu sexo, a cabeça abaixando.

O grito de Kira a assustou. Rasgou de seu tórax e passou pela garganta enquanto ele colocava os lábios sobre o clitóris pulsante e o beijava profundamente. Um beijo. Não era a pressão de sugar, ou o estalido rápido da língua. Era um beijo com os lábios franzidos que chocou o pequeno pacote de nervos e o fez se tumultuar em desespero.

Ela precisava ficar mais perto daquele beijo. As mãos dela cerraram em torno da correia fina das restrições do pulso enquanto os saltos dos sapatos afundavam na cama e ela tentava se erguer para mais perto, levando seu clitóris mais fundo entre os lábios dele.

Ela podia sentir o suor correndo na pele agora, pequenas gotas descendo pela testa, ao longo da barriga. Ela estava queimando viva, desesperada. Ela puxou a corrente, um choramingo despejando dela enquanto os lábios, a língua e a boca de Ian sugavam e a chicoteavam em um frenesi de fome.

Estava construindo. Era ardente. Ela nunca tinha precisado de qualquer coisa tão desesperadamente quanto precisava de Ian agora.

—Isso mesmo, bebê— ele sussurrou rouco, a respiração como uma pluma sobre a carne ultra sensível entre as coxas. —Apenas deixar a sensação boa fluir.



Ele a beijou novamente. Firmes e pequenos beijos. Beijos sussurrante e profundos. Ele chupou as dobras inchadas, cada beijo, cada lambida, cada rosar contra a carne crescentemente faminta.

Ela devia ter perdido o desejo de gozar três gritos antes. Ao invés, estava construindo, os gritos pleiteando pateticamente cada vez mais. Ela estava implorando a ele para se liberar. Ela podia ouvir as palavras, sentir os apelos rasgarem pelo corpo enquanto a luxúria, a paixão e a emoção começavam a incendiar mais alto e mais quente dentro dela.

—Ian. Agora. —Ela arqueou, lutando contra a alça que ele tinha em seus quadris. —Está me matando. Por favor.

A buceta estava cerrando, derramados mais de seus fluidos enquanto a língua dele de repente mergulhava dentro dela. Mas não era o suficiente.

Ela torceu em seu aperto enquanto a língua dele acariciava, deslizava. As costas curvadas, os dedos apertando nas correntes, e ela lutou pelo clímax. Estava muito perto. Ali mesmo. Esperando por ela.

—Maldição você, Ian. — A cabeça dela corria contra a cama. Ela tentava segurá-lo, prendê-lo no lugar apertando as coxas contra sua cabeça.

Mãos firmes seguravam as coxas dela abertas, os quadris dela arqueavam e angulavam a entrada de sua buceta contra a boca faminta, e ele a consumiu.

—Foda!— O rosar áspero e o gemido na carne inchada e desesperada a fez estremecer, lutar. — Doce Kira. Sua buceta é doce. Quente.

Ela se contorceu, lutado por um toque mais fundo.

—O que você quer, Kira?

—Agora— ela gemeu. —Eu quero você agora.

—O que você quer agora, bebê?— Ele sussurrou, a voz gutural mais áspera, mais funda do que nunca. —Vamos, diga-me o que você quer.

—Tome, Ian. — O desespero estava atado em seu grito. —Agora. Por favor.

—O que você quer que eu tome? Diga-me o que você quer que eu tome. — Ele respirou as palavras sobre o clitóris, atingindo fragmentos de sensações por ela enquanto ela lutava para



respirar pelo prazer adicional. Prazer agonizante. Um prazer tão intenso, tão opressivo, que a desvendava até a alma.

—A mim— ela clamou. —Me tome.

—Você toda, Kira?— Ele fez a pergunta, os lábios formando as palavras e acariciando sobre o clitóris, ricocheteando pelo útero. —Qual parte de você? Apenas esta doce buceta? Ou há mais de você?

Havia mais dela? Ela precisava de mais? Ela queria mais?

—Não pare. — Ela se forçou a abrir os olhos, olhando abaixo o corpo enquanto ele se erguia entre as coxas dela, erguendo os quadris, a voz pedindo enquanto os lábios tocavam a barriga dela antes de ele ficar de joelhos. —Por favor, não pare.

—Que parte de você me pertence, Kira?— Ele veio sobre ela, uma mão emoldurando o rosto enquanto os lábios tocavam os dela, o olhar prendendo o dela. —Que parte de você eu devo tomar?

Ela precisava de mais. Mais do que ela já tinha precisado antes.

—Tudo de mim. —Ela sentiu a primeira lágrima cair. —Tome tudo de mim.

Kira sentiu as defesas que tinha trabalhado a vida toda para construir desvendas dentro dela enquanto Ian tomava seus lábios em um beijo que a queimou como quentes chamas brancas.

Ela estava perdida para ele. Fora de controle. Ondeando embaixo de seu corpo mais pesado, amortecido pelo suor, ela lutou pelo contato pele-com-pele. A sensação do pelo áspero do tórax nos mamilos, o abdômen duro apertando contra o dela. As coxas poderosas segurando as pernas dela separadas, a cabeça larga do membro contra as dobras inchadas de sua buceta.

Tão perto. Ela podia sentir a cabeça dura pulsar contra sua carne sensível. O calor deixava-a louca. A sensação da espessura, a força de ferro, fazia a buceta cerrar com fome agonizante.

—Não chore. — Os olhos dele queimavam em seu rosto escuro enquanto ele se debruçava uma vez mais e beijava a lágrima de sua bochecha antes de sussurrar —Tudo bem, bebê. Você tem tudo de mim também.

E a frase final ganhou liberdade. Algo se apertou e então se moveu dentro do peito dela.

—Eu amo você. — As palavras rasgaram dos lábios dela.



Ela empurrou a cabeça contra o travesseiro embaixo dela. Oh, Deus, ela não tinha acabado de dizer isto. As palavras não tinham passado pelos lábios dela.

—Não. — Ela encarou o olhar surpreso dele, congelado, incapaz de acreditar nas palavras, as emoções a rasgavam enquanto ela fechava os olhos e sentia o puxão da própria respiração.

Então Ian se moveu. Ela sentiu a ereção cutucá-la, enterrar poucos centímetros dentro dela, recuar e então com uma estocada dura ele estava enterrado totalmente dentro dela.

O temor evaporou. Não havia nada agora além do prazer e das emoções. Eles se fundiram, chicotearam dentro dela, e a levaram para um cume de prazer que ela não imaginou ser possível.

—Olhe para mim. — Ele retesou dentro dela. Enterrado até o cabo, espesso e duro, pulsando dentro dela. —Olhe para mim, Kira.

—Não. Não faça isto. — Ela agitou a cabeça. — Termine. Termine logo, Ian.

Ela não podia lidar com isto. As sensações explodiam por ela. As ondulações de prazer eram primorosas demais. Não exatamente êxtase, mas tão perto. E estava apenas construindo. Erguendo e queimando.

—Olhe para mim, Kira. — Ele segurou os quadris dela enquanto ela lutava para se mover. — Olhe para mim, bebê.

A voz dele estava torturada, rouca. Kira forçou os olhos a abrirem e olhou para o fogo escuro de seus olhos.

—Tome *a mim* agora — ele rosnou, a expressão dura, selvagem. — Tome tudo de mim agora.

Ele se retirou devagar, o membro ficando livre dela enquanto Kira ofegava com a perda da sensação.

Ela assistia o rosto dele agora. Ela perdeu o controle, perdeu a habilidade de segurar qualquer parte de si mesma. E ele estava se perdendo agora. Ela podia ver. Com o tremor que dobrava os músculos de seu tórax, o leve tremor nas mãos enquanto ele pegava um preservativo da mesinha de cabeceira, rasgava o pacote depressa e encapava o membro.

A expressão dele mudou enquanto os quadris dela erguiam e ela conseguiu arrastar a cabeça de seu membro para as dobras de seu sexo. Ela estava morrendo por isto. Morrendo por ele. Mais dele. Agora.

Espesso, pulsando, a ereção empurrou dentro dela uma vez mais.



Ela mal podia manter os olhos abertos, mas ela precisava assisti-lo. Assistir porque ele se recusava a soltar o olhar dela. E ela não podia quebrar o contato, não mais do que ele podia soltar o aperto que tinha nela.

—Eu preciso... — Ela tragou antes de morder o lábio, as pestanas abaixando enquanto ele começava a se mover dentro dela novamente. Lento e fundo.

—Eu sei o que você precisa. — A voz dele era mais áspera agora. Mais dura.

Kira olhou para ele, ofuscada, flutuando em um prazer tão fundo, tão intenso, que queria que durasse para sempre. Ela precisava que durasse para sempre. Que nunca terminasse.

A transpiração cobria seu corpo, suor banhava a testa, corria pelo rosto e pelo tórax largo dele. Ela seguia as trilhas de umidade. Assistia-as descerem pelo pescoço dele, tórax, o abdômen duro e abaixo.

O olhar dela ficou preso na visão. A visão do membro dele se movendo para fora dela, brilhando liso e molhado com seus fluidos, as veias pesadas e proeminentes pulsando antes de ele empurrar dentro dela novamente.

—Você gosta de ver, Kira? — A voz dele estava tensa. — Assistir o meu pau te tomando? Você sabe a sensação que sinto? É como um vício quente e branco ao meu redor, me apertando.

Os músculos das coxas dela cerraram à medida que ele retrocedeu, o suor banhando a carne escura enquanto mais de sua nata inundava sua buceta. Ela sentiu enquanto ele empurrava dentro dela, viu à medida que ele retrocedia.

Ela ergueu os olhos para os dele uma vez mais. Ela estava perdida nele. Era muito tarde para esconder, muito tarde para controlar.

—Eu amo você. — O grito a rasgou, as emoções a levando tão duro, tão desesperadamente, enquanto ele de repente a estava tomando.

A mandíbula dele estava apertada, os dentes friccionando. E ele estava se contendo. Ela era uma parte dele e ele estava afundando na alma dela tão seguramente quanto ele estava afundando em seu corpo.

—Eu amo você. — Ela fechou os olhos enquanto as palavras a rasgaram pela última vez antes das explosões primitivas e agonizantes de prazer começarem a tomar seu corpo.



Ela arqueou, resistiu, o êxtase demais para ser segurado, a intensidade se movendo tão nitidamente dentro dela que ela se sentia como se cortasse sua alma.

Ian grunhiu seu nome enquanto gozava sobre ela, movendo os quadris de forma dura e rápida enquanto a fodia com a fome enlouquecedora. O êxtase era uma explosão contínua dentro dela agora. O prazer seguia com a dor e pela primeira vez em sua vida Kira entendeu o que queria dizer ser tocada até a alma enquanto Ian dava a estocada final, desesperada e retesou, o membro pulsando e pulsando, a liberação estremecendo por seu corpo enquanto os braços se moviam para debaixo dela para segurá-la para ele.

Ele a embalou enquanto a buceta dela o segurava aos espasmos. Apertava. Prendia. Os braços apertando ao redor dela, a cabeça estava enterrada no travesseiro sob a cabeça dela, e ele a segurava como se nunca fosse deixá-la.

Capítulo Dezenove

O amanhecer estava brilhando sobre o horizonte enquanto Ian insistia da sacada, café na mão, desviando a vista para a terra que cercava a vila.

Diferentemente da propriedade dos Fuentes na Colômbia, a vila e suas proximidades não eram cercadas por montanhas e selvas. O terreno era nivelado, com apenas uma subida leve das colinas ao redor, manchadas com pedregulhos volumosos.

A sacada não era o lugar mais seguro para tomar o café, ou se sentar e refletir em coisas que ele estaria mais bem preparado para lidar uma vez que esta missão estivesse terminada. Mas alguns pensamentos se recusavam a serem extintos. E eles se concentravam na mulher agora dormindo exausta em sua cama.

Ele não esperava que ela dissesse que o amava. De todas as coisas que ele esperava quando tinha quebrado as barreiras de Kira, não tinha sido esse compromisso.

Ele correu a mão pela mandíbula antes de bebericar o café novamente e olhar fixamente para os pedregulhos enormes abrigados por árvores que se erguiam em frente a ele.



Não era que ele não pudesse sentir os olhos o assistindo, era que ele estava começando a aceitar que eles estavam lá. E ele tinha problemas maiores do que o conhecimento que o Time Durango estava lá fora. Kira era um problema muito maior. Ela havia perdido sua objetividade, e em uma mulher, isso podia ser fatal. Ela não se importaria com a própria vida deste ponto em diante, ele sabia isso sobre ela. Se ela tivesse que salvá-lo ou vê-lo morrer para completar a missão, ela daria sua vida por ele.

Ele deveria tê-la amarrado, amordaçado e transportado para um local seguro até que isto estivesse acabado. Ele poderia ter continuado como estava, não arriscando nem vida ou alma além da dele mesmo, e terminado a missão, de uma forma ou de outra. A vida dele, a de Sorrell e de Diego. Ele tinha jurado para si mesmo quando tinha salvado Nathan oito meses antes. Quando tinha visto a condição do amigo e sabia que seu pai era o responsável.

Ele tinha prometido a Nathan as cabeças dele, e tinha toda a intenção de cumprir a promessa, não importando o que custasse. Até a própria vida. Mas não à custa da vida de Kira.

Ele abaixou a cabeça e correu os dedos pelo cabelo antes de olhar para a subida uma vez mais. Ela era muito importante. Ele soube no momento em que percebeu que ela estava cobrindo o traseiro dele naquele armazém. Inferno, ele sabia disso oito meses antes em Atlanta durante a operação para proteger a mulher de Kell Krieger.

Ele estava ferrado.

Pegou o celular seguro via satélite na mão e digitou o número de Macey.

—Retardado. —A voz de Macey veio pela linha, barbaramente baixa. —Já era hora de você ligar.

—Eu tenho uma remessa que precisa sair— ele disse firmemente, fechando os olhos com o pensamento de mandar Kira embora. —Você está disponível?

—Se tiver cabelo preto como um corvo e for ótima atiradora, então você pode se foder sozinho— Macey rosnou. —Eu não vou tocar nela.

Não era alívio o que ele estava sentindo.

—Por que você está aqui então?— Ele perguntou. —Dê o tiro primeiro se isto é tudo. Evite um problema para mais tarde.



Ian se debruçou de volta na cadeira e se abriu para qualquer tiro que pudesse vir. Ele não estava certo do porquê do Time Durango estar lá, mas se isso era tudo o que eles procuravam, então, dane-se. Ele estava cansado de sangue e morte, e estava cansado de remorso. Os SEALs não perdoam a traição de um deles. E Ian não os culpava.

—Segredos de Assassino. — Macey lembrou a ele o código que ele tinha dado à Kira. — E nós recebemos a sua mensagem via Kira. Diga-me, Ian, que parte da palavra amigos que você não entende? Você pensa que eu vou atirar em você de algum lugar escondido no seu traseiro estúpido enquanto você está bebericando seu café matutino e a sua mulher está de pé na porta te assistindo como se estivesse com o coração partido?

Ian girou a cabeça.

Qualquer expressão que Kira pudesse ter no rosto mudou imediatamente, mas os olhos ainda estavam sombrios, questionadores.

—Espere na linha, o chefe— Macey anunciou.

—Tenente Richards, eu vou chutar o seu traseiro para o inferno quando isto estiver terminado. — Reno entrou na linha, a voz baixa ecoando com raiva. —Onde nós nos encontramos e quando?

—Sem encontro. — Ian abaixou mais a voz, nunca tirando o olhar de Kira. —Sem chance.

—Inaceitável— Reno o informou friamente. —Leve a sua mulher para um passeio. Você sabe nosso local.

A conexão terminou.

Ian estourou uma respiração rouca enquanto agitava a cabeça. Esse era um encontro que ele não queria fazer. Havia muitos olhos assistindo, muitos modos nos quais ele poderia se comprometer com o que estava fazendo.

Ele desviou a vista para a rocha uma vez mais.

—Nenhuma chance de me livrar de você, não é? — Ele suspirou.

—Não mesmo. — A voz dela era sombria.

—Me mataria se alguma coisa acontecesse a você. — Ele admitiu, e mais reservadamente, percebeu que destruiria o que restava de sua alma. E não havia muito sobrando.



—Eu não irei embora, Ian. Não serei levada para longe. Se queria tentar isto, então deveria ter feito antes de ontem à noite.

Inferno, sim, ele deveria ter feito.

—Ian, eu não sou uma espectadora inocente aqui— ela continuou enquanto se movia para ele.

Ela tomou a xícara de café da mão dele e a deixou na mesinha ao lado antes de se sentar em seu colo. Ela usava uma das camisas de seda dele. O material deslizava sobre a carne, estava aquecida por sua pele e carregava seu odor agora.

Ele não pôde evitar de cercá-la com os braços e segurá-la perto do peito.

—Eu sou bem treinada— ela sussurrou em sua orelha. —E completamente qualificada para caminhar ao seu lado, não finja o contrário.

Ele segurou a cabeça dela entre as mãos e a levou para seu ombro, curvando a cabeça para ela, os lábios perto dos dela, o olhar prendendo o dela à medida que ele falava.

—Se eu te perder aqui, destruiria o que resta da minha alma.

—E se eu for embora, destruirá o que resta da minha— ela respondeu. —Nós temos brincado de gato-e-rato há anos. É hora de parar. Aqui e agora. Eu sou igual a você em tudo, exceto força física e você sabe disto. Não me afaste porque é chauvinista demais para trabalhar comigo.

Não era apenas chauvinismo. Era a certeza de que perdê-la o mataria.

—Você será crucificada nos tablóides— ele disse a ela.

—Eles gostam de mim. —Ela sorriu amplamente de volta para ele.

Os lábios dele ergueram. Sim, ela tinha. Ela estava nos tablóides por anos, em pequenos problemas que tinha criado de propósito, ou com as caridades dela e do tio. Ela era controversa, extravagante, e uma das contratadas do governo mais encoberta. Ela era muito assustadora.

Ele ergueu a cabeça e apertou os lábios na testa dela enquanto deixava os olhos fecharem, permitindo a si mesmo apreciar segurá-la nos braços, sentindo-a morna e doce contra ele. Apenas por um pouco mais de tempo.

—Nós precisamos tomar banho. — Ele abriu os olhos e olhou para o céu azul claro além da sacada. —Tenho que lidar com o que aconteceu ontem.

—Você vai segui-los? Sabe quem são?



Ele anuiu com a cabeça novamente. Ele sabia quem eram. As informações estavam esperado por ele quando ele se levantou pela manhã.

—Homens do Sorrell— ele a respondeu. —Recebi notícias de que ele está em Aruba esta manhã. Aparentemente, está aqui há algum tempo.

Ela anuiu com a cabeça contra o ombro dele. —Nós vamos pela inteligência ou pelo cheiro de sangue?

—Nós não vamos— ele disse. —Vou enviar um pequeno time dos soldados de Fuentes para capturar o contato de Sorrell assim como os dois homens no barco ontem. Eles partiram há uma hora. Estou apenas esperando por um telefonema.

Estava amadurecendo devagar. Ele tinha conseguido punir cada tentativa que Sorrell tinha feito de tentar sequestrá-lo ou matá-lo. Tudo o que faltava era atrair o terrorista em uma reunião. Uma vez que ele o identificasse, Ian poderia tirá-lo da jogada.

Era um jogo de paciência, e Ian uma vez tinha acreditado que ele a tinha. Paciência nunca tinha sido um problema até agora. Até que Kira tinha entrado em sua vida uma vez mais.

—Você vai fazer contato?— Kira perguntou então, e Ian sabia do que ela estava falando.

O Time Durango. Ele olhou para a subida novamente e suspirou exausto. Reno ficaria puto quando Ian e Kira não aparecessem como ele tinha ordenado. Mas, diabo, o que seu antigo chefe poderia esperar? Reno não tinha nenhum negócio aqui. A esposa dele mal tinha saído do hospital com sua criança recém-nascida; ele devia estar nos Estados com a família, não aqui fora cobrindo alguém cujo objetivo principal tinha sido se manter o mais longe possível do time.

Diego Fuentes amava jogar com os homens atribuídos para aquele time. Ele considerava isso sua função pessoal ver até onde ele podia empurrar cada homem até que quebrassem. Ele quase tinha quebrado Nathan. Se Fuentes tivesse conseguido sucesso nos seus enredos passados, teria matado a irmã do chefe e a filha do senador; ambas eram intimamente amarradas a dois SEALs naquele time.

Ele agitou a cabeça em resposta a pergunta. —Está quase terminado. Não há nada que eles possam fazer para ajudar neste momento.

—Eles podem cobrir as suas costas.



—Eles podem entrar no meu caminho. Ele a ergueu do colo, pegando a xícara de café, e a levou de volta para o quarto.

Fechando a porta e trancando, ele se moveu para a cômoda, mexeu nos protocolos de segurança para ativá-lo e então se voltou para ela.

—Quando começar, Kira, vai ser rápido. Eu tenho que estar certo de onde está a sua lealdade.

—Em que sentido?— O cabelo preto longo fluía sobre o ombro enquanto ela o considerava cautelosamente agora.

—Sorrell morrerá. Nada mais é aceitável. —Se você não pode lidar com isto, então saia agora. Não fique entre mim e esta missão.

—Sua missão é matá-lo?— Ela perguntou sobriamente, a expressão preocupada. —Eu pensei que o DSI precisaria das informações que ele poderia fornecer.

—Ele morre, Kira. Eu não dou a mínima para o que o DSI precisa ou o que eles querem. Então você decide exatamente agora quem tem sua lealdade. Eu ou o DSI.

Ele tinha a lealdade dela. E sabia, ela sabia, mas ele queria ouvir. Queria que ela *sentisse* isso.

Ela lambeu os lábios rosa suave, os olhos cinza com círculos azuis chamejando em reconhecimento ao jogo poderoso.

—Você tem a minha lealdade, Ian— ela sussurrou finalmente. —Mas não cometa o engano de abusar dela. Eu não sou sua boneca e não serei usada como uma.

—Eu não pedi uma boneca. — Ele andou para ela, puxando-a para os braços enquanto ele escondia o gesto que contorcia suas feições. —Nós não podemos deixá-lo viver, Kira. Até mesmo pelas informações. Ele tem muitas ligações, muitos espiões. Eu não arriscarei uma fuga. Eu não arriscarei Nathan ou sua esposa, nem mesmo por informações.

As sombras do passado o tomaram. Por um momento, apenas um momento, ele era uma criança novamente, gritando em agonia em uma noite em um deserto no Texas enquanto sua mãe estava em seus braços, próxima da morte. Ele gritou até que a voz quebrou e não podia gritar mais. Até que a esperança tinha saído de seu corpo com a mesma dor em chamas que o sangue da mãe saía do corpo.

Da noite veio uma criança e seu pai. O menino ouviu seus gritos e acordou a família. Nathan tinha salvado sua vida e a vida de sua mãe. Ian não tinha se esquecido. Nunca esqueceria.



—Como ele está?— A pergunta foi arrastada. —Ele está se erguendo?

—Sim, está. — Ele ouviu na voz dela o que ela se recusava a falar. A batalha que Nathan estava travando apenas para viver, sobreviver às operações que não tinha nenhuma escolha a não ser suportar e os efeitos do pó das prostitutas que tinha sido injetado nele por tantos meses.

A droga de estupro sintética em quantias tão grandes deveria ter sido fatal. Nathan não deveria ter sobrevivido ao primeiro mês.

Ele lentamente a soltou. —Nós precisamos tomar banho. Tenho que verificar Deke, e tenho algumas reuniões para frequentar em Palm Beach. Você ficará do meu lado. Meu troféu. Tente não deixar todo mundo ver, por enquanto, o quão perigosa você pode ser.

Se ela iria trabalhar nesta missão então ele a faria usar seus talentos particulares de forma eficaz. Ela parecia com uma penugem suave. Delicada. Uma garotinha. Femininamente arrogante.

—Estou na sua cola, garoto malvado. —As mãos dela alisaram a lateral do traseiro dele e Ian não pôde evitar o sorriso que se arrastou nos lábios.

—Mais do que sabe. — Um beijo rápido nos lábios e ele girou e foi para o banheiro. —Eu arrumarei as coisas para você enquanto você toma banho; no momento, veja se consegue contatar Daniel. Você tem quatro minutos com os protocolos de segurança. Faça rápido e diga a ele para ficar fora do caminho. Eu odiaria vê-lo morto porque ele nos atacou quando estávamos descuidados, a mim ou a Deke, Kira. Certifique-se de que isto não ocorra.

Mais tarde, Ian apoiou as mãos contra a parede do chuveiro e deixou o fluxo da água morna cair sobre o corpo. Controle. Isso era tudo o que ele precisava, apenas de um pouco mais de controle e ele conseguiria passar por isso. Estava se movendo rapidamente. O time que ele tinha enviado para tomar os homens de Sorrell era um dos melhores que ele tinha tomado quando assumiu o comando do cartel entre os soldados de Diego.

Guiados por um antigo militante russo, os homens tinham treinamento e experiência e estavam no mesmo nível de alguns times de Forças Especiais que Ian conhecia. Eram rápidos, efetivos e impiedosos. E Ian havia descoberto que piedade neste mundo não trazia nada além de mais sangue. Não havia clemência. Havia o direito do poder e nada mais.

Ele ergueu a cabeça para a água, deixando-a fluir acima do rosto enquanto o tórax cerrava e a agonia crescia dentro dele. O sangue que ele tinha derramado desde que tinha vindo para cá o



assombraria para sempre. Não importava que o sangue fosse tão maligno e diabólico quanto o mundo propriamente dito. Ele não matava inocentes. Era guerra, ele tentava dizer a si mesmo. Um mundo doente que estava desinfetando. Mas isso não o ajudava mais. Não ajudava desde a primeira noite em que Kira havia aparecido.

Fatiando-o na noite anterior enquanto as palavras de amor estouravam dos lábios dela. Amor para Kira significava tudo. Quem ou o quê ela amasse teria cem por cento de quem ela era, ela daria sua vida por quem amasse. E ele não podia permitir isto. Ele tinha que mantê-la segura mesmo enquanto a permitia entrar na bagunça que a vida dele tinha se tornado.

Enquanto os olhos se abriam, a porta do box deslizou para o lado, e ela entrou na atmosfera vaporosa com ele. Os olhos cinza eram suaves, a expressão cheia com preocupação, e carinho.

Ele tinha que tocá-la. Os braços estavam ao redor dela, as mãos deslizando contra as costas enquanto ele a puxava contra seu corpo excitado e tomava os lábios dela antes que ela pudesse falar.

O que quer que Daniel tivesse reportado a ela, ele não queria saber. Não ainda. Primeiro, ele tinha que saboreá-la uma vez mais. Inchar os sentidos com seu calor e sua paixão.

Uma mão deslizou entre as coxas e achou-a cremosa e lisa com sua própria necessidade. Isso era o que ele precisava. Kira molhada e pronta para ele.

As mãos cerraram nas nádegas dela agora, ele a ergueu, sentindo as pernas esbeltas ao redor de seus quadris enquanto ele apertava a carne dolorosamente espessa da cabeça do membro nas dobras de seu sexo.

Sem preservativo. Não dessa vez. Ela estava protegida. Ele estava certo de que ela estava protegida. E ele precisava disto. Precisava tomá-la nu, com nada entre eles, nada separando sua luxúria.

A cabeça dele caiu para os ombros com a intensidade da sensação que foi por sua espinha. As bolas apertaram, a mandíbula cerrou com a necessidade de se conter. Ele podia ter se derramado dentro dela naquele momento enquanto centímetro por centímetro ela apertava em torno da empalação, os gemidos sussurrando ao redor dele enquanto ele segurava os ombros dela contra a parede do chuveiro.



Ela era como calor puro. Branco-quente. Cortando através da amargura e da dor no núcleo de sua alma e envolvendo-o mais apertado do que as pernas que estavam agora ao redor de seus quadris.

Abrindo os olhos, ele abaixou a cabeça para tocar os lábios dela uma vez mais. Para beber das curvas molhadas enquanto ele lentamente a abria, o membro flexionando, pulsando.

—É como possuir vida— ele sussurrou contra os lábios dela. —E senti-la me envolver. Sabia, Kira?

O choque escureceu os olhos dela.

—Você sabe o que você faz comigo?— Ele gemeu roucamente enquanto deslizava até o cabo e sentia a buceta o apertando convulsivamente, ordenhando sua carne.

—O que você faz comigo?— Ela ofegou, as mãos apertando nos ombros dele. —Oh, Deus, Ian. Você me faz me desintegrar.

Ela estava se desintegrando? Ele estava se derretendo do lado de dentro. Podia sentir o calor o queimando vivo enquanto a cabeça dela abaixava para o tórax, os pequenos dentes afiados beliscando a carne enquanto ele começava a empurrar dentro dela.

A buceta era tão apertada. Tão quente. Chamuscava sua carne com calor líquido e o apertava firme e ritmicamente, ordenhando seus movimentos. As sensações acariciavam as terminações nervosas sensíveis da cabeça de seu membro, ondulando por sua seta, e atingindo as bolas como dedos de calor. Elas apertaram sob a seta, doendo com a necessidade de gozar. Os lábios correndo sobre o tórax, adicionando ao prazer que rasgava por ele. Os gemidos famintos enchendo a cabeça, o arder das unhas nos ombros juntando ao êxtase incrível que ele podia apenas achar ao tomá-la, possuí-la.

—Não me deixe. — Ele apertou os dentes enquanto as palavras passavam sorrateiramente pelos lábios, enquanto as emoções o rasgando ganhavam voz.

—Nunca. Oh, Deus, Ian. Nunca.

Ele a segurou contra a parede, bem apertado e bateu dentro dela. Ele a fodia como o demônio que às vezes sentia que havia se tornado, sofrendo com fome, demente. E ela era sua suavidade. Seu canto de paz.



As mãos apertaram nos quadris dela enquanto ele sentia a liberação ferver em suas bolas. Esperar não era uma opção. Não quando ela estava gemendo em sua orelha, o orgasmo desvendando ao seu redor, flexionando ao redor de seu pau e rasgando seu controle.

Ele continuou a empurrar, sentindo o sêmen jorrar do membro duro, fluxos pulsando enquanto ele apertava os dentes contra o próprio grito.

Tremores de prazer explodiram pelas terminações nervosas e músculos, tomando seu corpo com um êxtase que ainda o deixava pasmo. Um êxtase que ele achava apenas com Kira. Um prazer que ia além da carne e enchia a alma.

Se ele a perdesse, o mataria.

Capítulo Vinte

O que ele era e o que ele tinha se tornado uma vez que entrou no mundo de Diego Fuentes tinha começado a se fundir antes da chegada de Kira. Ian reconheceu os sinais, as linhas que estavam obscurecendo entre o que era certo e direito, e o que era o meio para um fim. Ele devagar estava se tornando o mesmo tipo de monstro que perseguia, e não tinha percebido até Kira dar a ele seu coração.

Qual a parte dele que ela mantinha?

Uma semana mais tarde, ele estava trancado no escritório, com os relatórios de Deke e Trevor e tentou se esconder daquela pergunta.

Infelizmente, se esconder dela não mudava nada. Ela o possuía. Coração e alma. O bom homem, e o homem que tinha ficado sombrio, aguçado pelo sangue e o mal que tinha testemunhado desde que tinha aceitado o nome Fuentes.

Ele olhou para o relatório e os retratos ganhos com a interrogação dos dois homens que tinham enviado o projétil que explodiu na frente da limusine na semana anterior. Turistas, era o que eles tinham reivindicado a princípio. Nada além de turistas. Eles entraram no iate *Cantrella*, famoso por ser o favorito de Sorrell. Apenas turistas.



Timothy Vangressi e Adrian Hughes eram qualquer coisa exceto turistas. Assim que o tenente de Ian, Antoli Kovalyov, começou a interrogá-los, eles quebraram facilmente.

Ele parou o vídeo da interrogação. Ele não estremeceu com a dor que Antoli tinha dado aos dois homens. O fato de eles terem resistido por mais de uma hora era prova de seu treinamento. Mas Antoli era treinado em algumas das inteligências dominantes da tortura. Conhecia truques que Ian não tinha testemunhado, mesmo dentro das interrogações que tinha visto enquanto um SEAL.

—Sorrell nos matará— Vangressi soluçou finalmente, o rosto sangrando e inchado, embora não estivesse em nenhum lugar próximo de tão triste quanto seus testículos estavam. As drogas que Antoli tinha injetado no corpo dele e a dor, eram demais. —Nós fomos para matá-lo e a garota. Se a menina do McClane o cobre, ele terá poder demais. Apoio demais. A menina não pode ter permissão para influenciá-lo até que Sorrell tenha a operação. — Ele estava ligando as palavras, ofegando para respirar enquanto Antoli lentamente aliviava a pressão das braçadeiras em seus testículos e diminuía a corrente elétrica ligada a elas.

—Quem é Sorrell?— Antoli perguntou, a voz tranquila, fria.

Vangressi agitou a cabeça. —Eu não o vi. Ele está aqui na ilha, mas ele apenas liga. O celular é apenas para os telefonemas dele.

—O celular que você carregava?— Antoli podia estar falando sobre o tempo.

Vangressi estava soluçando. —Os celulares que carregamos. Apenas para contatar e ordens. Isto é tudo. Eu juro. Nós encontramos o *Cantrella* em Paris e entramos. Desembarcamos depois que ele ancorou aqui e fomos à praia ao anoitecer com o projétil e a papelada para alugar os barcos. Ele sabia sobre a reunião daquele dia. Sabia a rota que o Fuentes tomaria quando chegamos. Nós esperamos.

—Quem no *Cantrella* era seu contato?

—Por favor— Vangressi soluçou, dor e medo contorcendo suas feições bonitas. —Por favor. Ele me matará. Ele me matará— O grito foi muito alto, horrível, enquanto Antoli aplicava a corrente elétrica diretamente nas bolas do homem.

Ele teria pulado da cadeira se não estivesse amarrado nela.



Ele afundou de volta um segundo mais tarde, ondas correndo pelo corpo enquanto a energia era uma vez mais abaixada.

—Quem era seu contato?— Antoli perguntou novamente.

—Ascarti— Vangressi sussurrou. —Gregor Ascarti. Ele conhece Sorrell. Pode identificá-lo.

Um tiro seguiu a informação. Então outro. Ambos os homens afundaram em suas restrições, o olhar escurecido, a morte instantânea da única bala enterrada em cada cérebro.

Antoli era altamente eficiente.

Enquanto ele assistia o vídeo, não tinha sido Vangressi quem tinha enchido sua mente, tinha sido Nathan. A prova da tortura horrenda que tinha suportado durante sua permanência com Fuentes deixaria para sempre cicatrizes em sua mente e corpo. Não havia nenhum alívio, como Vangressi tinha achado. Nenhuma paz.

Ian empurrou os dedos pelo cabelo antes de se erguer da cadeira e compassar para o barzinho através do quarto. Derramando o uísque caro, ele continuou com a mão no copo, e o girou enquanto um golpe suave soava na porta.

—Sim?

A porta abriu para revelar Diego. Tão impecavelmente vestido como sempre. Calça comprida branca e uma camisa de algodão branca dobrada nitidamente no có. Sapatos de couro e um relógio de ouro. O cabelo preto e prata estava penteado para trás e suas feições patricias estavam inquisitivas.

—Descobriu muito da interrogação?— Ele perguntou enquanto entrava no escritório e fechava a porta atrás de si.

—Não o suficiente. — Ian encolheu os ombros.

Ele se moveu à frente de Diego e casualmente fechou o vídeo antes do outro homem poder alcançar seu lado.

—Se você não fosse meu filho, eu já teria te matado. —Diego olhou para ele cruelmente.

—Você não deixou a fraternidade te parar, por que deixou a paternidade?— Ian perguntou enquanto fechava as pastas em sua escrivaninha antes de olhar para cima uma vez mais.

A dor que relampejou nos olhos de Diego o surpreendeu. Até mais do que ele reconhecia.



—Você é incrivelmente perito em ir na jugular, Ian— ele disse baixo, a voz amarga enquanto se sentava em uma das poltronas de couro colocadas na frente da escrivaninha. —Talvez nisto você seja mais parecido comigo do que eu teria desejado.

—Talvez— Ian reconheceu, e não se sentia bem com isso, vendo partes de Diego em si mesmo, reconhecendo a hereditariedade que tinha um papel maior do que ele gostaria.

O olhar estava preso no de Diego enquanto o outro homem olhava para ele atentamente. Os olhos pretos, sem fundo, profundos, impiedosos. Diego Fuentes não era conhecido por sua suavidade ou clemência.

—Você não tem orgulho de ser meu filho, não é, Ian?— Ele finalmente perguntou sobriamente. —É uma fonte de vergonha em vez de orgulho. Tudo o que eu construí. —Ele ergueu as mãos para cercar o escritório. —É como nada para você, não é verdade?

Ian se debruçou de volta na cadeira lentamente e considerou o senhor do cartel.

—Eu estou aqui— ele finalmente respondeu, a voz firme, fria. —Como prometi, fazendo o trabalho que prometi.

—Pelas vidas dos amigos que deram as costas a você e te ultrajaram. Pelas mulheres que cuspiam em você se tivessem a chance. Por isso, você é uma parte de tudo o que lutou contra, toda a sua vida. Com o homem cuja responsabilidade era te proteger junto com a sua mãe enquanto você era uma criança e falhou. Por isso que você me recompensa sendo meu filho?

Havia tristeza na voz e por um momento, apenas um momento, remorso relampejou por Ian também. Quando criança ele tinha sonhado com o pai salvando a ele e a mãe do inferno que as vidas deles tinham se tornado. Sempre fugindo, sempre lutando para viver, sobreviver.

Uma vez que ele percebeu quem e o quê seu pai era, a traição que sentiu quase o esmagou.

Enquanto o olhava, Diego fazia uma carranca.

—Quando jovem, eu pensei que sabia tudo o que precisava saber da natureza humana. —Ele quebrou o olhar fixo que eles mantinham, piscando com uma umidade suspeita nos olhos antes de rapidamente olhar para as próprias mãos paradas no colo. —Eu pensei que conhecia as sombras da traição e honra do homem, e como categorizar cada uma. O olhar dele ergueu então. —Eu aprendi que não era tão inteligente como acreditava. E quando aprendi esta lição, era muito tarde.



Aqueles que poderiam ter me confortado, que poderiam ter sido a família que eu tanto desejava, não existiam mais.

Ian cruzou os braços sobre o tórax e aplainou os lábios com a mensagem escondida lá. Diego compreendia a razão pela qual ele estava lá? Não havia chance. Ele estaria morto se ele tivesse descoberto.

—Há algum objetivo nisso tudo?— Ian perguntou a ele.

Diego agitou a cabeça, os olhos se fechando por um segundo. —Há uma mensagem em todas as coisas, Ian. Apenas lembre-se, os enganos que você faz neste momento te seguem para sempre. Não apenas nos pesadelos, mas no futuro, e na alma. Não existe dor maior do que a realização de ter perdido os laços que te manteriam à medida que envelhecesse. Esses laços são importantes.

—Diego, você está fazendo tanto sentido agora quanto a retórica do terrorista Sorrell. — Também atingia o coração da missão. As cabeças de Diego e Sorrell. Ele as entregaria pessoalmente a Nathan. Revanche. Compensação. Os monstros não mereciam viver, não é?

Diego suspirou exausto antes de um sorriso amargo puxar seus lábios. —Você lida com os negócios como se eu tivesse me aposentado e não me dá espaço. Você não pede nenhum conselho, prefere que eu não saiba nada dos planos que implementa. Você está ciente, não é, de que isto não está dando certo?

Eles não tinha nenhuma escolha além de fazer dar certo. Quando a missão estivesse terminada, o cartel viria a baixo. Ian jurou para si mesmo e, silenciosamente para os amigos que sempre o cobriram. Iria a baixo, não importava o preço.

—Eu sei que os seus dedos ainda estão aqui. — Ian fez uma carranca de volta para ele. Ele não precisava dos dedos de Diego lá.

—Você não pode consertar um leão velho que se arrisca para se defender daqueles que ameaçam seu território— Diego assinalou. —Aqueles que morreram na minha mão, aqueles que sofreram, estavam lá para me destruir. Eu apenas protejo o que é meu.

Um leão velho. Como se as drogas que ele vendesse não tivessem nenhum efeito, nenhuma desvantagem. Inferno, não, ele era o homem gentil que vende doces, isso era tudo, e os SEALs e os grandes terroristas maus é que queriam acabar com o coitadinho.



Filho da puta, era assim que monstros justificavam seu mal? Era assim que ele tinha justificado o sangue que tinha derramado enquanto estava aqui? Defendendo território? Ele podia sentir o sangue manchando suas mãos, ouvir os gemidos das mortes nos ouvidos, e tinha que lutar para se lembrar de que eles não tinham sido inocentes. Eles eram negociantes de drogas, assassinos, estupradores e animais. Não mais do que Diego, em si mesmo, era. Não mais do que o pai dele era. O tórax dele cerrou com o pensamento involuntário.

Ian se debruçou adiante, deitando os antebraços na escrivaninha, e respondeu friamente — Bons homens morrem para proteger o inocente. Você negocia com a morte, Diego. Da mesma maneira que eu negocio com ela agora. Não tente jogar perfume na merda para deixá-la mais apresentável. Você é um lorde da droga. Nós vendemos a morte para crianças. As prostituímos, dopamos e fazemos lucro com isto. Ponto final. Nós não somos leões protegendo nossa casa. Somos serpentes devorando os ovos da humanidade.

Diego piscou de volta para ele como que em surpresa. — Você pensou muito nisso, vejo. Por que está aqui então?

Porque ele não tinha nenhuma escolha. Porque era sua vida ou as vidas daqueles que se tornaram seus amigos, sua família. Ele era um homem, só. Eles eram homens com famílias, com amantes, com algo a perder.

— Esse era o acordo, lembra? — Ele lembrou Diego zombeteiramente, com fúria agora. Porque agora, ele tinha algo a perder. — Eu salvo o seu cartel de Sorrell e você me dá o que eu preciso para salvar meus amigos e tirar o espião que está entre nós. Uma troca simples.

— Sem emoções envolvidas?

— Droga, eu tomei a porra do seu nome. — Ian ergueu da cadeira em uma onda de fúria. — Que diabo você quer de mim, Diego?

— Quero que você me chame de pai! — Ele estava fora da cadeira também, a própria raiva solta, torcendo sua expressão em um gesto de ira sentimental. — Eu quero saber que assim que Sorrell morrer eu não terei que me preocupar com a sua faca na minha garganta. Que eu não terei que morrer pela mão do meu filho.



—Como os seus irmãos morreram pela sua mão?— Ian rosnou. —É isso, *pai*? Quer ter certeza de que o passado não venha te dar uma rasteira? Mas que porra!— Ian passou os dedos pelo cabelo antes de ir para longe do outro homem.

Diego empalideceu com a palavra “pai”. A esperança pulou em seus olhos como uma criança no Natal, enviando uma lâmina sentimental rasgando a alma de Ian.

Ele não sentiria clemência por este bastardo. Ele não lamentaria. Ele não se deixaria doer por coisas que nunca deveriam existir.

—Você... — Diego limpou a garganta à medida que pausava. —Você raramente se importa ou permite a minha opinião no que é importante.

Ian dobrou os ombros, com cuidado para manter as costas para o homem.

—Não importa agora. — Ele se sentiu moendo os dentes em fúria antes de se voltar para Diego. E viu, uma vez mais, as feições familiares que via no espelho todas as manhãs.

O cabelo e a cor dos olhos eram diferentes. Ian era ligeiramente mais alto, mas a forma do rosto, a curva dos lábios, o arco da sobrancelha, eram os mesmos. Ele tinha muito da aparência de seu progenitor, e outras coisas também. Coisas que ele não queria admitir, não queria enfrentar.

O sorriso de Diego era ligeiramente menos amargo, talvez mais esperançado, e Ian odiou isso. Ele odiou ainda mais sentir aquela punção de remorso.

—Para que diabo você entrou aqui?— Ian retrucou. —Eu tenho trabalho a fazer e reuniões hoje à noite. Não tenho tempo para as suas baboseiras.

Diego anuiu com a cabeça. —Sim, você está ocupado edificando o cartel, as pessoas e seu produto, assim como o protegendo. Estou aqui para dizer que a sua ideia de controle nos negócios não está boa para mim. Você me mostrará as novas rotas amanhã de manhã e começará a coordenar comigo uma vez mais. Você é uma força a ser contada, admito, mas não sou tão velho nem tão ineficaz a ponto de permitir ser jogado de lado. E há o pequeno assunto que se concluirá uma vez que Sorrell seja identificado. Se você for embora, não me deixará ignorante do meu próprio mundo.

Ian anuiu com a cabeça facilmente. —Concordo.

Diego seria tão morto quanto Sorrell quando isto estivesse terminado, então o que importava?



Surpresa chamejou nos olhos pretos do homem, surpresa, esperança, e Deus o ajudasse, amor de pai. Ian odiava a droga da emoção mais do que qualquer outra coisa. Filho da puta. Ele não queria isto. Ele não queria sentir. Ele não queria lamentar e apenas Deus sabia que ele não queria arriscar mais do que já tinha arriscado desde o começo.

—Nós nos encontraremos de manhã então. — Diego anuiu com a cabeça vivamente antes de ir rumo à porta. —Você e a sua adorável senhorita Porter jantarão comigo antes de você sair hoje à noite?— Ele girou enquanto agarrava a maçaneta e enfrentava Ian uma vez mais. —Eu tive o prazer de falar com ela novamente esta tarde na piscina. Ela é uma mulher inteligente, uma jovem bonita. Não exatamente o tipo de fêmea que te cercava em outras ocasiões.

Ian olhou para ele calado. Ele não iria mais discutir sobre Kira com este homem assim como não discutiria sobre a mãe.

Diego anuiu com a cabeça facilmente, aparentemente aceitando o silêncio. —Eu apreciaria sua companhia hoje à noite se você tiver tempo— ele disse finalmente. —Precisamos de tempo para conhecer um ao outro, Ian. Tempo para deixar o passado curar.

Ele não esperou resposta. Abriu a porta e sair antes de fechá-la atrás de si suavemente, deixando Ian sozinho.

Ele girou e enfrentou a parede, as mãos escoradas nos quadris enquanto inalava devagar, profundamente. Ele não tinha tempo para isso. Sorrell se moveria logo, assim que Antoli conseguisse capturar Ascarti do iate fortemente segurado ainda ancorado fora da costa de Aruba. Ainda que eles não pudessem capturá-lo, Sorrell saberia que sua identidade estava ameaçada mais do que nunca; ele viria até Ian.

Quase um ano de espera, assistindo, e estava quase terminado. Ele se certificaria de que estivesse terminado.

Voltando para a escrivaninha, ele parou no arquivo que continha os retratos que eles tinham tomado do iate nessa semana. Ascarti estava lá, assim como mais dois suspeitos além de dúzia não identificados. Deke estava trabalhando nas identificações enquanto Antoli e Trevor trabalhavam em tirar mais retratos e mandá-los para Ian.

O progresso podia ser contado em fases, Ian lembrou a si mesmo. Essa era apenas uma fase. Assegurar sua posição aqui, dentro da vida de Diego, dentro do cartel e de seus membros.



Quando estivesse terminado, o cartel cairia como um castelo de cartas. Teria ido. Sido levado para longe como o pó depois de uma boa limpeza. Essa era apenas outra fase para levar ao fim, e a emoção, o remorso que estava surgindo, mas que nunca se concretizaria, estaria acabado junto com a missão. Idealismo era jogo de tolo aqui. Não havia nada de ideal no mundo em que ele estava lutando, havia apenas o resultado no fim.

Havia apenas sucesso.

Pelo menos, era isso que ele dizia a si mesmo. O que ele tentava se convencer. A missão importava. O sucesso importava. A vingança importava, e nada mais.

Então, mas por que diabo seu coração se sentia como um ferimento aberto e por que ele se lembrava tão claramente daquela noite no deserto em que Nathan e seu pai o haviam salvado? Por que ele se lembrava de ter gritado por um pai que não existia?

Capítulo Vinte e um

Ela era chamada de Camaleão no subterrâneo em que operava desde seus vinte anos, mas naquela noite, Kira tinha que admitir que, quando a questão era se esconder sob as camadas de personalidade, Ian ganhava.

No momento em que ele tinha saído do escritório mais cedo naquele dia, ela sentiu a fúria cuidadosamente proibida logo abaixo da superfície. Uma fúria abastecida pelas emoções girando em seus olhos cor de licor. De alguma maneira, Diego tinha conseguido atingi-lo de um jeito que não tinha conseguido antes.

Ao longo do dia, Ian tinha conseguido esconder. Ele estava condescendente e paciente com Diego, rindo com seus guarda-costas, e representando o papel do herdeiro de um cartel de droga super importante. Mas Kira podia sentir a tensão que erguia dentro dele e não estava erguendo somente por causa da missão. Havia qualquer outra coisa, algo escuro, algo bravo que ela não podia colocar o dedo.

O humor dele continuou bem durante a noite, e quando o sol finalmente começou a se por, Kira se moveu para as portas largas da sacada que levavam ao quarto em vez da área de estar.



Daqui, ela podia ver o pavimento superior da vila que tinha arrendado e o brilho da luz no quarto que Daniel usava.

Essa não era a primeira missão que ela ficava com o guarda-costas não diretamente envolvido. Na realidade, teria sido estranho tê-lo envolvido em vez de assistindo das linhas secundárias, pronto para dar ajuda seria mais perigoso do que ela poderia lidar.

Enquanto ela se debruçava contra o suporte do telhado pesado e desviava a vista para a vila, um franzir se formou na sobrancelha. Ela podia jurar que teve um vislumbre de uma sombra adicional se movendo pelo quarto.

Ela estourou uma respiração áspera e enfiou a mão no bolso da calça capri de seda que usava, os dedos pegando o celular fino que carregava. Ela sabia que o Time Durango estava ali, sabia que algo estava sendo preparado, e isso a estava deixando louca.

Ian recusou, preto-no-branco, a se encontrar com seu antigo time, determinado a lidar com esta missão como a tinha começado sozinho. Só. Exceto por ela.

Ela tinha que admitir que estivesse um pouco surpresa por ele não ter tentado sequestrá-la e escondido em um local seguro até que tudo estivesse terminado. Ou até que ele estivesse morto.

Morto seria uma possibilidade se as informações que ela tinha escutado fossem verdade. O plano de Ian de enviar um time para capturar Ascarti, o homem suspeito de conhecer a verdadeira identidade de Sorrell. Até o DSI e as várias agências de execução da lei em torno do mundo mantinham as mãos longe dele. Eles tentavam colocar agentes perto dele, tentavam rastreá-lo, localizá-lo e espioná-lo, mas eles não tinham tentado tomá-lo porque a fúria de Sorrell seria muito perigosa. Quem pegasse Ascarti sentiria a força cheia da fúria do terrorista. A menos que conseguisse pegar Sorrell ao mesmo tempo.

Mas quem se importaria se essa fúria caísse sobre um cartel de droga e um desertor da Marinha dos Estados Unidos? Ela fechou os olhos e tragou de volta o nervosismo que erguia dentro de si. Ian estava continuamente empurrando Sorrell, desafiando-o indiretamente pelo fato de conseguiu descarrilar cada tentativa que o terrorista tinha feito contra o cartel.

Mas Ian tinha ido de defensiva a ofensiva esta semana quando pegou os dois homens responsáveis pelo disparo do projétil na limusine. E ele os havia matado.



Logicamente, Kira sabia que ele não tinha outra escolha. Uma vez que tinha pegado os homens, ele tinha que enviar uma mensagem a Sorrell. Ele não estava brincando. Estava protegendo seu próprio território. Mas ela tinha que admitir, ela não acreditava que ele faria isto. Como ela pensava que lidaria com isto, ela não estava certa, mas viu que ele estava mais duro, mais determinado do que ela tinha acreditado ser possível. Determinado o suficiente que o risco da vida de Diego Fuentes pelo filho era maior do que ela imaginava.

Ela precisava reportar isto, pelo menos para Daniel. Era seu trabalho assegurar de que Fuentes vivesse para cumprir seu acordo com os Estados Unidos e enviar ao DSI as informações vitais que ela obteve relativas aos terroristas e rumores de ataques, enquanto ele se mantinha nos negócios de droga.

O DSI não o prenderia, deteria, ou caso contrário atingiria diretamente seu principal centro de operações, e nem o governo colombiano o atingiria. O cartel de Fuentes era manipulado com luvas de pelica até que as drogas deixavam os laboratórios de processo; depois, era jogo puro.

Era um negócio sujo. Ian nunca a perdoaria ou ao próprio governo quando descobrisse a verdade.

Ela cruzou os braços protetoramente sobre os seios e abaixou a cabeça, tentando conter a própria culpa e impotência.

Inferno, Ian tinha o direito de sentir fúria, a necessidade de sangue. Ele não teve infância por causa da esposa cadela de Diego, Carmelita. E Nathan. Deus, o que Fuentes tinha feito a Nathan era nada menos do que diabólico. Um mal que o governo dos Estados Unidos estava protegendo.

O fim justificava os meios? Ela não sabia mais. Ela sabia que esta missão tinha mudado Ian. O tinha deixado mais duro, mais frio.

—Você está pensando muito.

Ela virou ao som da voz baixa de Ian da entrada aberta, o coração batendo forte no peito com o tom suave.

Ela acreditava nele duro, mas tinha ouvido algo mais em sua voz agora. Quase remorso. A expressão estava na sombra, mas ela podia sentir a tensão que irradiava dele.

—Apreciando a noite— ela disse com um sorriso enquanto ele se movia na direção dela. —É bonito aqui.



—E mortal. — Os braços dele foram ao redor dela, as mãos prendendo nos quadris e girando-a uma vez mais, até que ela enfrentou a vila. —Daniel não partiu.

—Ele não vai partir. — Ela se debruçou nele, quase fechando os olhos com o calor e a força que a cercava. —Você sabia que ele não iria.

—Nem eles— ele murmurou na orelha dela. —O Time Durango está ali com ele, Kira. Você e eu sabemos que eles estão. Eles vão acabar se matando se não saírem daqui.

—E você sabe que eles não irão— ela disse da mesma maneira suave. —Não mais do que você iria se um deles estivesse envolvido. Você tem que se encontrar com eles. Trabalhar com eles.

Ela sentiu os lábios dele contra seu pescoço enquanto uma mão puxava seu cabelo de volta do ombro.

—Essa não é briga deles. — Havia algo próxima da dor em sua voz. Ela queria ver seu rosto, queria ler as emoções lá, mas quando tentou girar, ele a segurou no lugar. —Olhe o telhado. A mão agarrou o queixo dela, girou a cabeça até que ela estava olhando para a extremidade do telhado inclinado. —Está vendo ali onde o telhado da sacada inclina para longe do lado da casa? As sombras são mais escuras lá, mas há uma vaga sugestão de sombra muito mais escura. Você pode ver agora?

Não podia ser uma forma humana; o leve refletir do luar contra o negro era muito enfadonho, muito fino.

—Estou vendo.

—É uma lente especial que o Macey tem. O tipo que um telescópio usaria. Ele está escondido no canto, aquele telescópio está em nós, nos assistindo. Macey se masturba assistindo. Havia uma sugestão crua de carinho, de riso, na voz.

—Ele é um perverso— ela concordou, um sorriso arrastando nos lábios.

—Isso também. — Ele beliscou a orelha dela. —Eu terei que chutar o traseiro dele por deixá-la saber que ele é um perverso.

Kira bufou. —Tudo o que se tem que fazer é dizer oi para aquele homem e você pode dizer que ele é um perverso. Ele não disse uma palavra.

Ian riu. —Ele não tem nenhuma vergonha. Nenhuma modéstia. Nenhuma humildade.



—Soa como o Macey que eu conheço. — Ela manteve a voz tão suave quanto a dele, apenas mais do que uma respiração.

—Reno e Clint estarão na casa com Daniel. Kell está mais provavelmente reclamando pelos arredores, assistindo e esperando. Inferno, aquele bastardo poderia estar pendurado na sacada e você não saberia até que fosse muito tarde. Nós não o chamamos de Cajun Aligátor por nada, sabe.

—O que Reno e Clint estão fazendo?— Ela perguntou, desesperada para ouvir aquele afeto, aquela lealdade que estava certa de que ele não tinha nenhuma ideia de que estava revelando.

—Reno está conspirando. — Os braços apertaram ao redor dela. —Macey está transmitindo um sinal daqui, tentando nos ouvir com aquele microfone especial que ele tem, mas o bloqueador no quarto está interferindo. Aposto que ele está puto por causa disto. Reno está tentando compreender como fazer contato sem comprometer o time, ou a mim. Clint está examinando cuidadosamente as informações que eles têm, tentando antecipar meu próximo movimento, compreender onde me atocaiar. Ele estava hoje lá no Coronado, disfarçado, me assistindo. Ele está, provavelmente, me xingando. Reno está meditando. Reno pode ser inquietante quando fica meditando. — Lamento vislumbrava sua voz. —Eu consegui evitá-los. Não devem estar gostando nada disso.

Ela olhou fixamente para a vila, no ponto onde Macey os estava assistindo com a lente. — Você vai contatá-los, não é?

Ele beliscou a orelha dela, trazendo uma exclamação suave dela.

—Você sabe que ele lê lábios, sua pequena petulante— ele rosnou antes da língua deslizar sobre a sua pequena provocadora.

—Por que mantê-los se perguntando?

—Porque eles estão colocando os narizes onde não são chamados. — A raiva espessou a voz dele agora. —A esposa de Reno, Raven, acabou de ter o bebê. O menino, Morgan, não tem mais do que algumas semanas. Reno suou muito para pegar a licença de três meses para ficar com eles lá, para poder ficar com o menino. Clint casou recentemente. Apenas alguns meses. Ele veio de volta de sua lua de mel mais cedo para cá. Kell adiou seu casamento com Emily, você sabia?

Ela agitou a cabeça. Ela não sabia que eles tinham marcado a data.



—É melhor que eu receba meu convite. —Ela fez uma carranca. —Ela me prometeu que eu poderia ser uma das damas de honra.

—Se você viver o suficiente?— Os lábios dele apertaram contra o pescoço dela por um longo e agonizante momento antes de ir para longe dela.

Kira girou e o assistiu enquanto ele debruçava um quadril contra a barra horizontal, os braços cruzando sobre o peito enquanto a encarava. Ele não estava bravo com ela. Preocupado. Estava irritado e da mesma maneira ciente de que as coisas iriam rumo ao final logo.

—Os meninos do projétil de Sorrell foram mortos esta tarde. —Ele suspirou exausto. —Eles vão seguir Ascarti antes do amanhecer.

Kira estourou uma respiração áspera. —Ascarti é suspeito de saber a identidade dele, porém não houve a confirmação.

—Eu consegui minha confirmação hoje. Um homem não mente quando tem um gancho de arame ligado nas bolas. — A voz dele não era dura o suficiente para esconder o tom de auto repúdio. —Eu disse que Antoli os matasse depois que estivesse certo de que tinha todas as informações que poderia conseguir. Um único tiro entre os olhos.

—Você teve alguma outra escolha?— Ele não tinha, mas ouvir a raiva e a dor em sua voz com a decisão fez algo dentro dela aliviar.

—Sempre há escolhas, Kira. — Ele agitou a cabeça com a pergunta. —Era o caminho mais simples de mostrar a Sorrell que eu queria dizer negócios. Qualquer outra coisa não teria alcançado seu pequeno radar.

—Então você não podia mais nada. — Ela encolheu os ombros. —Eles não eram homens, Ian. Eram monstros. Negociavam com a morte diariamente, ela finalmente os alcançou.

—Não há nenhuma culpa, não se engane. — Ele grunhiu, a expressão apertada agora. — Raiva talvez. Muita dirigida a mim mesmo. Eu deixei este jogo continuar por muito tempo. É hora de terminar.

—Então você vai fazer algo que trará Sorrell da toca. Ascarti não é importante. Se ele fosse, então alguém teria tentado isto antes. Pense sobre isso, Ian. Eu sei que você queira mantê-los fora disto, mas não tome Ascarti até conversar com os outros. Trabalhe com eles. Se eles não tivessem



nada de valor a acrescentar, não estariam tentando te contatar em vez de apenas te assistir. Você sabe disso assim como eu.

Ele estourou uma respiração áspera. — Macey está tentando me contatar pelo telefone seguro há dias.

Ela podia ver nos olhos dele. Ele sabia que eles tinham algo, sabia que eles não seriam tão insistentes a menos fosse de importância vital. Eles teriam meramente assistido e esperado, cobrindo-o como pudessem.

—Eu não os quero envolvidos nisso— ele disse então. —Eu não queria você nisto.

—Eles são seus amigos. Você realmente pensou que poderia convencê-los de que você virou um bandido? Eles não são estúpidos, Ian.

—Eu não seria o primeiro a sair para uma vida de crime. — Ele fez uma careta em desgosto. —Acontece frequentemente.

—Não com você. Você não ameaça, você defende. Eles sabem disso. Se você queria convencê-los de que era todo mal e diabólico então talvez você devesse ter começado antes da operação de Atlanta.

Ele grunhiu com isso antes de puxar o celular da cintura e apertar o botão programado para o celular de Antoli.

Ian não gostava de admitir que ela estava certa, ela sabia disto. E ele com toda a certeza não gostava de admitir o Time Durango em sua operação. Não porque ele era o líder, mas porque Ian sentia que o risco era apenas dele, e de ninguém mais.

—Atrase a captura— Ian ordenou ao telefone, o olhar preso no dela, um franzir meditativo entre as sobrancelhas. —Eu te contatarei ao amanhecer com ordens adicionais.

Segundos mais tarde ele desconectou o telefonema e agitou a cabeça, exausto.

—Entraremos sorrateiramente na vila em duas horas— ele disse a ela. —Vista-se para se misturar com a noite e eu deixarei Deke saber que nós estaremos lá fora.

Ela começou a concordar com a cabeça. A mão de Ian estava ao redor de seu pescoço, enquanto o braço oposto enganchava ao redor de sua cintura e a arrastava contra seu corpo. Os lábios desceram para os dela com uma fome que a secou. A língua foi entre os lábios, saboreou, então um grunhido faminto roncou em sua garganta enquanto ele começava a aprofundar o beijo.



Todos os pensamentos de encontrar com o Time Durango ou mesmo de respirar ficaram subjugados com o prazer ígneo e crescente de seu toque.

Era sempre assim. Ele podia roubar sua mente com um único olhar faminto e chamuscar seus sentidos com o mais leve toque. Ele era seu vício, e ela rezou a Deus para nunca ter que se curar.

—Quando isto estiver terminado. — Ele recuou apenas o suficiente para falar, então tomou outro pequeno beijo faminto. —Quando estiver terminado, nós discutiremos o seu hábito de colocar o nariz nos meus negócios.

—Certo— ela concordou prontamente, enquanto os braços apertavam ao redor do pescoço dele para trazer os lábios dele de volta para os dela.

Outro beijo afiado e ardente e ele foi para longe, olhando fixamente para ela abaixo, o olhar queimando no dela, faminto e intenso. E bravo. Ela podia ver as emoções rodopiando dentro dele, rasgando-o. Ela podia senti-las. Chicoteavam no ar ao redor dela, queimavam por sua alma.

—O que mais está acontecendo, Ian?— Ela perguntou, erguendo a mão para tocar em sua bochecha encrespada. —O que aconteceu com Diego no escritório?

Ele se moveu para mais distante dela, o olhar indo para longe enquanto ele desviava a vista para a distância, a expressão ficando dura, fixa.

—Nada aconteceu— ele rosnou. —Sairemos em duas horas. Certifique-se que esteja pronta ou eu te deixarei aqui com Deke.

—Não. — Ela pegou o braço dele enquanto ele girava para ir. —Não se feche assim comigo, Ian. Diga-me o que está acontecendo.

O bíceps dele dobrou sob a alça, apertando perigosamente enquanto ele olhava para ela.

—Nada que se aplica a esta missão— ele a informou, a voz áspera austera, a qualidade quase arruinada pelo ranger. —Nada que se aplique a qualquer coisa exceto remorso, Kira. E isto é algo que eu não posso lidar agora mesmo. Nós lidaremos com isso quando estiver terminado.

Ele se soltou dela e recuou para o quarto enquanto Kira o seguia, o coração doendo, a necessidade de aliviar a dor dele, ou pelo menos uma parte dela, espessando sua garganta.

—Nós temos duas horas— ela disse a ele, movendo-se para as costas dele, as mãos deslizando em sua barriga suavemente ao redor da cintura.



Ela deitou a cabeça nas costas dele, sentindo a tensão crescer dentro dele. —Nós podíamos gastar alguns minutos.

—Você acha que alguns minutos são tudo o que eu preciso com você?— Ele pegou as mãos enquanto elas deslizavam pela faixa de sua calça. —Nunca é o suficiente, Kira.

—Então algumas dúzias de minutos. — Ela sorriu amplamente para ele à medida que ele girava, a luminária baixa na cabeceira sombreando suas feições escuras, barbaramente afiadas.

—Você não quer isso de mim agora. — As mãos agarraram os braços dela, o aperto firme enquanto a raiva subia à superfície e queimava nos olhos. —Fique para trás, Kira.

—Por quê?— Ela não faria isso de jeito nenhum. —Então você pode se manter nesse escudo tão frio e duro quanto quiser. Diga-me, Ian, não é triste ficar tão sozinho?

Os lábios dele aplainaram. —Você não sabe o que está falando.

—Não sei?— Ela sorriu de volta para ele zombeteiramente. —Você tem que fazer tudo só. O time que você tem com você, você não tinha nenhuma lealdade antes dessa tarefa. Eles não são importantes para você. Nada neste negócio é importante para você, exceto o resultado no fim. Ninguém ou nada pode ser usado contra você, Ian. Até mesmo eu.

O rosto dele endureceu mais. —Infelizmente, você pode ser — ele sibilou. —Você se certificou disto.

Choque ressoou por ela, abrindo os lábios com a emoção que aparecia na voz dele, em sua expressão. Como um véu erguendo para revelar a alma do homem que ela apenas tinha sentido antes. Ela o havia visto. Torturado, faminto, ferido.

—Maldição, você— ele amaldiçoou de repente, puxando-a para ele, as mãos puxando a barra elástica da cintura da calça capri de seda. O tecido rasgou, cortado em tiras, o som um silvo erótico enquanto ele rosnava. —Eu te disse. Te adverti. Você não me queria assim.

—Eu te quero de qualquer modo que posso te ter— Kira ofegou, sentindo a mão dele agarrando o decote de sua blusa. Os botões abriram e o pano rasgou, os fragmentos foram puxados dela e jogados para o lado. —Ian, você continua rasgando as minhas roupas.

—Fodam-se as roupas. — Os lábios foram para o pescoço dela enquanto ele a erguia nos braços, arrastando os seios sobre o tecido de sua camisa enquanto ele se movia para a cama. —Eu te comprarei mais depois.



Ele a jogou no colchão, seguindo-a depressa, vindo depois dela e roubando seus lábios em outro daqueles beijos de destruir a alma. Duros e fundos, a língua deslizando pela boca, os lábios movendo sobre os dela, batendo sobre eles. O calor deles queimava seu cérebro, erguia a necessidade com tal intensidade violenta que ela se sentiu esbofeteada por ela.

Ele não se deu ao trabalho de se despir. Uma mão segurava os pulsos dela juntos, segurando-os acima da cabeça, enquanto o outro abria o cinto e o botão da calça. O zíper deslizou enquanto ele usava os joelhos para separar as coxas dela, e dentro de segundos, a cabeça inchada de seu membro estava apertando dentro dela.

Ele não a tomou fácil. Ele não a tomou lentamente. Com um palavrão murmurado e um grunhido desesperado, ele foi dentro dela, forçando o tecido aquecido e os fluidos lisos até que ele estava enterrado até o cabo.

O prazer rasgou por Kira. As terminações nervosas ardiam com brilhantes e intensas sensações, e pulsavam com a necessidade de mais. O clitóris estava inchado e desesperado, os músculos da buceta cerrando e apertando sua ereção.

—Estar dentro de você é como o céu— ele gemeu enquanto a cabeça caía para o ombro dela, os lábios deslizado sobre ele com fome. —É como estar cercado por fogo sedoso.

Os quadris dele flexionaram, acariciando o membro dentro dela, roçando a cabeça espessa nas terminações nervosas tão sensíveis que a fricção roubou sua respiração.

—Segure-se em mim, Kira. — A voz era tão áspera, tão baixa, ela mal ouviu as palavras. — Deus me ajude, segure-se em mim.

Ela congelou por um momento. Apenas um momento, longo o suficiente para permitir a emoção quebrada na voz dele ser registrada pelo cérebro. A necessidade que ela podia sentir apertando o corpo dele, a necessidade não apenas sexual, algo mais, algo mais escuro e mais corajoso do que a mera luxúria. Algo que ele estava tentando esconder de si mesmo.

Os braços apertaram ao redor do pescoço dele enquanto uma das mãos dele apertava seu quadril, o outro, os pulsos. Ele impedia o próprio peso de esmagá-la com um cotovelo enquanto os quadris começavam a se mover.

Estes não eram golpes deliberados, sensuais. Eram descuidados, primitivos. Não era apenas ao clímax que ele estava se agarrando, e a intensidade daquela fome primitiva rasgou pelos



sentidos dela. Ela podia senti-lo. Ela nunca tinha sentido outro homem tão claro até a alma deste modo. Nunca tinha sentido nada tão profundo.

Mas era onde ele a tocava. Ele a fodia com desespero, o membro enterrando nela repetidamente, acariciando as chamas de fome e necessidade, tornando-as mais altas, mais quentes. O prazer alimentava a emoção. A sensação alimentava a necessidade até que Kira explodiu em um orgasmo com um poder que enviou fragmentos brilhantes de luz explodindo atrás de suas pálpebras.

—Maldição você— ele a amaldiçoou, a voz mais quebrada do que o normal, o corpo estremecendo enquanto ele continuava a empurrar para sua própria liberação. Uma liberação que derramava dentro dela em vez de em um preservativo, as ondas de prazer correndo por ela. —Maldita você por fazer isso comigo.

Ela se segurou mais a ele, sentindo mais do que as palavras estavam dizendo. Sim, ele a condenava, e às vezes ela se condenava por forçá-lo nessa operação. Eles tinham conseguido proteger seus corações até agora. A única diferença entre eles era que Kira estava cansada de lutar. Ela pertencia a ele, e não negaria isto.

—Eu amo você, Ian. — Ofegando, girando de prazer, ela fez o voto novamente. —Eu amo você.

—Maldita.

Ela não podia evitar, e sorriu. Tristemente. Com uma sensação de esperança e uma consciência do perigo que ela tinha colocado ambos. As emoções de Ian estavam envolvidas agora, ele querendo admitir ou não. Agora, os dois tinham uma fraqueza.

Capítulo Vinte e dois

Ela estava dentro dele, em sua alma, e não havia nenhuma forma de tirá-la dele. Ian a cobria enquanto eles entravam na vila e abriam caminho ao lado da cerca de pedra para a vila que Kira tinha arrendado pelo verão. Ele se certificou de que as costas dela não estivessem vulneráveis, que ninguém visse a forma obscura vestida de preto entrando na casa.



Ele estava mais preocupado com a proteção dela do que de si próprio. Em mantê-la segura em vez de avançar na missão tão depressa quanto possível.

Putá que pariu, ele sabia que isso aconteceria. Sabia que ela se tornaria tão importante que ele não a veria como uma igual, ou como uma companheira. Tudo o que ele via quando a olhava era a carne sedosa e os gritos apaixonados. Como ela se segurava nele quando ele a amava, como ela estremecia na liberação em seus braços.

Ela estava partindo o coração dele e nem mesmo sabia. Quebrando escudos que ele tinha começado a erguer naquela paisagem deserta há mais de vinte anos, e fortalecido ao longo dos anos seguintes. As proteções contra a perda, que retesavam a fome dentro dele por algo mais, algo mais profundo do que qualquer relação que ele já tivera antes.

Eles estavam se moldando agora, quebrando embaixo de cada toque, cada sussurro na orelha dele que ela o amava. Uma parte dele ficava em glória, a outra parte lutava freneticamente para reconstruir as defesas que já estavam quebradas além do conserto. Porque tudo que ele podia pensar era sobre a vida sem ela. Se Sorrell conseguisse matá-la, se ele a levasse, se algo acontecesse para tomá-la dele.

A existência deserta que ele conhecera antes dela era muito escura, muito brutal para aguentar.

Depois de cruzar a cerca de pedra, eles se abaixaram lado a lado, inspecionando cuidadosamente a paisagem escurecida. Ele ordenou aos guardas de Fuentes a ficarem longe de Kira e seu guarda-costas, e as ordens eram obedecidas normalmente ao pé da letra. O sangue que ele havia derramado no princípio de seu mando no cartel de Fuentes tinha assegurado isto.

Mas aqui e ali Diego conseguia assegurar a lealdade de um soldado. Ele não podia estar certo de que eles não estavam sendo assistidos, mas sabia que não estavam sendo seguidos. Deke estaria procurando espiões, e se eles estivessem lá fora, ele teria o relatório quando Ian retornasse.

—Está limpo— Kira sussurrou, girando até que o rosto estava diretamente abaixo do dele. — Ele teria Macey e Kell aqui se houvesse algo.

—Eles estavam aqui fora— ele murmurou. —Kell ainda está aqui fora, confie em mim.

Ele olhou para o rosto virado para cima, as feições delicadas, os olhos raramente coloridos, e sentiu o aperto no coração novamente antes de olhar ao redor cuidadosamente.



Agora não era a hora de ficar hipnotizado pela mulher ao seu lado. Ela era sua companheira aqui, ela não exigiria nada menos. Ele a cobriria com o melhor de sua habilidade, e isso significava se certificar dos sentidos estarem sempre em alerta.

Os óculos de proteção de visão noturna que ele usava mostravam tudo, exceto sinal de vida humana. Kell estava melhorando. Na última vez que eles tinham praticado cautela, Ian pôde localizá-lo facilmente.

—Fique perto da parede— ele ordenou. —Mova-se ao redor até que alcancemos os fundos da casa; há folhagem o suficiente lá para nos manter na sombra e a visão noturna pode ver além das pedras.

Ela anuiu com a cabeça enquanto se abaixava e começava a se mover cuidadosamente ao longo da parede.

O pequeno traseiro atrevido dela estava logo abaixo do rosto dele e ele sentiu suor brotar na testa. Aquela parte particular da anatomia dela tinha a habilidade de fazer seu pau inchar impossivelmente duro, apesar da liberação que ele tinha experimentado menos de duas horas antes.

Agitando a cabeça e girando, ele varreu a área novamente, dando atenção particular ao topo da parede e os galhos das árvores que cresciam ao longo da lateral da propriedade.

Dentro de minutos eles pausaram diretamente em frente às portas da varanda, escondida pela parede em suas costas e a paisagem em ziguezague na jarda.

Usando sinais da mão, ele dirigiu a rota para ela, então a assistiu, a arma firme na mão enquanto ela cruzava metade da distância e se esquivava atrás da enorme fonte de cimento. Pausando, ela varreu a área antes de voltar para ele e segurou a própria arma pronta.

Ian se moveu depressa para sua posição, então, ficando perto das costas dela, empurrou-a em direção à porta da varanda que tinha sido deixada aberta.

Claro que o time estava esperando por eles e ele não tinha nenhuma dúvida de que Kell estava cobrindo suas costas o caminho inteiro. Ele e Macey. Ian podia sentir, sentir a segurança e a sensação de trabalho em equipe que sempre os seguiam nas missões que eles eram atribuídos para trabalharem juntos.



Eles se moveram depressa sobre a varanda abrigada, se endireitaram e foram para a sala de café da manhã ao lado.

Com as armas prontas na lateral do corpo, Ian entrou primeiro, movendo-se depressa para o lado, erguendo a arma ao ver a figura de pé, braços firmes ao lado do corpo enquanto Kira varria o local.

—A casa está segura— Clint os informou, a voz baixa. —Venham para a sala de estar. Kell e Macey estarão de volta assim que varrerem quaisquer sombras se movimentando.

Ian guardou a arma lentamente no coldre e então tirou os óculos de proteção e olhou para o homem que tinha chamado de amigo oito meses antes.

Ele ficou atento; a antiga e fácil familiaridade com o capitão-tenente não necessitava de protocolo militar em tais colocações, mas por alguma razão, o gesto de respeito foi ativado intuitivamente.

—Bastardo— Clint rosnou. —Fique tranquilo, tenente. Isto não é uma porra de um pelotão de fuzilamento.

Mas ele com toda a certeza se sentia em um.

Clint estava quieto então, assistindo-os com intensidade enquanto Kira colocava a própria arma no coldre e removia os próprios óculos de proteção.

—Há quanto tempo vocês estão instalados aqui?— Ian perguntou enquanto Clint girava para ir pela casa.

—Desde a noite em que você instalou Kira na vila do Fuentes— Clint respondeu, a voz ácida. —Claro que você já sabia. Você tem um dos seus homens assistindo este lugar como um crocodilo que fica de olho na carne fresca.

Os lábios de Ian ergueram. Ele esperaria ouvir isso de Kell, não de Clint.

—Eu pensei que você entenderia quando eu deixasse a mensagem para ficar fora disso.

—Segredos de Assassino?— Clint grunhiu. —Sim, até parece que nós apenas deixaríamos o caminho livre para você, mano. Esqueça, 'Segredos de Assassino' são apenas para empenhos pessoais, não cartéis de droga.

—Laços de família não fazem isto ser pessoal então?— Ian retrucou.

Diabos, o que eles queriam, detalhes tim tim por tim tim de como isso era pessoal para ele?



—Isso quase resume tudo, Richards— Clint rosnou, voltando-se para ele, raiva apertando as feições. — Cartéis de drogas e terroristas não identificados não se aplicam. Lembre-se disto.

Clint estava puto, não havia dúvida. Ian passou os dedos pelo cabelo e agitou a cabeça com o pensamento.

—Putá que pariu, McIntyre— ele xingou. —Por que eu apenas não arrasto todos vocês para isto já que Diego conhece os rostos de vocês tão bem. Eu poderia tê-lo assistido te matar como o vi matar aquela empregada. O cérebro espirrando na parede antes que ela tivesse tempo de perceber que estava morta. Inferno, sim, eu não teria que lidar com o seu traseiro teimoso agora mesmo se eu tivesse feito isso.

Clint o circulou, os lábios afinando, os músculos da mandíbula em espasmos perigosos. Clint não era um homem para se zangar, mas Ian tinha descoberto como zangar o mais perigoso de todos eles. A fúria no rosto do outro homem não tinha o poder que tivera um dia.

Ele encontrou a raiva frontal de Clint. Sem desculpa. Ele não se desculparia por nada disto.

O olhar de Clint foi cortante para Kira então. —Você está relaxando, Agente Porter. Achei que o teria na linha essa hora. Ensine a ele alguns modos.

—Ele ainda é um trabalho em desenvolvimento— ela disse lentamente, a sugestão de um sotaque do sul fazendo as bolas de Ian estremecerem em fome apesar da tensão na sala.

Quando os dedos dela entraram sorrateiramente em seu braço, e ela se alinhou ao seu lado, algo se moveu dentro dele. Outros tinham ficado na frente dele, ou atrás; ele nunca tinha deixado alguém, homem ou mulher, permanecer ao seu lado de tal modo.

O sentimento que o varreu o fez lutar para se conter, manter as malditas mãos para si mesmo. Ao invés, seu braço deslizou ao redor dela, puxando-a para seu lado, desesperado para senti-la contra ele.

Os lábios de Clint ergueram. —Continue trabalhando nele, ele pode ter potencial. Entre aqui, temos algumas merdas sérias. Estávamos planejando arrombar o quarto de Ian hoje à noite. Agradecidamente, você nos evitou um problema.

Os olhos de Ian estreitaram enquanto ele seguia Clint pela vila. Se eles estavam considerado um movimento tão potencialmente perigoso, então a situação estava além da merda. Eles sabiam da operação, isso era evidente; mover até ele poderia ter contrariado as regras da coisa toda.



—Há modos de fazer contato— Ian o lembrou.

—Certo, há— Clint rosnou. —Modos em que as informações podem vazar também. Do que eu sei você está sob um blecaute total até que esta missão esteja completada. Eu conversei com o seu padrasto; até ele não ouviu nada. Nós não estávamos para afundar este barco indo por canais que possivelmente poderiam incluir outro sórdido espiãozinho do Sorrell. Ir direto à fonte. Eu gosto disso.

A amargura enchia a sua voz, a mesma amargura que enchia todos eles quando perceberam como eficazmente os canais do governo tinham sido infiltrados por espões do Sorrell.

—Eu preciso acabar com isso— Ian o informou. —Tenho homens esperando para agarrar Ascarti se for necessário. A oportunidade é agora ou nunca.

—Nunca. —Clint foi à frente para a sala de estar mais formal.

—Ascarti não é o que você quer. —Reno andou das sombras do quarto, embalando uma M-16 enquanto olhava Ian silenciosamente. —É bom te ver novamente, Ian.

—Reno. —Ian anuiu com a cabeça, então olhou rapidamente para a arma nos braços dele questionadoramente.

—Segurança. —Reno encolheu os ombros. —Macey e Kell estão a caminho de volta; até lá, há coisas para proteger.

—Há? —Além dos próprios traseiros arrependidos? Mas por que diabo eles pensavam que ele era um risco neste momento, ele não estava certo.

—Há uma razão pela qual tentamos te contatar por uma semana, Ian— Clint rosnou. —Você tem a cabeça no traseiro? Desde quando você pensou que nós arriscaríamos uma operação?

—Desde que as informações gerais diziam que eu era um desertor e traidor— Ian retrucou de volta, sentindo a mão de Kira esfregar contra suas costas em advertência.

Inferno, por que isso aliviava a raiva que começava a subir dentro dele? Mas que tipo de apelo ela tinha nele afinal de contas? O que quer que fosse, aliviava a tensão violenta subindo dentro dele e fez os outros dois homens o assistirem com sorrisos sabedores.

—Você acreditaria que eu traí meu país, Ian?— Reno perguntou então. —Melhor ainda, você teria acreditado se fosse Nathan, não importando a evidência?

—Eu construí a evidência— Ian os lembrou. —Era boa.



—Um pouco boa demais— Reno concordou. —Eu te chutarei no traseiro por me levar para longe da minha esposa e filho depois de estivermos acabados aqui. Até lá, temos detalhes para ajustar.

Macey e Kell entraram na sala.

—Retardado— Macey murmurou enquanto passava por ele. —Tolo. O mínimo que você poderia ter feito era nos deixar ter alguma diversão também.

Kell riu e se moveu através da sala-quarto para se estatelar fortemente no sofá ao longo da parede.

—Tudo limpo. Temos os monitores no lugar, assim como os sensores de movimento. Estamos seguros por enquanto.

—Os bloqueadores estão no lugar— Macey reportou. —A vila parece bem quieta. O velho Fuentes se retirou pelo que pude ver. Ele gosta da solidão?— Macey olhou rapidamente para Ian.

—Ele gosta da sala de jogos lá embaixo— Ian retrucou. —E a mulher jovem e bonita disposta a brincar com ele.

Os outros fizeram caretas.

—Vocês todos estão aqui, agora que diabo está acontecendo? Para que eu adiei a captura de Ascarti?

—Para mim, Tenente Richards.

Ian tirou a arma do coldre, girando para a abertura sombreada que levava ao outro cômodo e a mulher jovem e delicada que andava nele.

Ele a reconheceu. Uma frequentadora de alguns clubes nos últimos meses. Cabelo vermelho, olhos verdes assustados e alertas.

—Tehya?— A voz de Kira estava marcada pela surpresa enquanto ela tocava o braço de Ian, indicando que ele podia guardar a arma.

Os outros se sentaram ou ergueram, obviamente bem cientes da presença dela antes de ela entrar na sala.

—Você a conhece?— Ian questionou firmemente.

—Tehya Talamosi— ela declarou. —Eu apenas não estou certa do porquê ela está aqui.



—É bom te ver novamente, Kira. —Tehya anuiu com a cabeça quase cerimoniosamente na direção de Kira. —Faz alguns anos.

—Tehya.

Ian podia sentir a tensão na voz de Kira agora; ela parecia estar fora de equilíbrio como ele se sentia.

—Por que ela está aqui?— Ian abaixou a arma cuidadosamente. —Espero que seja bom, Reno, porque estou pronto para chutar os seus traseiros por arriscarem esta missão deste modo.

Os lábios de Tehya curvaram com uma extremidade de amargura. —Não é culpa deles, Tenente Richards. Uma vez que eles descobriram por que eu estava aqui, eles realmente não tiveram nenhuma outra escolha. Nós temos uma meta mútua, e eu posso ajudar.

Ela não podia ter mais de vinte e dois ou vinte e três anos no máximo. E era tão delicada que era difícil vê-la como adulta.

—E no que você pode ajudar?— Ian rosnou. —A menos que possa identificar Sorrell para nós.

—Eu posso fazer melhor do que isto. Eu posso trazer Sorrell para você. Eu sou a filha dele, sabe. Não há nenhuma isca melhor na face da Terra.

Ian não podia acreditar. Não podia ser tão simples.

—Você pode identificá-lo?

Os lábios dela diminuíram. —Infelizmente, não seu rosto. Se fosse tão simples, eu teria enviado as informações disponíveis para suas agências de execução terrorista anos atrás. Eu não conheço o rosto dele, mas conheço a voz e conheço a marca que ele carrega. Eu posso dá-lo a você, e você pode matá-lo para mim.

Antecipação ondulava por Ian. Ele sentia Kira tensa ao lado dele, viu a satisfação refletida nos olhos dos outros homens.

Era isso que eles estavam esperando. Anos de investigações, de planejamento. Eles tinham ouvido sobre a esposa e a filha que tinham fugido de Sorrell anos antes. A esposa tinha acabado de ser morta na Nicarágua, mas a filha tinha se tornando um rumor. Uma lenda urbana criada pelos agentes desesperados para identificar Sorrell.



A subida de vinte anos de Sorrell dentro da comunidade terrorista subterrânea tinha sido sutil. As viradas de poder tinham sido feitas por homens trabalhando diretamente abaixo dele, ainda que nunca o vendo. De alguma maneira, Sorrell tinha administrado as finanças e construído um império dentro do mercado de escravos brancos antes de correr para o terrorismo, e tinha feito tudo sem ser identificado. Não existia nenhuma suspeita forte desde que o nome dele havia aparecido. Ele era uma anomalia, uma sombra.

—Eu conheço Tehya, Ian— Kira murmurou. —Eu sabia que ela estava em algo, mas não sabia dizer o quê.

O pequeno nariz atrevido da Tehya enrugou enquanto os lábios apertaram.

—Quando a minha mãe fugiu de Sorrell eu tinha apenas três anos. Ela me colocou em um convento enquanto continuava a fugir. As boas irmãs de lá sabiam que eu estava em perigo. Elas me protegeram. Sorrell levou apenas alguns meses para achá-la e matá-la. Uma das freiras me acordou uma noite e nós fugimos do convento. Ele foi todo queimado ao amanhecer com seis freiras do lado de dentro. O relatório do juiz que investigou a morte suspeita declarou que pelo menos um dos corpos tinha sido torturado antes do convento ser queimado. Eu estou fugindo desde então. Sempre apenas alguns passos à frente dele, sempre lutando pela sobrevivência.

—Então por que se mover contra ele agora?— Ian não era do tipo confiante e não acreditava em nada de mão beijada.

Teyha suspirou antes de olhar rapidamente atrás de si para Reno. —Quando você desertou e tomou as rédeas do cartel a tempo de afastar Sorrell de assumir o comando, eu soube que estava na hora de agir. Ele está se aproximando de mim, me rastreando. Ele achou a freira que me criou há mais ou menos dez anos. Ela sabia que Sorrell estava perto de nos achar. Ela me colocou aos cuidados de um padre que a conhecia bem e fez a mesma coisa que a minha mãe. Ela continuou fugindo. Eu não tenho dúvida de que ela deu a eles uma descrição confiável minha antes dos homens dele a assassinarem porque dentro de meses o padre e eu estávamos fugindo também. Nós fugimos por anos antes de ele achar alguém que achou que poderia me proteger melhor do que ele. Minha vida foi cheia com sangue, Tenente. Depois que o padre foi morto, eu fugi do marinheiro aposentado ao qual ele me deixou aos cuidados. Dentro de meses ele estava morto, e



eu estava só. Estou só desde os dezessete anos, lutando para ficar fora das mãos de Sorrell, sempre ciente do futuro que me aguarda se ele me pegar. O único modo de eu ficar segura é ele morrer.

Enquanto ela falava, a voz ia espessando com lágrimas não choradas, com o horror da vida que tinha vivido. Kira se moveu do lado dele e caminhou até ela, os braços indo em torno da menina mais jovem enquanto ela ficava de pé no centro do cômodo, a cabeça erguida, os lábios tremendo, tomando a responsabilidade sozinha nos ombros esbeltos das vidas que o pai dela tinha destruído.

—Ela veio para a Aruba pedir a sua ajuda. — Reno avançou então. —Macey a viu várias vezes no Coronado, assistindo você, tentando chegar perto de você. Kell pegou-a tentando entrar sorrateiramente na propriedade de Fuentes uma semana atrás. Ele a convenceu de que a manteríamos segura até formar um plano.

—Por que não a deixou vir a mim? — Ian retrucou.

—Porque um dos soldados mais confiáveis de Fuentes está reportando a Ascarti, Ian. O primo dele, Muriel. Ela teria ido para uma emboscada assim que entrasse na vila de Diego.

Ian congelou por dentro. Muriel era uma das poucas dentro da organização de Fuentes que Ian tinha escolhido a dedo para proteger a vila e Diego.

—Temos prova?— Ele estava ciente do olhar de Kira virando para ele enquanto ela lentamente soltava Teyha.

Reno se moveu para a pequena mesa na lateral da sala e ergueu um arquivo. Ele o deu para Ian lentamente.

Havia fotos digitais impressas em cores vivas que mostravam Muriel e Ascarti se encontrando. A troca de um envelope e Muriel dando fotografias para o homem. Fotos de dentro da vila e os arredores assim como fotos de Ian com vários provedores e transportadores.

—Ian. — Kira andou de volta para ele.

—Ele estará na vila de manhã com Diego— Ian disse friamente. —Nós o pegaremos e faremos Antoli interrogá-lo.

—Antoli é bom no que faz. Você sabe que ele é uma fraude dentro do Serviço de Segurança Federal Rússia, não sabe?



—Estou ciente disto. —Ian continuava a olhar para as fotos enquanto lutava contra o conhecimento de que a traição do primo seria um choque para Diego. Diego discutia tudo com Muriel e Saul. E por que diabo ele deveria se importar, Ian não sabia.

Antoli era um soldado de baixo nível dentro da organização de Fuentes quando Ian tinha entrado. Ian o havia promovido para segurança não muito depois de reconhecê-lo. Ele sabia que Antoli era uma fraude desde o começo. O homem estava silenciosamente tramando sua fuga quando Ian estava interceptando o atentado tarde da noite na Colômbia logo após ler o arquivo que Diego tinha dele. O qual era muito diferente da realidade. Da mesma maneira que parecia que Muriel era diferente do que parecia ser.

Ele passou os dedos pelo cabelo enquanto focava em Tehya uma vez mais.

—Como você reconhecerá a voz dele? Se você nunca o viu, se está fugindo por toda sua vida, como pode reconhecer qualquer coisa sobre ele?

Um sorriso amargo trançou os lábios dela. —Ele me deixou um número de telefone uma vez. Infelizmente, não dá para ser rastreado. Reno tem o número. Às vezes, quando eu quero me lembrar de quanto o odeio, eu ligo. Ele sempre responde. E é ele, confie em mim. Do jeito como ele me quer de volta, ele nunca deixaria que qualquer outra pessoa atendesse ao telefone. Ele sempre me assegura, de novo e de novo, de que é meu pai e de que ele quer apenas me proteger. É Sorrell, Sr. Richards. Eu me lembro da voz nos meus pesadelos. Quando era criança, eu o ouvi estuprar a minha mãe, a voz tão tranquila, tão razoável e endiabrada. Aposto a minha vida no fato de que é ele.

Ela realmente estava apostando sua vida se o que ela estava dizendo era a verdade. Ian deixou seu olhar conectar com o de Kira, viu a preocupação nele. Ela conhecia Tehya, e evidentemente, confiava na menina.

Tão jovem. Vinte e três anos e ainda assim, a dor assombrada nos olhos fazia com que ela parecesse tão mais velha. Ele tinha vivido por tanto tempo com os instintos para desacreditá-la, mas isso não significava que ele confiava nela.

—E eu tenho um ás, um que ele não sabe que eu possuo. — Ela olhou fixa e atentamente para ele então, lágrimas reluzindo nos olhos verdes selvagens.

—Que ás é esse? — Ele perguntou cuidadosamente.



—Eu tenho a marca de nascença dele. Se assemelha a uma foice. A marca pessoal de Sorrell, a mesmo marca de nascença que ele carrega.

Ela girou então, ergueu a camiseta fina que usava, e revelou a marca abaixo no centro das costas, abaixo dos quadris. Exatamente no centro, talvez cinco centímetros acima da racha de seu traseiro, era a pequena marca de nascença semelhante à foice que Sorrell usava como marca pessoal.

Kira moveu o olhar da marca das costas de Tehya para Ian. Ele não tinha retesado, não se moveu, a expressão não se alterou, mas a tensão que de repente emanava dele era elétrica.

—Ninguém sabe sobre a marca de nascença— Ian murmurou. Não existia nenhum rumor, nenhuma informação relativa a isto, Kira sabia.

—Ninguém sabia sobre ela, exceto eu e minha mãe. Ela me advertiu, antes de me deixar com a freira, de nunca revelar isto. Nunca deixar ninguém saber disto. E eu nunca deixei.

—Sorrell tem a marca na mesma área?— Ian perguntou, movendo-se para mais perto enquanto ela olhava por sobre o ombro para ele.

Kira assistia Ian. Ele não estava mais com suspeitas; era como se algo tivesse entrado no lugar para ele, alguma informação que apenas ele sabia.

Ian se agachou e olhou para a marca de perto.

—Temos uma chance de trazê-lo aqui, Ian. — Reno falou suavemente do outro lado da garota. —Ela está disposta a nos ajudar e nós temos o suficiente para identificá-lo.

—Ele morre— Ian disse, os olhos fixos na marca. —Eu não me importo com quantas informações ele possa ter. — Ele ergueu lentamente, endireitando o olhar para Reno acima do ombro de Tehya. —Ele não sai vivo.

—Você terá que instalar proteção para ela. Algo longe da vila— Kira declarou enquanto Tehya colocava a camisa de volta no lugar. —Você terá que dar a ele a prova visual de que a tem. Você terá que ameaçar marcá-la, cicatrizá-la. Se ela for cicatrizada, então o valor para ele terá diminuído. Sorrell não negocia bens danificados. E a filha dele seria um recurso. Uma extensão de sua habilidade de criar perfeição.

—Antoli. — Ian anuiu com a cabeça devagar. —Instalaremos um vídeo, faremos um interrogatório dela, faremos parecer bom. Dê a ela a aparência de contundida...



—Só vai realmente funcionar se você a contundir. — Kira agitou a cabeça. —Contundir é mais do que descolorir a carne. Para convencer Sorrell, você vai ter que ir além.

—Ela está certa. — Tehya segurou a mão de Kira enquanto várias cabeças agitavam instintivamente. —Não será a primeira vez que eu serei contundida. E se o seu Antoli é tão bom com as técnicas de interrogação como ouvi, então ele saberá como fazer direito.

Coragem. A mulher tinha mais coragem do que deveria ter com sua idade. Até mesmo em considerar permitir a um homem tão brutal quanto Antoli tocá-la.

Ian deixou o olhar voltar para Kira então. Ele viu a dor nos olhos, as sombras, e soube que ela estava revivendo a perda da própria família para o assassino bastardo. Ela tinha dez anos, mas tinha escapado do horror que Tehya tinha vivido. Graças a Deus.

—Não precisamos bater nela para convencer Sorrell. — Ian agitou a cabeça enquanto girava o olhar de volta para a pequena ruiva com olhos verdes selvagens. Olhos que tinham visto demais, sabiam demais. Olhos que partiam o coração de Kira com a dor e ira dentro deles. —Tudo o que precisamos é a prova visual de que a temos. Ele a está perseguido esse tempo todo. Deixe-a acessível e ele estragará tudo. Ele não poderá evitar. Ficaré desesperado para pegá-la.

Kira estava assistindo os olhos de Tehya enquanto ele dizia isto, viu o terror relampejar dentro deles. Ela tinha coragem, mas era esperta o suficiente para saber no que estava se metendo.

—Eu farei o vídeo— ele continuou. —Nós a levaremos para uma casa segura, gravaremos e enviaremos para Ascarti via Colômbia— ele meditou. —Daremos a ele um pouco de tempo. Faremos ele reagir depressa.

—Ele não fica longe de Ascarti— Tehya disse então. —Onde quer que Ascarti esteja, você achará Sorrell por perto. Mas se pegar Ascarti, ele não virá correndo.

Ian anuiu com a cabeça devagar enquanto se voltava para Reno, os olhos estreitados, o ar ao redor dele pulsando com perigo. —Que tipo de probabilidades você achou?

—Verificamos os nomes que ela nos deu daqueles que tentaram ajudá-la. Eles estavam mortos. As mortes foram por tortura. Morreram de forma dura e provavelmente deram a Sorrell tudo o que sabiam. Isso combina com o método de operação particular dele. A evidência que nós juntamos sobre a rede dele sugere que foi trabalho manual e pessoal dele. Ninguém conhece a tortura na organização dele como ele. Sabemos que ele realmente é francês, a mãe de Tehya era



descendente de franceses. Os relatórios da morte sugerem que ela não tinha estado na Nicarágua por mais do que algumas semanas quando a pegaram na rua. Havia alguns relatórios de testemunha, mas você sabe como a execução de lei local é lá. Foi deixado de lado dentro de horas; apenas a notificação e o interrogatório das testemunhas foram mantidos até o corpo ser achado.

—O nome dela era Francine Taite. Ela era a filha de um industrial francês que foi à bancarrota depois do sequestro dela. Eles morreram antes do meu nascimento. Ela foi sequestrada e vendida, de acordo com as informações que deu às freiras, mas nunca deu o nome dele. Treze anos depois de seu desaparecimento quando criança, ela foi jogada fora de um sedan escuro em uma rua suja na Nicarágua. Ela tinha sido estuprada. Os dedos quebrados, as solas dos pés tinham sido queimadas. Ela morreu devagar— Tehya recitou, uma carranca arruinando a sobrancelha enquanto parecia olhar fixamente para o nada. —Ela era minúscula, delicada. Eu me lembro dela chorando. Eu nunca me lembro do riso dela.

Ela pareceu estremecer enquanto Kira se movia para o lado de Ian. O braço dele foi ao redor dela naturalmente, puxando-a para seu lado, sentindo a dor se formar nela enquanto Tehya girava para Reno. —Eu exigirei uma arma. Eu não o deixarei me levar, Reno. Para aqui. Ou ele morre, ou eu morro.

Reno anuiu com a cabeça devagar.

—Nós precisamos reunir tudo e ir em frente, antes que Sorrell compreenda o que está acontecendo— Ian disse. —Se ele nunca está a mais do que um ou dois passos atrás dela, então ele sabe que ela está aqui me assistindo. Pode ser a razão pela qual ele jogou um projétil em mim em vez de tiros no último ataque. Você tem uma casa segura em mente?

—Aqui mesmo. — Reno sorriu amplamente. —Ela está aqui desde a noite em que Kira saiu. Tudo o que precisamos é fazer o vídeo, mandá-lo e esperar a resposta. Temos tudo instalado. Estávamos apenas esperando por você.

—Retardado— Macey murmurou de um lado.

Kira assistiu o sorriso que arrastou nos lábios de Ian. Evidentemente hoje à noite não era a primeira vez que Ian tinha ouvido aquele insulto particular. Ele olhou ao redor para os outros homens. —Na primeira chance que tiver, vou dizer a sua mulher que você a deixou para ficar



brincando nas praias de Aruba. Como castigo, por me deixar louco com aquele rifle de vigia que está em mim pelas últimas duas semanas.

—O melhor telescópio que possuo. — Macey riu silenciosamente. —Você o sentiu, não é?

— Eu senti sim, cada vez que você acariciava o gatilho, Macey — ele rosnou.

—Deveria ter atirado em você— Macey murmurou. —Tolo estúpido. Você deveria ter nos deixado nos divertir. Você é muito egoísta, Ian. Sempre te disse isso.

Ian puxou Kira contra seu lado. Ela sentiu o calor do corpo dele, a força, a confiança fixa. — Você não tem ideia. Lembre-se, da próxima vez em que colocar o telescópio em Kira, eu o enfiarei no seu traseiro.

Macey estremeceu, mas a tensão que enchia o quarto começou a se dissipar.

Pela primeira vez em oito meses, Ian sentia a camaradagem, a sensação de trabalho em equipe com a qual ele tinha contado por tantos anos.

E nos braços dele, perto de seu lado, ele sentia o centro da alma. Ele havia evitado o reconhecimento, tinha tentado negar, lutado para afastar. Mas enquanto olhava para Tehya Talamosi, e via apenas uma mulher, lutando para viver em face de um monstro, ele percebeu o quão parecido ele um dia tinha sido dela.

Kira tinha enchido essa parte da alma dele. A parte que um dia tinha sido vazia e solitária. A parte que tinha lutado para viver apesar do perigo do monstro. E ele rezou para que Tehya achasse isto também.

Capítulo Vinte e três

Ela nunca imaginou o tipo de vida que Tehya havia suportado.

Kira saiu do quarto de Ian para a sacada, apenas olhou rapidamente para Deke enquanto ele se erguia da cadeira ao lado da cama enquanto ela escapava para o banheiro.

Ela sentia náuseas por dentro. Ela conhecia Tehya, havia encontrado-a na França quase seis anos antes. Elas estavam tomando café enquanto Kira assistia um diplomata francês vender documentos secretos para um agente russo. Elas tinham feito compras no fim de semana, rido e



sido garotas. Duas estranhas em uma terra estranha, e Kira nunca tinha adivinhado o perigo que Tehya estava passando.

Ela suspeitava de que ela fosse uma agente rival. Durante algum tempo Kira tinha se perguntado se ela era uma assassina ou parte de um time de sequestro. Mas a outra menina, apesar de distante, tinha os olhos frequentemente sombreados com dor, nunca mencionando qualquer coisa que Kira poderia usar como base para suas suspeitas.

Ela se encontrou novamente com ela no Afeganistão trabalhando com a Cruz Vermelha. Novamente na América, uma vez mais trabalhando com a Cruz Vermelha, logo após o Furacão Katrina. Ela não tinha nenhuma ideia do inferno que a menina estava vivendo. Maldição, ela não tinha nenhuma ideia de como ela era jovem ou o que ela estava procurando.

Segurança. Proteção de um monstro. A identidade do monstro. Por que ela não tinha juntado as coisas?

Kira bateu violentamente a porta do banheiro. Por que ela não tinha compreendido que a criança estava em apuros? Inferno, ela nem sabia que ela era uma criança. Aqueles olhos. Olhos selvagens, partidos, assombrados. Ela não podia ter mais de dezessete na primeira vez em que Kira havia se encontrado com ela na França. Kira havia assumido que ela era outra agente. Ela tinha participado do jogo quando a menina tinha se sentado à mesa, se debruçado para trás e sorrido quando ela perguntou se a cadeira estava disponível. Uma agente sem muita experiência. Mas Kira havia entrado no jogo porque tudo o que ela estava fazendo lá era assistir e se certificar de que a troca de informações fosse completada.

Deus. Maldição. Informações almejadas por Sorrell.

No Afeganistão, Tehya tinha trabalhado com a Cruz Vermelha. A CIA suspeitou que as células terroristas de lá tinham ligações com Sorrell.

Furacão Katrina. Sorrell tinha usado a devastação e o caos lá para invadir vários escritórios do governo. Kira havia localizado dois de seus homens lá e coordenado o pequeno time com o qual ela tinha entrado enquanto tentava prendê-los.

Os homens de Sorrell não haviam apenas escapado, mas tinham escapado com arquivos secretos relativos a várias investigações federais em uma rede terrorista que eles tinham descoberto.



Tehya tinha estado lá.

O dia em que ela estava partindo, ela tinha visto a menina fora daqueles escritórios, olhando para eles, os olhos estreitados. Como se soubesse que estava sendo assistida, o olhar dela achou o de Kira, parou lá, os olhos assustados, sombrios e desesperados.

E Kira interpretou mal o desespero.

Ela se abaixou para a pequena cadeira almofadada no canto do banheiro opulento e apertou os punhos nos olhos.

Ela tinha acabado de assistir a mesma menina ser acorrentada à parede, usando nada além de uma camiseta e calcinha...

O terror relampejou em seus olhos enquanto Antoli Kovalyov a acorrentava com firmeza antes de tirar a máscara preta do rosto. Ele tinha jogado a cabeça dela com seu longo cabelo vermelho para trás rudemente, segurando o pescoço com as mãos, e olhado para a câmera.

—Temos a sua filha, Sorrell. — A mão deixou o pescoço, agarrando os quadris com força suficiente para avermelhar a pele, e virou-a apenas o suficiente para a câmera mostrar sua marca de nascença. —Como você pode ver, ela tem a sua marca. Você a quer, agora lidará com Fuentes.

A câmera voltou ao seu rosto. Desafiante, os olhos revoltados com medo e fúria, Tehya tinha encarado a lente com ira assassina.

Deus. Ela era nada além de uma criança. Uma criança que devia ter estar na faculdade, rindo com os amigos, talvez se divertindo demais em festas. Kira lutava contra os monstros do mundo para que crianças como ela estivessem seguras, e ela não havia notado uma criança em perigo quando a havia encontrado.

A porta do banheiro abriu lentamente. Ela ouviu. Ela sabia que era Ian, mas não podia erguer a cabeça, não podia tirar os punhos dos olhos ou, Deus a ajudasse, ela choraria. E as lágrimas não ajudariam em nada. Com toda a certeza não aliviariam a dor e o temor que Tehya havia experimentado.

—Acabará logo e ela ficará segura. — Ela sentiu Ian se ajoelhar na frente dela, uma mão empurrando seu cabelo acima do ombro enquanto a outra segurava seu rosto. —Não é culpa sua, Kira. Você não pode salvar o mundo.



Ela fungou, se sentindo como uma criança, como tinha se sentido na manhã em que o tio dela havia-a acordado e dito a ela que seus pais tinham morrido. Ela tinha se sentido perdida. E se sentido responsável.

Ela agitou a cabeça.

—Quando minha mãe e eu estávamos fugindo de Carmelita Fuentes todos aqueles anos, eu me desculpei. Eu disse a minha mãe como estava arrependido e que eu sentia muito por ela estar sofrendo por minha causa. Que ela deveria contatar Diego. Dizer a ele sobre mim, e desistir de mim para que assim ela ficasse livre.

Kira abaixou os punhos, a primeira lágrima caindo dos olhos enquanto o encarava. —Isso não é aceitável.

Um pequeno sorriso arrastou nos lábios dele. Lábios que ela amava beijar, amava sentir em sua carne.

—Ela me disse quase a mesma coisa. Ela me disse que nós não podíamos salvar todo mundo, mas que deveríamos lutar com todas as forças para salvar aqueles que amarmos. E ela me amou. Ela morreria por mim. Ela quase morreu. — O olhar cor de tabaco escureceu, ficou ígneo. —Mas ela me ensinou algo, Kira. Ela me ensinou que podemos fazer apenas o nosso melhor. Você fez o melhor. Tehya sobreviveu, e se Deus quiser, ela sobreviverá a isto junto com o resto de nós. Mas você pode apenas fazer o seu melhor, não se atacar porque você não percebeu algo ou alguém. Te deixará fraca. E você não tem condições de ficar fraca agora.

As pontas dos dedos dele acariciavam a bochecha dela enquanto ele olhava para ela, o rosto tosco marcado em linhas de preocupação enquanto os lábios atraíam o olhar dela novamente.

—Eu devia ter percebido. — Ela agitou a cabeça enquanto outra lágrima caía e a dor encrespava sua voz. —Está nos olhos, estava nos olhos então, e eu não prestei atenção. Ela estava lá na minha cara e eu não vi a criança que ela era, ou o desespero nos olhos.

—Você viu no meu? — Ele perguntou a ela então. —Cada vez que eu vejo no seu—

—Você fica excitado. — Ela sorriu com o pensamento, a voz cascuda.

—Mais excitado do que tudo— ele concordou. —E desesperado para te saborear.

—Eu vi. — Ela fungou. —Eu senti.



—Eu ficava ansioso para te ver. Cada vez que eu sabia que você estava por perto, eu procurava por você.

—Você está tentando me distrair— ela disse suspirando. —Você deveria ter me deixado ir embora há muito tempo.

—Nada disso. — Ele emoldurou o rosto dela com as mãos e a puxou, movendo os lábios para as lágrimas que desciam em seu rosto, beijando-as, enchendo-a com calor, necessidade, que ela achava apenas nos braços de Ian.

—Eu fui casada uma vez— ela disse a ele, perguntando-se por que diabo isso tinha saído dos lábios.

Ian recuou e olhou para ela calado por longos minutos antes de movimentar a cabeça devagar. —Eu sei.

—Ele me deixou. — Ela lutou contra os lábios trêmulos. —Você sabia que ele me deixou?

Ela estava tremendo, realmente não fazia nenhum sentido. Fazia tanto tempo. Uma vida atrás.

—Eu sabia que ele pediu o divórcio. — Ele era tão tenro. Ele empurrou o cabelo dela para trás novamente, debruçando-se adiante e beijou o canto de seus lábios trêmulo.

—Porque ele não me conhecia. — Ela mal podia forçar as palavras. —Porque eu não o deixei me conhecer. Não o deixei saber que todas as vezes que eu deixava a cidade a negócios para Tio Jason que eu estava enfrentando mais perigo do que ele poderia imaginar. Ele não conseguiria lidar com isto. Ele teria exigido que eu parasse, e eu não poderia parar.

Ele balançou a cabeça e olhou para ela curiosamente, esperando, assistindo, o olhar compreensivo. Ela queria gritar com ele, queria que ele entendesse que ela era imperfeita, que nunca via as coisas como deveria, que sempre fazia as coisas que não deveria.

Ela queria adverti-lo de que o estava traindo, mas se ela o fizesse, Deus a ajudasse, se ela o fizesse, ele se certificaria de que ela não tivesse chance.

—E você não conseguiu dizer a verdade a ele. — As mãos dele acariciavam os ombros dela, os braços superiores.

—Ele teria se sentido traído— ela sussurrou.



Ele anuiu com a cabeça novamente. —Você era a esposa dele, era o trabalho dele permanecer ao seu lado, Kira. Não era seu trabalho protegê-lo da verdade.

Era um ponto de vista tão masculino, e um que certamente a deixaria puta. Ela abriu os lábios para discutir e achou os dedos dele apertados contra eles.

—É instinto— ele disse então. —Por séculos, tem sido nosso trabalho proteger nossa casa, nossas mulheres e nossas crianças. Nós somos covardes sentimentais. Não conversamos sobre nossos sentimentos, não nos sentimos confortáveis colocando nossa alma em palavras. Então nós nos damos do único modo que sabemos. Nós protegemos. Sufocamos aqueles que amamos com proteção, lutamos por modos de mantê-los sempre seguros, até do que julgamos como ameaça para eles mesmos. Está em nossos genes, Kira. Certo ou errado. As emoções são mais difíceis para um homem dar voz, força é muito mais fácil de mostrar. Não é um insulto, é o modo como os homens mostram as suas emoções para aqueles que amam. Você não pode mudar isto.

—Eu posso me proteger.

—E você não deveria ter que fazer isso, não mais do que Tehya deveria ter feito. Ela deveria ter sido protegida, mimada, sem o mau do mundo, e abrigada da loucura do pai. Ao invés, ela descobriu como lutar, e descobriu como sobreviver. Da mesma maneira que você descobriu em circunstâncias diferentes. Eu não quero roubar a sua força. E aceitar que você pode caminhar ao meu lado, em vez de permitir a mim mesmo limpar seu caminho, não é sempre fácil. Os homens não pedem às suas mulheres para caminhar atrás deles porque eles pensam que elas são inferiores. Eles fazem isto porque querem abrigá-las.

—Porque eles amam— ela sussurrou dolorosamente.

O medo bateu violentamente dentro dela agora. Ela saltou de pé, tropeçando para passar por ele, olhando para ele em pânico opressivo enquanto ele lentamente se endireitava.

—Você não me ama. — Ele não podia amá-la. Ela não poderia permitir isto, não ainda. Era certo amá-lo, saber que ele iria embora para longe dela quando isto estivesse terminado por causa do que ela tinha sido enviada para fazer. Mas não assim. Ela não podia trair o amor *dele*. Oh, Deus, não deixe ele a amar.

—Eu não amo? — Ele a questionou, a voz grossa acariciando as terminações nervosas, surgindo por ela em partes iguais de medo e prazer.



—Não. Você não me ama. — Ela empurrou os dedos pelo cabelo, cerrando as mechas na nuca e sentindo a tensão apertar no corpo até que ela se perguntou se quebraria. — Você não pode me amar. Me amar seria estúpido, Ian. Apenas pergunte ao meu ex-marido. Inferno, eu te darei até o telefone dele.

Porque ela teria que traí-lo. Da mesma maneira que ela havia traído o marido ao não permitir que ele soubesse da sua vida secreta. Agora ela estava traindo Ian ao não permitir que ele soubesse a agenda de trabalho que o DSI a havia contratado para fazer.

Ela alcançou atrás de si, agarrou a maçaneta, e abriu a porta enquanto ele andava na direção dela. — Apenas pergunte a ele. Ele te dirá. Me amar é o pior engano que você pode cometer.

Ela assistiu a expressão dele, viu o vislumbre de diversão que iluminava os olhos cor de uísque e as emoções que suavizavam as feições selvagens do rosto.

Ele não era apenas magnífico, era áspero, perigoso. As feições do rosto eram muito afiadas e bem definidas para serem bonitas. E agora, estavam ainda mais ásperas enquanto ele olhava para ela, obviamente se contendo, assistindo-a curiosamente.

—É duro achar uma mulher que pode caminhar ao lado de um homem como eu— ele disse a ela suavemente, marchando para ela enquanto saía do banheiro. —Eu sou desagradável em um bom dia, e tenho todas aquelas culpas que continuam me dizendo que eu devo te empurrar para trás de mim, te dar cobertura, te abrigar. Nós nunca ficaremos entediados, Kira.

Ela agitou a cabeça, o coração preso na garganta enquanto lutava contra a ideia de que o que ele pudesse sentir por ela ia além da luxúria e da necessidade de achar consolo no meio da vida que ele tinha vivido.

O amor era para mais tarde, ela disse a si mesma. Não era para o momento. Não até que ele soubesse a verdade sobre ela, a verdade do que ela tinha sido enviada para fazer, e ela não podia dizer a ele agora.

Pela primeira vez em sua vida como adulta, a mulher estava obscurecendo o Camaleão e ela estava com remorso. Remorso da missão, remorso pela mulher que havia se tornado e a decepção que ela havia aprendido tão bem. Ela estava lamentando os anos que tinha se contido, forçando-se a ficar longe de Ian, forçando a colocar distância entre eles.



Ela estava descobrindo partes de si mesma que não imaginava existir. A mulher sensual. A fome e as necessidades que Ian trazia à tona. A ternura. A mulher interior que tinha reivindicado o homem como dela.

Ela podia se desculpar dizendo que estava protegendo-o, mas no fim, ela sabia que ele nunca acreditaria nisto. Um homem nunca deveria ter que enfrentar a matança do próprio pai, não importava que monstro ele pudesse ser. E a honra era uma parte dele que nunca poderia aceitar que o próprio governo escondesse informações dele.

Ela retrocedeu mais, ciente de que estava agitando a cabeça repetidamente, que uma pequena parte do cérebro dela estava rejeitando a coisa que ela mais queria, que sonhava há tanto tempo.

O amor de Ian.

—Por que você está tão assustada, bebê?— As mãos foram para os lados dela, segurando seus pulsos, e mantendo-a quieta enquanto ele levava o corpo ao dela.

Ele não a arrastou para seu abraço, ele andou para ela, pressionando-se contra ela enquanto arrastava os braços dela para suas costas pequenas e a cercava com seu calor.

Ela costumava odiar ser contida. Odiada ser mantida presa, até Ian. Agora, enviava uma resposta aquecida até seu caroço de feminilidade que uma vez desconhecido estava agora violentamente acordando para a vida.

Ela arrastou no aperto, uma parte distante ciente do fato de que a luta não era sobre ser libertada. Ela não queria estar livre, ela queria ser segura mais apertado, mais perto. Ela queria que o mundo retrocedesse até que nada mais importasse além da realidade que eles criavam com sua paixão. Até que o perigo e a decepção rodando ao redor deles desaparecessem e os deixasse livres para alcançar o homem que a completava.

—Você não me respondeu, Kira. — Os lábios dele abaixaram para o canto dos lábios dela enquanto ele a arqueava contra ele. —O que está te assustando? Você pode amar, mas ninguém pode te amar?

—É exatamente assim que funciona. — Ela teve que forçar as palavras a passarem pela constrição da garganta.

—Por que, Kira?— Os lábios dele se moveram sobre os dela, ignorando quando eles se abriram em fome, quando a língua dela acariciou a dele. —Por que ninguém pode te amar?



—Porque eles não me conhecem. — Ela quase se sentiu perdida novamente, como tinha se sentido quando o marido partiu. — Eu sou o Camaleão. Sempre mudando. Como você pode amar alguém assim?

Ele ergueu a cabeça para olhar fixamente para ela abaixo.

—E ainda assim, sempre Kira— ele achou.

Sempre Kira. Sempre sozinha. Ela nunca recuperou o sentimento de segurança e a sensação de equilíbrio que conhecera antes da morte dos pais. Ela tinha vivido com o conhecimento de que a família tinha morrido porque eles tinham lutado contra o espectro conhecido como Sorrell. Porque o pai dela tinha começado a batalha de uma criança perdida e tinha procurado eternamente por ela e seu abductor.

O pai dela tinha sido advogado, a mãe tinha sido uma representante dos direitos da criança. Quando uma das crianças se perdeu e o rastreamento levou a uma organização de escravidão branca, ela e o marido tiveram que seguir a trilha.

Sorrell retaliou. Ele matou a noiva de Jason e os pais dela e ele nem deveria ter notado que matou mais duas pessoas no processo. E tinha feito dois inimigos determinados a trazê-lo abaixo.

Até Ian, o amor não tinha sido uma parte de sua vida. Nem segurança verdadeira. Ela tinha percebido, em seus braços, ela se sentia segura, se sentia aquecida. E apenas agora ela tinha percebido como era assustador. Porque ela poderia perdê-lo tão facilmente.

—Nós conversaremos sobre amor quando isto estiver terminado— ela disse a ele desesperadamente. —Você verá então, você não me ama. É a situação. É estar neste mundo, tendo ele te envolvendo, sufocando. Você não me ama, Ian. Você ama a normalidade que acha que eu represento. Isto é tudo.

E ela sabia mais. Se algum homem sabia o que ele era e o que estava fazendo, esse era Ian. E ele a estava apavorando. Estremecendo sua resolução. Ela não podia deixá-lo fazer isto.

Ele riu. Diversão clara e aconchegante ecoando no soar enquanto ele a trazia mais apertado.

—Psicologia não é seu forte, amada.

—Claro que é. Eu passei anos estudando com os melhores perfis que temos usado sobre o terrorismo e suas vítimas. Confie em mim, eu sei do que estou falando.



A voz dela era ofegante; o corpo estava enchendo com excitação. Ela não podia estar perto de Ian e não desejar mais.

Ele simplesmente sorriu. Um lento curvar dos lábios que fez os sentidos dela espiralarem com uma fome para saboreá-los, senti-los contra os dela. Também enviou o medo dentro dela. Ele estava olhando para ela como se a conhecesse. Como se conhecesse partes dela que até ela mesma não entendia.

—Eu amo você, Kira.

Emoção explodiu pela cabeça dela, em sua alma. Ela estava apenas ciente do grito magro que deixou os lábios, das lágrimas descendo dos olhos e sobre as bochechas. Lágrimas que ele capturou com a boca um segundo antes dos lábios cobrirem os dela.

—Me pertence— ele sussurrou contra os lábios dela um segundo mais tarde. —Agora mesmo. Aqui mesmo. Você me pertence.

Oh, Deus, ela sempre pertenceria a ele.

Ele soltou as mãos dela mas apenas um ato de Deus poderia tirá-la dele então. Não havia nenhuma chance de que ela permitiria a qualquer outra coisa arrancá-lo de seu corpo.

Os braços dela foram ao redor do pescoço dele enquanto as mão dele iam ao redor das costas dela. Os lábios estavam nos dela, gostosos, tão gostosos. Era como um veludo áspero, acariciando as terminações nervosas, enviando prazer ígneo chicoteando pelo corpo.

Kira se curvou em seus braços, desejando poder ter uma parte dele dentro dela para sempre. Uma parte que ela poderia para sempre segurar perto de si, uma pequena parte dele que ela nunca perderia.

—Minha pequena amante selvagem. — Ele a soltou, ignorando seu grito de protesto. —Nós não vamos duro e rápido dessa vez. É assim que você se protege, Kira? Tem que ser duro e rápido para que assim você possa se segurar nas reservas de controle que tem?

—Meu controle?— Ela ofegou, forçando os olhos a abrirem enquanto sentia as mãos dele puxarem sua camisa preta. —Você é que tem controle demais.

—Vamos tratar disto— ele sugeriu, a voz áspera e o sorriso confiante fazendo-a gemer com as implicações dele.



—Isto não é justo— ela ofegou. —Nós dois sabemos que você pode resistir por mais tempo. Eu quero quebrar. Você não.

Ele riu novamente. —É assim que você vê, Kira? Sendo duro e rápido significa que você consegue quebrar o meu controle em vez de eu quebrar o seu?

—Duh!— Ela ofegou quando o elástico da camisa preta de algodão passou pelos seios. —O que mais poderia querer dizer?

—Podia significar que o prazer é muito importante para perder— ele sugeriu enquanto ela erguia os braços, permitindo a ele tirar a camiseta do corpo antes de jogá-la de lado. —Poderia significar que eu quero apreciar em vez de devorar. Você não quer apreciar, Kira? Saborear o prazer e desejar que dure para sempre?

Ele iria trancar a alma dela nele para sempre. Ela podia ouvir na voz dele quando ele falou em saborear em vez de apressar. Ele iria deixar uma marca não apenas no corpo dela, mas em seu espírito para assegurar de que nenhuma parte dela escapasse.

Ele pensava que a amava, pensava que a conhecia. Ele pensava que o prazer podia ir além da decepção.

—Nenhuma restrição dessa vez— ele a advertiu enquanto tirava a própria camiseta do corpo e a soltava para o chão.

Ela devia estar correndo, achando uma desculpa para não fazer isto, não deixá-lo prendê-la a ele mais do que ela já estava.

Nua da cintura para cima, Kira assistiu enquanto ele se sentava em uma cadeira próxima e desamarrava as botas de combate enquanto olhava para ela fixamente.

—Tire suas botas, Kira— ele disse a ela suavemente.

Ela se sentou na extremidade da cama e ergueu a perna, trabalhando nos cadarços enquanto o assistia, como um boneco sem a sensação de pensar por si mesmo.

Ela lambeu os lábios nervosamente enquanto eles tiravam uma bota simultaneamente e então se moviam para a outra. Assim que as removeram, juntaram, junto com as camisas, e foram ao armário onde ele as colocou em uma prateleira antes de voltar para ela.

Enquanto ele estava de pé na entrada do armário, ergueu as mãos para o cinto que encilhava sua cintura e então foi para o botão da calça preta de missão que ele usava. Kira ficou de pé,



imitando suas ações, removendo a calça enquanto ele a assistia, a respiração aumentando, movendo dura e rápida pelos pulmões.

Parecia que ela não conseguia retraindo oxigênio suficiente. Parecia não ser capaz de ficar livre da excitação hipnótica que rasgava por ela.

—Talvez nós devêssemos dormir durante algum tempo— ela sugeriu sem ar, sabendo mais do que a impotência contra a necessidade de achar uma fuga, qualquer fuga, do que ela sabia que estava vindo.

Pelo menos uma demora. Uma demora seria boa.

—Se é isso o que você quer, o sofá na sala de estar deve ser bom para você.

Ele desceu as calças pelas pernas musculosas e qualquer pensamento de sono saiu voando. Enquanto ele se endireitava, a ereção clara no corpo, larga e dura, a cabeça escura inchada e pulsando com luxúria.

Ela sentiu a buceta apertar com a visão, ficar lisa e quente com a necessidade de ser preenchida, tomada. Ser possuída como somente Ian podia possuí-la. Como se ele fosse outra parte dela, separada mas criada exatamente para se ajustar a ela.

Enquanto o assistia, os dedos dele curvaram em torno do talo espesso, acariciando, apertando enquanto ele sentia os olhos dela nele.

Ela ficou crescentemente ciente dos fluidos juntando nos lábios de sua buceta, sabia que na luz baixa do quarto a umidade seria vislumbrada na carne nua, sem pelo. E era lá que o olhar dele estava. Ela podia sentir. Deixava-a mais molhada, enquanto sentia os seios incharem, os mamilos ficando impossivelmente mais duro.

Lambendo os lábios, ela deslizou a mão pela barriga, os dedos indo mais para baixo enquanto os olhos se moviam para o rosto dele.

Ele a estava assistindo, um gesto contorcendo o rosto, enquanto ela deslizava os dedos sobre a carne sensível entre as coxas. A respiração dela prendeu com o prazer. Uma ponta do dedo passou pelo clitóris, enviando duras e brilhantes raias de fogo queimando por suas terminações nervosas.

—Lindo— ele gemeu. —Separe os lábios para mim. Deixe-me ver o seu clitóris duro. Inchado.



Ela separou as dobras da carne com dois dedos enquanto o dedo mediano circulava torturantemente o nó duro das terminações nervosas.

Os fluidos estavam correndo agora. Ela podia senti-los gotejando entre os lábios, empapando sua buceta.

A mão dele apertou no membro antes de soltá-lo. As narinas chamejavam com luxúria, como que sugando o odor dela através da distância que os separava.

Enquanto ela deixava os dedos forçarem os fluidos espessos e acariciar a carne úmida de sua buceta, ele se moveu para ela. Ela sabia que deveria agir. Deveria fazer o primeiro movimento e empurrá-lo para a cama em vez de ficar de pé aqui, tentando-o, provocando-o. Ao invés, a outra mão subiu pela barriga e foi até o montículo inchado do seio.

Ela o estava provocando e sabia disto, queria tentá-lo, quebrar seu controle.

Kira sentiu a respiração prender na garganta enquanto Ian agarrava seu pulso, arrastando os dedos do calor liso de sua buceta e erguendo sua mão. Para a boca.

Oh, Senhor, ela não conseguiria ficar de pé desse jeito. Ele trouxe os dedos para a boca e deixou a língua correr antes de trazê-los para a boca e chupar a umidade.

Os olhos queimavam, a expressão estava apertada, e um gemido roncava no tórax. A sensação da língua acariciando os dedos era mais sensual do que ela poderia ter imaginado que seria. Não deveria ser tão erótico. As pontas dos dedos não eram zonas erógenas, eram?

Claro que eram, mas apenas quando Ian as estavam encorajando para ser assim.

Kira jogou a cabeça para trás, sentindo o cabelo cair nas costas. Outra sensação acrescentada ao erotismo do momento. Outro ataque ao controle dela.

—Olhe para mim, Kira. — A voz dele acariciava suas terminações nervosas. Áspera, rouca, quase arruinada.

Ela forçou as pestanas a abrirem, sentindo o estupor pesado que as puxava enquanto a excitação crescia dentro dela.

—Você sabe o quão linda é para mim? O quão corajosa e forte?— Ele perguntou a ela, a língua acariciando as pontas dos dedos uma última vez antes de ele colocar a mão dela em seu ombro.



Contra a barriga ela podia sentir o comprimento duro e pulsante de seu membro e queria nada além de senti-lo batendo dentro das profundidades famintas de sua buceta.

—Eu sou apenas eu— ela disse a ele sem ar com uma sacudida rápida da cabeça.

—Apenas você— ele concordou, uma mão no quadril dela enquanto a outra subia na lateral do corpo para segurar o seio pesado.

—Ian, eu não sei se posso suportar isto. — Ela estava tremendo por fora, por dentro estava derretendo, debilitada.

—Prazer?— Ele sorriu para ela abaixo, a expressão sensual, má. —Claro que pode, bebê. Você pode lidar com todo o prazer que eu tenho para te dar.

Ela poderia morrer com isto, era o que ela poderia fazer.

Uma arfada surpresa deixou seus lábios enquanto a cabeça dele abaixava, os lábios alisando um mamilo expandido.

—Eu não posso levantar. — As pernas dela estavam agitando.

—Eu posso te ajudar com isto— ele disse a ela, a voz com muita consideração, afiada com luxúria e promessas eróticas.

O erotismo insidioso era o que era, porque no próximo segundo os lábios dele cobriram os dela, os braços segurando-a mais perto, dando a ela o suporte de seu corpo mais forte. Seu corpo excitado. O membro que apertava em sua barriga, pulsando contra sua carne lisa de suor enquanto os mamilos dela estavam enterrados nos pelos de seu tórax, raspando neles, aspereza contra as pontas tenras.

Não era apenas um beijo. Era um assalto contra o controle dela. Era lento e saboreando, um moldar de lábios e línguas, gemidos sussurrados e gritos fracos.

Eram os braços dela ao redor do pescoço dele para segurá-lo mais perto, a alma devorando as trilhas sentimentais, o prazer sensual de segurar para o futuro. Para lembrá-la do evento que ele iria embora e nunca retornaria.

—Melhor?— Ian sussurrou, a voz arenosa enviando uma onda de sensação atingindo o útero dela.

—Não tenha pernas firmes— ela murmurou, tentando recapturar os lábios, segurá-los no beijo.



A risada dele foi seguida por uma carícia daqueles lábios contra seu pescoço, a orelha, até o ombro.

—Eu serei as suas pernas. — Ele a ergueu e carregou até a cama, deitando-a enquanto ele vinha sobre ela, roubando seus lábios novamente, as mãos acariciando os seios, envolvendo-os, os dedos polegares ásperos nos mamilos enquanto os lábios os seguiram.

Kira agitou a cabeça desesperadamente. Ela sabia o que ele queria fazer, e ela não podia aguentar. Ele estava marcando a alma dela com seu toque, com o prazer que apenas ele podia dar a ela.

—Ian, por favor — ela gemeu, não que o apelo tivesse distraído os lábios dele de seu curso.

Dando beijos ardentes no pescoço, na clavícula, indo até a ponta de um mamilo apertado, duro, destruindo qualquer protesto adicional que ela pudesse ter.

—Eu te quero toda hoje à noite — ele disse a ela, olhando fixamente para ela abaixo, os olhos escurecendo enquanto ela mordia o lábio e agitava a cabeça lentamente. — Você toda, Kira. Se eu tiver que te deixar andar ao meu lado, então eu saberei que você pertence toda a mim. Cada centímetro deste corpo doce, quente, cada partícula do seu coração e da sua alma. Você será minha.

Os punhos dela cerraram no cobertor.

—Não...

—Será, sim! — Raiva relampejava nos olhos dele. — Você me forçou a te aceitar ser envolvida nisso, agora, por Deus, você me aceitará.

Capítulo Vinte e quatro

Ela não queria o amor dele. O pensamento estava ricochetando pela cabeça de Ian, queimando por suas próprias defesas e deixando-o totalmente puto.

Ela o amava. Ele sabia que ela o amava. Ele podia sentir, ver nos olhos, sentir em cada toque de seu corpo, mas ela não queria o amor dele em retorno.

Por quê?



Ele segurou o montículo inchado dos seios, sentiu o calor da carne e viu o rubor da excitação o marcando. O mamilo estava duro, expandido, como um tenro seixo contra sua língua enquanto ela se contorcia embaixo dele.

Os olhos estavam sombreados, revoltados com medo e prazer, e isso o confundia. Ela o confundia. A mistura de mulher vulnerável e agente corajosa nunca falhava em hipnotizá-lo. Ela não era dura ou amarga. Ela ria, e se importava, e amava, mesmo sabendo que aquele que ela amava poderia ser tirado dela em um segundo.

Ele lambeu a carne dura e tenra do mamilo e o sugou ternamente com o pensamento. Ela o amava, mas ele não tinha dado a ela nenhuma razão para amar. Ele tinha tentado enviá-la para longe, mesmo enquanto a puxava para ele, várias vezes. E ela estava sempre lá, uma parte dele, correndo em sua alma como se ela sempre tivesse sido uma parte dele.

Agora ela o estava negando o mesmo lugar dentro dela, aquela mesma segurança. Maldita. Ela tinha se feito imperativa dentro da vida dele, tão imperativa que ele tinha deixado de lado seus próprios preconceitos sobre ter uma mulher dentro de uma de suas missões e a deixou entrar. Ela era parte do perigo que ele estava enfrentando e ela não podia nem entrar na parte da alma dele que ele tinha aberto para ela?

Uma ova que ela não podia. Ela iria, de uma forma ou de outra, dar a ambos o que eles precisavam.

—Você é minha — ele sussurrou contra a carne lisa de suor enquanto se movia de um seio até o outro, lambendo e mordiscando, saboreando a pele e ficando embriagado com ela.

—Por favor, Ian. — A arfada encheu a cabeça dele, paixão e luxúria, desafio e necessidade ecoando dentro dele.

—Diga-me que você é minha. — Ele lambeu o mamilo oposto, trouxe-o para a boca, e quase estremeceu enquanto o gosto da carne doce tomava seus sentidos.

—Eu sou sua. Juro. Sou sua. — Ela arqueou embaixo dele, empurrando a ponta do mamilo duro mais fundo em sua boca.

Ele deu a ela o que ele sabia que ela desejava. Os lábios aquecidos fecharam e apertaram sobre a ponta do seio. Ele chupou do lado de dentro, trazendo-a, apreciando o gosto dela enquanto a língua chicoteava no mamilo.



O corpo dela apertou embaixo do dele enquanto ela estremecia e tremia em seus braços.

—Eu sou seu também, Kira? Eu pertenço a você?— Ele ergueu a cabeça, olhou rapidamente até ver a batalha que refletia nas feições banhadas de suor dela enquanto a cabeça afundava de um lado para o outro na cama, negação contorcendo as feições enquanto um grito saía de seus lábios.

Ele lambeu um mamilo, então o outro. Deixou sua trilha de beijos de um montículo até o vale entre os seios e a jornada que levava a doçura, a especiaria sedutora de sua buceta molhada.

Ele estava morrendo de vontade de colocar seu membro dentro do calor aveludado de sua vagina. Sentir os músculos apertando ao redor dele, estirando-os enquanto ele os tomavam, aceitavam. O modo como seus fluidos deslizavam de suas profundidades doces, o modo como eles aliviavam sua penetração. Sua possessão.

Oh, sim, ele tinha o coração dela, até uma parte de sua alma. Mas ele não a tinha toda. Não ainda. Não ainda, mas ele a teria antes que a noite estivesse acabada.

—Ian, não me torture. Não faça isto. — Vulnerabilidade, medo, excitação. Tudo havia na voz dela enquanto o apelo fez a bochecha dele deitar contra o montículo suave de sua barriga e o forçar a aspirar fundo, se lembrar pelo que ele estava lutando.

Ele não tiraria dela. Ele a aceitava. Ela precisava lutar pelo que acreditava que era o certo, sua necessidade de estar aqui, ver o homem que havia destruído sua família cair. Ele aceitava essas partes dela que se recusaram a se permitir mimá-la, mantê-la fora do perigo. Ele precisava que ela o aceitasse em retorno. Que o reivindicasse. O exigisse.

Ele precisava disto, mas não fazia nenhum sentido. Ele sabia que a amava, sabia que ela o amava, o que importava se ela estava disposta a enfrentar neste momento ou não?

Importava. Importava porque ele poderia perdê-la, ela poderia perdê-lo, e esse voto não seria entre eles. Ela não saberia o quanto ele a amava, precisava dela. Porque, por alguma razão, ela não queria ouvir as palavras.

—Você sabe o que o seu gosto faz comigo?— Ele beliscou a carne da coxa dela enquanto fazia um lugar entre as pernas para seus ombros. As mãos apertaram nos quadris dela para segurá-la no lugar enquanto ele ignorava as pequenas unhas afiadas que afundavam no couro cabeludo dele ou enquanto ela puxava as mechas espessas de seu cabelo.

—Deixe-me te tocar— ela clamou. —Deixe-me te saborear.



—Deixe-me te amar— Ele sorriu enquanto deitava a bochecha contra a coxa dela, o cheiro doce e picante dela fundindo em seus sentidos enquanto ele olhava para ela. —Deixe-me te amar, Kira.

Ela estremeceu, os olhos cinza ficando tempestuosos enquanto ela olhava fixamente para ele, implorando silenciosamente.

—Deixe-me te mostrar, já que você não quer ouvir as palavras.

Uma mão deixou o quadril dela para se arrastar entre as pernas. Ele sentiu os fluidos aquecidos contra as pontas dos dedos e sentiu a boca enchendo d'água para saboreá-los. Ela era mais doce do que o mel, mais quente do que a luz do sol, e ela o queimava até o núcleo de seu ser com sua paixão e seu amor.

—Ian, você não sabe... Não sabe o que faz comigo.

—O que você faz comigo?— Ele separou a carne doce, correu os dedos ao longo da racha estreita. —Te mostrando como eu me sinto? Fazer você aceitar que eu preciso também? Oh, sim, Kira. Eu sei o que estou fazendo.

Antes que ela pudesse formar um argumento ou puxar mais firme no cabelo dele, ele abaixou a cabeça e roçou a língua em torno do pequeno clitóris expandido e endurecido. Suavemente rosa, pulsando com excitação e brilhando com seus fluidos, atraindo-o como uma droga sensual, deixando-o faminto, fazendo desejar senti-lo dentro de sua boca.

Deus, ele amava o gosto. Explodia contra sua língua, enchia sua boca com a sugestão mais leve de doce e especiaria ígnea.

Ele gemeu na carne dela, sentido seu tremor novamente e sentiu um orgulho opressivo por poder dar a ela tal prazer. O mesmo prazer que ela dava a ele. O tipo que chicoteava pela alma e ligava um homem e uma mulher para sempre.

Era assim que era, tecendo cadeias de emoções sedosas, assegurando-o de que não importava onde eles existissem, juntos ou separadamente, eles sempre se pertenceriam.

Ele nunca havia pertencido. Até agora.



Kira trilhrou, empurrou, contorceu embaixo dele mas nada podia quebrar a alça que ele a mantinha. Ela puxou seu cabelo, implorou sem ar, mas nada parou os golpes destrutivos de seus lábios e sua língua ou o prazer explosivo da sucção de sua boca.

Ela arqueou, lutando para ficar mais perto mesmo enquanto ela lutava para conter os efeitos do prazer.

Oh, Deus, era tão bom. A língua acariciando ao redor do clitóris enquanto os lábios o sugavam. Quando ela estava perto, tão perto da liberação, ele se movia, lambia ao longo da racha rasa, chupava as dobras suaves e gemia enquanto os fluidos da buceta dela desciam até acariciar as pontas dos dedos que deslizavam na entrada ainda não penetrada.

—Eu sou seu, Kira?— Ele sussurrou novamente.

Oh, Deus, o que importava? Por que ele se importava? Ele sabia que a possuía. Ele possuía seu coração e sua alma, o que importava se o pensamento dele amando-a a apavorava? Ela poderia amá-lo e lidar com a perda. Ela já tinha feito isto antes. Lidado em perder aqueles que amava. Mas ela nunca tinha conhecido o amor. Não assim. Se ele a amasse como ela o amava, então ele queria dizer que ela estava não apenas traindo o homem, mas sua alma. Ela não podia lidar com isto. Ela não podia lidar com o conhecimento de que ele estava lá fora, sem ela, traído, odiando-a. Até mesmo o ex-marido dela não a havia odiado quando foi embora. Claro, ela nunca tinha permitido a ele amá-la também.

Ela clamou o nome de Ian enquanto os pontos penetrantes de êxtase aqueciam e explodiam ao redor de seu clitóris. Ele puxou o pequeno broto para a boca uma vez mais, acariciando-o, lambendo-o e saboreando-o. Ele o beijou. A sucção dos pequenos beijos tinha acabado antes que eles pudessem empurrá-la além da extremidade.

Ela tentou apertar as coxas, segurá-lo no lugar, mas os ombros dele estavam lá, parando-a. Cada vez que ela tentava distraí-lo, o dedo golpeava dentro de sua buceta, apenas um pouco, apenas o suficiente para forçá-la a ficar quieta, desejar mais.

—Ian, por favor. Por favor. — Ela arquejou sob a carícia, pronta para chorar, implorar, pronta para morrer se ele não fizesse algo, qualquer coisa, para aliviar a dor sensual construindo dentro dela.



O dedo acariciou dentro dela novamente, apenas o suficiente para fazê-la gritar sem ar por mais.

—Tão suave e quente. Tão apertada e doce. — Ele esfregou a entrada enquanto Kira sentia mais de seus fluidos cobrindo a carne.

Kira afundou os pés na cama, os quadris arqueando para mais perto.

—Oh, Deus, Ian. — Fraco, desesperado, o grito rasgou de sua garganta enquanto outro dedo começou a tocá-la, mais embaixo, ao longo da abertura aquecida de seu traseiro.

—Você nunca foi tomada aqui, não é, Kira?— A entrada penetrada, apenas o suficiente para arrastar na área rica de nervos com sensualidade brutal.

Os olhos dela fecharam. Ela sabia o que estava vindo. Ela sabia...

—Ian!— Ela gritou enquanto o dedo dele penetrava mais fundo. Apenas um pouco mais fundo, então retrocedeu.

A boca cobriu o clitóris enquanto ela o sentia se movendo, alcançando, o som da gaveta da cabeceira fechando um segundo mais tarde.

Ela não podia pensar direito nos sons, apenas havia o conhecimento fundo na alma de que se ele a tomasse lá, ele possuiria mais do que apenas o corpo dela.

Ela nunca tinha sido tomada analmente. Os brinquedos sedutores durante a masturbação não contavam. O fato de que cada vez que ela tinha feito suas fantasias envolviam Ian, importavam. O fato de que ela poderia sentir os dedos dele, agora lisos com a lubrificação, acariciando-a lá, com toda a certeza importava.

—Você não sabe o que está fazendo— ela gemeu. —Você não entende.

O prazer estava enrolando-se em sua espinha como dedos frenéticos de sensações enquanto ela sentia o dedo dele, liso, morno, entrar devagar na entrada apertada do traseiro dela enquanto dois dedos entravam na frenética e apertada entrada de sua buceta.

Nenhuma penetração era funda, nenhuma deveria ter o efeito que tinha. Chamas a queimavam, lambiam a carne, enquanto o prazer corria em cada célula de seu corpo e sua respiração prendia na garganta.



Os lábios de Ian cobriam o clitóris enquanto as pernas erguiam, arqueando os quadris dela mais alto, um pé indo para o ombro dele enquanto o outro dobrava atrás do ombro dele. Ela estava se abrindo para ele e sabia disso, dando acesso a ele, dando permissão a ele.

Ele gemeu contra o clitóris dela enquanto deslizava os dedos mais fundos dentro dela.

Kira deslizou os dedos pelo cabelo dele, o prazer a inundando enquanto ela segurava os próprios seios, os dedos brincando com os mamilos, puxando-os, aumentando as sensações ígneas que a destruíam.

Ela estava perdida para ele agora. Ela não podia evitar. O prazer era demais para aguentar, demais para lutar. Ela ergueu os quadris mais alto, gemendo em êxtase enquanto os dedos dele entravam mais fundo dentro dela. Mas não fundo o suficiente, longe de ser fundo suficiente.

Os dois dedos entraram mais em sua buceta enquanto os dela apertavam os mamilos, aumentando as sensações. A língua dele, má e faminta, movia entre as dobras da carne para chamejar acima da entrada da vagina enquanto o dedo deslizava mais fundo em seu traseiro.

—Ian. Deus. Por favor. Eu não posso aguentar. Eu não posso. —Os pés dela estavam firmes nos ombros dele agora, os quadris balançando mais, aliviando a penetração dos dois dedos correndo lentamente dentro de seu traseiro.

O ardor do estirar roubou sua respiração. Ela podia sentir os dedos aliviando dentro dela a graus lentos, penetrando-a, preparando-a.

—Tudo bem, Kira. — Ele beijou as dobras de sua buceta suavemente, sugando a carne e lavando-a com sua língua. —Eu cuidarei de você.

A cabeça dela afundou na cama. Ele a estava matando.

Os dedos no traseiro afundaram, a língua empurrando dentro do canal de sua buceta e Kira soube que estava perdendo a batalha.

—Foda-me! — Ela rosnou. —Agora!

—Eu não quero te foder, Kira. Não há outra opção?— A voz dele rangia, a própria fome, luxúria, espessando o tom à medida que ela clamava, o som severo e desesperado.

Havia apenas uma outra opção e não era aceitável. Não podia ser.

—Então eu fodo você— ela gemeu. —Por favor, Ian, eu não posso aguentar isto.



Os dedos se moveram dentro dela, estirando-a enquanto eles abriam e faziam as chamas que queimavam através de sua carne intensificar. A transpiração corria em seu corpo agora, banhando a carne, amortecendo o cabelo, enquanto ela tentava se segurar aos sentidos.

A língua acariciava dentro de sua buceta novamente, os dedos bombeando lentamente dentro de seu traseiro. Os golpes alternados a estavam matando, mantendo-a a apenas uma respiração do orgasmo e construindo o calor embaixo de sua carne ainda mais alto.

O prazer destrutivo deveria ser ilegal. Era um prazer que ia além do físico, um prazer que selava uma mulher ao homem que a dava isto.

—Você sabe como um homem fica quando toma sua mulher aqui?— Os dedos entraram no traseiro dela novamente, bombeando com golpes fundos enquanto ele falava contra sua buceta.

A cabeça dela agitou desesperadamente.

—É melhor do que droga, Kira. Saber que ela está com ele tão fundo. Que mais do que apenas o corpo está envolvido. Saber que você está me dando algo que nunca deu a qualquer outro. Vai além de foder, não é, bebê?

—Não... — O gemido desesperado era um grito, uma negação criada do conhecimento de que era algo mais.

Ele beijou sua buceta, uma sucção gentil no clitóris enquanto os dedos retrocediam e ele se movia sobre ela, erguendo suas pernas, segurando-as com uma mão nos tornozelos.

A ponta do membro dele apertou contra a entrada proibida de seu traseiro. Kira se forçou a abrir os olhos.

—Você quer que eu te foda?— Sombrio, cheio com dor, o olhar dele estava no dela. —Isso é tudo o que você quer, Kira?

Os lábios dela separaram, o conhecimento fundo até a alma de que isso parava aqui a lavou. Se ela o negasse isso, ela estava negando mais do que a possibilidade de que ele a amava. Ela estava negando o homem que ele era, e tudo que ela possivelmente poderia ter mais tarde.

Será que o amor dele ganharia aceitação, entendimento, com o que ela estava lá para fazer? Ele veria que ela não tinha vindo para traí-lo, mas para protegê-lo contra uma decisão que ela sabia que eventualmente iria destruí-lo?



Ela lambeu os lábios, sentindo a sensibilidade deles até mesmo enquanto sentia a divisão do tecido anal com a ponta da cabeça apertada contra ele.

—Me ame— ela sussurrou, quase sufocando com a dor agora. —Por favor, Ian, por favor, me ame.

As costas dela curvaram, um grito sem som deixando a garganta, enquanto ela sentia a cabeça do membro dele dentro de seu traseiro. Os olhos chamejaram abertos, preso nos dele, sentindo-se ser agarrada por ele, as mãos dela presa nos músculos espessos dos braços superiores dele enquanto ela colocava as pernas nos ombros dele e apoiava o peso na cama.

—Eu amo você, Kira. — A voz dele rangia enquanto ele começava a trabalhar seu membro dentro dela. —Eu amo você.

A intimidade do ato queimava na mente dela. Com cada estocada medida, cada centímetro de possessão, ele reivindicava mais do que a entrada intata que estava tomando, dava mais do que o prazer que a cercava.

Ela olhava fixamente para ele e viu um homem que amava, talvez como ela, pela primeira vez. Um homem tão cauteloso, tão incerto, quanto ela mesma, mas um disposto a tomar a chance pois se ele perdesse tudo em um segundo, esses sentimentos seriam perdidos também.

Ele queria a aceitação dela daqueles sentimentos. Ele queria que ela aceitasse seu amor, da mesma maneira que ela tinha dado o dela. Para ver, sentir, entender.

Enquanto ele ia até o cabo dentro de seu traseiro, estirando-a, o prazer queimando totalmente sua espinha, ela parou de lutar com o amor dele, assim como o próprio. Ela o banhou com ele ao invés, tomou-o nela enquanto ela tomava a empalação que sempre tinha sido um tabu com qualquer outro homem.

—Perfeito. — Ele fez uma careta enquanto se segurava ainda dentro dela, cada pulsar do membro ecoando pelas terminações nervosas dela enquanto ela sentia as ondas de sensações não diluídas começando a se juntarem dentro de si.

Ela estava tão excitada, tão quente, que os fluidos que saíam de sua buceta aliviavam ao longo da prega além de sua vagina e cobria a área que ele estava penetrado, acrescentando lubrificação ao lubrificante que ele tinha usado.



Quando os quadris dele começaram a se mover, empurrando dentro dela, cegou-a com os brilhantes arcos leves que começaram a cascadear ao redor dela.

Senhor, era tão bom. Um prazer que ela nunca tinha conhecido. Nunca tinha se sentido tomada tão completamente. A cada mergulho do membro dele dentro de seu traseiro, os gritos dela foram ficando mais desesperados, a necessidade de liberação mais imperativa. Estava construindo, acariciando dentro dela, subjugando-a.

—Ian!— Ela gritou o nome dele, ou tentou, lutou para.

—Logo— ele disse rouco. —Logo, Kira.

—Agora. Oh, Deus, deixe-me gozar agora. Por favor, por Deus, Ian, eu não posso aguentar—

A buceta dela teve um espasmo, cerrando com fome enquanto seu clitóris pulsava dolorosamente. Apenas um golpe, era tudo o que ela precisava.

Desesperadamente ela moveu uma das mãos poderosas dele, empurrando-a entre suas coxas enquanto ele alavanca atrás de seus joelhos, ainda enterrado dentro dela, ainda empurrando. Enquanto os dedos se aproximavam do clitóris, batendo nele. A mão dele virou de palma para cima, dois dedos mergulhando dentro de sua buceta, a extremidade da palma raspando o clitóris.

Os quadris dele se moveram mais duros, mais rápidos. Os golpes dentro do traseiro dela queimado com prazer brilhante. Punhaladas duras, desesperadas alimentado dentro dela, os dedos em sua vagina, estirando-a, o membro enterrado em seu traseiro, queimando-a.

A liberação, quando veio, destruiu-a, refez. Ela gritou o nome dele, jurou seu amor, a voz rasgada e quase tão irreconhecível quanto a dele. Seus votos, seu amor, despejavam dela com o mesmo poder aquecido e feroz que a liberação dele despejou nela.

Jatos duros, aquecido de sêmen encheram seu traseiro. A buceta apertando ao redor dos dedos, o clitóris explodindo contra a palma da mão. Ela estava gozando, morrendo ao redor dele, clamando seu nome enquanto sua alma abria e o aceitava.

—Eu amo você, Kira. Deus nos ajude, eu amo você.

Ele desmoronou acima dela, cobrindo a ambos, moldando-os enquanto suas respirações rotas enchiam o quarto.

Kira sentiu os olhos ficando pesados, o corpo abatido. Mesmo enquanto ele a puxava para aliviar o peso de seu corpo, ela parecia não ser capaz de se mover.



Ela precisava se levantar, talvez tomar banho. Ao invés, ela deixou os olhos fecharem e sentiu começar lentamente a fugir para o sonho.

Ian a limpou com um pano úmido. Com o outro ele enxugou o suor que estava secando. Começando na testa e descendo, um sorriso arrastando nos lábios enquanto ela estremecia suavemente.

Ele a secou, puxou de volta os cobertores, e a colocou embaixo deles enquanto os primeiros raios de sol entravam pelas portas da sacada.

Ele estava de pé há mais de vinte e quatro horas, mas inferno, ela também. Ele precisava de apenas algumas horas de sono, se recarregar antes do confronto com Sorrell que estava vindo.

Ele deveria ir ao andar de baixo, se encontrar com Diego e informá-lo. Ele o queria nisso, não é? Os dois no mesmo lugar. Seria como levar o cordeiro para a matança.

Mais tarde, ele disse a si mesmo, ignorando a pequena advertência que apertava suas entranhas com o pensamento. Diego não era nenhum cordeiro. Ele fazia suas próprias escolhas e essas escolhas o trouxeram aqui, para esse confronto final.

Ele puxou o cabelo de volta do rosto da Kira enquanto deslizava sob o lençol com ela. Ela se moldou a seus braços naturalmente, pela primeira vez buscando-o em vez de manter distância entre eles.

Ele beijou os lábios dela suavemente, porque ele não podia evitar. Ela tinha dado a ele algo que ele nunca tinha conhecido antes, a chance de amar alguém que sabia o caminho que ele trilhava.

Ela não ficaria andando de um lado para o outro e chorando enquanto ele estivesse em uma missão. Inferno, ele é que provavelmente ficaria andando de um lado para o outro e amaldiçoando sempre que ela não estivesse no campo de visão dele. Porque ele a conhecia.

Ele fez uma carranca. Algo teria que mudar depois disso. Nenhum deles poderia voltar para suas antigas vidas. Essas vidas não existiam mais. Nenhum deles era mais a mesma pessoa que era quando a operação tinha começado.



Ele sorriu porém, percebendo que não havia nenhum remorso no pensamento. Havia outros jeitos. Havia sempre outros jeitos, outros trabalhos, e ele estava pronto para se mover, se eles sobrevivessem a isto.

Se terminassem vivos.

Os braços apertaram ao redor dela enquanto ele fazia uma oração. Apenas a proteja, ele pensou. Nada mais. Nada para ele, porque isso seria egoísta. Ele nunca tinha rezado pela própria sobrevivência, mas agora ele rezava pela sobrevivência de Kira.

Capítulo Vinte e cinco

Ele dormiu três horas; e pensou que Kira dormiria mais tempo. Ian deslizou da cama e fez seu caminho para o chuveiro, mental e emocionalmente se preparando para as próximas horas.

Ele derramaria sangue hoje, e o derramaria novamente antes da noite estar terminada. Enquanto ele entrava sob a água da ducha, apoiou as mãos na parede, debruçando a cabeça contra ela e respirado roucamente.

Ele não tinha perdido sono o suficiente para debilitá-lo, e ele se certificaria de que assim que a manhã terminasse, tiraria uma hora para um cochilo. Ele tinha aprendido a dormir onde podia, quando podia, se isso queria dizer apenas alguns minutos escorado contra uma parede. Ou algumas horas enrolado ao redor de Kira.

Os braços dele desejavam retornar à posição na qual ele tinha acordado. Mantendo-a apertada contra ele.

Inferno, ele era perigoso para si mesmo desse jeito. Essa era uma missão, não uma desculpa para ferrar com a cabeça. Ou com a alma. Mas isso era exatamente o que ele estava conseguindo fazer quando a questão era Kira.

De repente, ele estava interrogando os planos que já tinha há dois anos. Questionando suas próprias motivações e se perguntando sobre suas próprias razões para ficar envolvido. Honra, glória, e o caminho americano eram desculpas de superfície maravilhosa, mas quando um homem partia para matar seu progenitor, havia mais do que isto. Era pessoal, havia ficado pessoal em um



deserto vinte anos antes, e ele percebeu com uma sensação vaga de desgosto que isso havia dado contorno à sua vida, mesmo depois que o perigo havia passado.

Ela o estava mudando. Ou talvez essa fosse a palavra errada. Não era uma mudança, mais como uma revelação. Ela o havia feito perceber por que tanto de sua alma parecia vazia por tanto tempo. Ele nem mesmo havia percebido o que estava faltando, o que ele estava procurando, até Atlanta. E mesmo então ele tinha tentado negar, tentado se afastar.

Ele era o pior tipo de chauvinista, ainda assim ele havia permitido a ela participar da missão, ele a manteve ao seu lado. A parte lógica do cérebro dele, que raramente funcionava quando a questão era ela, o assegurava de que ela era uma agente capaz. As emoções porém, aquelas que tinham a capacidade de cegá-lo, o haviam emboscado.

E agora ele estava em um inferno sentimental.

Mais sangue mancharia suas mãos esta manhã, e ainda mais uma vez que a reunião com Sorrell começasse. Ele estava certo de que ela não era nenhuma estranha a matança, inferno, ele sabia que ela não era, mas ele não queria matar na frente dela. Ele queria que ela mantivesse aquela visão de cavaleiro branco que parecia ter dele.

Ian agitou a cabeça antes de erguer o rosto para a água e mentalmente se chutou por ser um tolo.

Putá que pariu. Ela tinha um modo de torcer as entranhas dele em nós e ele não parecia ser capaz de parar isto, não importava o que ele fizesse ou quantas vezes dissesse a si mesmo que estava fazendo a coisa certa.

Enquanto ele ficava lá chutando o próprio traseiro pela sua fraqueza, ele a sentiu. Inferno. Ele abaixou a cabeça da ducha novamente. Ele não a havia ouvido entrar no banheiro, mas havia sentido. Não era apenas uma presença, era a presença dela. Suave, cheirando a sua possessão, morna e disposta.

Ele girou a cabeça enquanto a porta de chuveiro abria e ela entrava no box grande.

Ela não falou, e a língua dele ficou paralisada enquanto as mãos dela deslizavam por suas costas.

—Você devia estar dormindo. — Ele limpou a garganta, certo de que sua voz já arruinada soava como um grunhido de monstro enquanto um sorriso de flerte brotava nos lábios dela.



—Eu fiquei com frio. — Ela piscou contra as gotas da água que espirravam em seu rosto.

Ele sabia que não. A temperatura era controlada, ela não podia ter ficado com frio. Inferno, não, ela era quente, queimando por dentro assim como ele, mesmo depois do êxtase que os havia reivindicado horas antes.

Os braços dele foram ao redor dela. Colocando-a contra a parede na lateral do chuveiro, ele olhou para ela abaixo atentamente, assistindo a paixão que nublava os olhos e sentindo a resposta clara de seu pau dolorosamente duro e cheio.

Inferno, ele não deveria estar tão duro. Ele não deveria estar curvando os joelhos e deslizando-o contra as dobras lisas e quentes da buceta dela.

Ele tinha trabalho a fazer. Tinha assassinos para cuidar, negócios de um cartel de droga para cuidar. Ele tinha que participar do jogo até o minuto em que colocasse uma bala nas cabeças de Sorrell e Diego. Como o planejamento exigia, e não se deixando cegar.

—Eu preciso descer. — A cabeça dele abaixou para a ponta madura e rechonchuda de seu mamilo e ele a ouviu arfar enquanto ele lutava para fazer sentido dos pensamentos e emoções confusas dentro de si.

—Certo. — Mas as mãos correram em seu cabelo e o seguraram em seu seio.

Ian cercou o mamilo com os lábios, trouxe-o para a boca e deixou a língua brincar com ele. Acariciando, chicoteando, chupado com a sucção firme de sua boca.

—Você é um homem selvagem. — Uma linha de satisfação enchia a voz dela enquanto ele movia os lábios para seu pescoço, lambendo ao longo da coluna lisa e dando beliscões nela com os lábios.

Deus, ele amava saborear a carne dela, amava submergir no odor.

—Homem tarado— ele murmurou.

Ela riu, as mãos deslizando contra os ombros enquanto ela o empurrava para trás e ficava de joelhos antes que ele pudesse pará-la.

Ian olhou fixamente para ela abaixo, incapaz de se mover agora, incapaz de formar um pensamento coerente à vista de sua seta pesada entre os suaves lábios rosa.

A língua saindo entre os lábios perfeitos, enrolando ao longo do lado inferior de seu membro e ele friccionou os dentes com o prazer selvagem que ricocheteou em sua espinha.



Agora, se ela tivesse dado a ele a chance de recuperar o sentido, ele poderia tê-la colocado de pé, erguido-a até que as pernas dela pudessem circular os quadris, e seu membro pudesse escavar no paraíso que ele achava entre suas coxas. Mas ela não poderia deixar tudo assim tão simples.

A boca cercou em torno da cabeça, levou-o fundo, e começou uma longa e lenta sucção enquanto as mãos envolviam em torno da seta e um gemido rasgava da garganta dele.

—Ah, sim. — Ele deu a si mesmo o boquete mais malvado e aquecido que um homem poderia conhecer.

Os lábios doces o cercaram, uma boca quente apertava e o acariciava, e aquela língua estava enrolando, chicoteando como um pequeno demônio de êxtase.

—Mais fundo. — As mãos dele entraram no cabelo molhado dela, os dedos apertando as mechas enquanto ele apoiava as pernas com força. —Tome mais fundo, Kira.

Sombriamente, sensualidade erótica transformou as feições dela. Ela era bonita. Primorosa. E estava chupando seu pau como se fosse seu doce favorito. Ele amava isto. Ele a amava.

Deus o ajudasse, ele a amava.

O membro deslizou mais distante junto de sua língua enquanto ele sentia o gemido dela vibrar ao longo de sua seta.

—Mais fundo— ele a persuadiu, a voz tão espessa, tão áspera que ele mal podia entender as próprias palavras. —Vamos, bebê, você sabe o que eu quero.

Incerteza chamejou nos olhos dela, fazendo-o pausar. Ela nunca tinha...? Pelo menos não assim. Não fundo, não ao ponto que um homem sabia que perderia a mente enterrada dentro de sua boca.

Ele sorriu para ela abaixo. —Apenas relaxe. Deixe-me te mostrar.

Os dedos apertaram em seu cabelo, balançando-a para trás apenas um pouco, alinhando a cabeça de seu membro com as suaves profundidades internas de sua garganta.

—Respire pelo nariz, relaxe. É bom, Kira. Tudo bem.

Ele assistiu as labaredas nas narinas dela enquanto os olhos estreitavam e ele começou a se mover novamente. Os quadris puxaram, quase tirando o membro da boca antes de ele se mover dentro dela novamente, indo mais fundo, apenas um pouco mais fundo, sentindo-a apertá-lo.



—Relaxe. — Ah, Deus, ele estava desesperado, queimando por aquela profundidade final onde ele sentiria o primoroso cerrar do fundo de sua boca, sentiria a língua ondulando ao longo da base de sua seta.

Ele puxou de volta e encheu a boca novamente, tocando naquele portal final para a instância mais breve antes de retroceder. Era tão quente, tão devastador, o destruía.

—Um pouco mais— ele arquejou. —Apenas um pouco mais.

Ah, inferno. Ele estava morrendo, queimando vivo. As bolas estavam tão apertadas contra a base de seu membro que elas se sentiam constringidas ao ponto da dor. A necessidade de gozar era como uma lança em chamas atirando diretamente para cima de sua espinha e chiando até seu cérebro.

O cabelo preto e longo fluía pelas costas dela, o rosto exótico cheio com fome, e ela chupava seu membro como uma mulher que morre de fome pelo gosto de seu homem.

Ian cerrou a mandíbula bem apertada com o esforço de se conter, forçado os lábios novamente e jurou que iria morrer antes de conseguir gozar.

Era perfeito. Era um abrigo no meio de uma tempestade, o centro do furacão, as profundidades de um vulcão. Era calor quente e branco e um prazer que ele sabia que não poderia mais viver sem.

Ele sentia a boca relaxar, mas ondular contra a cabeça de seu membro. Os músculos da garganta tinham espasmos, apertavam, e antes que ele percebesse que tinha perdido, seu sêmen estava saindo como um jato da ponta de seu pau e enchendo a boca.

O grito estrangulado dela causou outra ondulação junto a seu membro, as mãos acariciando, a boca arrebatada. A cabeça dele caiu para os ombros enquanto um grito severo, gutural enchia o box cheio de vapor e ele bombeou sua liberação abaixo pela garganta dela.

Maldita. Ela ainda estava lá, os músculos do fundo da boca espasmando e ondulando, estendendo seu prazer até mesmo enquanto ele se forçava a empurrar entre seus lábios. Se ele não o fizesse, ele não pararia de empurrar. Tão bom quanto a liberação era, tão primorosa, tão gostosa que ele precisava de mais agora.

Ian a colocou de pé, cerrou as mãos embaixo de seu traseiro, e a ergueu.

—Venha ao meu redor— ele rosnou.



As pernas foram ao redor da cintura dele, os braços ao redor de seus ombros, e o membro dele cutucou ferozmente, as dobras lisas entre suas coxas.

Ele não a aliviou, ele não podia. Juntando bem as coxas, ele a segurou no lugar e com um grito severo empurrou no portal inchado e liso de sua buceta apertada.

—Putá que pariu. — Ele bloqueou os dentes juntos enquanto ela clamava contra seu ombro, afundando os dentes em sua carne.

Ele estava enterrado em fogo. Raios corriam e queimavam por seu sistema nervoso com espasmos doces e malvados de fome que ondulavam sobre sua ereção.

Ele estava enterrado até o cabo, as bolas em êxtase e afundando rápido.

Ele a empurrou contra a parede do chuveiro, apertando as nádegas, e puxou-a antes de empalá-la contra ele com uma estocada funda, desesperada. Ele estava gemendo, sussurrando seu nome, o rosto enterrado em seu pescoço enquanto os gritos dela ecoavam em suas orelhas. E ele não podia parar.

Fodê-la era imperativo, desnudar-se da realidade e enchê-la com o prazer, a sensação erótica de pertencer que apenas vinha ao possuí-la. Essa necessidade enchia cada partícula de seu ser.

Ela era uma parte dele. Ele enchia seu corpo e ela enchia sua alma, e Deus o ajudasse porque o pensamento de perdê-la o estava destruindo.

—Segure-se em mim— ele sussurrou, sabendo que tinha sussurrado essas palavras antes, sabendo que ele tinha precisado dela por toda sua vida.

—Sempre. — A voz dela quebrou o controle dele. —Sempre.

Ele mergulhou dentro dela, empurrando duro e fundo, sentindo-a explodir ao redor dele enquanto seu sêmen saía em jatos para dentro dela, enchendo-a, marcando-a, uma parte dele segura para sempre dentro dela.

Mesmo enquanto os últimos tremores da liberação ondulavam pela espinha dele, ele não podia deixá-la ir. A água fluía sobre eles agora, lavando seus corpos, vaporosa, relaxante, mas o pensamento de tirar sua carne de dentro da dela o fez cerrar em negação. Ele queria segurá-la assim para sempre. Aqui mesmo. Manter o mundo a distância e negar o conhecimento de que qualquer coisa existia lá fora além dos dois.



—A água vai ficar fria. — Aquele sotaque do Sul estava preguiçoso, relaxado, cheio com satisfação.

Ian grunhiu em resposta, o rosto ainda enterrado no pescoço dela, a língua acariciando através da carne ocasionalmente, apenas para sentir as poucas ondulações de resposta embaixo de sua pele.

Ela não disse mais nada, apenas esperou por ele, as mãos acariciando junto de seu pescoço enquanto ele lutava para ganhar a força para puxá-la para longe.

A cabeça ergueu e ele olhou nos olhos dela, esperando por ela enquanto ela colocava os pés no chão do chuveiro. Orbes fundos, cinza escuro tocando o oceano azul. Era como uma fada, ou algum daqueles malditos espíritos nas histórias que a mãe dele sempre ficava contando quando ele era criança.

—Você é minha fraqueza. — Ele reconheceu a realidade disso com as palavras.

—Você é minha força. E eu sou sua, Ian. Nós lutaremos melhor, mais fortes, juntos. Não tente me mandar embora. — Determinação sombria reluzia nos olhos dela. — Eu não vou partir.

Ele não tinha percebido a própria intenção de fazer isso até que ouviu as palavras dela.

—Eu serei distraído.

—Você será distraído ainda mais se eu sair da sua vida depois que isto estiver terminado. Eu não serei protegida. Eu não sou uma flor de estufa e não sou uma fraqueza. Eu sei como me defender e você sabe disso. Comece com isto novamente e eu me certificarei de que você esteja mancando quando for enfrentar Diego esta manhã.

Ela era uma gata selvagem. Orgulho inchou dentro dele enquanto ela o enfrentava, mais determinada, voluntariosa e confiante do que qualquer mulher que ele já tinha conhecido.

—Muriel vai morrer esta manhã— ele a advertiu. —Eu não posso arriscar que ele informe a Sorrell que nós sabemos que ele é um espião. Eu vou matá-lo.

Ele tinha aprendido lições desde que havia assumido as rédeas do cartel. Nunca dar a eles tempo para passar a mensagem. Neste mundo, tomar o inimigo prisioneiro era o mesmo que dar a eles uma faca para cortar sua garganta. Ele não se arriscaria. Não com a vida de Kira na linha de fogo também. E tirar Muriel era menos um vendedor de droga, menos um bastardo destruidor de inocentes para respirar o precioso ar.



Ele sabia da culpa de Muriel. Sabia dos crimes que ele havia cometido, da mesma maneira que Ian sabia que estava tomando a tarefa de juiz e júri sobre seus próprios ombros.

Ele anuiu com a cabeça. Puxando duas esponjas da pequena prateleira no chuveiro, ele deu uma a ela e ficou com a outra para si mesmo.

—Nós terminamos. Vamos tomar banho e sair.

Kira se vestiu para a batalha. Usava uma legging cor de marrom, uma camiseta de algodão combinando e botas até os tornozelos, feitas para o conforto, assim como resistência. Tinha um coldre embaixo da jaqueta esporte combinando com a jaqueta marrom, mas ninguém exceto alguém com experiência perceberia que ela estava armada.

Diego com toda a certeza perceberia. Enquanto eles entravam no pequeno escritório que ele estava usando, a cabeça girou de onde ele estava sentado com seu primo Muriel, o traiçoeiro bastardo e ergueu a sobrancelha enquanto encontrava o olhar de Kira, então o de Ian.

—Ela está armada?— Havia uma extremidade de condescendência na voz dele enquanto ele dirigia a pergunta a Ian.

—Ela não é a primeira mulher a ir para guerra com seu amante. — A voz de Ian retrucou com ira enquanto ele andava a passos largos através do quarto e, enquanto a expressão de Diego virava descrença, deu uma coronhada com a pistola contra a parte de trás da cabeça de Muriel.

O outro homem afundou na cadeira, o cabelo preto grosso caindo sobre as feições morenas. Ele estava inconsciente antes de saber o que o havia atingido. Diego ergueu da cadeira, suspeita apertando as feições até mesmo antes de alfinetar Ian com olhos pretos, furiosos.

—O que ele fez?

Kira podia dizer que Ian ficou surpreso com a pergunta. Chamejou em seu olhar por apenas um segundo antes de ele fazer um sinal para Deke.

—Tire a roupa dele. Certifique-se de que ele não está usando um rastreador na pele quando o amarrarmos e mantivermos no porão. Eu lidarei com ele mais tarde— Ian ordenou a Deke.



O guarda-costas tirou o largo colombiano de sua cadeira, ergueu-o acima do ombro, e deixou o cômodo. Trevor, Mendez e Cristo se colocaram em posição defensiva ao redor de Ian e Kira.

O olhar de Diego seguiu os movimentos deles antes de voltar para Ian.

O pai olhava para o filho friamente, a aparência suave, usando calça comprida escura e uma camisa de seda branca, o cabelo preto e cinza ainda cheio puxado para a nuca e preso com elástico preto.

—Acredito que te fiz uma pergunta, Ian— ele declarou. —O que ele fez?

Ian ergueu o arquivo que tinha na outra mão e o bateu na mesa entre as duas cadeiras que Diego e Muriel ocuparam.

—Ele tem dado a Ascarti, e por sua vez a Sorrell, informações sobre a rede inteira. Eu te disse para manter este filho da puta fora da história. Você se lembra disto, Diego?

O desespero relampejou nos olhos pretos de Diego enquanto ele se sentava devagar e abria o arquivo. Em cor viva, os retratos eram exibidos diante dele.

Kira olhou rapidamente para o rosto de Ian e jurou que viu um flash de remorso, mas se foi tão depressa quanto veio, e Diego não o viu por estar prestando atenção às fotografias.

—Não havia necessidade de ele nos trair— Diego sussurrou fortemente. —Eu teria dado a ele qualquer coisa que ele pedisse.

—Agora você pode dar a ele o que ele merece— Ian retrucou. —Ou eu darei.

Os lábios de Diego moveram amargamente enquanto ele erguia o olhar para Ian. Kira viu a dor, um flash de raiva, e uma tristeza profunda até a alma que ela sabia que o homem não tinha nenhum direito de sentir.

—Eu não posso matar uma empregada que dava as informações para os nossos inimigos, mas posso matar meu primo que era como um irmão para mim desde que nasceu?

—Você exigiu o direito de buscar retribuição. — Ian encolheu os ombros. —Você pode suportar isso, ou como eu já disse, eu irei. Não tenho nenhum problema em matar o bastardo. Liss era outra história, Diego, e você não vai querer me lembrar disso.

—Então você pode ter o prazer. — Diego agitou a cabeça, exausto.

—Ficando suave, papi?— Ian retrucou. —Talvez te ajude saber que Muriel estava por detrás da tentativa de mandar a minha limusine para o inferno na semana passada. Se isso não te



perturba, tente a reunião com os Misserns e a porra do assassino que me espera lá. Ele vai morrer, e vai morrer antes de poder contatar seu bom amigo Ascarti novamente e adverti-lo de que nós estamos atrás dele.

Os olhos de Diego estreitaram. —Você tem prova do envolvimento de Ascarti com Sorrell?

—Tenho algo muito melhor do que isto— Ian rosnou. —Eu preciso de você pronto para se mover em um piscar de olhos. Quando o telefonema vier, eu mesmo estarei com Sorrell, e nós concluiremos esta guerra de uma vez por todas.

Ian estava assustadoramente frio. Kira o assistia cautelosamente, vendo a fúria que ele mantinha sob controle por tanto tempo chegando à superfície agora.

Diego, Jansen Clay e Sorrell tinham se deliciado em torturar Nathan Malone, o SEAL que mantiveram preso por mais de um ano e meio. Ian sabia que Diego estava envolvido na tortura, sabia que ele tinha tolerado e acrescentado mais dela mesmo depois de Sorrell acreditar que o SEAL tinha sido morto.

O remorso poderia ser uma luz frágil enterrada em algum lugar fundo dentro dele, mas ela sabia naquele momento que Diego era um homem morto caminhando.

—E como você organizou isto?— Diego se moveu de sua cadeira até o bar através do cômodo, a mão tremendo, Kira notou, enquanto ele despejava para si mesmo uma bebida e a trazia para os lábios.

Ele a virou depressa e despejou outra antes de se voltar para Ian, erguendo a sobrancelha em questionamento. —Eu acredito que te perguntei detalhes, filho.

Kira viu a tensão leve que apertou os ombros de Ian, a defesa natural contra o vacilo que quase traía seu desgosto com a palavra.

Ela podia sentir a dor dele. Ela não podia vê-la, mas sentia dor por ele. Doía porque este homem era seu pai, este monstro que atraía sangue, crianças cheias com drogas e destruía vidas sem pensar nas tragédias que resultavam de suas ações.

Ian enfrentava este homem diariamente. Enfrentava o horror e a realização agonizante de que ele tinha vindo da semente deste homem. Kira se perguntou se poderia aguentar essa pressão sem quebrar, e soube que não poderia. Algo dentro dela teria morrido já fosse forçada a participar de um jogo como o que Ian estava jogando.



—Eu não tenho detalhes para você, papi. — A voz de Ian era selvagem. —Tenho algo que ele quer agora, e ele virá atrás disto.

Fogo brutal chamejou então nos olhos de Ian. —Eu cuidarei do seu primo, prepare-se para se mover, nós poderemos ter que partir em um segundo.

—Você está permitindo que eu brinque agora?— Sarcasmo enchia a voz de Diego. —Por quê? O inferno congelou? A que devo esta onda gloriosa de submissão por você finalmente me envolver nos meus próprios negócios?

Dor. Kira assistiu a dor queimar nos olhos de Diego enquanto Ian mencionava a morte de Muriel.

—Desista, papi. Eu te prometi que assim que a hora chegasse, nós faríamos isto junto, e é o que estamos fazendo— Ian retrucou, o desrespeito no título quase fazendo Kira vacilar agora. Se ela não conhecesse Ian como ela fazia, poderia acreditar que ele estava apreciando isto. Mas ela viu os turnos sutis da cor dos olhos, viu a tensão que apertava seu corpo.

Diego olhou para ele calado, o rosto dobrado com tristeza, antes de movimentar a cabeça, exausto, e voltar para o bar. A sala estava espessa com tensão, com a poderosa força adversária dos dois homens e as conexões que os ligavam, assim como os tornavam opostos.

Para Kira, era de partir o coração, mas ela sabia que para Ian era finalmente o início do fim desta missão, o fim do estilo de vida que ele tinha sido forçado a viver e o sangue que era derramado diariamente.

Ian lutou com o conhecimento de que Diego estava ferido, lutou com as memórias, a dor do remorso enquanto revivia as vezes em que tinha sido traído por aqueles em que confiava. Não que acontecesse frequentemente; Ian nunca tinha sido do tipo confiante. Mas ele conhecia a dor, a vergonha, e sabia como marcava dentro da alma e deixava uma cicatriz duradoura.

Como Diego Fuentes poderia sentir tal vergonha por causa de uma traição, Ian não estava certo. O homem deveria ser queimado e morrer mil vezes pelos horrores que tinha perpetuado ao longo dos anos.

A esperança iluminou uma luz frágil nos olhos de Diego quando Ian disse que eles estariam trabalhando juntos. Como uma criança que tinha sido chutada muitas vezes, o homem mais velho escondeu depressa a emoção.



Mas que porra ele estava fazendo? Ian perguntou si mesmo. Ele nunca deveria ter tomado esta missão, nunca deveria tê-la posto em ação em primeiro lugar. Ele deveria apenas ter colocado um rifle no traseiro dele e puxado o gatilho apesar das ordens.

O DEA o queria vivo. O DSI o queria vivo. Todo mundo o queria vivo e Ian havia jurado matá-lo. Ele o mataria. Deus era sua testemunha; não importava o quão desprezível a ação fosse, não havia nenhum outro modo. Ele não poderia permitir a outro SEAL, outro amigo, sofrer porque ele também tinha traído Diego.

—Quando você espera que esta reunião aconteça?— A voz de Diego estava estranhamente cansada, resignada.

—Desejo que logo. — Ian cruzou os braços acima do tórax e olhou fixamente para ele. —Nós temos algo que ele quer, muito.

—E é? — Ele pareceu desinteressado, mais preocupado com a quantidade de bebida alcoólica que poderia consumir agora do que sobre o fim iminente de seu pior inimigo.

—Nós temos a filha dele.

Ele olhou para em Ian em choque, então em alegria.

—Eu pensei que ela fosse apenas um mero boato. — Ele piscou de volta para Ian em descrença. —Você a tem? Ela está aqui? Na vila?— Os olhos alargaram enquanto a satisfação começava a cintilar neles. —Ela está no porão?

Ian sentiu os dentes juntarem em fúria.

O filho da puta, até agora, nada poderia tocá-lo exceto o odor da morte ou dos pequenos jogos sujos que ele brincava naquela porra de porão. Ou a morte de um amigo que brincava daqueles jogos com ele, como Muriel tinha feito.

—Ela não está no porão— ele retrucou, a raiva vazando na voz. —Eu a tenho e ela está segura, isto é tudo o que você precisa saber.

Diego fez uma careta. —Você nunca entendeu o valor dos joguinhos que eu brinco, não é, Ian?

—Não entendo e não vamos discutir sobre eles agora. — Às vezes ele se sentia como se estivesse lidando com uma criança particularmente voluntariosa quando o assunto era Diego.



Ele não viu o sorriso sutil de Diego, mas Kira pegou o curvar dos lábios do homem e o brilho de carinho nos olhos pretos.

Capítulo Vinte e seis

Ele estava tirando Ian do sério. Ele não estava falando sério com o fato de levar Tehya para a sala de brincadeiras à força, ela compreendida, Diego gostava de companheiras dispostas. Mas ele estava medindo o temperamento de Ian ou seu humor. Era como um adolescente cutucando a autoridade do pai. Kira imaginou que Diego via isto como um jogo, uma desagradável contra Ian pelo modo autocrático como ele tinha assumido o comando do cartel em vez de compartilhar os negócios como Diego havia sonhado.

Diego queria um filho para compartilhar as coisas boas da vida, e Ian não estava compartilhando. Eles não matavam juntos, porque Ian ficava bravo sempre que Diego derramava sangue. Eles não conspiravam juntos e não planejavam junto, então Diego o cutucava, provocava e achava a diversão que podia. Uma pequena quantia de gratidão, uma medida de confiança que o filho sentia, alguma pequena emoção por ele, porque Ian não o retaliava. Porque ele não explodia e não ameaçava matá-lo ou partir. Diego acreditava então que havia esperança.

A culpa fatiou Kira uma vez mais. Como seria difícil vê-lo morrer se ela não pudesse impedir Ian de matá-lo? Sabendo isto, apesar do monstro que ele era, ele era um monstro que almejava a atenção do filho, e ainda mais, seu amor.

Kira sentiu uma onda de piedade tão afiada, tão intensa, que teve que girar a cabeça para longe de Diego; infelizmente, ela se achou olhando fixa e diretamente nos olhos de Ian. Olhos que viam demais, aquele estreitar de olhos ao ver a piedade e então a advertência.

Para trás.

Ele não tinha que dizer as palavras, ela podia sentir a demanda. Ele não queria ver, não queria ouvir. E não queria lamentar. Mas ela podia ver o remorso nos olhos, remorso e determinação.



—Jogos são o tempero da vida, Ian. — O comentário de Diego arrastou a atenção de Ian dela de volta para ele. Onde ele a queria. A atenção dele era melhor lá, fora dela e da culpa furiosa que corria por ela.

—Jogos são uma enchecção de saco. — Ian encolheu os ombros. —Eu quero que você deixe seus homens a postos, faça-os convergirem e assumirem parâmetros protetores em torno dos armazéns que temos em Oranjestad. Sorrell assumirá que estamos levando-a para lá. Veremos se ele pretender atacar ou negociar.

—Mas a menina não está lá— Diego murmurou enquanto se movia para a escrivaninha e abria o laptop.

Enquanto ele tomava sua cadeira, uma carranca marcava sua sobrancelha. Os dedos começaram a digitar depressa.

—O armazém não foi comprado com o nome de um empreendimento conhecido do cartel— ele informou Ian. —Nós realmente o temos utilizado para alguns propósitos legais ao invés de ilegais. — Havia uma medida de surpresa em seu tom enquanto ele pegava o telefone e levava o receptor na direção dele.

Ian pegou a mão de Diego enquanto ele começava a discar os números. Kira assistiu, surpresa como Diego enquanto Ian desligava o telefone cuidadosamente.

Ele puxou o pequeno dispositivo eletrônico do cós da calça jeans. Kira suspirou; ela ainda não tinha a permissão de tocar com o dispositivo bloqueador. Ian o sacudiu, deixou-o perto do telefone e então indicou que Diego podia fazer o telefonema.

Diego fungou enquanto esmurrava o número. —Tecnologia nem sempre é uma coisa boa.

—Mas vai acabar salvando o seu traseiro— Ian grunhiu enquanto saía de perto, o olhar uma vez mais encontrando o de Kira.

Ela enfiou as mãos nos bolsos de sua jaqueta esporte leve, e se forçou a impedir de curvar os ombros defensivamente.

Ela escutou com metade de uma orelha enquanto Diego ordenava os homens ficarem no lugar. Ele não deu a eles uma razão, claro, e nem tinha que fazer. Ele tinha governado com sangue e morte por mais de trinta anos, e sua reputação como assassino assegurava aos seus homens que deveriam seguir sua palavra ao pé da letra.



—Está feito. — Diego retornou o telefone para o lugar antes de voltar para o laptop. — Eu ainda tenho meu papel na trama. — Ele pareceu revirar os olhos por detrás da cobertura do laptop. —Vamos ver se eu não posso conseguir um relatório se temos qualquer aterrissagem de voo fora do programa futuramente. Ele não viria por barco, seria muito lento.

—Ele já está em Aruba. — Ian cruzou os braços através do tórax e encarou Diego.

Diego deu ao filho um olhar de descrença. —Eu saberia se ele estivesse, confie em mim. Sorrell pode ser bastante bom em manter sua identidade escondida, mas não é tão bom em manter sua presença escondida. Aonde ele vai, morte e desaparecimento de jovens adoráveis seguem. Nós não tivemos nenhum desaparecimento em Aruba ao longo de um ano. Confie em mim, ele ainda não está aqui.

Kira girou as costas para os dois homens, o olhar colidindo com o de Deke, enquanto Diego e Ian começavam a discutir os pontos prós ou contras de Sorrell estar na ilha. Parecia um argumento inútil, sem sentido, até que se prestasse atenção ao que não estava sendo dito e deixasse as subcorrentes do fluxo fluírem ao invés.

—Você é um senhor de droga, não um terrorista, Diego— Ian o lembrou friamente. —Eu não acho que você entende tanto dessas espécies particulares do mal como acredita.

—Terroristas não são tão diferentes. — Diego encolheu os ombros enquanto Kira se voltava para ele.

Ele se debruçou de volta na cadeira e encarou o filho, um esgar arrastando nos lábios. —Nós dois temos uma visão e lutamos por ela. Eu te digo que nós temos o direito de escolher apreciar a excitação das drogas, o mesmo direito que temos de aguentar armas ou a liberdade da qual os americanos falam e parecem apreciar com tanto entusiasmo. Pessoalmente, eu sempre achei um viciado em drogas muito mais instruído, mais fácil de lidar e controlar do que o seu político encolerizado, desencontro de legisladores que a América parece achar ter grande prazer em eleger para as agências do governo.

Ian agitou a cabeça depressa como que tentando agitar a realidade de volta para a mente.

—Não foda comigo hoje, Diego— ele sibilou. —Eu não estou com bom humor.

—Ele podia ter um ponto aí, Ian— Kira disse lentamente então. —Apenas pense, se todos os nossos políticos estivessem felizes correndo para a loja de conveniência mais próxima para



comprar seu próximo narcótico, eles não estariam dando ao resto da nação enxaqueca debatendo leis e liberdades. A anarquia poderia reinar pacificamente então.

O riso de Diego estourou cheio com alegria.

—Essa é uma fêmea aguçada que você tem nas mãos, meu filho, espero que você pretenda mantê-la ao redor durante algum tempo.

O olhar de Ian prendeu no dela novamente. Era um olhar meditativo, escuro, um que enviou um calafrio abaixo pela espinha dela porque ela pôde ver a advertência nele.

—Eu preciso questionar, Muriel— Ian declarou em vez de responder à declaração de Diego.

Era deliberado. Imediatamente todo humor fugiu do olhar de Diego e ele chamejou com dor. Mas isso não pareceu trazer nenhuma satisfação a Ian. Kira podia ver a tensão nele, a necessidade de ter isto terminado, ter isto feito.

—Kira, nós precisamos conversar primeiro. —Ela ficou surpresa quando Ian caminhou para ela, agarrou sua mão, e a levou para a porta. —Eu voltarei logo— ele falou sobre o ombro. —Deke, fique em contato com os guardas de fora e deixe-me saber se você precisar de mim.

—Entendido, chefe.

A porta fechou atrás deles enquanto Ian seguia depressa para os degraus.

—Qual é o seu problema?— Ela silvou.

Ele estava mudo, tenso, até que eles alcançaram para o quarto e ele bateu a porta violentamente atrás de si. Marchando para a cômoda, ele verificou a segurança no quarto, bateu violentamente a gaveta, fechou e então se voltou para ela.

Ela podia ver a tempestade nos olhos então, a raiva nas extremidades do controle.

—Não ouse lamentar— Ian rosnou, a voz baixa, com intenção. —Eu vi nos seus olhos, vi no seu rosto. Não pense nem por um minuto que você pode salvá-lo.

Ela lambeu os lábios nervosamente. Ela não tinha nenhuma escolha a não ser salvá-lo.

—Ele é um monstro— ela começou, então inalou roucamente enquanto a satisfação reluzia nos olhos dele. —Mas ele é um monstro que ama o filho.

—Porra! Eu sabia. — Ele correu os dedos pelo cabelo, empurrando de volta as mechas loiras escuras e revelando a perfeição barbaramente afiada de seu rosto. —Eu sabia disto no minuto em



que te vi nesta maldita ilha. Você está deixando as suas emoções te cegarem agora. Como diabo você pode dizer algo assim?

—Minhas emoções não estão cegando nada, Ian— ela o assegurou, a voz baixa enquanto o assistia com compaixão, sentindo dor por ele. —Eu vejo a verdade que você se recusa a ver.

As sobrancelhas dele abaixaram sobre os olhos, raiva meditativa marcando o rosto e franzindo os lábios.

—Não comece a psicologia barata— ele retrucou. —Eu não quero ouvir. Se você não pode manter as emoções sob controle então pode ficar com o resto do grupo e sair da droga do meu caminho.

Êpa, isso doeu.

—Seu jeito ou a porta da rua então?— Ela perguntou a ele com uma respiração afiada. —Uau, Ian, levou tempo, mas você acabou de me lembrar por que eu sempre evitei os SEALs para amantes. Sua atitude é uma droga.

—Levou bastante tempo para você ser lembrar de que deveria estar trancada para sua própria proteção— ele rosnou enquanto dava as costas para ela e compassava para a grande sala de estar do apartamento antes de se jogar no sofá densamente almofadado e olhar para ela com raiva devastadora. —O que você acha que pode fazer, salvá-lo? Por quê? É como tentar salvar um animal louco.

Ele fez uma carranca para ela, as sobrancelhas puxadas bem baixas sobre os olhos, a expressão uma máscara de orgulho e raiva ofendida.

Ela enfiou as mãos de volta na jaqueta e suspirou exausta. Ela não podia dizer a verdade a ele e não porque tinha sido ordenada a não dizer. Ele perderia o tênue controle que estava aguentando há tanto tempo e sabia disto. Ele vivia dentro deste mundo sujo, corrupto, com apenas uma meta em mente, trabalhando metodicamente na direção dela. Saber que isso poderia ser tirado dele o levaria àquela extremidade de ser um agente Americano leal, e possivelmente o tornar um bandido.

—Eu concordo com você. —E ela concordava.



A mandíbula dele apertou. —Então o que diabo você está fazendo se machucando por aquele filho da puta? Pelo amor de Deus, Kira, não tente negar isto. Eu vi no seu rosto, nos olhos, lá embaixo.

Ele se ergueu do sofá e marchou para as portas da sacada.

—Você se lembra de Nathan?— Ele perguntou a ela então. —Você se lembra de como o viu naquele hospital?— Ele se voltou para ela, o corpo pulsando com fúria. —Eu o vi quando o tiramos daquela caverna dos infernos na Califórnia. Apenas pele e ossos, os olhos loucos, a mente quase tão destruída quanto o corpo. Você não viu, eu vi.

—E ele é seu amigo, então você tem que vingá-lo— ela disse.

—Eu quero vingá-lo. Mas mais importante do que isso, eu quero me certificar de que isto nunca mais aconteça. Não fique no meu caminho nisso, não tente me convencer de outra coisa. Não vai dar certo.

Ela queria tocá-lo, queria aliviar a fúria torturada de seu rosto, dos olhos, mas ela sabia que não deveria. Tocá-lo significaria ceder, e ela não podia ceder. Não apenas por causa de suas ordens, mas por causa de Ian. Ele nunca se perdoaria. Ele nunca poderia esquecer que estava aqui para matar o pai, não importando o monstro que ele fosse.

—Matá-lo fará a dor ir embora, Ian? Fará as memórias pararem de apodrecer dentro de você? Ou apenas vai fazê-las pior?

—Eu não sei— ele rosnou. — Responda essa pergunta primeiro, Kira. Ver Sorrell morrer devolverá os seus pais? Ou a amante de Jason e o filho dele? Que satisfação você ganhará com isto?

Ela não vacilou. Doía. Oh, sim, isso doía, porque ela sabia que a morte de Sorrell daria a ela uma medida de segurança. Mas ela tinha conseguido paz com o fato de que poderia falhar anos antes.

—Bom ataque— ela disse suavemente. —A morte de Sorrell trará um fechamento ao passado, Ian. Não meu ódio. Nada mudará isto. Mas ele não é meu pai também.

—Diego não é meu pai. Ele foi o doador do esperma— ele zombou.

— Sua mãe o amou um dia. — Ela estava entrando em território perigoso e sabia disto. O território que até Diego Fuentes havia se recusado a entrar.



Ian quase vacilou coma a memória, o rosto áspero apertando uma vez mais com o bofetão mental. Ela não tinha dito isso para machucá-lo, ela tinha dito para lembrá-lo. Para fazê-lo pensar.

—Ela era jovem— ele disse finalmente. —Ela não sabia o que ele era.

—E uma vez que ela descobriu quem ele era, ela não odiou você. Você não pagou pelos crimes de Diego— Kira assinalou. —Eu não o estou desculpando, Ian, assim como não culpo você. Mas isto é realmente algo que você quer lembrar na calada da noite? O fato de você ter tomado a vida dele?

—Eu me lembrarei com prazer. — A voz era forte, certa, mas ela viu o chamejar no olhar, a incerteza. Infelizmente ela sabia que aquela incerteza não era forte o suficiente para fazê-lo sair do curso que tinha fixado para si mesmo.

Os homens eram muito teimosos, SEALs especialmente. Eles tinham a confiança suprema de que estavam certos, as decisões lógicas e sem falhas. Eles eram determinados, arrogantes, e, essencialmente, muito difíceis de lidar. Era apenas a sorte dela ter se apaixonado por um deles.

Ela olhou fixamente de volta para ele, sentindo dor por ele, e em alguns modos sentindo por Diego também. Ambos eram homens fortes, mas a força de Ian era baseada em sua honra, e a de Diego era baseada dentro de um mundo que o filho dele podia apenas ver como do mau.

—Você me arrastou para cá para discutir sobre Diego?— Kira perguntou a ele quando não pôde apresentar um único maldito argumento para salvar a vida de Diego. Nenhum. O homem havia construído sua vida inteira vendo os outros sofrerem, vendo e usando o sofrimento deles para suas próprias metas.

—Eu te arrastei aqui para cima para te perguntar exatamente onde está a sua lealdade. Diego e Sorrell vão morrer, Kira. Se você tem problemas com isto, então é melhor dizer agora. Você não poderá ficar no meu caminho mais tarde.

Tensão ergueu entre ambos. Kira podia sentir, quase podia ver pulsando no ar entre eles.

—Minha lealdade está com você, Ian— ela disse a ele simplesmente. E era verdade.

O olhar dele parou no dela, intento, queimando com uma ira interna enquanto o olhar a sondava, procurando por uma fraqueza, ou uma mentira. Ela não estava certa de qual era neste momento.



Finalmente, ele anuiu com a cabeça depressa. —Eu preciso fazer contato com o time, certifique-se de que tudo esteja pronto para ir.

Kira cerrou as mãos dentro dos bolsos enquanto saía de perto dele e compassava para o quarto enquanto ele fazia o telefonema. Ela precisava de alguns momentos para reparar seu controle, se centrar e lamentar.

Ian nunca iria perdoá-la quando ela fosse forçada a ficar entre ele e Diego. Ela iria perdê-lo, e o pensamento a estava destruindo de dentro para fora.

Ian não podia dispersar a tensão crescente em seu intestino enquanto Kira se movia da sala de estar para o quarto. Ele pegou o celular seguro e apertou o botão de discagem rápida para falar com Macey enquanto a assistia. Assistia e se perguntava como diabo ela poderia sentir qualquer compaixão, qualquer piedade, por aquele bastardo que tinha destruído tantas vidas.

—Certo— Macey respondeu, a voz baixa. —Tudo seguro. E você?

—Aguardando o contato. Alguma informação adicional?— Reno e Clint ainda estavam questionando Tehya quando Ian e Kira saíram logo antes do amanhecer.

—Temos alguns suspeitos baseados nas mortes dos guardiões dela, locais onde eles tinham desaparecido. Consegui reunir alguns perfis com as informações que ela nos deu. Ela realmente sabia mais do que pensava depois que começamos a juntar tudo. Eu reduzi a mais ou menos meia dúzia de homens e estou correndo alguns perfis baseados em linhagem e feições que ela poderia compartilhar com ele, e vários outros parâmetros. Mas preciso te dizer, porém, que se um destes caras é o sujeito que procuramos, então estávamos certos desde o princípio. Conexões sociais e políticas, herança, dinheiro de família real, e muito a proteger. Ele não vai aparecer fácil.

A batalha para identificar o terrorista era contínua há anos. Quântico²⁰ tinha apresentado um perfil há dois anos, mas nenhum suspeito. Não era alívio ouvir que os perfis tinham estado certos.

—Você conseguiu localizar o celular que estava programado?

²⁰ Quântico – base para treinamento da marinha americana.



—Nada. Seguro. Nenhum rastro, nada. Talvez nós teremos mais sorte quando ligarmos esta tarde mas duvido que ele ficará tempo o suficiente para conseguirmos rastrear— Macey respondeu.

—Quem são os nossos suspeitos?— Ian perguntou então.

As sobrancelhas dele ergueram com os três nomes que Macey deu. Ele não estava brincado quando disse que isso poderia se transformar em uma bagunça. Todos os três homens tinham raízes na aristocracia francesa e inglesa. Todos tinham dinheiro de herança que totalizavam milhões, talvez mais, e tinham respeito mundial. Se um deles fosse Sorrell, então não era nenhuma maravilha ele ter conseguido evadir por tanto tempo.

—Nós quase conseguimos amarrar todos os três homens, de uma maneira ou outra, a Ascarti. Há até um pequeno rumor que eu consegui descobrir que Ascarti é filho bastardo de um dos homens. Eu quase apostaria meu dinheiro nisto— Macey terminou.

Inferno, soava como uma boa aposta para ele.

Ian verificou o relógio. Ele com certeza não queria dar a ninguém tempo para localizar seu próprio telefonema.

—Está indo bem, Macey. Verificarei mais tarde. —Ele desconectou o telefone antes de inalar roucamente e olhou rapidamente para a porta onde Kira tinha desaparecido para o quarto.

Ele se moveu para a entrada, uma ponta de remorso. Ele tinha sido duro com ela e sabia disto. A fúria ao pensar em Diego trabalhando as emoções dela, sua lealdade, cansou o controle dele.

—Nós temos suspeitos. —Ele parou e a assistiu, enquanto ela verificava sua arma e colocava munição extra nos bolsos da jaqueta.

Os olhos dela estreitaram com a declaração dele. Movendo a jaqueta para o lado, ela empurrou a arma de volta no coldre e ficou de pé.

—Quem são eles?

—Erick Randolph, Jordan Lorrainee Marco Alloran. Todos os três homens são conectados a Ascarti também.

As sobrancelhas dela ergueram. —Todos de família rica— ela murmurou. —Eu encontrei todos os três. Jason e eu realmente discutimos sobre um desses homens. Lorraine. Ele é reservado,



às vezes recluso, e foi investigado uma vez sobre um plano descoberto para subverter Jacques Chirac²¹ enquanto ele estava na agência do governo, mas eles não puderam ir adiante. Ainda assim, isto está longe de escravidão e terrorismo branco.

—É o melhor que temos no momento— ele disse. —A marca de nascença amarrará tudo, com toda a certeza vai ajudar a ter uma ideia do que nós estamos lidando aqui.

—Você está olhando para um homem com um complexo de Deus. — Ela agitou a cabeça antes de correr os dedos pelo cabelo e passando-os depressa pelo rabo-de-cavalo longo. —Um homem paranóico. Um homem que acredita que o mundo foi corrompido quase ao ponto de não ter conserto e as mulheres são bens móveis em vez de merecem suas liberdades. Isso ajusta aos três homens, mas Lorraine acima de tudo. Ele é um filho da puta arrogante, se recusou a lidar com a firma de advocacia de Jason em uma conta há vários anos quando Jason mandou que eu vigiasse alguns detalhes. Ele teve que enviar um *homem* — ela zombou. — Trivialidade irritante.

Ele ouviu a raiva na voz dela. Sorrell estava por trás da bomba que havia matado a noiva de Jason e os pais dela. Por causa de um homem, ela tinha perdido a maior parte da família.

Como ele, ela tinha passado a vida procurando um jeito de acabar com um homem. Ela conhecia a dor, o horror, o medo e o conhecimento de que monstros existiam.

—Qual a porcentagem do envolvimento de Lorraine contra os outros dois?— Ele perguntou.

Ela inalou brevemente enquanto verificava o rabo-de-cavalo com um rápido bater das mãos e então as abaixou para os quadris. A sobancelha estava curvada, e Ian estava encantado em ver a agente trabalhar. Ele podia ver que ela se importava com porcentagens e possibilidades, trabalhando como ajustar o que ela conhecia contra cada homem.

—Eu duvido que seja Randolph. — Ela agitou a cabeça. —Ele é um hedonista, não se importa nem um pouco de mostrar sua nudez, e ele está em forma satisfatória para a idade. Eu o vi em uma praia na França um ano, ele não tem marca de nascença a menos que saiba como cobri-la. E ele era muito peludo. Fazer um cosmético cobrir teria sido impossível. Além disso, Sorrell não seria pego nu. Isso seria uma coisa privada para ele.

²¹ Jacques Chirac - político francês filiado ao partido UMP. Foi primeiro-ministro da França, de 1974 a 1976 e de 1986 a 1988. Foi também o vigésimo segundo presidente da França, de 1995 a 2002. Como presidente, foi também co-príncipe de Andorra, por inerência.



—Você viu Randolph nu?— Algo como ciúme cerrou dentro dele. Possessividade. Ele não queria que ela visse outros homens nus.

—Várias vezes. — Ela encolheu os ombros como fosse de pouca importância. —Foi em uma praia nudista.

—E você estava nua?— Ele disse entre dentes friccionados.

A sobrelance dela ergueu. —Quase. E você não vai fazer algumas observações completamente irracionais também, não é? Porque nós dois sabemos que as pequenas amantes submissas que você tirou dos clubes em Atlanta não eram exatamente uma relação platônica.

Ele sentiu o lábio querer enrolar em um grunhido e mal o segurou. Ele poderia ter que matar Randolph ele estivesse envolvido ou não caso tivesse visto Kira nua.

—Supere isto, Ian. — Ela agitou a cabeça impacientemente, mas um sorriso arrastou nos lábios. — Eu prometo que foi antes de eu encontrar você.

Isso não ajudou.

—Que tal o Alloran?— Ele perguntou. Ele tinha que tirar da mente que ela tinha estado em uma praia nudista.

—Alloran é de família rica também, sangue real de ambos os lados, francês e inglês. Algum tipo de primo distante de um primo da Rainha da Inglaterra. — A carranca dela afundou. —Eu nunca o teria considerado. Que tipo de parâmetros Macey usou para a lista?

—Não tive tempo de descobrir— ele disse, fazendo careta. —Os celulares estão seguros mas eu não quero ariscar. Eu desconectei antes que houvesse a chance de um rastreamento.

Ela anuiu com a cabeça em compreensão antes de olhar rapidamente para a porta da sacada. —Eu preciso ir para a vila, conversar com ele e com Tehya também. Eu socializei com estes homens, conheço-os pela maior parte da minha vida. Meu pai tinha condições amigáveis com Lorraine, e fazia negócios com os outros dois. Posso ser capaz de ajudar na busca.

Fazia sentido, mas ele não a deixaria, de jeito nenhum, sair de sua visão.

—Faça Daniel te levar e trazer, vamos fazer isto parecer bom. — Se ela fosse vista entrando na vila que tinha arrendado, poderia ser visto de forma suspeita, e levar Sorrell diretamente para Tehya.

—Eu o ligarei. — Ela anuiu com a cabeça, o olhar afiado. —O que você vai fazer?



—Tentar não estrangular Diego— ele grunhiu . —Ele é como um maldito pirralho mimado. Como diabo ele conseguiu segurar um cartel deste tamanho às vezes me confunde.

—Você exigiu controle para retornar, e não está sendo legal até onde ele está preocupado. Ele está te irritando, tentando conseguir sua atenção. — E o afeto. Ian ouviu na voz dela, mas ela era sábia o suficiente para não pôr em palavras.

Ele encolheu os ombros como se a observação não fizesse nenhuma diferença.

—Vá lá e veja o que mais você pode descobrir— ele disse a ela. —E cuide-se.

Ele andou a passos largos para ela então, uma mão emoldurando o rosto, erguendo o queixo enquanto a outra ia ao redor da cintura e a puxava para seu corpo mais duro, excitado.

—Eu serei cuidadosa. — Aquele tom ofegante na voz dela apertou suas bolas. Maldita, ela o afetava como nada ou ninguém mais já tinha feito.

A mão dela deslizou pelos braços dele, agarrou seus bíceps. Pequenas unhas afiadas em sua carne e o lembraram dos arranhões nas costas que ela tinha colocado lá na noite anterior.

—Tenha certeza de que será mais cuidadosa. — Ele abaixou os lábios para os dela, deu um beijo ardente, e a puxou para trás antes que a necessidade pelo corpo saísse de controle. —Dê um toque no meu celular quando chegar lá.

Então ela ergueu uma mão, os dedos tocando sua bochecha, então os lábios. —Seja cuidadoso.

Ele sorriu amplamente. Ela podia fazê-lo se sentir mais leve, ele gostava disto. Quando ela olhava para ele, suave e sensual assim, algo dentro dele se soltava, a tensão que o estava destruindo se iluminava.

—Eu enviarei Deke e Daniel com você — ele decidiu enquanto o calor no olhar dela afundava até sua alma, aquecendo-o, lembrando-o de tudo que ele tinha a perder se perdesse Kira. —Eu te quero protegida, Kira, deixe-me fazer isto.

Ele podia ver o protesto na expressão dela e ele não queria lutar. Ele não queria ter que forçá-la a permitir à mente dele ficar clara agora mesmo.

Ela agitou a cabeça, mas o sorriso era de aceitação. —Certo, eu tomarei Deke comigo. Mas nós vamos discutir esta sua atitude mais tarde.



—Você pode chutar o meu traseiro o quanto quiser mais tarde— ele prometeu, dando um passo para trás. — Eu questionarei Muriel e verei o que posso descobrir.

Ele deveria apenas tê-lo matado, ele tivera a intenção, sabia que era o melhor caminho a tomar. Segurá-lo significaria dar a ele uma chance de escapar e possivelmente descobrir onde Tehya estava escondida.

—Ei. — Ele a pegou enquanto ela se movia para ir para longe dele, a mente e o coração lutando, uma parte dele doendo para sussurrar as palavras, a outra parte se contendo.

—Eu prometo ser cuidadosa. — Ela se ergueu para ele, tocando os lábios nos dele e olhando fixamente em seus olhos. — Eu amo você, Ian.

Um beijo. Apenas um beijo, e ele podia deixá-la ir. Profundo, faminto, um beijo que arrastou um gemido da garganta dela e o fez lutar para se impedir de jogá-la na cama e ouvi-la gemer novamente.

—Vá. — Ele a empurrou para longe dele, arrastando as mãos por seu cabelo e encarando-a. Maldita, ele não tinha bom senso quando ela estava ao redor. — E se apresse de volta.

Aquele energético pequeno rabo-de-cavalo foi para cima e para baixo enquanto ela se movia depressa para longe dele, as longas mechas do cabelo caindo da coroa de sua cabeça para o meio de suas omoplatas e tentando-o a derrubá-lo e passar os dedos pela massa suave, espessa.

Ela olhou rapidamente para ele enquanto alcançava a entrada, pausou, e deu a ele uma piscada insolente antes de um riso leve deixar os lábios quando ele começou a ir até ela novamente.

Ela escapou. Na hora certa. Mais um segundo e ele teria deixado Sorrell de lado e jogado-a no chão até enterrar o comprimento dolorido de seu membro bem no fundo da buceta apertada, suave e aveludada dela. Maldita. Maldito. Porque ela anulava seu controle e o lembrava, a cada segundo, do que exatamente ele poderia perder se esta operação fosse para o inferno.

Capítulo Vinte e sete

O telefonema veio no fim daquela tarde.



A voz tinha sotaque acentuado, um homem que raramente usava o inglês, e estava marcado com raiva. Ele tinha concordado com o encontro com a condição de que eles veriam apenas a marca de nascença dele, e não seu rosto. Ele exigiu que Ascarti tivesse a permissão de acompanhá-lo, assim como um guarda-costas, e que a filha estivesse presente durante as negociações.

Ian riu. — Acho que não. O objetivo dessas negociações é que cada um de nós consiga o que quer, meu amigo. — Ele se debruçou de volta na cadeira e estreitou os olhos enquanto Diego sorria com satisfação com o som da voz de Sorrell no viva-voz. — Eu terei a sua identidade e você terá a menina. Uma troca justa. As negociações não valem merda nenhuma se ambos os lados não são obrigados a colocar as fichas na mesa.

O silêncio que encheu a linha dizia tudo. Ian não havia permitido ao telefonema ser rastreado, mas Macey tinha o equipamento para fazer isso apenas por alguns minutos. Mas Sorrell poderia ter o equipamento para localizar o rastro, e no momento, eles precisavam de um pouco de confiança.

— Eu te mostrarei a marca de nascença na sua chegada. Meu rosto permanecerá protegido até que as negociações sejam completadas. E você deixará a sua mulher com o meu guarda-costas até que as coisas estejam razoavelmente decididas. Minha filha ficará com um de seus homens. Nós dois temos muito a perder, assim como a ganhar.

Ele sabia que as coisas ficariam assim. Ele tinha sentido no minuto em que soube que Kira estava em Aruba, que assim que o jogo estivesse no final, ela seria usada como seu freio.

O que Sorrell não sabia era que Kira não poderia ser usada por homem nenhum. Ele tinha que discutir consigo mesmo, tinha que se forçar a ser lógico em vez de permitir à emoção influenciar sua decisão. Mas a emoção estava ganhando.

— Diego estará presente. Se você precisa de um seguro —

O riso de Sorrell foi um pouco zombeteiro. — Sr. Fuentes, você e eu sabemos que eu tenho espiões na sua presença. A sua relação com o seu pai é, como podemos dizer, menos do que amorosa? Ele não é aceitável como seguro, mas espero que ele esteja na reunião. Sua mulher estará de um lado do cômodo com meu homem. Seu homem manterá a minha filha de forma semelhante no outro lado do cômodo. Eu e Gregor Ascarti nos encontraremos com você e seu pai depois que a troca for feita. Isto não é negociável.



Ela podia se proteger, a parte lógica do cérebro dele o assegurava. Ninguém sabia quem ela era, ou o quê era, ou como ela era capaz nessas situações. Ian sabia. Ele a havia visto em várias missões, lido os relatórios dos homens que trabalhavam com o Camaleão. Ele sabia que ela poderia fazer isto.

Mas ele a estava colocando em risco.

—Vamos lá, Sr. Fuentes, se eu posso confiar o meu tesouro à sua proteção, então você pode confiar o seu a mim. — Sorrell riu. —A menos que você tenha outros planos além de negociar.

—Eu definitivamente não tenho planos de ter a minha mulher roubada e vendida para aumentar os seus cofres— Ian bufou.

Sorrell riu. —Ela é muito velha. Seria muito difícil treiná-la de forma eficaz, ela está protegida de tal destino. Meninas jovens que ainda não conhecem a corrupção de sua sociedade, são as que busco. E tão bonita quanto sua mulher é, ela não é mais uma virgem, nem retém o florescer da mocidade. Você concorda com as minhas demandas como eu concordei com as suas?

—Concordo. —O fato de que ele não tinha escolhas fazia suas entranhas ferverem.

Maldita, ele sabia que não deveria tê-la deixado se meter nisso. A fraqueza dele. Ela era uma fraqueza e Sorrell sabia disto. Se ela não estivesse aqui, em sua vida, sua cama, Sorrell teria aceitado Diego como seguro, eliminando a chance de que Sorrell teria um pouco de poder sobre as negociações.

—Ah, eu posso ouvir a raiva no seu tom. —Satisfação enchia a voz do Francês. —Sua mulher é importante para você. Isto é bom. Ela é voluntariosa, uma fêmea mimada, meu amigo. Temo que você não terá um caminho fácil com ela. Teria sido melhor se você tivesse achado uma mulher mais dócil.

—Eu cuido da minha vida, Sorrell, você cuida da sua. — Ian lutou por uma medida de distância, em vez de dar vazão à ira até que isto estivesse acabado. —Nós nos encontramos à meia-noite—

—Sua mulher estará esperando dentro dos portões da sua vila. Nós então sairemos do veículo e iremos para dentro. Uma vez mais, inegociável. Eu não entro em armadilhas, Sr. Fuentes. Ela estará só.

—Nada feito.



Sorrell ficou quieto.

—Esqueça, eu tenho algo que você quer, não o contrário— Ian o lembrou. —Eu posso matar a sua filha tão facilmente quanto Liss e Muriel foram mortas. Sem remorso. Ou, eu podia contatar o DEA. Estou certo de que eles perdoarão vários de meus crimes para ter a sua filha. Talvez eu possa conseguir aquela sórdida acusação de traição terminada. — Ele deixou a sugestão seguir.

E pôde sentir a tensão através da linha então. Ondas de raiva vindo do francês.

—Nós chegaremos à meia-noite. —A voz de Sorrell era cortante, enfurecida. —Eu te contatarei novamente antes da chegada. E, Sr. Fuentes, traia-me e mais do que apenas a sua mulher morrerá. As mulheres de seus antigos amigos, o filho recém-nascido de Reno Chávez, do qual ele está tão orgulhoso, todos morrerão, dolorosamente.

Ian bufou com a ameaça apesar da raiva que pulsava por ele. —Apenas esteja aqui na hora certa, se você não se importa. Eu tenho outras coisas para cuidar assim que completarmos isto.

O telefonema desconectou.

Ian esticou a mão, desconectou o telefone na base e então olhou para Diego.

O rosto do homem estava pensativo, os olhos pretos cintilando com desafio. Ian podia ver Diego tentando antecipar o próximo movimento de seu adversário. Era o Ian que também queria, aquele desafio, aquela sensação não apenas física, mas a batalha mental.

—Eu reconheço a voz dele. — Diego bateu na cadeira ligeiramente. —Havia alguma característica, talvez o riso, tão superior e arrogante. — A carranca dele aprofundou. —Eu já falei com este homem antes.

A gravação da conversa foi enviada depressa para Reno e Macey. Kira ainda estava no interrogatório de Tehya na vila alugada. A menina precisava ouvir também. Mas ele sabia que ela conhecia a voz, talvez sem o falso tom protetor e amoroso que ele usava com ela, ela poderia talvez definir algo sobre isto.

—Seria melhor você ligar para os seus amigos e informá-los deste novo movimento. — Diego se debruçou de volta na cadeira, cruzou um tornozelo sobre o joelho oposto, e ergueu a xícara de café da mesa auxiliar que tinha deixado lá mais cedo.

Ian olhou para ele calado enquanto Diego sorvia a bebida fermentada morna.

—Que amigos?— Ele perguntou finalmente.



Diego agitou a cabeça. —O Time Durango. Estou ciente de que eles estão na vila com o guarda-costas da Kira, Daniel. Você poderia ter me dito, Ian. Eu não negaria a ajuda dela. Mas eu ficaria curioso porém, que preço você paga pela ajuda deles?

Ian beliscou a ponta do próprio nariz. A paciência não era seu ponto forte, e quanto mais esta operação durava, menos paciência ele tinha.

—Não há nenhum preço— ele finalmente respondeu honestamente, olhando para Diego. —Eles tinham informações e a mulher e vieram até mim. Não me pediram nada em retorno.

—E quando isto estiver terminado?— A voz de Diego apertou. —Eles retornarão as suas vidas apenas, ou você seguirá com eles?

Ele nunca poderia retornar. Ian era esperto o suficiente para saber isto. Ele agitou a cabeça lentamente. —Acho que você sabe assim como eu que não há volta para mim.

Ele deveria lamentar isto. Ian sabia que deveria estar furioso com o fato de que sua carreira de SEAL, não importando como isto acabasse, estava terminada. Não havia nenhum remorso porém. Uma sensação de tristeza, sim, mas estava pronto para qualquer outra coisa mesmo antes de vir até Diego.

Diego estava anuindo com a cabeça devagar, o olhar intento, preso no de Ian, procurando. O que diabo ele estava procurando? Ian se perguntou.

—Talvez eu tenha cometido um erro no modo como te trouxe para o meu mundo, minha vida— Diego disse devagar então. —Mas eu quero que você saiba, Ian, que os planos já estavam prontos para ajudar os seus amigos. Eu não teria deixado que nenhum deles sofresse indevidamente por causa dos nossos jogos.

—Exceto Nathan?— Ian perguntou suavemente.

Culpa chamejou nos olhos de Diego. —Eu sei que você está ciente das coisas que eu fiz ao seu amigo, mas eu também o mantive vivo. Ele não era um espectador inocente, Ian. Você sabe disto. Ele se permitiu ser capturado. Ele fez a escolha não apenas para tentar me enganar mas também a Sorrell e Jansen Clay. Se ele tivesse tentado ganhar suas informações apenas de mim, ele teria se safado muito melhor.

Ian se debruçou adiante, os braços apoiados na escrivaninha, assassinato na alma.



—Você o torturou por um ano depois que Sorrell terminou com ele. Você poderia ter se certificado de que ele fosse salvo; ao invés, você continuou a torturá-lo, drogá-lo, tentando fazê-lo quebrar seus votos com a esposa.

Diego suspirou, mas não havia nenhum remorso, apenas conhecimento e aceitação. —Eu te direi novamente, Nathan Malone não era nenhum espectador de inocente. Você sabe disto assim como eu. Ele tinha informações que eu poderia ter usado, e ele se colocou à minha disposição. É o modo deste mundo, Ian. É o modo do mundo, ponto final. Ele fez as escolhas dele, e ainda assim, eu me certifiquei de que ele vivesse, mesmo sabendo que essa era uma coisa que você nunca poderia me perdoar.

—E as filhas dos senadores que você sequestrou e drogou?— Ian perguntou a ele. —Você sabia que uma delas morreu, Diego, e um dos seus soldados estuprou outra? Uma criança de dezesseis anos, uma virgem, e aqueles bastardos a estupraram na frente do pai dela.

—Eram ordens do pai dela— Diego retrucou. —O sequestro daquelas meninas não foi decisão minha, eu não tomarei nenhuma responsabilidade nisto. Isto foi coisa de Clay e Sorrell. Para reter o poder que eu precisava para lutar com os bastardos, eu não tive nenhuma escolha a não ser permitir às meninas serem trazidas para a minha propriedade e mantidas cativas. Eu sou culpado de muitos crimes, mas esses eu não reivindicarei.

Havia um tipo especial de monstro que compartilhava pessoas e torturas, Ian percebeu. O tipo de homem que merecia morrer de todos os modos possíveis.

—Você nunca entendeu. — Diego agitou a cabeça então. —Você é como os fanáticos religiosos. Você tem a sua visão, sua percepção, e nunca oscila. Aqueles que não compartilham esta visão e percepção não são merecedores de nada, nenhuma clemência, nenhuma chance de viver. Não é verdade?

—Você deveria ter levado um tiro como um cachorro louco quando nasceu— Ian rosnou.

Em vez de se sentir ofendido, Diego sorriu com orgulho. —Minha palavra é meu laço. Eu não a quebro a menos que os outros quebrem as deles. Eu limito meus jogos aos oponentes que entendem as regras. Ambos os lados sabem que a morte pode resultar. Diga-me, Ian, seu novo departamento, o de Segurança Interna, me adquiriu, você acha que eles apenas me levariam a julgamento? Eu não apanharia e seria torturado para obter as informações que tenho dos cartéis



rivais, ou você suspeita de que eles desejam me condenar? Você não me disse que estes agentes matam insensatamente quando acabam de obter as informações daqueles que sequestraram?

—Eu não sei. — Mas acontecia, Ian sabia que acontecia.

Diego se debruçou adiante. —Não, mas você captura aqueles que eles torturam. Você entra na calada da noite com o seu Time Durango, tira-os de suas camas e os deixa em custódia com aqueles fazem.

—Assassinos. Estupradores. Terroristas. Malditos animais que transformariam o mundo em uma cloaca onde nada além de morte reinaria. Pelo amor de Deus, Diego, é dificilmente a mesma coisa.

Ian ergueu de sua cadeira e compassou em torno da mesa, a raiva que surgia dentro dele exigindo ação de algum tipo, de qualquer tipo.

—Você se senta aí e defende o seu lado como o próprio Satanás, atingindo sua lógica, tão certo de que seu direito é torturar, mutilar, matar. Porque é uma porra de um jogo para você.

—Porque eu conheço este mundo— Diego gritou, ficando de pé enquanto a própria raiva vinha à tona. —Você acha que eu não vejo o que você está fazendo com o cartel? Parando as remessas de droga, tentando legalizar os nossos negócios diversificados. — Ele bufou em desgosto. —Você me alvejaria como uma roupa de lavar suja. Por que você faria isto? O que está na sua cabeça?

O que estava na cabeça dele?

—Talvez eu queria algo para deixar para as minhas crianças para que elas não sejam assassinadas enquanto estiverem dormindo— Ian rosnou.

Diego abriu a boca e fechou-a, então olhou para Ian em surpresa. —Você está considerando ter filhos?

Put a que pariu. O maldito bastardo que fosse para o inferno. Havia esperança na voz dele. Esperança, medo e uma esperança que adoeceu Ian até o intestino.

—Eu estava sendo retórico— Ian retrucou, passando os dedos pelo cabelo enquanto fazia uma carranca para Diego. —Olhe, eu não tenho tempo para esta briga. Nós decidiremos isso depois que eu lidar com Sorrell. Já que você sabe tanto sobre a porra dos meus negócios, eu levarei



esta gravação para a casa ao lado e verei como neutralizar esse bastardo para você. Discutiremos sobre o resto mais tarde.

Ele marchou de volta para a escrivaninha, apertou o botão eject do gravador e pegou a fita.

—Ian. — Diego entrou na frente dele enquanto ele girava para partir, a expressão torturada. Torturada como se ele tivesse um coração, uma porra de uma alma. —Eu seria um pai se você permitisse. O cartel Fuentes seria como você quer, você decidiria do seu modo. O nome Fuentes viverá e não haverá necessidade de discussão entre nós. Você conhece os negócios. Você lucrou nestes meses em que está aqui. Eu te darei ele todo, se você ficar quando Sorrell sair. Nós podemos fazer isto, Ian.

Não, eles não podiam, porque um deles estaria morto.

—Nós conversaremos sobre isso mais tarde, Diego. — Ele agitou a cabeça enquanto passava por ele e se dirigia à porta.

Ele não poderia conversar sobre isto agora, havia muitos planos a fazer, coisas demais a fazer. E ele não podia fazer planos assim, não podia ser uma parte disso enquanto conspirava a morte de Diego.

Enquanto ele caminhava pelo hall da entrada, Cristo estava atrás dele enquanto Trevor o precedia, ele de repente se viu, não como ele pensava que era, mas como era visto pelos olhos dos outros. Um homem de sangue frio conspirando a morte do próprio pai.

Importava que o pai fosse um monstro? Importava que uma vez que o cartel de Fuentes caísse, ele tivesse a intenção de deixar os vários negócios resultantes como carniça para os abutres comerem?

Enquanto ele entrava no Rover, Trevor tomou o banco do motorista e Cristo se moveu para o passageiro dianteiro como proteção, Ian olhou através do vidro escuro da porta e esfregou o rosto em frustração.

Ele tinha planejado isto a sangue frio antes de entrar no cartel. Dois anos de planejamento, conspirando, inspirando apenas a quantia certa de curiosidade nos lugares certos para atrair Diego.



Um homem apenas, lamentando a perda de seu filho mais jovem, um herdeiro ou uma família com a exceção de alguns primos. Um homem famoso por ter estimado a esposa e o filho. Diego tinha estimado o filho ao ponto de ter infectado o jovem com o mesmo mal que o enchia.

Um Ian do mal não tinha condições de permiti-lo sobreviver.

Enquanto Trevor passava do portão da vila e virava para entrar na calçada da vila de Kira, ao lado, Ian não pôde evitar e se preocupou sobre a situação com Sorrell.

Ele não era conhecido por sua premeditabilidade, ou manter sua palavra. Não que Ian esperasse que um terrorista mantivesse sua palavra; ainda assim, teria sido agradável se ele fosse um jogador como Diego era. Com um homem como Diego, se conhecia as regras. Aderia-se a elas, ou o jogo estaria acabado e não haveria validade. No caso de Sorrell, não havia nenhuma validade desde o início. Ele negociava com terror, morte. Não era um negócio para ele, era uma religião.

Saindo do Rover, ele tinha Trevor e Mendez esperando do lado de fora da casa onde Kira havia obviamente deixado Deke. Andando para a entrada larga, Ian bateu firmemente e esperou enquanto Daniel abria a porta.

—Entre. — Daniel estava de novo no modo guarda-costas enquanto abria a porta e dava um passo para trás. No minuto em que Ian entrou na casa, a porta fechou e trancou solidamente atrás dele, e o comportamento de Daniel mudou.

—Eles estão no pequeno quarto de empregada no andar abaixo, parecia o lugar mais improvável para esconder a filha de um terrorista internacional. —Daniel agitou a cabeça com o pensamento. —Foi uma boa ideia enviar os soldados de Fuentes para guardar o armazém na cidade. Kell reportou algum interesse lá por alguns sujeitos não identificados, mas até agora, nada definitivo.

Eles foram para debaixo da escadaria curva onde Daniel abriu uma porta sanfonada. Não era exatamente escondida, mas qualquer pessoa buscando na casa passaria com um primeiro olhar e continuaria para a parte de trás da vila ou de cima.

Eles entraram em um cômodo estreito e longo. Ian pegou a gravação do bolso e a jogou para Macey enquanto olhava em torno do cômodo.

Reno estava debruçado contra a parede assistindo enquanto Kira e Tehya estavam sentadas no sofá-cama e conversavam. Macey tinha seu laptop instalado em uma pequena mesa de madeira e



uma cômoda próxima. Equipamentos bloqueadores e links de satélites compartilhavam o espaço com discos rígidos externos adicionais e outras parafernálias que Macey considerava sua instalação básica.

Kira o assistiu, calada. Ele sabia as questões nas mentes deles.

—Sorrell fez contato. Será à meia-noite na vila. Que tipo de suporte vamos ter?— Ele dirigiu a pergunta a Reno, que sabia que sempre tinha auxílio.

Os lábios de Reno abriram em um sorriso enquanto ele se debruçava preguiçosamente contra a parede distante, seu M-16 embalado nos braços. Macey anuiu com a cabeça e Tehya empalideceu. A resignação que sombreava os olhos da Kira o fez assisti-la mais duro, mais atentamente. Ele tinha a sensação de que ela estava em Aruba para mais do que sexo ou amá-lo quando ela tinha chegado. Ele continuava com essa opinião, mas sabia que sexo e amor definitivamente eram fatores importantes aqui.

Aquele flash de emoção que ele tinha visto no olhar dela provava isto, e ele se preparou para se defender do que quer que viesse disto.

Ela era uma agente contratada do DSI, ela tinha vindo como apoio do DSI, e ele sabia disto. Ela não teria vindo sem ordens. Ordens que ela não tinha dito a ele, e ele não tinha forçado para descobrir.

Forçar, possivelmente, não significava gostar da verdade, e Ian era o tipo de homem que acreditava em encarar a realidade a toda hora, ele não queria enfrentar a realidade com Kira até que não tivesse outra escolha.

—Temos dois times SEALs na costa, esperando— Reno reportou enquanto Ian mantinha as mãos longe de Kira. —Eles se moverão quando dermos a palavra.

—Mova a Senhorita Talamosi para a vila de Fuentes depois que escurecer— ele disse a eles enquanto Kira tomava a mão dele e ele a puxava para seu lado. —Diego sabe que você está aqui. Eu não quero arriscar que ninguém mais descubra, e ela será mais bem protegida se não tivermos que dividir nossas forças.

—Como ele descobriu?— Kira mordeu o lábio inferior enquanto olhava fixamente para baixo, a expressão preocupada.



—Com Diego, apenas Deus sabe. — Ian agitou a cabeça. —Ele não disse como soube, mas ele sabe. Iremos juntos à noite e colocaremos as coisas no lugar. Mantenha o Time Durango escondido a todo custo até o encontro; não queremos que Sorrell seja advertido antes do jogo.

Ele esboçou o plano das negociações, assistindo enquanto Macey fazia uma carranca e fez notas em um bloco ao lado, e Reno pensativamente anuía com a cabeça. Com tudo isso, Tehya se sentava estoicamente na cama, a cabeça abaixada, as mãos cerradas firmemente juntas.

—Teremos os homens em suas posições depois que ele chegar— Tehya disse suavemente, uma vez que Ian terminou. —Um grande contingente de homens, altamente treinados e fortemente armados. Assim que ele partir, o inferno cairá sobre a vila.

—Ele não sairá vivo— Ian a lembrou.

Tehya inalou roucamente. —E todo o inferno cairá no momento em que eles acreditam que existe qualquer problema. Sorrell controla o tempo de tudo. Ele é fanático com isto. É quase tão importante quanto o ideal qualquer pelo qual ele luta. Se ele não mandar o ataque parar, então ele começará em um certo prazo, não importando onde ele está no jogo. Você deve estar preparado para isto.

Ian anuiu com a cabeça na direção de Macey. —Eu registrei nossa conversa— ele disse a Tehya. —Você pode examinar cuidadosamente com o time, dar a ele os detalhes que você puder se lembrar. Às dez nós nos encontraremos na vila e nos prepararemos para a reunião.

—Eu quero aquela arma, Sr. Richards— ela disse a ele novamente, a voz baixa, mas pulsando com determinação. —Eu não posso ser tomada viva por ele.

Ian olhou rapidamente para Reno. O olhar dele era compassivo, e preocupado.

—Há sempre a chance de que você poder ser salva, Tehya. Se algo assim acontecer, nós não parariamos de procurá-la.

Os lábios dela curvaram com a promessa dele. —Talvez você possa, mas não antes de ele permitir ao meu meio irmão me emprenhar. Sabe, não é amor o que faz Sorrell querer me achar. Ele escolheu uma mulher para emprenhar com sua criança, desejando que fosse uma filha. Ele a escolheu especificamente por sua linhagem, seu caráter e força. Ele queria uma filha, uma meia irmã para o filho que criou com as mesmas qualidades. Eu não serei estuprada pelo meu irmão, nem mesmo tendo uma chance de fuga.



Capítulo Vinte e oito

Ian deu a Tehya uma arma. Sua arma substituta, pequena e compacta, mas não era necessário uma arma grande para se cometer suicídio.

Ian contou a Kira sobre o confronto entre ele e Diego assim como o fato de que Diego estava ciente do envolvimento do Time Durango. Ela descobriu também que Diego estava questionando os planos de Ian uma vez que Sorrell fosse exterminado.

Quando eles retornaram à vila, Ian tirou os empregados da casa, enviou-os de volta para Palm Beach, e travou todas as transmissões em quaisquer transmissões que ele mesmo não fizesse.

Os soldados de Fuentes estavam posicionados em torno da propriedade, mas nenhum estava dentro da vila. Deke, Trevor, Cristo e Mendez estavam ocupados assegurando o cômodo a ser usado na reunião, e Diego estava sentando na sala de estar só, um copo de uísque na mão, a garrafa ao lado, mas ele não parecia estar bebendo seriamente.

—Ian. — Ele ficou de pé enquanto eles entravam no hall da entrada, os guarda-costas ainda os circundando protetoramente. —Garcia estava aqui até momentos atrás. Ele me pediu para falar com você a respeito dos homens adicionais enviados para o armazém. Eu não estava certo de como você desejava lidar com eles.

Ela sentiu a mão de Ian tensa em suas costas enquanto ele suspirava roucamente.

—Eu preciso cuidar disto— ele disse a ela, dando um beijo leve em sua testa enquanto andava para longe. —Deixarei Deke e Mendez com você. Não devo demorar muito.

Ela anuiu com a cabeça, assistindo enquanto ele se movia em direção aos fundos da vila, o corpo alto e musculoso tenso e preparado para a batalha.

Quando ele desapareceu no corredor, ela girou para Deke e Mendez. —Por que vocês dois não vão para a cozinha comer— ela disse a eles, ciente de que eles não tinham almoçado enquanto ela estava com Tehya.

Deke olhou para ela, o olhar fixo antes de olhar rapidamente para Diego. Era óbvio que ele não confiava no pai de Ian, e ela não podia culpá-lo.

—Se você precisar, apenas grite— ele murmurou.

—Eu ficarei bem— ela o assegurou.



Deke e Mendez não esconderam sua relutância em deixá-la, mas o fizeram de qualquer maneira. Enquanto eles iam para a cozinha, Kira andava devagar no cômodo escurecido.

—Saul não está com você?— Ela buscou no quarto enquanto Diego a olhava cuidadosamente.

—Eu devolvi Saul para a Colômbia para vigiar a propriedade de lá vários dias atrás. — Ele encolheu os ombros, o rosto dele escureceu enquanto ela se movia para a cadeira na frente dele. — Ele é velho. Esse não é o lugar para ele.

Enquanto ele retomava sua cadeira, ela o assistiu enquanto ele pegava a garrafa de bebida entre as mãos e olhava para ele como se ele não estivesse certo se deveria bebê-la ou jogá-la fora.

—Saul era o conselheiro do seu pai, não é?— Ela perguntou.

Ela estava se aproveitando desta chance para conversar com ele, livre do olhar desaprovador de Ian ou da óbvia curiosidade dos guarda-costas.

Diego sorriu ternamente com a pergunta. —Ele e meu pai, começaram o cartel. Saul era seu amigo mais confiado. Ele retornou para me ajudar depois da morte de Carmelita.

Ele não mencionou o filho mais jovem, mas ela já tinha ouvido que ele não mencionava.

—Ian, ele cumpriu a promessa que me fez depressa, não é?— Diego perguntou a ela então. — Eu o pedi para retornar para me libertar deste problema que o Sorrell representa. Eu não esperei que ele fizesse isto tão depressa.

A tristeza enchia a voz do monstro.

—Ele é muito competente— ela concordou enquanto se debruçava adiante, pegou a garrafa de uísque e um dos copos extras na mesa.

Enquanto ela despejava o líquido, estava ciente dos olhos de Diego nela, o olhar pensativo.

—Você me lembra muito a mãe dele, Marika. — Diego suspirou. —Ela tinha espírito também. Mas um espírito cheio com graça. Ela era uma dama. Você também tem isto.

Ela olhou para cima enquanto retornava a garrafa à mesa e se debruçava de volta na cadeira.

—A mãe dele é uma mulher muito forte, tem que ser. Aceito isso como um elogio incrível.

— E deveria. —Ele anuiu com a cabeça. —Eu disse para ser.

Ele sorveu sua bebida então, a expressão quieta, porém sombria, a posição relaxada. Não era um relaxamento que mostrava confiança, porém, era mais uma aceitação cansada.



Kira sorveu o macio e caro uísque e continuou a assisti-lo, se perguntando o que havia causado o pequeno franzir entre suas sobrancelhas, e percebendo que Ian tinha o mesmo olhar quando algo o estava aborrecendo.

— Ian franze o rosto assim quando está pensando. — Ela compartilhou o pensamento, oferecendo a ele um pequeno sorriso enquanto ele erguia a cabeça em surpresa.

—Ele me lembra muito a mim mesmo, às vezes. — Ele anuiu com a cabeça, um pequeno sorriso arrastando os lábios. — Ele é um bom homem. Um homem do qual se orgulhar.

Kira anuiu com a cabeça em vez de falar.

—Ele não tem nenhum orgulho no pai— ele disse, a voz quase um sussurro agora. — Nenhum orgulho do mundo que eu construí nem no que eu represento. Ele me chama de 'papi', pensando que eu não estou ciente do significado condescendente por detrás disto. Ele acredita que eu não sei que ele veio a mim, não por quem eu sou, mas pelo que eu posso dar a ele. Sorrell.

Ele engoliu a bebida, então agarrou a garrafa e despejou mais uma dose.

—O que você esperava, Sr. Fuentes?— Ela foi cuidadosa ao manter a voz gentil, sem julgamento.

Ele anuiu com a cabeça devagar. — Eu devia estar bravo. — Ele ergueu os olhos para dar uma olhada rápida nela, zombar e auto-repúdio na expressão agora. — Eu deveria estar bravo com meu pai e com Carmelita pelo inferno que ela causou a ele e a Marika. Eu devia estar bravo com meu pai pela decepção de ele ter roubado a mãe de Ian dos meus braços. Por que eu não estou bravo, Senhorita Porter?

Ele a assistia como se estivesse genuinamente confuso.

—Talvez eu tenha ficado fraco?— Ele perguntou então. — Eu estou envelhecendo, minha mocidade se foi. Talvez isso seja o resultado de um homem que percebe que suas chances acabaram. Quando eu era jovem, havia sempre o ano seguinte para consertar as coisas que eu pensava que deveria consertar. No ano seguinte eu reconciliaria as mortes dos meus irmãos. No ano seguinte Carmelita teria mais filhos. No ano seguinte. Sempre no próximo ano, até o dia em que eu despertei e descobri que o ano seguinte não poderia consertar os enganos que eu cometi.

O choque a manteve muda agora. Esse era o monstro? Este homem, não quebrado, não fraco, mas percebendo as escolhas e as consequências de sua vida.



—Você matou os seus irmãos— ela disse a ele baixinho. —Suas esposas, seus filhos, porque eles queriam sair do cartel.

—É isso o que você acha? Que eu tomei as vidas deles simplesmente porque eles me trairiam para o seu governo Americano?— Ele riu, mas o som era amargo. —Como eu desejei que tivesse sido tão simples. Que a minha deslealdade e sede de sangue estivesse tão enegrecidas pelo mal. —Ele agitou a cabeça. —Não, Senhorita Porter, eu matei em um ato de ira. A explosão que destruiu a casa que eu dei a Marika, eu descobri que tinha sido feita porque meus irmãos traíram o local dela para meus inimigos. Fui informado disso, e no meu pesar, tomei tudo o que era querido a eles também, antes de matá-los. —Ele agitou a cabeça então. —Eu deveria ter percebido. Deveria ter visto que a loucura que estava afetando meu pai nesse tempo não poderia ser confiável.

—Seu pai te disse que eles eram a razão de Marika estar morta?

—Ele me disse que os meus irmãos estavam se alinhando com nossos inimigos, e era verdade que eles estavam. Foi apenas mais tarde que eu descobri que não tinham sido os meus irmãos a traírem a casa de Marika, mas sim a Carmelita. Ela fez isso depois do meu pai ter ido até a mãe de Ian, ter contado a ela sobre os negócios do cartel, dito a ela que eu era vil, enganoso, e que ela deveria casar com outro. Ele disse a ela que eu a mataria assim que a nossa criança nascesse.

Ele se moveu depressa da cadeira, compassando para o outro lado do cômodo, e levou o copo aos lábios.

—Tantos enganos— ele sussurrou uma vez que consumiu o líquido. —Tantas vezes eu desejei poder voltar atrás. —Ele agitou a cabeça então. —Eu vejo meu filho, crescido, um homem de honra lentamente morrendo por dentro por causa dos negócios. —Ele colocou o copo em uma mesinha baixa com tampo de mármore e correu os dedos pelo cabelo solto, mantendo as costas para ela enquanto olhava fixamente para a janela com as cortinas fechadas. —Está quase acabado, não é? Ele partirá quando Sorrell for lidado. —Ele girou para ela, olhando-a de forma questionadora.

—Ian não revelou seus planos para mim, Sr. Fuentes. Ele não me disse de uma forma ou de outra.

Ele anuiu com a cabeça novamente. —Ele partirá.



Kira abaixou a cabeça, sentindo a dor vindo como ondas de um homem que de repente parecia o menos provável senhor das drogas.

—Marika, ela criou um filho para se orgulhar— ele disse então, girando para enfrentá-la uma vez mais. —Um filho para fazer um homem ter remorso, e fazer um homem desejar ser forte o suficiente para dar ao filho a única coisa que ele queria do pai.

—O que Ian quer de você?— Ela perguntou.

A amargura marcou os lábios dele. —Minha morte, Senhorita Porter. Nada faria Ian mais feliz do que me ver deixar este mundo para sempre.

—Ou te ver parar de lamentar por si mesmo antes desta reunião. — Ian entrou no cômodo, a voz baixa mas cortante. Ele andou a passos largos para a garrafa, despejou a bebida para si mesmo, e bebeu-a antes de falar novamente. —Garcia tem os soldados no lugar e tudo está quieto no momento. Kira e eu vamos descansar até escurecer. Envie Deke até o quarto se precisar de mim.

Kira ficou de pé, ouvindo o tom frio e fixo de sua voz gutural, ciente de que poderia ter ouvido muito mais do que a última declaração de Diego.

—Claro que eu irei— Diego disse, uma sombra de sarcasmo enchendo a voz agora. —Eu vivo para te servir agora, não é?

A mandíbula de Ian cerrou enquanto ele olhava rapidamente para Kira, então de volta para Diego.

—Para mim, parece apenas que você vive para me deixar puto em horas como essa— ele rosnou. —Eu não posso te deixar se embriagar, Diego. Preciso de você sóbrio e são hoje à noite.

—Você nunca me viu bêbedo— Diego retrucou então. —Não dê a sua mulher a impressão de que sou pior do que sou, Ian. Eu não sou nenhum bêbedo.

—Não pensei que você fosse suicida também— Ian declarou zombeteiramente. —Espero que você viva por tempo o suficiente para ver isso acabar.

Kira viu a raiva reluzir nos olhos de Diego então, a luz escura do hall da entrada cintilando nos olhos pretos.

—Eu sempre vejo, Ian— ele lembrou o filho roucamente. —Se eu não faço nada mais, eu vejo todas as coisas.



Com isto, ele marchou através do cômodo, passou pelo filho, e fez seu caminho depressa pelo hall da entrada.

Kira assistiu Ian enquanto Diego partia, o modo como os ombros pareciam mais tensos, a expressão mais apertada.

—Ele não é o único que quer se embriagar— Ian murmurou. —Vamos, vamos subir.

Ele não a tocou. Ele não agarrou seu pulso e a arrastou pelo hall da entrada para subir os degraus. Ao invés, ele andou de volta para a entrada e a assistiu meditativamente.

Kira se moveu à frente dele, dando os passos depressa e foi para o apartamento-quarto dele. Ela girou para enfrentá-lo uma vez mais enquanto ele fechava e trancava a porta, então esperou até que ele andasse para a cômoda, arrumasse a segurança, e ficou olhando para a gaveta eletrônica por longos segundos antes de fechá-la e voltar a enfrentá-la.

Ele passou os dedos pelo cabelo, da mesma maneira que Diego tinha feito pouco antes. As mechas loiras escuras emolduraram a expressão pesada do rosto, tocando os ombros, e fazendo-a desejar correr os próprios dedos nele.

—Está quase terminado— ele disse então, olhando em torno do quarto antes de retornar o olhar para ela. —Quase acabado.

Ela se moveu para ele então, porque ele deveria ter soado triunfante, ávido para ver o fim, ele deveria estar antecipando o fim esta noite, mas ela podia sentir remorso também.

Não porque ele estava deixando o cartel, ela pensou. Ao invés, ela sentia o conhecimento pesado dentro dele de que as coisas não saíam como ele tinha pensado antes.

Ele não diria isto, ela podia apenas rezar que ele percebesse antes que a noite estivesse terminada, mas ela sabia que ele estava percebendo que havia mais do que apenas o monstro dentro de Diego Fuentes.

—Eu vim aqui para matá-lo. — A voz dele era suave enquanto olhava para ela. —Ele iria estuprar aquelas meninas que sequestrou. Ele as drogou, uma deles morreu. Ele permitiu a seus homens estuprar outra na frente do pai. Ele torturou Nathan. Ele mata, destrói vidas. Ele não vai me parar. Deixá-lo viver não vai parar o inferno que ele espalha.

Kira inalou roucamente. O que ela deveria dizer? Como ela deveria aliviar a dor que ele não admitia nem para si mesmo que sentia?



—Ian—

—Putaque pariu, Kira. — A expressão dele era firme, os olhos queimando. —Eu vejo o que ele quer que eu acredite, mas eu sei o que ele é. Ele nunca parará. Aquele maldito pó das prostitutas que ele criou destruiu mulheres. Os vídeos que ele fez delas. Eram mulheres inocentes. Mulheres que não tinham nada a ver com seus jogos ou este mundo. As meninas que ele sequestrou. O sangue que ele atrai.

Ele foi para longe dela enquanto ela sentia a primeira lágrima cair dos próprios olhos. Ela via o que Diego queria ser, e Ian via o que ele era. A contradição despedaçaria Ian se ele deixasse.

—Não é o seu dever matá-lo— ela o lembrou. —Prenda-o. Leve-o, Ian. Deixe o DSI lidar com ele. Não coloque isso na sua alma.

Ela se moveu para ele, os braços correndo ao redor dele enquanto ela deitava a cabeça em suas costas. —Não faça isso a si mesmo. Não o deixe te destruir também.

Ele inalou nitidamente, as mãos apertando contra as dela, segurando-a perto de seu corpo antes de ele girar, cercando-a com sua alça, e deitando a bochecha contra sua cabeça.

—É minha responsabilidade— ele disse, a voz pesada.

—Não— ela tentou protestar, mas o dedo dele apertou contra seus lábios, o olhar torturado preso no dela.

—Eu tenho que fazer o que vim aqui para fazer— ele disse a ela. —Ele não é meu pai, Kira. Um pai não assassina. Ele não permite a seus homens estuprar meninas de dezesseis anos e ele não tortura homens bons. Aquele não é um pai, aquele é um monstro.

Ela deitou a cabeça contra o tórax dele, porque ela sabia disto. Ela sabia o que ele era, e ela sabia que o DSI permitiria que isso continuasse em troca das informações que ele fornecia. Mas isso não impedia o coração dela quebrar, de Ian e de Diego. Porque ela sabia que se permanecesse no caminho dele, ele nunca a perdoaria. E se ela não o fizesse, como as ramificações do DSI poderiam retaliar a apavoravam.

—Você me apavora— Ian sussurrou então, a mão em volta do queixo para erguer o rosto dela para o dele. —Eu sabia que Sorrell acharia um jeito de te usar contra mim nisso. Eu sabia, e te deixei ficar mesmo assim.



—Porque você sabe que eu sou boa. — Ela fungou, tentando sorrir, iluminar a dor que ela sabia que atravessava a ambos.

—Você é muito boa— ele concordou, uma chama faminta iluminando o olhar. —Boa demais.

—Eu posso ser melhor ainda. — Ela precisava tocá-lo, abraçá-lo, apenas mais uma vez, ela precisava mostrar o quanto de sua alma ele possuía.

—Sério?— Ele a questionou sugestivamente enquanto a recuava de seu tórax lentamente.

Tomando a mão dele, ela se moveu para o quarto. —Eu devo te mostrar?

—Eu adoro esse negócio de matar a cobra e mostrar o pau— ele a assegurou, luxúria começando a tomar a voz ficando mais cascuda, mais grossa. Mais sensual.

Ela deu a ele um olhar sensual sobre o ombro, as pestanas abaixadas, a língua saindo entre os lábios sugestivamente.

—Com toda a certeza eu farei isso— ela prometeu, andando para longe dele enquanto eles entravam no quarto, e girando para enfrentá-lo enquanto ela deslizava a jaqueta esporte dos ombros e a jogava para uma cadeira próxima.

Ela soltou o coldre do ombro e o colocou sobre a jaqueta antes de se sentar, desamarrando as botas e tirando-as.

Os olhos de Ian estavam queimando com fome agora. As emoções torturadas estavam retrocedendo sob a excitação. Quando ela ficou de pé, pegou a bainha da camisa e a puxou do corpo, ele entrou em ação. As roupas foram jogadas de lado, caindo no chão, amassadas e bagunçadas enquanto ele puxou o corpo nu dela contra o dele.

As terminações nervosas sensíveis gritavam em sensações enquanto ele a erguia para ele e o pelo crego do tórax raspava contra os mamilos dela. Os cumes endureceram quase dolorosamente enquanto o sangue corria para eles e uma arfada deixou a garganta dela enquanto os lábios deles se encontravam com fome e necessidade desesperados.

Ela estava mal ciente de cair na cama, mas estava muito ciente do corpo maior de Ian cobrindo o dela. Isso não era o que ela procurava. Ela o queria esticado para seu prazer agora, queria ver o corpo duro tão musculoso e apertado, desejando a liberação enquanto ele a assistia com mais suavidade.



Com os lábios ainda moldando nos dele, beijos ardentes e furiosos entre eles, ela conseguiu ziguezaguear embaixo dele, empurrando seus ombros, beliscando os lábios, e calada exigiu que ele rolasse e ficasse com as costas na cama.

Ele a puxou junto com ele à medida que ele caía, jogando-a sobre seu tórax enquanto uma mão deslizava para os cabelos que cascadeavam sobre o ombro, a outra brincando com as costas, acariciando as chamas que queimavam dentro dela mais altas, mais quentes.

Ela estava queimando viva para ele agora. Ela precisava dele. Precisava dele dentro dela, ao redor dela, precisava da memória de seu toque e do amor que a manteria no futuro.

Por via das dúvidas. Talvez ele fosse embora assim que descobrisse como ela o enganara.

Kira jogou a cabeça para trás, forçando os olhos a abrirem enquanto ela olhava para ele abaixo, vendo o rubor cor de tijolo bem vermelho junto às maçãs do rosto escuras, o resplendor de luxúria nos olhos cor de tabaco, e a necessidade em sua feição.

Ele precisava dela, precisava do toque e do amor dela da mesma maneira que ela precisava do dele. Não era uma rua de mão única; eles se encontravam, e se ajustavam.

—O que você vai fazer agora?— Os lábios dele ergueram enquanto ele a olhava fixamente, as pestanas abaixadas sensualmente sobre os olhos.

—Você é meu. — As mãos deslizaram contra o tórax. — Eu reivindico você, Ian. Sabia?

Alguma outra coisa chamejou no olhar dele então. Possessividade, satisfação e mais. Como se a reivindicação fosse um prazer propriamente dito.

—Não menos do que eu reivindico você, Kira. — A voz dele pulsava com demanda. — Você é uma parte de mim que eu nunca quero perder.

Ela conhecia as emoções que teve um vislumbre nos olhos dele então. O peito apertou com elas, o útero cerrou, e uma sensação de pertencer a varreu com o poder de um orgasmo. Acendeu um fogo dentro dela que não tinha estado lá antes. Chamas que incendiavam mais brilhantes, mais quentes do que nunca e construíam a excitação até um grau quase doloroso.

—Eu preciso te tocar. — Um apelo suave encheu as palavras enquanto a cabeça dela abaixada para o pescoço dele, a língua acariciando sobre ele como a dele fazia frequentemente. — Eu preciso te sentir até a minha alma, Ian.



Ele ficou violentamente tenso embaixo dela, os olhos dilatando em resposta ao grito roto dela enquanto os lábios dela mordiscavam o queixo dele, acariciando pelo pescoço. Ela desceu pelo corpo dele, sentindo o brilho de suor começar a se formar na carne enquanto o comprimento furioso de seu membro apertava contra a coxa dela.

—Bebê, na hora em que você quiser— ele gemeu. —Qualquer hora em que me queira, eu sou seu.

Se apenas fosse verdade...

Os lábios dela se moveram para um mamilo duro. A língua brincou com ele, o gosto salgado da carne explodindo contra o paladar dela enquanto as unhas corriam pelos braços.

Ela amava o corpo dele. A dureza, o modo firme e flexível dos músculos que ondulavam embaixo do toque dela. O modo como a transpiração cintilava na carne queimada pelo sol e a difusão de pelo do tórax que raspava nas palmas das mãos e nos mamilos.

Ela amava acariciá-lo. Amava o modo como os olhos estreitavam para ela e o prazer cintilava em suas profundidades marrons ígneas.

Os lábios dela se moveram de um mamilo duro para o outro. A língua deslizou sobre ele antes de ela trazê-lo para a boca e senti-lo enrijecer mais.

A buceta estava molhando com necessidade. Ela podia sentir os fluidos caindo sobre os lábios inchados. O clitóris estava cheio, pulsando. Tão desesperada Kira estava que enquanto brincava sedutoramente com os mamilos de Ian, esfregava o nó desesperado contra a coxa dele onde ela estava escarranchada.

Mãos masculinas duras juntaram no cabelo dela à medida que ela gemia, balançando contra sua coxa e mordiscando a carne apertada antes de lamber o pequeno ponto duro.

O clitóris corria sobre ele, os pelos dele raspando a carne e os fluidos dela amorteceram a coxa dele. O mundo começou a retroceder enquanto o prazer começava a tomá-la.

—Você é como seda e cetim, Kira. — A voz dura, empedrada, era uma forma diferente de prazer. —A boca sedosa, a buceta acetinada. Molhada e doce para mim.

Ela sussurrou um apelo sobre o tórax dele enquanto ela começava a se mover mais para baixo. Ela tinha que saboreá-lo. Precisava encher sua boca com a força e fome embaixo dela.



—Eu amo te tocar. — As palavras ofegantes passaram pelos lábios dela sem pensar. —Eu amo te sentir assim. Tão duro e poderoso.

Ela lambeu o abdômen duro, correndo os dentes sobre ele, rodeando a cabeça pulsante do membro enquanto as mãos dele puxavam o cabelo dela.

Raias minúsculas de sensações ígneas explodiram junto ao escalpo dela enquanto os quadris dele flexionavam e a cabeça de seu membro acariciava a bochecha dela.

Oh, ela sabia o que ele procurava, o que ela procurava. Tudo. Cada toque sensual de prazer que torcia ambos os corpos.

A língua espiou para fora, descendo ao longo da crista, e um gemido murmurado deixou os lábios dele. O talo duro de carne pulsou e bateu com necessidade enquanto ela se movia para baixo.

Ela lambeu a carne apertada, mas não demorou. Enquanto ela se movia entre as coxas, olhava para as esferas apertadas e duras logo embaixo da seta dura.

Pelo loiro escuro masculino acariciava o queixo dela enquanto ela colocava a língua na linha que separava as bolas de seu membro. Ele se moveu embaixo dela, um gemido baixo vibrando em seu tórax enquanto ela o lambia sensualmente, apreciando o sabor de macho contra os lábios, poder, luxúria e uma especiaria salgada.

—Kira, bebê, você está me tirando do controle aqui. — A voz dele estava tão cascuda, tão rouca era como lixar o silêncio sensual do quarto.

—Eu devo te amarrar?— Ela sorriu enquanto dava um beijo na base de seu membro, então deixou os dentes correrem a área com a gentileza extrema.

Ele quase grunhiu em prazer. O som fez o útero dela ter um espasmo enquanto sua buceta cerrava com a necessidade de cercar seu membro.

—Talvez eu devesse te amarrar— ele gemeu. —Você não pode destruir o controle de um homem então.

—Se você me amarrar, eu não poderei fazer isto. — Ela deitou os lábios ao longo da lateral da bolsa apertada, abriu-os, e chupou a carne na boca. A língua acariciava, sondava e a boca sugava sensualmente enquanto as coxas dele ficavam tensas ao lado do rosto dela.

Ele gostava disto. Inferno, ele podia até amar.



Usando a sucção da boca, a lima gentil dos dentes, e a língua chicoteando, ela explorava a bolsa violentamente tensa, sentindo as ondulações de resposta no comprimento duro de seu membro e os músculos de suas coxas.

—Você vai bagunçar comigo fazendo isso— ele protestou, mas a mão firme no cabelo a segurava para ele. —Inferno, você vai acabar me forçando a te fazer desmaiar de tanto comer a sua buceta. É isso o quer você quer?

—Você pode jantar mais tarde. —Ela sorriu contra as bolas dele. —Agora, é a minha vez.

Ela se moveu mais para o alto, lambendo ao longo da carne apertada de sua ereção até que alcançou a crista. Até que ela pôde cercá-la com sua boca e chupar. A língua brincava, ela chupava, gemia e sentia a buceta esguichar com fluidos lisos.

O gosto de pré-sêmen contra sua língua a fez gemer de fome. A sensação das mãos puxando o cabelo, os músculos apertando mais embaixo dela, advertindo-a de que seu controle terminaria logo.

Ela olhou para o rosto dele, viu o suor brilhar na testa enquanto ele olhava para ela abaixo, gotas de suor descendo ao longo da lateral do rosto enquanto a mandíbula cerrava, os dentes apertavam.

Ela deslizou a língua na cabeça do membro duro, chupou fundo e o sentiu pulsar no fundo da garganta antes que o próprio corpo dela forçasse o fim da brincadeira.

Se ela não o tivesse dentro dela, não sobreviveria. Se ela não sentisse a carne espessa, como ferro duro a enchendo, então ela poderia implodir com a pressão.

—Vamos, bebê— ele gemeu enquanto ela se movia para cima em seu corpo, uma mão movendo do cabelo dela para agarrar sua coxa e movê-la sobre seu corpo enquanto ela se escarranchava sobre seus quadris. —Dê a nós o que precisamos.

Ela gemeu quanto a crista cheia flexionou entre os lábios inchados de sua buceta. Olhando nos olhos dele, ela sentiu os fluidos descenderem do corpo, cobrirem a cabeça do membro, preparando-o para estirá-la e possuí-la.

—Você sabe o que vai acontecer— ele a advertiu firmemente. —Eu não posso te tomar fácil.

—Se eu quisesse fácil— ela arquejou. —Eu não teria te seguido.



As mãos dele agarraram os quadris dela enquanto ele se movia de repente, os quadris indo para cima, levando seu membro a meio caminho dentro dela enquanto as costas dela curvavam e um grito estrangulado deixava sua garganta.

—Foda, você é tão apertada, Kira— ele rosnou. —Tão apertada e quente no meu pau que me queima vivo.

A cabeça dela foi para trás, os lábios separados para retraindo o ar enquanto ela prendia o olhar no dele.

—Não é o suficiente. — Ela mal podia respirar com o prazer, a fome. —Não é o suficiente.

Ela podia sentir a transpiração sobre os seios, sentir os fluidos atravessarem sua buceta enquanto ela se estirava para acomodar o invasor a enchendo.

—Eu tenho mais, querida— ele sussurrou roucamente. —Deus, eu tenho mais para você.

Ele retrocedeu, puxou-a de volta, as mãos apertando em seus quadris. Enquanto ela o sentia mergulhar dentro dela novamente, ela apertou os músculos da buceta e desceu.

Os gritos deles entrosaram, juntaram, enquanto a força de cada movimento mergulhava sua ereção até o cabo dentro dela.

Não havia como pará-la agora, e não havia como pará-lo. Puxando, empurrando para cima, ele a fodia com golpes duros, poderosos e ela se movia com ele, montando duro, empurrando para tomar todo o prazer que ela pudesse juntar.

A mão dele prendeu nos quadris dela. O clitóris raspava contra sua pélvis enquanto ela se debruçava adiante, as mãos no tórax dele, e um segundo mais tarde, tudo dentro dela explodiu.

Ela gritou o nome dele, porque ela não podia segurar mais. Ela ouviu seu nome ecoar ao redor dela à medida que ela desintegrava.

O orgasmo foi violento, cerrando os músculos de sua buceta ao redor do membro dele repente despejando sua semente dentro dela. O útero dela espasmou, ondulou, e o prazer detonou lá também. O clitóris estourou com sensações enquanto o orgasmo ecoava e construía ao longo de seu corpo até que explodiu em uma última conflagração ígnea e a jogou para um mundo com uma noite repleta de estrelas e cores arrebatadas.

—Eu amo você— ela gemeu, caindo contra o tórax dele enquanto espasmos involuntários agarravam a ambos. —Deus me ajude, Ian. Eu amo você.



—Amo você— ele gemeu, o corpo ainda apertado, o membro empurrando dentro dela. —Ah, bebê, eu amo você.

A transpiração os moldava juntos enquanto os minúsculos choques lentamente aliviavam pelos corpos de ambos. O esgotamento a reivindicou, abaixando os olhos dela, lembrando-a do sono que ela tinha perdido nos últimos dias.

Apenas por um minuto, ela pensou, ela se deixaria ficar nos braços de Ian, segura e morna. Ela cederia apenas um pouco.

Capítulo Vinte e nove

Eles dormiram algumas horas então tomaram banho rápido no início da escuridão.

—Eu preciso que você vista roupas leves— ele disse a ela enquanto ela caminhava nua para o armário onde suas roupas tinham sido colocadas.

—Leves de que maneira?— Ela olhou para ele, considerando suas opções.

—Sorrell verificará se você tem armas. — A expressão dele era pesada, atormentada. —Eu quero que ele pense que você é impotente, fraca. Ele sabe quem você é, então ele sabe que você é esperta. Mas ele não sabe que você é mortal. Vamos mantê-lo na escuridão quanto a isso.

Kira anuiu com a cabeça e se moveu para o armário. Escolheu um vestido de verão leve prateado e sandálias de salto super alto.

Os saltos tinham doze centímetros e eram muito sensuais, e tinham um detalhe. Cada salto continha uma navalha de nove centímetros super afiada do lado de dentro.

Ela não podia carregar uma arma, mas com a seda elástica do vestido ficava fácil se mover. Era pequeno o suficiente para permitir às pernas uma medida de liberdade mas longo o suficiente para preservar sua modéstia.

A calcinha era uma tanguinha, o sutiã de renda e confortável. Quando ela terminou de se vestir, era o epítome da fêmea impotente.

—Você é muito perigosa— Ian rosnou enquanto ela verificava os punhais nos saltos antes de colocá-los nos pés.



—Esperta. — Ela sorriu amplamente. — Não é fácil compreender como inserir esses punhais.

—Sim, posso ver. — Ele tragou firmemente.

Kira deixou o olhar chamejar sobre os jeans nas coxas e conteve o sorriso com a evidência da excitação que enchia a calça.

—Você tem que dar um jeito nessa excitação, Ian— ela murmurou, movendo-se para o lado até ele, a mão alisando o tórax até a protuberância na calça jeans.

A mão dela curvou amorosamente enquanto a palma dele deslizava na lateral do corpo dela e segurava um seio.

—Seja cuidadosa— ele sussurrou contra os lábios dela novamente. — Fique segura.

—Você assiste as minhas costas, e eu assistirei as suas— ela prometeu, retornando os lábios aos dele. — Nós ficaremos bem, você verá.

A mão deslizou de volta no tórax dele até que apertou sobre o coração. Ela sentiu a batida dura, fixa e se fortaleceu com isto. Estava quase terminado. De uma forma ou de outra, o perigo que o seguia, a vida que o teria destruído, estava quase terminado.

—Não fique no meu caminho— ele a advertiu então.

Kira congelou e olhou para ele, sentindo o aperto no peito.

—O que você quer dizer?

—Com Diego. Não fique no meu caminho, Kira.

Ela anuiu com a cabeça devagar. Era o trabalho dela ficar no caminho, proteger Diego, mas enquanto ela olhava para Ian, soube que não podia, que não faria isto.

Vidas tinham sido destruídas por causa de Diego. Ele via a vida que vivia como um jogo, um passatempo divertido onde ele fazia as regras e comandava os jogadores; e isso nunca pararia.

Adolescentes morreram por causa do pó das prostitutas. Ele tinha feito milhões com os vídeos de estupro subterrâneo que seus homens fizeram usando a droga. Mulheres inocentes haviam cometido suicídio, ou vivido com o conhecimento de que a sua maior dor estava sendo salivada por observadores distantes.

Ele havia torturado Nathan, achado prazer na batalha do homem em manter seus votos de casamento.



Ele era um monstro. Não importava se o monstro amasse o filho, porque até mesmo isso seria corrompido, usado e em última instância destruiria Ian.

Ir embora não era uma opção para Ian. Ele sabia que tinha a chance de parar o horror e não tomar isto o destruiria de modos que matar Diego nunca poderia.

—Eu estou com você. — Ela finalmente sussurrou a promessa, o voto. —Não importa o que você faça, Ian. Estou com você.

A dor no olhar dele devagar aliviou, os olhos ficaram firmes, duros. Esse era o herdeiro do cartel, o homem que tinha provado que era forte o suficiente, impiedoso o suficiente, para segurar as rédeas do cartel de Fuentes. Tudo o que ela podia pensar era que o DSI tinha muita sorte de ele estar ao seu lado, ao invés do lado do inimigo.

Ele finalmente anuiu com a cabeça na sua vez antes de caminhar para a cômoda. Pegando a Glock da gaveta superior, ele a colocou nas costas da calça jeans e então pegou cliques extras de munição.

—Ele e o guarda-costas dele estarão armados— ele disse a ela. —Armas somente. A arma de Tehya será grudada com velcro nas costas dela, e Antoli carregará várias armas. Quando as coisas ficarem feias, certifique-se de estar em posição para tomar a arma do guarda-costas de Sorrell ou pegar uma de Antoli. Seu trabalho é proteger Tehya acima de tudo; isso deixará você e eu para cuidarmos das costas um do outro.

—O Time Durango e os times quatro e oito convergirão para a propriedade depois que Sorrell estiver do lado de dentro. Eles têm que trazer quaisquer forças para seguirem Sorrell antes de eles poderem se mover para nos ajudar. Estaremos sozinhos naquele cômodo, Kira, não brinque quanto a isso. — O olhar dele estava parado no dela. —Nós temos que manter Tehya segura, assim como nós mesmos, até que Reno e o time possam chegar a nós. Compreendido?

Ela anuiu com a cabeça nitidamente.

—Vamos então. — Ele respirou em roucamente. —Reno e Macey terão Tehya aqui dentro de minutos e nós temos apenas horas antes da chegada de Sorrell. Nós podemos esperar—

—Que ele chegará tarde ou cedo mas nunca na hora certa— Kira terminou por ele. —Quando ele mostrar a marca de nascença, verifique de perto, então verifique o guarda-costas. Ele não vai fazer uma troca. Faça-o falar com Tehya para ela confirmar a voz e preste atenção na linguagem



corporal do guarda-costas assim como de Sorrell. Acima de tudo, lembre-se de que Sorrell não foi identificado até agora por alguma razão. Como eu fui? — Ela relampejou a ele um sorriso sabedor.

—Perigosamente eficiente. — O sorriso que ele deu foi mais fácil, mais confiante. —Vamos acabar com isto. Acho que já tive o suficiente de Aruba. Estou doido para chegar em casa.

—Ian. — Ela pegou o braço dele enquanto ele se movia para girar em direção à porta. —Há algo que você não sabe.

A expressão dele fechou. Como se ele soubesse, como se estivesse esperado, assistindo. Ela sentiu a garganta apertar, sabendo que tinha que dizer a ele a verdade sobre Diego e o DSI. Ela não tinha escolha. Ela não podia deixá-lo matar sem os fatos.

—Sobre Diego?— Ele perguntou severamente.

—Há mais nisso do que você sabe.

—Não diga. — A voz era cortante como uma faca. —Eu não quero saber.

Ela olhou para ele em surpresa. —Ian, você tem que ouvir.

—Mais tarde.

—Não haverá tempo mais tarde. Será muito tarde— ela disse entre dentes friccionados.

Ela podia ver a suspeita nos olhos dele, e soube que ele estava ciente de que as coisas não eram como pareciam. Que Diego fugia da justiça por todos estes anos com uma razão.

—Sabia— ela sussurrou.

—Que Diego brinca junto com o DSI?— Ele perguntou, um amargo zombar curvando os lábios. —Eu sei.

—E você não me disse nada?

—Você não me disse nada também, Kira— ele a lembrou enquanto ela diminuía o aperto nele. —Eu sempre suspeitei. Nós fomos retirados do jogo quando Nathan desapareceu, tivemos ordens estritas de não matar Diego quando seguimos as meninas dos senadores. Todas as vezes que o atingimos, éramos embaraçados, nossas mãos amarradas. Eu sabia que ele estava na cama com aqueles bastardos.

—Há uma razão. — Ela lambeu os lábios nervosamente. —Não é apenas um jogo com o DSI.

—Claro que é. — A amargura encheu a voz dele. —Não importa a razão, é um jogo.



Ele ergueu a mão e tocou a bochecha dela, correndo os nós dos dedos sobre ela. —É por isso que você veio aqui, não é? Para proteger Diego.

—Não. — Ela agitou a cabeça. —Nunca foi sobre Diego. Eu vim aqui por sua causa. Eu usei Diego como uma desculpa.

Ele se debruçou adiante e beijou-a nos lábios. —Obrigado, Kira. Mas isto aqui não é sobre o DSI ou o que eles querem. Isto é sobre deixar um monstro vagar livre porque políticos e burocratas acreditam que as informações que ele dá são mais importantes. As necessidades de muitos excedem em valor a dor de poucos. Eu não posso ver desse modo. Eu não verei desse modo.

—Ele ainda é seu pai— ela sussurrou. —Ninguém te culparia se você fosse embora.

Ele inalou profundamente, olhando fixamente sobre o ombro dela por longos segundos antes de seu olhar se voltar para o dela. Tristeza, a aceitação sombria de responsabilidade, escurecia o fogo dos olhos e cravava pregas de dor no rosto.

—Porque ele é meu pai, a culpa seria mais minha do que do DSI— ele disse a ela. —Ele é minha responsabilidade, porque eu estou aqui, no lugar, com os meios e a chance.

—O DSI não te deixará esquecer isto.

Eu tenho o acordo deles assinado, selado e protegido. Soltando para os jornais mais importantes através do mundo no minuto em que a morte de Sorrell for anunciado. Eu não sou estúpido. Sei como esse jogo funciona também. Agora vamos. Nós discutiremos sobre isso mais tarde. Mais tarde.

Ele disse isto como se dissesse para si mesmo frequentemente. Mais tarde. Agora era a hora de enfrentar Sorrell, enfrentar as decisões que ele tinha feito ao longo dos anos. Kira apenas rezou para que os dois pudessem viver com essas escolhas.

Capítulo Trinta

Kira estava de pé confiante, diversão reluzindo deliberadamente nos olhos, quando a limusine entrava nos portões da propriedade Fuentes e parava na entrada abrigada para a casa.



Ela ficou no degrau inferior, mas não foi abrir a porta do veículo de luxo. O chofer se moveu, irritação marcando o rosto enquanto ele olhava rapidamente para ela.

Ela deu a ele um sorriso animado e andou de volta enquanto ele abria a porta.

Sorrell e seu associado, ela presumiu. Eles saíram do veículo, mostrando a arrogância e a superioridade apesar das máscaras pretas que cobriam seus rostos.

—Kira Porter. — Um flash de um sorriso, familiar e um pouco desarmando, tocando a boca.

Ela arqueou uma sobrancelha e olhou rapidamente para seu companheiro, imediatamente sabendo que era Sorrell, e não era o mascarado encantador sorrindo e a enfrentando.

Ela se voltou para o encantador, porém. —Sorrell?— Ela o perscrutou como que incerta, inconsciente.

O sorriso era condescendente. —Você nos levará ao Sr. Fuentes, eu presumo?— A mão foi ao redor do braço dela, as luvas de couro fino não fazendo nada para disfarçar a força do aperto.

—Você presume direito. — Ela deu outro sorriso a ele. —Nós apenas iremos pela porta aqui.

As portas estavam totalmente abertas, mostrando o hall da entrada deserto que aguardava do lado de dentro. —Ian está esperando no escritório, assim como o pai dele e sua filha. Ela é uma jovem bonita. Uma pena ter crescido sem o pai.

Na verdade, era uma bênção.

Os dedos apertaram no braço dela.

— Não vamos contundir a pele. — Ela bateu no pulso dele com a mão oposta. —Ian fica chateado quando eu fico contundida. Marte na pele. Ele se diverte com isto.

Assim como Sorrell. Havia rumores de que ele mataria se a mercadoria estivesse contundida ou de alguma forma fosse quebrada. Ele gostava de dar a dor ele mesmo, e ele sabia como fazer isto sem deixar marcas. Ela conteve um calafrio e se moveu na casa, muito ciente da mão a segurando.

O aperto era forte—o guarda-costas, ela presumiu—e ele estava fortemente armado. Embaixo da jaqueta longa que usava havia uma arma automática pronta, mais provável um tipo Uzi²². Um auxílio no tornozelo e ela apostava que ele tinha outro nas costas.

²² Uzi - família de pistolas-metralhadoras compactas (de Israel). A primeira pistola-metralhadora Uzi foi desenhada por Uziel Gal no final da década de 40, e é atualmente fabricada pela Israel Military Industries e FN Herstal.



A figura mais larga, mais robusta que caminhava no outro lado não estava fortemente armada. Ele estava casualmente vestido com calça comprida e jaqueta escura. Uma arma nas costas seria esperado, mais provável outra no braço, que ela teve um vislumbre sob a jaqueta.

Vir aqui desarmado teria sido idiotice. Mas isso tinha feito a reunião e os planos que estavam preparados mais difíceis de executar. Ela não estava armada. Ian estava, Teyha e Antoli também.

Não pela primeira vez, Kira se perguntou sobre o plano que eles tinham. Em teoria, ela concordava com Ian. Se eles prendessem Sorrell, ele logo escaparia, de uma forma ou de outra. A única coisa que eles ganhariam seria sua identidade e sua ira, e Nathan Malone nunca mais seria o mesmo. Por outro lado, a matança iminente ardia na consciência dela.

Eles eram monstros. Eram diabólicos. Assassinos do pior tipo. Mas o que isso fazia dela, Ian e o Time Durango melhores?

—Aqui, cavalheiros. — Ela parou diante da porta, bem ciente de que Deke e Trevor a estavam assistindo do andar superior, bem escondidos das duas visitas.

A porta abriu amplamente, revelando Tehya, para todos os intentos e propósitos amarrada a uma cadeira alta no outro lado do cômodo. A cadeira tinha sido colocada diante das janelas largas, as sombras dando um fundo cremoso e brilhante, as ondas dos cabelos cor de sangue fluindo ao redor dela.

Antoli permaneceu atrás dela, uma Glock na mão descansando confortavelmente ao seu lado.

—Minha filha. — Houve um suspiro por detrás de Kira enquanto o olhar de Tehya cruzava com os dos homens atrás dela.

Aquela voz era suave, quase reverente.

—Que beleza você se tornou — Sorrell sussurrou.

Tehya zombou de volta para ele. —A progenitora perfeita, não sou?

Um longo suspiro sussurrou pelo silêncio. —Você é minha filha, criança. Você teria sido adorada. Você será adorada. Como um tesouro.

—E serei emprenhada em uma relação incestuosa. — A expressão dela estava contorcida em fúria.

—Eu teria adorado você.

—Você teria me destruído como destruiu a minha mãe e todo mundo que já tocou. Bastardo!



Nesse momento, Kira sentiu a arma apertada contra sua testa e o apertar dos dedos em seu braço.

—Sr. Fuentes. — O homem mais robusto, ao lado dela falou com Ian e Diego com a tensão brava que enchia o cômodo então. —Não haverá nenhuma negociação. Solte a minha filha e mande-a para cá, e a adorável Senhorita Porter poderá viver outro dia.

Ela odiava quando os homens voltavam com suas palavras. Deixava-a puta.

O olhar dela foi cortante para Ian enquanto ele se debruçava para trás confortavelmente em sua cadeira, as pernas erguidas e descansando no canto da escrivaninha enquanto assistia Sorrell, não sem uma pequena quantia de diversão.

A arma de Antoli ergueu para a testa de Tehya, e Diego sorveu seu uísque de onde estava sentava, ao lado da escrivaninha de Ian, em uma confortável poltrona de couro.

—Sabe, nós podemos fazer isso do modo fácil, ou do modo duro— Ian disse.

A arma na cabeça dela disse.

—Talvez do modo fácil então. — Ele murmurou sua sugestão a Kira.

Kira caiu. Ela simplesmente curvou as pernas, dobrou-as, e se deixou cair e girar enquanto os guarda-costas de Ian fechavam em torno dos dois homens.

Houve uma maldição, um grunhido, e enquanto ela rolava para fica agachada, viu os dois homens serem desmascarados. E ela não podia acreditar no que via. Tinha que ser um engano.

Ela sabia que havia algo familiar nos dois homens, sabia que deveria ter reconhecido algo neles, mas o sotaque francês a havia confundido. Os sotaques supostamente naturais, a arrogância no tom que ela não tinha ouvido antes.

Não eram nenhum dos homens que eles suspeitavam. O associado que ele trouxe com ele não era Gregor Ascarti como eles tinham assumido que seria.

Os homens desmascarados eram amigos, associados dela e de Jason, europeus, mas não franceses, e tão respeitados que ela soube que o conhecimento disso balançaria o mundo.

—Kenneth— ela sussurrou, olhando para o homem mais jovem, vendo os olhos marrons familiares, o cabelo marrom fino.

Ele inclinou a cabeça à moda da realeza enquanto girava o olhar para o pai.

—Você matou os meus pais— ela sussurrou. —Então chorou no enterro deles.



Joseph Fitzhugh, de longe relacionado à realeza, e amigo do atual presidente dos Estados Unidos. Bons amigos. Do tipo de amigos que caçam e pescam.

—A perda dos seus pais foi lamentável, mas necessário— Joseph a informou com tom gelado. —Foi um bom movimento esse que você usou para se soltar do Kenneth— ele a elogiou. —Você é mais treinada do que eu suspeitei, certo?

—Muito mais— ela sussurrou vagamente, ficando de pé enquanto Ian estava de pé na escrivaninha.

Tehya estava livre, agora atrás de Antoli que estava pronto, os braços estendidos e preparados, enquanto ele cobria os guarda-costas. Tehya segurava a arma substituta que Ian tinha dado a ela, cobrindo os dois homens também.

—Muito interessante. — Os lábios de Joseph trançaram em desgosto. —Devo admitir, Sr. Fuentes, que esperava que você mantivesse a sua palavra. Um homem cada, esse não era o acordo?

—Eu menti. — Ian encolheu os ombros facilmente. —Como, parece, você também fez.

Joseph fez uma carranca. —O meu perfil sobre você não levou em conta a influência do seu pai, talvez. As conclusões que tinha sugerido era de que você manteria a sua barganha, como sua palavra sempre tinha sido verdadeira. Até agora.

—Situações extremas, medidas extremas. —Ian sorriu. —Algumas coisas valem a pena mentir. Verifique as costas dele, Deke, vamos ter certeza de que temos Sorrell antes de irmos além.

Trevor empurrou os braços do terrorista para suas costas, jogando-o contra a parede ao lado deles enquanto Deke erguia sua jaqueta. Eles tiraram as armas primeiro, então arrastaram a extremidade da calça comprida com cinto para baixo apenas o suficiente para vislumbrar a marca de nascença. A forma de uma foice podia ser vista, talvez com cinco centímetros.

—É natural— Deke retrucou. —Nós o pegamos.

Nesse momento, as luzes apagaram, fogos de artilharia estouraram e todo o inferno se libertou do lado de dentro.

Kira foi através do cômodo, chutando as sandálias para fora do pé e indo alcançar Tehya.

—Arma— ela retrucou, agarrando Antoli enquanto o fogo queimava no quarto.

Uma arma bateu em sua mão enquanto Antoli jogava Tehya em seu caminho.



—Dê o fora daqui com ela— ele rosnou.

—Kira. — A voz de Ian veio pelo caos.

—Limpo— ela gritou de volta, puxando Tehya através do chão enquanto balas rasgavam a área que elas tinham acabado de estar.

—Fiquem abaixadas!— Ian alcançou Kira, empurrando-a para trás da escrivaninha pesada que tinha sido reforçada ao longo dos interiores com metal espesso nessa mesma noite. Uma vez segura, Ian abaixou e fez sua passagem pelo cômodo escurecido.

A zona de guerra era fora e dentro da cabeça de Kira enquanto ela alcançava agarrava e empurrava Tehya para debaixo da escrivaninha.

—Escute-me. — Kira girou para Tehya, agarrando seu ombro com a mão livre e agitando-o enquanto Tehya tentava rastejar para debaixo da escrivaninha. —Cada soldado de Sorrell lá fora está te procurando, e eles te pegarão. Fique aqui. Não faça uma merda de movimento. É o único modo de ficar segura.

—Eu só ficarei segura se ele estiver morto— Tehya grunhiu de volta, fúria rasgando a voz. — Ele sabia o que estava fazendo aqui. Ele queria matar todos vocês.

—E ele ainda pode conseguir isso se você estragar tudo— Kira retrucou de volta. —Nós suspeitávamos disto. Fique no lugar. Não se mova, Tehya. Jure para mim ou eu juro por Deus que eu mesma te nocautearei.

A escuridão do quarto era quase absoluta, o som de fogo de artilharia dentro da casa e fora um choque nos sentidos.

Kira anuiu com a cabeça logo antes de se abaixar e fazer seu caminho para a extremidade da escrivaninha para perscrutar ao redor.

Havia um corpo esticado na porta. Por um momento, o coração de Kira saltou no peito, medo antes de perceber que era uma forma não conhecida, provavelmente de um dos soldados de Sorrell que tinham se movido perto demais. Sangue fluía dele, formando uma poça no mármore caro do hall da entrada, e sobre o taco dentro do escritório.

Uma quantia minuciosa de luar veio da sala de estar e do solário através do hall da entrada enquanto a correnteza de tiros pipocando continuava do lado de fora.



Kira olhou rapidamente para onde Tehya estava sentada, os olhos verdes selvagens cintilando com ira assassina. Controlá-la não seria fácil, e o perigo tinha acabado de se intensificar. Kira não podia se mover na briga e não tinha condições de tentar levar Tehya para um local mais seguro.

Ela se esquivou para de trás da escrivaninha e fugiu para o outro lado da garota. As duas olhavam fixamente para frente, armas prontas.

—Nós somos mulherzinhas²³ ou o quê?— Tehya silvou de repente.

Kira olhou rapidamente para ela. —Na última vez que eu olhei, tinha uma— ela a informou, então balas vieram pela janela através do quarto e arrebentaram a madeira da escrivaninha.

O aço pesado encaixando nos três lados da escrivaninha estremeceu.

—Porra!— Tehya respirou roucamente. —Você realmente quer brincar de fêmea impotente?

Kira grunhiu. Se ela se movesse, Ian iria matá-la, não havia nenhuma dúvida na mente dela— se Sorrell ou um dos homens dele não fizessem isto por ele.

—Que porcaria de agente da Segurança Interna que você é— Tehya a cutucou.

—A Segurança Interna não é minha chefe. — Agente contratada, ela dizia a si mesma. Essa era a diferença.

—Você é uma agente de alguém — a outra menina discutiu, esquivando instintivamente enquanto mais projéteis atingiam o aço ao redor delas. —Nós morreremos aqui. É isso que queremos?

Infelizmente, Tehya estava certa.

—Ian vai me encher de novo— Kira disse.

—Deve ser uma droga ser você— Tehya concordou. —Vamos?

Balas choveram ao redor delas, e Kira jurou que uma delas quase rasgou o aço do lado do rim dela.

Kira mordeu os lábios em indecisão. Sentar aqui como um cordeiro do sacrifício não parecia a melhor ideia no mundo, com toda a certeza.

²³ 'Pussies' no original, quer dizer buceta ou 'mulherzinhas'.



—Sorrell vai tentar se mover pela casa e voltar para cá. Ele suspeitará que nós ficamos no lugar. — Kira vacilou enquanto mais balas entravam no cômodo. —Nós bateremos o hall da entrada e faremos nosso caminho até a parte de trás da casa.

Maldição, ela desejou ter um daqueles receptores à mão que o resto dos times estava usando. Pelo menos ela poderia contatar Daniel. Ele estaria exclusivamente procurando por ela, ela sabia disto. Tudo o que ela tinha que fazer era achá-lo. Uma coisa era certa, ele nunca esperaria que ela ficasse parada.

Mais balas alfinetaram no aço.

—Porra, vamos. Fique nas minhas costas e continue, e pelo amor de Deus, se você vir Sorrell, então nos correremos com tudo.

Abaixando, Kira saiu de debaixo da escrivaninha, ficando agachada antes de verificar a escuridão à procura de qualquer movimento. Tehya a seguiu. A vista noturna da Kira estava um pouco melhor agora, dando a ela uma medida de confiança enquanto olhava de volta para Tehya e deu a ela um sinal rápido de mão para que ela ficasse no lugar até que ela assegurasse o caminho até a porta.

Abaixada ao lado da escrivaninha, ela esperava, sabendo que assim que ela passasse por ela, estaria sem defesa até que alcançasse o hall da entrada.

Ela tirou as sandálias, deixou os punhais livres, e se moveu adiante.

Enquanto ela passava pela escrivaninha, algo bateu na sua lateral, a arma saiu voando de sua mão, e a respiração foi arrancada de seus pulmões enquanto ela caía no chão.

Um punho bateu na sua lateral novamente antes que ela pudesse se recuperar, antes que ela pudesse evadir, então mãos duras circularam seu pescoço, cortando seu ar.

Ela pegou o brilho na expressão sombreada dos olhos enfurecidos de Kenneth antes de ela bater os punhais na lateral do corpo dele e resistir a seu aperto.

—Cadela!— Ele rosnou, mas a soltou, apenas o suficiente, a pressão dos joelhos dele nos braços dela diminuiu à medida que ela resistia, e nos próximos segundos um tiro encheu o ar antes de ele ser chutado de cima dela.

Tehya agarrou o braço de Kira, empurrando-a do chão e de volta para a escrivaninha enquanto fogo enchia o cômodo novamente.



Kira agitou a cabeça, olhando em choque para o corpo de Kenneth por longos segundos.

—Aqui. —Tehya bateu a arma que tinha sido tirada dela nas costas de suas mãos. —Você está bem?

—Merda! Não percebi na hora. —Kira ainda estava tentando respirar, processando a rapidez do ataque e da morte.

—Vamos sair daqui— Tehya silvou. —Aqueles bastardos lá fora sabem que estamos aqui.

Ela estava certa. Elas tinham que dar o fora daqui, agora.

Abaixada, Kira cobriu a pequena distância para a entrada, a arma segura e pronta, esquadrinhando a escuridão depressa antes de correr para a parede e cobrir a outra rota da garota.

Enquanto Tehya deslizava para o lado dela, balas cortaram pelo quarto, quase como se alguém soubesse que elas estavam lá, soubessem onde atingir mais duro.

Ela podia ouvir homens gritando maldições de ordens do lado de fora, gritadas e estrangeiras. A porta da frente ainda estava escancarada, deixando-as indefesas.

Movendo-se depressa, Kira puxou Tehya atrás de si, arrastando-a para debaixo da escadaria e perscrutando exausta em direção à porta aberta na frente antes de fazer um sinal para Tehya para o corredor da parte de trás que levava aos degraus dos empregados de um lado e a cozinha no outro.

Maldito Ian. Ele tinha fugido para bancar o herói e ficar com toda a diversão sozinho, novamente. Diego não estava em nenhum lugar para ser achado, os guarda-costas de Ian eram os prováveis bufões gritando do andar de cima.

Sorrell ainda estava na casa, ela sabia que ele estava, podia sentir. A melhor aposta dela e de Tehya seria ir para o lado de fora, se abrigarem nos jardins pesados, e acharem um bom lugar para se esconderem.

Dirigindo o olhar de Tehya para o corredor da parte de trás, Kira fez um gesto para a cozinha e para a porta da parte de trás com sinais da mão, assistindo o rosto da menina enquanto os olhos estreitavam e ela anuía com a cabeça em compreensão.

Levantando três dedos, Kira contou os segundos.

Um.

Dois.



Três.

Ela correu depressa em torno do canto embaixo da escadaria e se esquivou no corredor, a arma pronta e esquadrinhando a escuridão, antes de se lançar através da entrada aberta.

Ela podia ver Tehya de onde estava agora, assistindo-a bem próximo. Nenhum fogo de artilharia rasgava pelo hall da entrada, mas havia bastante do lado de fora e as vozes estavam vindo de mais próximo.

Erguendo os três dedos, ela contou novamente, assistindo o rosto sombreado de Tehya. Um. Dois. Três.

A garota seguiu seus movimentos exatamente e dentro de segundos ambas estavam contra a parede, Kira cobria os degraus dos empregados e Tehya assistia o corredor que levava para a cozinha e a despensa.

Tocando o ombro de Tehya, Kira indicou a si mesma apontando para a entrada. Quando Tehya anuiu com a cabeça, Kira apontou para ela, então apontou dois dedos em direção aos próprios olhos antes de erguer três dedos. Esperar até Kira olhar de volta pela porta, então dê três segundos e siga.

Tehya anuiu com a cabeça, segurando a arma com um aperto de dois dedos na lateral da coxa enquanto as duas se moviam depressa e verificavam a direção dos degraus e então a despensa.

Segurando a Glock da mesma maneira, Kira foi para a entrada da cozinha. O fogo estava bem mais leve lá fora agora, vozes americanas gritavam ordens, assegurando Kira de que os times de SEALs estavam lá. Atrás, a ação estava ainda menor. Com alguma sorte, ela e Tehya podiam entrar sorrateiramente na folhagem pesada dos jardins na lateral da casa e permanecerem escondidas para evitar balas perdidas ou soldados demasiado zelosos.

Ela pausou ao lado da entrada, abaixando quase até os joelhos, e espiou antes de mergulhar no cômodo e rolar para a parede.

Ela varreu o cômodo com os olhos e a arma, a batida do coração rápida com os flashes leves vindo de fora através das janelas quebradas.

Com as costas na geladeira, ela girou, espiado ao redor depressa, e foi para trás. Esperando um segundo, ela espiou ao redor novamente antes de correr ao redor e depois para a frente. Se ela



se lembrava corretamente, havia uma entrada levando direto à despensa ao lado. Ela precisava verificar.

E iria verificar quando uma sombra relampejou e a agonia tomou seu pulso.

Ian suspeitava de que Sorrell aprontaria algo mas não esperava a extensão do caos que ele podia fazer. Seguir o traseiro de Sorrell depois que Kenneth caiu e acompanhá-lo pela vila não era fácil.

Ele não deixaria a casa, Ian pensou enquanto fazia seu caminho ao longo do corredor da parte de trás que levava aos degraus dos empregados. Ele ficaria no lugar, esperaria por suas forças tomarem a vila e então pegaria a filha. Ele não esperava que os Navy SEALs treinados que se convergiram em soldados dele e com toda a certeza não estaria esperando o fato do dispositivo de escuta de Macey ter registrado cada segundo da reunião. Os SEALs sabiam quem eles estavam procurando e o que sua captura significaria.

—Ian, reporte— a voz de Reno soou no receptor em sua orelha.

Ian pausou na aterrissagem superior, examinando ao longo corredor com olhos estreitados pelos óculos de proteção noturna que havia pegado de uma gaveta em sua escrivaninha depois que as luzes apagaram.

—Ele ainda está na casa. Eu o vi nos degraus dos empregados mas não o achei ainda— Ian reportou.

—Os times dois e quatro tomaram algumas partes— Reno disse. —Nós ainda estamos limpando as forças de Fitzhugh com a ajuda dos seus soldados. Estamos fazendo progresso. E a garota?

—Traga-me alguma ajuda se você a quer— Ian retrucou. —Antoli estava caído na última vez que eu verifiquei e ele era a proteção dela. Deke está nas minhas costas e os outros estão verificando a casa.

Ele olhou rapidamente para Deke antes de dar a ele um sinal para prosseguir.



Ian se esquivou pelo corredor, ajustando-se à entrada do armário lá enquanto Deke abaixava e apontava a arma para o corredor.

Nada se mexia.

Sorrell estava escondido, esperando.

Enquanto Ian se preparava para se mover novamente um grito feminino quebrado o fez se mover para os degraus acima. O grito de Kira, predominante com dor, e havia medo. Ian sabia que Sorrell a havia pego.

Capítulo Trinta e um

O pulso estava quebrado, Kira soube no momento em que a arma soltou de sua mão e Joseph Fitzhugh a empurrou contra seu tórax de barril.

—Sua cadela maldita— ele grunhiu na orelha dela. —Eu deveria ter te matado junto com os seus pais. Isto é o que eu consigo por ter piedade por você.

—Você iria me sequestrar. — Ela soube no momento em que a identidade dele foi revelada. —É por isso que Jase me escondeu por todos aqueles anos. Por isso que ele me cercou com guarda-costas.

Ela lutou para respirar com a dor.

—Jason é um idiota. Um idiota muito sortudo— ele grunhiu na orelha dela. —Ele deveria ter morrido com eles. Todo mundo, exceto a pobre pequena Kira, que teria me dado tanto dinheiro.

A mão apertou no pulso dela, trazendo um grito roto de sua garganta enquanto a dor ameaçava roubar sua consciência. Bastardo. Filho da puta. Ele pensava que um pulso quebrado iria incapacitá-la?

—A pobre pequena Kira vai chutar o seu traseiro— ela silvou, então gritou novamente enquanto ele aplicava pressão ao pulso dela uma vez mais.

—Onde está a minha filha?— A voz era baixa, diabólica, o sotaque francês macio quase natural, definitivamente merecedor de um Prêmio da Academia.



—Nós nos separamos. — Ela respirou através da dor, lutando para manter a cabeça clara. Deus, ela iria matá-lo.

—Você está mentindo para mim.

Ela agitou a cabeça desesperadamente, rezando para que Tehya tivesse ficado escondida.

—Estava muito escuro. Eu não podia achá-la. Eu estava procurando...

Ele torceu o pulso dela e ela perdeu. O estômago revirou, contorcendo com a dor enquanto a escuridão ameaçava sua vista.

Colocando a mão na boca, ela se debruçou adiante, lutando para manter a consciência.

—Não vomite em mim, sua prostituta estúpida. — Ele a empurrou de volta, usando seu aperto no pulso.

Agonia queimava na mente dela, explodia em sua cabeça enquanto ela ficava de joelhos. E continuava explodindo.

Ele a empurrou novamente, quase arrancando seu pulso à medida que ele caía. A mão livre de Kira o arranhava, fazendo-o soltá-la, apenas friamente ciente das explosões que não pareciam parar enquanto ela caía no chão, revirava, e embalava o pulso contra o tórax enquanto a dor continuava a ressoar em sua cabeça.

Ela ouviu alguém gritar seu nome. Um grito rouco. Ian. Era a voz de Ian. As mãos de Ian a ergueram enquanto ela lutava para manter a consciência e a agonia ressoava em seu braço.

Oh, inferno, ela era uma mulherzinha, ela pensou, exatamente como Tehya a havia acusado.

Ian segurava Kira à medida que ela desmaiava. Misericordiosamente. Ele a embalou nos braços enquanto Daniel se apressava para ela, movendo as mãos para o pulso quebrado, às pressas colocando uma tala enquanto Ian olhava para Sorrell, caso contrário conhecido como Joseph Fitzhugh.

Luzes tinham varrido a cozinha no minuto em que os gritos de Kira soaram. E Tehya foi apressada e disparou cada bala que a Glock possuía diretamente no peito do pai.



Ela ficou de pé sobre ele, olhando para seu corpo, o rosto dela descorado, os olhos verdes mais selvagens do que antes enquanto Antoli estava de pé atrás dela, assistindo-a como um homem atormentado, o corte na cabeça sangrando profusamente.

Deke, Trevor, Mendez e Cristo estavam todos em boa forma, todos armados e de pé protetoramente ao redor de Ian e das duas mulheres enquanto o fogo de artilharia lá fora finalmente estabilizava.

—Onde está Diego?— Ele finalmente percebeu que o homem não tinha sido visto desde que as luzes apagaram.

Deke procurou no cômodo então olhou de volta para Ian em confusão.

—Reno, Diego está faltando, você tem alguma coisa?— Ian retrucou. Ele tinha colocado um transmissor em Diego assim como nas duas mulheres sem o conhecimento delas logo antes de Sorrell aparecer.

—Mostra que ele está com as mulheres. —A voz de Macey sucedeu na linha.

—Ele não está aqui.

—O sinal dele está aí mesmo ao lado das duas mulheres— Macey repetiu pacientemente.

Ian procurou. Kira estava em seus braços, Tehya ao lado dela.

—Deke, verifique se o transmissor está em mim. — Resignação enchia sua voz.

Deke se moveu para ele depressa, correndo para o colarinho de sua camisa enquanto Ian continuava a segurar Kira contra o tórax.

—Aqui está.

Diego tinha batido no ombro dele antes de Sorrell chegar. Ele sabia do rastreador.

—Ele foi transportado— Ian retrucou no link. —Achei o bastardo. Filho da puta. Ele caiu fora.

Diego olhou para as luzes ardentes na vila uma hora mais tarde, cercado por seu time pessoal de soldados e indo de navio para casa.



Ele segurou a barra de proteção do iate que obteve emprestado, pesar apertando o tórax, cerrando o estômago. Lágrimas teriam caído se ele estivesse sozinho.

Um menino não deveria ser forçado a matar o pai, ele pensou para si mesmo, continuando a olhar para as luzes da propriedade para qual Ian tinha se mudado. Ao lado dele, rindo o suficiente, estava seu manipulador do DSI. Era realmente espantoso como seu acordo com o DSI tinha durado por anos. Como agora.

—Meu querido Sr. McClane, como você pensa que Ian vai se sentir quando descobrir como facilmente você conseguiu me tirar da ilha e também como você me advertiu do que poderia acontecer?

McClane suspirou. —Seria bom se ele não descobrisse, Fuentes. Você sabe o que eles dizem a respeito de cortar laços. Como seu conselheiro legal neste assunto, posso te assegurar, poderia acabar com os seus negócios com o DSI.

Diego riu, mas o som era mofoso, amargo.

Ele não teve o filho por tempo o suficiente, não teve como acabar como essas propensões mais calculadas que sabia que Ian seguramente deveria possuir. Ele não teve tempo o suficiente para ganhar sua lealdade, e sabia disto. Da mesma maneira que sabia que era intenção de Ian desde o princípio matá-lo quando isto estivesse acabado.

—Um homem não deveria ter que assassinar o próprio pai— ele sussurrou então, ciente de que o agente o estava escutando.

—Se eu não concordasse, não teria o iate esperando por você.

Diego anuiu com a cabeça e suspirou novamente. Exausto.

—Marika criou um bom homem— ele disse a Jason então.

—Sim, ela fez, apesar das tentativas da Carmelita de tentar matá-lo.

Ele estava sempre sendo lembrado disso. Como se houvesse um modo de ele poder voltar no tempo e mudar o passado. Se ele apenas pudesse... Ele teria dado a própria alma para fazer apenas isto.

—Você sabia sobre ele quando eu fiz o meu acordo com o DSI?— Diego perguntou em voz alta.



—Nenhum de nós sabia até que ele e o padrasto abordaram o diretor— Jason o assegurou, a voz tão fria e não emotiva como sempre.

Sim, isso soava como Ian, e Marika. Eles não queriam que ninguém conhecesse o vergonhoso pai secreto de Ian.

Ele não poderia culpar o menino; como Jason havia dito, Carmelita tinha feito da vida dele um inferno. Ela havia ajudado a moldar o homem que Ian tinha se tornado, e Diego a amaldiçoava para o inferno por isto.

—A propriedade é segura?— Ele perguntou então.

—Segura. — Ian receberá as ordens hoje à noite de que você é protegido do DSI. E em retorno você assinará os documentos que eu trouxe dizendo que você não tomará nenhum refém do pessoal do governo dos Estados Unidos. Se você descobrir que eles são agentes dos Estados Unidos você me contatará e eu cuidarei deles.

Diego anuiu com a cabeça. Sim, tinha sido um engano permitir Clay e Sorrell segurar Nathan Malone. O teste do pó das prostitutas no SEAL tinha divertido, e o havia ensinado algo sobre a profundidade da alma do homem. Malone nunca quebrou. Ele sempre soube que as mulheres trazidas a ele não era sua esposa.

—Talvez eu me concentre em alguns dos planos que Ian colocou em movimento enquanto estava comigo— ele meditou. —Vários daqueles negócios parecem muito lucrativos.

—Virando legal, Fuentes?— A voz de McClane era zombeteira.

—Legal?— Diego fez uma carranca. —O tempo passou, meu amigo. Muito. Mas talvez seja hora de enfrentar o futuro. Nenhum filho, nenhum neto, nenhum tempo para ensinar a uma criança sobre o legado que será passado a ela. Talvez seja a hora de apenas deixar para lá.

Ele não deu tempo a McClane para responder. Ele girou, enfiou as mãos nos bolsos, e entrou no interior luxuoso do iate antes de seguir para o próprio quarto. Não levaria muito para alcançar a Colômbia. Um avião estaria aguardando por ele e ele voaria para a casa onde Saul o esperava.

Para uma propriedade vazia, só.

Que coisa poderia ser pior?



Capítulo Trinta e dois

Kira abriu os olhos, gemeu e os fechou novamente. Ela se lembrou. Oh, inferno, sim, ela se lembrou de ter desmaiado como uma fraca. E isto era tudo.

Ela olhou fixamente em torno do quarto, o mesmo quarto que ela e Ian tinham compartilhado na vila de Fuentes. Não havia nenhuma janela quebrada aqui, nenhuma janela espatifada ou mobília marcada com balas. Apenas ela.

—Você está acordada.

Os olhos dela foram para a entrada, enquanto Ian entrava no quarto, então para o Time Durango e Daniel enquanto eles entravam atrás dele.

Ela olhou rapidamente para o gesso no pulso e a luz do sol vindo de fora do quarto.

—Quanto tempo eu estive fora?— Ela odiava desmaiar. Tehya estava certa, ela era uma mulherzinha. Era a coisa da dor. Ela odiava isto, deixava-a puta, e se fosse forte o suficiente, fazia-a desmaiar. Era patético.

—Perto de dez horas. — Ian se sentou na cama ao lado dela, alisando seu cabelo de volta da bochecha enquanto ela olhava para o gesso em seu pulso uma vez mais.

Qualquer coisa para afastar o olhar de Ian.

—Teyha está segura — Daniel disse a ela da parte inferior da cama. —Ela está a caminho da propriedade dos Fitzhugh na França para permitir às autoridades, francesas e americanas, entrarem em seus computadores privados. Com ele e o filho legal morto, ela terá que fazer alguns testes de DNA, mas será relativamente fácil para ela reivindicar sua propriedade. E nós precisamos dos arquivos.

—Ele está morto?— Ela olhou para Ian em surpresa.

—Tehya— ele disse simplesmente. —Ele estava distraído com você, e não a viu entrar na cozinha. Ela esvaziou a Glock no peito dele.

A filha havia matado o pai.

Ian havia matado o pai? Ela continuou a olhar fixamente para ele, a pergunta nos olhos.

—Parece que o DSI havia advertido Diego meses atrás de que ele poderia acabar tomando uma das minhas balas— ele disse friamente. —Ele escapou durante o caos. A última palavra que



tivemos foi que seu manipulador do DSI o estava escoltando de volta para a Colômbia. Eles estão revisando o acordo entre eles. Com alguma sorte, ele nunca mais torturará outro SEAL.

Não era fácil para ele, ela podia ver, mas ela podia ver também a aceitação nos olhos.

—Nós vamos voltar para o andar de baixo— Reno anunciou então. —Temos um portador vindo para cá e um helicóptero pronto para nos escoltar para casa. Eu devia estar em casa a tempo de despertar a minha esposa e o meu filho recém-nascido com as novidades de que Ian está em casa e que tudo está bem. —Ele anuiu com a cabeça para os dois. —Estou pronto para me mandar.

O Time Durango saiu do quarto, deixando-a apenas com Ian e Daniel.

— Jason me ligou de volta, ele me prometeu férias. —Daniel fez uma careta. —Você poderia esconder o pulso até eu pegar a minha gratificação? Realmente não é minha culpa que você tenha se machucado dessa vez, Kira. Vou te dizer uma coisa, Caroline vai me deixar se Jason decidir contundir meu rosto novamente.

Ela revirou os olhos com a expressão de cachorrinho sofrido dele.

—Jason não saberá sobre o pulso até que você tenha a sua gratificação— ela prometeu, quase agitando a cabeça para ele. —Mas você realmente precisa ter uma conversa com Caroline, Daniel. Os guarda-costas são machucados às vezes.

—Pelos sujeitos maus— ele rosnou, de repente com repúdio forte na voz. —Não pelo maldito chefe porque a protegida dele não sabe como manter o traseiro fora de problemas.

Ela sorriu amplamente, então olhou rapidamente para Ian. Ele não estava mais divertido do que Daniel. Ela limpou a garganta, enrugou o nariz, então olhou para o tecido esfarrapado e manchado de sangue do vestido. Maldição, estava arruinado.

—Embarque para fora daqui, Daniel— Ian o ordenou então. —Você deve ter alguns dias antes de Jason conseguir olhar ela. Até lá as contusões devem estar... piores, de qualquer maneira.

Sim, ela estava contundida. Ela podia sentir uma bem grande sob o olho e teve um vislumbre de uma nos braços. Sem dúvida, Jason iria lançar uma saudável e pequena bomba sobre isso.

Ela estava quieta enquanto Daniel fazia sua saída do quarto, a porta fechando atrás dele, deixando-a e Ian a sós, o silêncio no quarto pesando fortemente entre eles.

Ela ergueu os olhos para encontrar os dele, viu a extremidade de tristeza, dor e queria chorar.



—Eu conversei com o DSI enquanto você estava fora— ele disse a ela suavemente. —Diego foi advertido há meses sobre o que poderia ter acontecido ontem à noite. Estou pasmo por ele não ter nos matado antes de Sorrell chegar.

Ela agitou a cabeça. —Ele ama você.

Ian agitou a cabeça. —Eu não sei se esse conhecimento deveria me apavorar ou assegurar. Uma coisa é certa, ele está fora do meu alcance. O novo acordo dele com o DSI reduzirá muitos de seus jogos com agentes do governo, de acordo com o diretor. Tenho que me contentar com isto.

—E você vai?— Ela sentia dor por ele, doía pela lealdade que o rasgava em dois e o conhecimento de que o homem que era seu progenitor, era mais um monstro do que um pai.

—Eu não irei atrás dele. —Ele encolheu os ombros. —Ele fica longe de nós, eu fico longe dele.

—Nós?— Ela sussurrou. Até aquele momento ela não tinha percebido o quão apavorada estava que Diego os separasse, que a discordância dela com as decisões de Ian o levaria para longe.

—Eu não iria matá-lo. —Ele deu uma sacudida dura com a cabeça. —Eu queria, Kira. Eu queria tanto às vezes que fervia meu intestino como um ácido. Mas você estava certa, matá-lo não era minha responsabilidade. O acordo que eu suspeitava que ele tinha feito com o DSI amarrava as minhas mãos e eu sabia disto.

Ela respirou lenta e profundamente. —Nada disto é culpa sua, Ian— ela disse a ele suavemente. —Fuentes, Sorrell, Nathan. Você não podia ter prevenido isto.

—Eu teria, se soubesse que Nathan estava vivo antes de eu descobrir. Eu o teria tirado de lá, não importava o que custasse. —Não importava quantas vezes ele tivesse que vender a alma para Diego. Kira entendia isto; ela faria a mesma coisa se fosse Jason ou Daniel.

—Então. O que faremos agora?— Ela perguntou quase medrosamente.

Ele olhou para ela abaixo, calado. —O que você quer fazer?

—Te amar para sempre— ela sussurrou.

Parte da tensão dele pareceu aliviar então. —Não será fácil durante algum tempo, sabe. A imprensa já está convergindo para a ilha. Os jornais nos States estão colocando nossas fotos juntos há uma semana. Nós já causamos sensação. 'O senhor das drogas desertor e a princesa da sociedade'.— Ele zombou com a descrição da legenda.



Ela se moveu na cama, a respiração engatando enquanto ele imediatamente a tomava nos braços.

—A imprensa nos amará quando descobrirem a verdade.

Ele grunhiu. —Eu não vou me realistar. Não há nenhum modo de eu ser efetivo agora e eu não vou te deixar, de jeito nenhum, causar problemas em algum lugar sem eu para te vigiar. Me deixaria louco.

—Meu trabalho está feito, Ian. —Ela olhou para ele então, sabendo que no coração dela tinha acabado. —Eu queria Sorrell, e agora ele está eliminado.

Os olhos dele estreitaram. —Casa, lareira e cercas de piquete branco?

Ela teria ficado brava com o tom de descrença se não tivesse visto um vislumbre de fome nos olhos dele também.

—Eu gosto de cercas de piquete branco. Esperança floresceu no coração dela, o sonho que ela tinha deixado de lado, uma casa para compartilhar com alguém que a conhecesse, de corpo e alma. Uma vida que não envolvesse mortes e disfarces, e talvez, apenas talvez, um bebê. Ela gostaria de ter uma família com este homem, um homem que a entendia, que a amava.

—Eu gosto de cerca de piquete branco também. — Um sorriso arrastou nos lábios dele. —Eu tenho um lugar assim, no Texas.

—Eu sei— ela disse lentamente. —E eu amo. Há até uma cerca de piquete branco.

Ele riu, o som áspero, quase tentador, enquanto deitava a testa contra a dela, os olhos marrons cor de tabaco, com chamas escondidas que não tinham nada a ver com ira, aquecendo-a de dentro para fora. —Você vai para casa comigo?

—Você não pode me perseguir com um chicote.

—Nada de chicote— ele prometeu, abaixando os lábios para os dela. —Mas não se esqueça da surra, eu te disse para ficar debaixo daquela escrivadinha.

—Eu gosto quando você me bate. — O riso dissolveu um segundo mais tarde sob o beijo, sob a paixão e o amor que de repente enchia sua alma e queimava por sua mente. —Eu amo você, Ian, desesperadamente.

—Eu amo você— ele respirou contra os lábios dela. —Para sempre, Kira. Com toda a minha alma, eu amo você.



Ele havia pensado que mantinha segredos dela. Um homem só, lutando só. Mas percebeu naquele momento que, pela primeira vez, esta mulher tinha visto além dos segredos, visto sua alma, mesmo quando ele não podia ver.

Ele a embalou para ele enquanto o sedativo que Daniel tinha injetado anteriormente fazia com que ela fechasse os olhos novamente. Segurando-a enquanto ela dormia, e pela primeira vez em sua vida, ele percebeu o quão vazia sua vida tinha sido antes dela. Ele tinha segredos que poderiam tê-la matado, e isso o teria matado. E agora, ele tinha alguém com quem compartilhar os segredos, lutar do seu lado e amá-lo em retorno.

Pela primeira vez na vida, Ian não mais se sentia só. E ele percebeu que enquanto segurasse Kira nos braços, ele nunca estaria só. Ele estava em casa.

FIM

